O Drama Terreno de Javé

Jan Val Ellam

Conectar Editora

O DRAMA TERRENO DE JAVÉ

JAN VAL ELLAM

CONECTAR EDITORA

CONTENTS

1

EXISTÊNCIA E AUTODESTRUIÇÃO

“Esta mensagem se autodestruirá em cinco segundos!”.

FRASES DESTE TIPO sempre foram vistas nos filmes do agente secreto James Bond, para deleite de tantos quanto eu que gostam de uma boa diversão cinematográfica. Contudo, saindo do mundo da ficção e adentrando a faixa de realidade na qual nos encontramos inseridos, esta, e tudo o que nela está contido, encontra-se alicerçada exatamente numa “**unidade fundamental**” que, tal qual a mensagem enviada a 007, já veio a existir inexoravelmente programada para se autodestruir a certo tempo da sua existência.

A questão que se impõe é: afinal, por que absolutamente tudo o que existe no contexto universal, a saber, estrelas, planetas, luas, galáxias, pedras, poeira, gás, plantas e seres vivos, **já nasceram programados para morrer**? Na resposta a esta pergunta reside o maior dos mistérios que atende pelo nome de Javé.

Das duas uma: ou esse “**tijolo fundamental**” foi necessária e genialmente programado para ser assim mesmo ou foi produto de um processo que não deu certo e que, portanto, terá inevitavelmente um final.

Perceba o (a) leitor (a) que, por estarmos inseridos numa realidade onde tudo o que existe já nasce com o germe da sua própria morte, somos levados a pensar ser esse o padrão normal da existência quando, simplesmente, não é. O que aqui se verifica não é “normal”, apesar de que, aos nossos olhos parece ser absolutamente “comum”.

Para quem se encontra fora deste universo problemático, o normal e comum é ser eterno, ou seja, é ter a pretensão de que tudo o que foi e o que

venha a ser criado tenha como fim o “parâmetro da permanência” dentro de um padrão evolutivo **sem as curvas tortuosas comuns às criações imperfeitas que necessitam sempre de um fim.** Em outras palavras, as divindades criadoras, semelhantes a que conhecemos no contexto do nosso universo como sendo o Senhor Javé, quando intentam gerar um nível dimensional com o objetivo de homenagear o Pai-Mãe Incognoscível, o fazem com a pretendida intenção de que esta venha a ser eterna a partir do seu momento inicial.

A expressão “eterna”, aqui utilizada, pode assumir contextos semânticos bem diversos do que o usual. Contudo, até o significado que comumente utilizamos na linguagem terráquea também pode aqui ser aplicado para significar a “intenção comum às divindades criadoras”[1]. E a intenção daquela que acabou por ser conhecida como Senhor Javé, na sua revelação aos judeus, ou Senhor Brahma, quando assim se apresentou aos arianos da antiguidade perdida, também se enquadrava nesse contexto. Contudo, a sua criação terminou por apresentar uma série de problemas que até os tempos atuais necessitam do concurso de um número incalculável de individualidades que dela cuidam, incluídos aí os próprios terráqueos, sem que disso saibam conscientemente.

O ser humano é vítima das suas próprias verdades e opiniões e dificilmente o que aqui vai ser abordado será facilmente aceito como provável por aqueles que estão impregnados de “verdades religiosas”. Mas, ainda assim, cumpre-me explorar a proposta que me pesa na percepção, que é a de levar até aqueles que o permitam, a semeadura de elementos e de reflexões sobre o impressionante roteiro da arquitetura da vida neste mundo, como tendo sido obra do Senhor Javé e de algumas classes periféricas de seus anjos-clones consideradas por ele como sendo “rebeldes”. Estas, por muito tempo “dominaram este palco planetário”, até que o próprio criador as expulsou como forma de possibilitar o progresso da vida que havia sido semeada na Terra.

Torna-se, pois, imperioso que o (a) leitor (a) perceba um fato que é constatado pela ciência, que diz respeito a que nada, absolutamente nada de “vivo” que existe na Terra, que não esteja se esforçando por viabilizar a sua vida, tentando sobreviver e prosperar a todo e qualquer custo, sem descanso. Esse aspecto é objetivamente reconhecido pelo método científico. Agora, quanto ao “porquê” de ser assim, ninguém nos fornece pistas razoáveis ao entendimento. É por isso que estas informações aqui se encontram como

forma de reflexão em torno do assunto.

Afinal, por que cada ser vivo, de qualquer espécie da natureza terrestre, tem que trabalhar feito louco para sobreviver e viabilizar a sua existência, em especial se sob a ótica superficial humana, levarmos ainda em consideração que ninguém por aqui se recorda de ter "**pedido para existir**"? E **por que existe um programa genético** que direciona o corpo animal — de qualquer espécie — a alcançar o máximo de vigor e potencial de sobrevivência exatamente na etapa da reprodução sexual, para depois começar a declinar já que a capacidade de regeneração na idade adulta torna-se inferior ao imperioso desgaste do organismo?

CONSTATAÇÃO.

O que falta no corpo humano para impedir o seu declínio e, finalmente, a morte do corpo animal? **Uma possível resposta seria a de que falta um mecanismo que pudesse compensar a perda das mitocôndrias, que são as nossas "moléculas" responsáveis pela produção da energia necessária para o organismo**.

JAIME MIQUEL[2] propôs a hipótese dos danos do envelhecimento começar a ocorrerem a nível celular nas mitocôndrias, onde se fabrica a energia e se utiliza o oxigênio molecular para a oxidação dos nutrientes. Outro aspecto que atualmente também é apontado como causa da decadência celular é a enzima denominada telomerase cuja ausência no organismo ou funcionamento deficiente provocaria o problema. Mas, não nos importa aqui refletir sobre o que causa a, nível orgânico, a decadência do corpo animal que dá sustentação á "condição humana", mas sim, **por que as coisas são desse jeito** se, aparentemente, simples ajustes procedidos aqui e acolá, poderiam ter gerado um mecanismo de "produção de mitocôndrias" repondo as que já estivessem desgastadas.

A pergunta que não quer calar nas minhas amadoras reflexões é: como entender num ciclo evolutivo tão delicado e pontuado por nuanças decisivas para o progresso, como é o da evolução de um simples ser unicelular até o estágio de um corpo altamente complexo — o caso do ser humano — a inexistência de mecanismos de compensação mitocondrial que pudessem prolongar a saúde e o vigor do corpo ou será que essa evolução não ocorreu? Ou, se ocorreu, o que houve para que algo tão simples, comparado a

construções geniais como o DNA ou o advento da célula, não pudesse ter lugar na constituição dos corpos animais da espécie humana? Será que alguém quis que fosse exatamente assim para os animais terráqueos não tivessem a mesma capacidade e tempo de vida dos “deuses” que por aqui se encontravam, tais quais os “nephelim bíblicos”?

(…) Aí o Senhor Deus disse:

— Não deixarei que os seres humanos vivam para sempre, pois são mortais. De agora em diante, eles não viverão mais do que cento e vinte anos.

(Gênesis 6, 3)[3].

ESSE E OUTROS aspectos me obrigam a questionar: será que de fato ocorreu o processo evolutivo que pensamos ter ocorrido no nosso planeta? Será que esse processo evolutivo ocorreu paralelamente em alguns mundos da galáxia e seus produtos não foram sendo transportados para aqui e acolá com vistas à adaptação evolutiva em cada planeta? Será que não reside exatamente nesse aspecto o produto de uma manipulação genética ocorrida no passado procedida por “seres de fora” nos cobaias *homo sapiens* de então, para que o tempo da vida humana fosse mais efêmero que o dos prováveis seres de fora que provocaram essas manipulações, conforme decretado pelo Senhor Javé no livro Gênesis[4], sob a égide da “culpa original”?

E EIS que ouviram o barulho (dos passos) do Senhor Deus que passeava no jardim à hora da brisa da tarde. O homem e sua mulher esconderam-se da face do Senhor Deus, no meio das árvores. Mas o Senhor Deus chamou o homem e perguntou-lhe: “Onde estás?”. E ele respondeu: “Ouvi o barulho dos vossos passos no jardim; tive medo, porque estou nu; e ocultei-me”. O Senhor Deus disse: “Quem te revelou que estavas nu? Terias tu porventura comido do fruto da árvore que eu te havia proibido de comer?”. O homem respondeu: “A mulher que pusestes ao meu lado apresentou-me deste fruto, e eu comi”. O Senhor Deus disse à mulher: “Por que fizeste isso?”. “A serpente enganou-me — respondeu ela — e eu comi”.

Então o Senhor Deus disse à serpente: “Porque fizeste isso, serás maldita entre todos os animais domésticos e feras do campo; andaras de rastos sobre o teu ventre e comerás o pó todos os dias de tua vida...” Disse

também à mulher: "Multiplicarei os sofrimentos de teu parto; darás à luz com dores, teus desejos te impelirão para o teu marido e tu estarás sob o seu domínio".

E disse em seguida ao homem: "Porque ouviste a voz da tua mulher e comeste do fruto da árvore que eu te havia proibido comer, maldita seja a terra por tua causa. Tirarás dela com trabalhos penosos o teu sustento todos os dias da tua vida. Ela te produzirá espinhos e abrolhos, e tu comerás a erva da terra. Comerás o teu pão com o suor do teu rosto, até que voltes à terra de que foste tirado; porque és pó, e pó te hás de tornar". (...)

E o Senhor Deus disse: "Eis que o homem se tornou como um de nós, conhecedor do bem e do mal. Agora, pois, cuidemos que ele não estenda a sua mão e tome também do fruto da árvore da vida, e o coma, e viva eternamente".

(Gênesis 3, 8-22)[5].

Questionamentos à parte quanto à situação do *homo sapiens*, convido o (a) leitor (a) a retornar à questão fundamental: afinal, qual foi a primeira coisa vivente que teve lugar no nosso planeta? Resposta: segundo os cientistas, foi uma molécula vivente a primeira habitante terráquea.

Das duas uma: quanto a esse "tijolo fundamental" estruturante de absolutamente tudo o que existe de corpo de ser vivo na natureza terrestre, ou ele surgiu espontaneamente de algum modo ou alguém — ou algum processo — semeou na Terra o tijolo fundamental, que é o já nosso conhecido DNA, surgido há 3,8 bilhões de anos.

Observando a toda natureza terrestre e percebendo que tudo já nasce para um dia morrer, a pergunta que não quer calar diz respeito ao seguinte aspecto: é sabido que o "primeiro" DNA que surgiu ou foi posto aqui na Terra já nasceu programado para morrer, mas isso necessariamente implicaria numa programação intencional ou é porque esse "primeiro DNA" já chegou doente?

O chocante para este escrevente é o aspecto que agora ressalto.

Constatação.

Os metazoários unicelulares, que foram os primeiros habitantes com alguma ordem de sofisticação a dominarem o planeta, já surgiram, há

cerca de um bilhão de anos atrás, com o que hoje pode ser classificado como câncer. Em sendo isso verdade, seja qual for a opção que explique o surgimento do primeiro tijolo fundamental ou molécula-mãe no nosso planeta, a inquietante constatação é que ele já o fez provavelmente vitimado pelo câncer.

Mais séria ainda se tornará a questão se admitirmos a possibilidade de que esta molécula-mãe foi posta aqui por alguém. E se foi desse alguém que esta molécula-mãe teve origem, isso implica em que se ela estiver doente, o ser que a forneceu evidentemente também se encontrará afetado com as mesmas características digitalmente registradas no código químico nela indelevelmente marcada.

A OUTRA OPÇÃO é supor que esse metazoários[6] contraíram a doença ao longo dos bilhões de anos anteriores à marca de 1 bilhão de anos atrás e que isso nada teria a ver com a molécula-mãe original que deu origem à vida na Terra. Mas a questão é que tem tudo a ver e os fatos apontam no sentido de que ela já chegou ao nosso planeta afetada pela doença.

Por que a ciência — os "mais qualificados" — não investigam esta questão?

As implicações disso são tão sérias que é simplesmente espantoso que alguém do meu tamanho seja a voz solitária a semear a reflexão em torno do tema. A única explicação plausível que encontro é que a de que a "percepção de uma provável verdade desse naipe" é tão desagradável e diferente de tudo o que já foi colecionado pelo conhecimento humano que "gente séria" a isso não se propõe. Ou será porque estávamos todos "cegos". Ou será ainda que seria preciso primeiro conhecer o "estranho ser Javé" que me foi dado perceber para somente depois atinar com a questão da doença? Sinceramente não sei. Tudo o que posso dizer é desde que me entendo como "alguém pensante", que observo a natureza terrestre e percebo que algo de muito errado reside no comportamento de todos os que existem por aqui.

Isso afirmo porque a leitura dos fatos pertinentes à essa opção de análise aponta para uma conclusão complicada: **o ser que está por trás de todo esse processo está doente e precisa do concurso de terceiros para resolver o seu problema pessoal.**

O pavoroso, para mim, foi perceber que me foi justamente dado constatar que **toda a hierarquia que envolve o Senhor Javé, por ter recebido diretamente a herança do DNA do criador com um altíssimo grau de**

ativação, encontra-se também vitimada nos mesmo moldes, o que é simplesmente aterrador para quem isso percebe e, de algum modo, convive com algumas poucas parcelas dos seus membros.

Somente os anjos-clones que já despertaram a sua consciência espiritual em níveis maduros — e aqui torna-se imperiosa a percepção do equívoco e dos problemas da divindade criadora decaída — é que conseguem, naturalmente, escapar aos efeitos da herança complicada que grassa nos seus corpos transitórios, enquanto cidadãos deste universo e de outras faixas de realidade que compõem a criação da divindade decaída.

No livro "O Drama Cósmico de Javé"[7] atrevi-me a semear a reflexão sobre a possibilidade do criador ter desmoronado e adoecido após a efetivação da criação problemática. No livro seguinte, "O Drama Espiritual de Javé"[8], complementei alguns aspectos que envolvem o problema e ali registrei que o Senhor Javé e parte da sua assessoria se encontravam com câncer.

Partindo, pois, no óbvio pressuposto de que o "primeiro DNA" que apareceu na Terra não surgiu por meio da chamada geração espontânea e de nenhum processo que a isso se assemelhe — como há muito apontado por Francis Crick[9] — mas foi semeado no nosso planeta por alguém, no presente livro me obrigo a aprofundar a questão um pouco mais, apontando o câncer percebido pelos avanços da ciência nos metazoários, como a "pá de cal" para o fato de que a **molécula-mãe enviada para a Terra e que aqui chegou há 3.8 bilhões de anos já veio cancerígena**. Em tendo ela se tornado a "mãe" de toda a descendência de seres vivos que passaram a existir e até hoje existem no planeta, e como se percebe a doença do câncer, nos seus muitos matizes, presente em todas as espécies da natureza terrena, a conclusão não pode ser outra senão a de que **o ser que deu origem a essa molécula-mãe encontra-se profundamente comprometido no seu estado de saúde, pelo menos desde uns 4 bilhões de anos atrás**.

Como, na condição humana, avaliar uma questão desse naipe?

Sei que sou voz solitária e que esse assunto jamais foi veiculado nesses termos junto aos que vivem na Terra e, portanto não espero ser compreendido.

Sou dos que pensam que a filosofia atual tem pecado por não acompanhar o progresso de muitas áreas da ciência, notadamente os que envolvem a física, a biologia evolucionista e a neurociência.

Chega a ser impressionante a ausência da abordagem filosófica em torno

da questão do DNA (ou RNA, como advogam alguns cientistas) como sendo a molécula-mãe que deu origem a todos os seres vivos da Terra. Isso não é brincadeira, nem questão de crença ou mesmo de fé religiosa, é ciência pura. O curioso é que mesmo a filosofia buscando as “origens das causas”, dentre outros aspectos, e os cientistas constatando que a tal molécula que deu origem a tudo o que é forma de vida na Terra, ainda assim, o exercício filosófico permanece na perene e preguiçosa postura de abrir mão do que sempre foi tão caro aos filósofos: a busca da verdade.

O tijolo fundamental da vida na Terra parece não ter a menor importância para a abordagem filosófica da atualidade, o que esvazia a abordagem de um tema que deveria nos ser tão caro. Mas o que esperar do senso comum em um mundo onde até os filósofos não têm olhos para ver e/ou desconhecem certos temas essenciais á vida? Em outras palavras, a avaliação do significado do DNA, como tijolo fundamental da vida na Terra não tem importância nenhuma para a filosofia. Que seja! A questão é que, independente dos olhos terráqueos perceberem, a roda criada pelo Senhor Javé continua a girar, e o incrível é que quase ninguém a vê, apesar de dela fazer parte como um dos seus “produtos”.

É hora de despertar os nossos psiquismos terrenos atordoados pela pressa comum ao modo de se levar a vida por aqui. Penso que não dá mais para olharmos a vida como até agora fizemos. Acorda planeta Terra!

Como sei que “quase ninguém” ao tempo desta geração haverá mesmo de me escutar — afinal, esses livros são desconhecidos e não há máquina publicitária que os possa mover pelo “peso” do seu produtor terreno — e penso saber que os meus poucos leitores (as) se esforçam por compreenderem o que está acontecendo para que tanta coisa estranha e inusitada seja veiculada por seu intermédio, torno a ressaltar que os fatos preditos quanto à volta do Mestre Jesus estão programados para ocorrerem ao tempo da vida desta atual geração, assim os mentores afirmam. Contudo, a compreensão dos muitos painéis que envolvem a sua volta, isso somente será possível de ser percebido com certa dose de profundidade pelas gerações futuras.

O interessante e curioso que os amigos espirituais reafirmam é que já existiria um número de pessoas vinculadas ao tema que se encontra acima do esperado por eles para as atuais etapas dos fatos. Nesse caso, os olhos que não enxergam são os meus, pois nada vejo nesse sentido, apesar de que isso em nada me preocupa, pois não estou à serviço do meu ego, nem muito menos das coisas do mundo. Faço o que posso independente de tudo mais.

Tenho tentado me superar e nem mesmo eu sei ao certo como tenho conseguido produzir esses livros. Afinal já havia chegado ao ano de 2004 julgando-me no meu limite pessoal em lidar com tanta coisa estranha ao “meu lado”. Mal imaginava o que ainda me esperava até os tempos em que ainda tento levar adiante o que me é encomendado pela conjuntura que me envolve.

Tive que “ressuscitar” a mim mesmo para esse serviço ao longo de diversos momentos desta minha existência, tal qual um cadáver insepulto que a morte se recusa a receber, e somente por não ter para onde seguir é que a minha condição humana continuou a passear entre o berço e a cova destas paragens, já que o tempo da vida e as suas circunstâncias assim determinavam.

O fato é que sempre que me lembro dos cansaços e dos desgastes extremos e, ainda assim, superá-los para ter que recomeçar, recordo-me do “herói mitológico” Ulisses o qual após uma década de guerra em torno da cidade de Tróia, mal imaginava que tormentoso mesmo seria o seu retorno para casa cheio de emboscadas como descrito na Odisseia de Homero. E uma dessas refere-se ao seu encontro com a “deusa Calipso” que se apaixona por ele e decide mantê-lo prisioneiro na sua ilha. Refém dos fatos, a cada noite Ulisses chora contemplando o mar que o separa do seu saudoso lar.

É então quando a deusa inicia o seu canto de sereia e oferece para ele o que era impossível ao ser humano: a imortalidade e a juventude eterna, desde que “ficasse em seus braços”. Ulisses não aceitou. Preferiu o pouco da finitude feliz do amor profundo pela sua família, sua terra, seus afetos, do que uma longevidade vazia como a dos deuses e junto a eles.

Penso que uma vida mortal satisfeita vale bem mais do a eternidade dos deuses, pois que esses desperdiçam as suas vidas em torno do nada, levados pelos impulsos irresistíveis do DNA adoentado que os marca em alto grau de afetação, e tudo isso provocado pelo equívoco do Senhor Javé.

Ulisses percebeu o que lhe era sagrado no meio do absurdo da vida, e esta também deveria ser a meta de cada ser humano e tento cuidar da minha cota nesse processo como me é possível. Porém, se por um lado, podemos ter o vislumbre de que devemos e podemos cuidar da nossa existência, por outro, temos também a inaceitável percepção de que não temos como “desprogramar” a destruição do corpo transitório que utilizamos, apesar de que, no futuro breve, o **enxerto e a acoplagem de certos chips** nos corpos carnais que utilizamos, propiciarão “condições singulares de existência”.

Contudo, não poderei aprofundar esse intrigante aspecto no presente trabalho. É daqui que surgem o medo e os problemas psicológicos que nos autodestroem, antes mesmo que venha a destruição da vida corporal. E tudo isso assim é porque a primeira molécula-mãe que o Senhor Javé e alguns dos seus anjos-clones deixaram aqui na Terra já veio programada para se autodestruir.

Aparentemente, isso para nós é um grande problema. De fato não é agradável nem reconfortante. Mas o pior é ter uma "mesma vida" que se perpetua por bilhões de anos num corpo adoentado e cheio de mazelas, como é o caso desses seres atormentados, e alguns deles sofrem o tempo todo. É simplesmente inenarrável e inacreditável!

Perante este mister, ainda que com toda sorte de problemas, felizes somos nós, os terráqueos, pelos nossos espíritos poderem se libertar, em tempo razoável, de um modo de vida que sequer deveria existir.

O aspecto singular de tudo isso é que ainda podemos nos sentir felizes. Esses seres, jamais o logram sentir. Para eles, "sentir-se feliz" é impensável e impossível, pelo simples fato de que as suas naturezas pessoais não o permitem.

Somos agora — apesar de todos os problemas que as nossas imperfeições geraram na vida terrena — o que de melhor eles poderão ser no futuro. E o detalhe é que, no futuro, esta humanidade se encontrará bem mais avançada, quando espíritos mais evoluídos nela encarnarem, o que ainda não acontece, daí o caos planetário deste "mundo de provas e expiações" que temos todos que administrar.

2

O ABSURDO E O NORMAL

"Nascer já programado para morrer" tornou-se algo tão comum para nós que sequer percebemos quão incoerente e absurdo é o processo existencial no qual os nossos espíritos estão inseridos.

Parece que somente a "gente adulta" da Terra tem olhos para ver o que de fato ocorreu e continua a ocorrer conosco, perante os nossos próprios olhos e não nos damos conta.

Franz Kafka[1] é um exemplo do que considero "gente adulta" que tem sabedoria e maturidade para perceber o óbvio, ainda que quando sobre ele se expressem, causem surpresa e reações de não aceitação quanto ao que está sendo abordado. Isso, porque, para a mentalidade de rebanho que grassa em boa parte dos membros da espécie *homo sapiens*, o "absurdo" passou a ser tido como "normal" e o "trágico" como o fluxo do "eterno acontecer", mas não para quem tem olhos para ver.

Kafka nos lega a "filosofia do absurdo" rigorosamente lógica e assentada em fatos da vida. No livro "O Processo", o seu personagem Josef K. é detido sem ter a menor ideia de qual delito ele estava sendo acusado. Ele vivencia um longuíssimo e incompreensível processo e o seu crime jamais lhe é revelado. Já em outro livro, "O Castelo" um jovem agrimensor é convidado a prestar seus serviços em um castelo. Ele vai, mas, por incrível que pareça, e por mais que tente, ele não consegue entrar no castelo. Com a inquietante leitura, o leitor vai se irritando mais e mais com a falta de dignidade do rapaz enquanto começa a constatar a ausência de amor-próprio no personagem. Um pouco mais e o leitor começa a se dar conta que a vida sem sentido do agrimensor é na verdade muito semelhante a sua. Haja tentativa para jamais

lograr atingir um objetivo tão modesto. A sua teimosia é a nossa, que é a de viver uma existência que sofremos e nos esforçamos sobremaneira e no final...

Bem, traço o paralelo entre os personagens de Kafka e a vida que levamos sob os auspícios da genética do Senhor Javé porque estamos todos condenados ao sofrimento por um crime que mal conseguimos acreditar ser ele verdadeiro. Mas, "a que crime me refiro?", poderá perguntar o (a) leitor (a). Acredite: é o pecado original dos nossos ancestrais que não deveriam ter desobedecido aos desígnios do Senhor Javé. E aqui não estou brincando nem fazendo piada com os fatos: foi exatamente "isso" o que pude "escutar" e "compreender", em plenos anos de 2009 e 2010, em reiteradas vezes, quando a justificativa para tudo o que estava sendo feito pela hierarquia do criador com o intuito de que eu o obedecesse, era a de que qualquer desobediência aos seus desígnios era crime passível de punição e por isso estávamos ainda sofrendo as injunções advindas do "pecado" de Adão e Eva. Ridículo, não?!

Eu que sequer levava a sério a possibilidade real da existência de algum Adão ou de alguma Eva ali estava sendo violentado na minha sensibilidade e sendo acusado de um crime que eu sequer sabia, na minha condição humana, se havia realmente existido ou não. E o pior: ainda que fosse verdade, que tinha eu a ver com tudo aquilo? Senti-me instantaneamente um personagem dos romances de Kafka.

Penso ter traduzido para o (a) eventual leitor (a) a minha surpresa e indignação com o que até hoje me esforço por respeitar no inapropriado, anacrônico e desonesto "modo de pensar" desses seres. Contudo, a expressão "absurdo" é pouco para simbolizar o sentimento da geração atual dos terráqueos diante desse fato que ainda nos é cobrado.

Outra noção abjeta é a de que por mais que nos esforcemos, se não for acorde com a vontade do criador, a nossa vida será tão emblemática no campo do sofrimento quanto a do personagem bíblico Jó, outra vítima dos absurdos praticados por esses seres. Enfim, é por isso que muitos pensam que quem melhor vive na Terra é quem isso jamais percebe e vai vivendo como pode. Para muitos, esse tipo de jogo pode funcionar; para alguns poucos não! Infelizmente, encontro-me entre estes últimos.

Vivemos uma época em que o desencantamento com o mundo e com o universo está chegando em muitos dos campos da vida — e aqui ressalto que não me incluo entre os desencantados. Percebe-se hoje obras de peso como o livro "Criação Imperfeita", do físico Marcelo Gleiser[2], dentre outras, que

aponta imperfeições antes impensáveis na criação universal. Contudo, nem sempre foi assim.

Ainda nos tempos atuais, para alguns segmentos religiosos da Terra, presumir que o deus da sua predileção está doente — por mais que apontem os fatos cruéis da própria natureza terrestre para o fato de algo de muito errado nela existe e assim quem a criou também deve ter problemas — é algo simplesmente inaceitável além de herético.

Antes do surgimento do gnosticismo, nos moldes em que hoje é conhecido, ocorreram algumas tentativas de se **encontrar a postura psíquica mais adequada à coexistência com o peso dos desígnios do Senhor Javé**. Nese contexto, surgiu um pouco de tudo, desde o “pessimismo desesperador” até o “pessimismo libertário”, qualquer coisa, menos o romantismo da fé e da crença fácil, alicerces da submissão ao sistema ditatorial e doentio representado pelos “anjos do deus criador” deste universo.

Talvez venha a existir um dia, em toda essa história, em que a compreensão do humano da Terra poderá assimilar, sem reagir de modo estéril e brusco, alguns aspectos perturbadores da **dolorosa verdade que envolve a criação e que nos dificulta o processo evolutivo.** Até lá o risco de termos problemas será inevitável por um motivo bem simples: enquanto ainda é e for possível à hierarquia do Senhor Javé atuar glorificando-o e protegendo-o de situações energéticas potencialmente perturbadoras promovidas pelo que resta das forças trevosas do sofrimento e do desespero, eles assim o farão por uma mera questão de tendência inata presente no DNA que os marca o psiquismo. Até porque, o que entendemos como sendo “**forças trevosas**” sempre se opuseram às “**forças de dominação**” representadas pelas diversas classes da hierarquia que obedece ao Senhor Javé. Na verdade, ainda o fazem, apesar de que essas duas forças não mais estão organizadas nos mesmo moldes de antes: encontram-se ambas bastante enfraquecidas pelos embates ao longo dos últimos bilhões de anos, nos tempos das suas vidas cósmicas que “funcionam” de modo bastante diverso da que conhecemos na Terra.

Ressalte-se ainda que, quando é possível aos poucos pelotões atuantes das “forças trevosas” — o quartel-general já foi “preso” há algum tempo — os seus membros costumam se esforçar para produzir algum tipo de dano e de desconforto “ao sentido hierárquico” que marca o psiquismo dos seres que servem o criador, sendo “isso” o máximo que eles podem fazer. Em contrapartida, as forças operativas da hierarquia celeste vinculada ao Senhor

Javé, ainda costumam “bater duro” nos pelotões das “forças trevosas”, mas isso também está por pouco tempo já que o retorno do Mestre Jesus terá também o condão de dar um fim, nem que seja temporário, a essa “**interminável pendenga cósmica**”. Afinal, precisamos todos de um “tempo” para que seja possível o exercício da liberdade de pensamento a fim de percebermos os aspectos muito errados que existem na natureza a nossa volta e, o pior, na própria condição humana que nos marca o atual psiquismo. Mas o que existe de tão errado assim? — pode se perguntar o (a) leitor (a).

Vou apresentar somente alguns tópicos para a necessária reflexão sobre o tema através dos quais pretendo provocar a mente do (a) leitor (a), não para que haja algum grau de acordo ou de concordância com os postulados deste escrevente, mas, simplesmente, para demonstrar como o tema “viver do modo que vivemos” é dolorosamente complexo e de tão absurdo que é sob qualquer ótica de analise, sequer deveria um dia ter sido criado. “Qualquer ótica?”, poderá questionar ainda o (a) amigo (a) leitor (a). Resposta: qualquer ótica, menos uma, e esta é a que tenho apresentado nos livros sobre o drama pessoal do Senhor Javé posto que a realidade por ele criada é a estrada pela qual temos que caminhar na construção do futuro e nesta haverá sempre um **porvir**, um **devir**, um “**vir a ser**”, já que esta é, em essência, a sua **grande necessidade pessoal**.

CONSTATAÇÃO.

Nós, os seres evolutivos, fomos todos criados para servir de células nervosas holográficas de uma inimaginável corrente cósmica, onde o progresso de cada um e de todos representa o único modo do Senhor Javé conseguir reunificar a si mesmo, ainda que disso ele somente tenha tido consciência há pouco tempo.

O grande e singular problema de todo esse drama é que, sob a perspectiva humana, ele não tem ajudado em muita coisa. Muito pelo contrário! A sua ótica e a sua natureza pessoais não o permitem. Mas ele mesmo tem se esforçado para que esse problema “um dia” tenha fim, quando ele repassará a coordenação de certos processos comuns à gestão celestial para algumas divindades parceiras na aventura da vida cósmica. E “este dia” chegou.

A AFIRMAÇÃO É forte e “política e religiosamente incorreta”, eu sei, além do

fato de que, seguramente, devo estar incorrendo em erro de compreensão em relação a alguns aspectos da questão. Mas não me sobra outra alternativa.

Convido o (a) leitor (a) a analisar os seguintes aspectos problemáticos (são muitos, mas aqui somente irei me referir a alguns) que nos marcam a vida terrena.

Aspecto problemático 1: pelo fato de **já nascermos programados para a autodestruição** isso leva o nosso psiquismo a nos obrigar a viver do modo que nos for possível. Mas isso não implica em viver de modo inteligente ou sábio. Vivemos como podemos, aceitando o aspecto trágico de um final que não inventamos e nem muito menos o criamos, e ainda somos acusados de "viver mal" como se fossemos culpado por estar vivos.

As religiões nos impõem uma culpa transcendente e incompreensível para a lógica humana sadia, mas esta para nada serve diante de uma outra que é, aos meus olhos, doentia, e que também o deveria ser, conforme penso, para os olhos de qualquer pessoa sã e "minimamente equilibrada". Aqui devo registrar que este é o maior elogio que me permito fazer na medida em que ainda me acho "minimamente equilibrado" e de mente sã, o que, obviamente, deve estar errado, pois um louco não atina com a loucura que lhe é própria — mas, desculpe o (a) amigo (a) leitor (a), não tenho mesmo outra alternativa!

Como aceitar o fato de que, independente do que façamos, estaremos mesmos condenados à autodestruição porque o princípio ou o processo, ou ainda o ser que a tudo isso criou, o fez do modo que fez, pois outro não lhe foi nem lhe era possível. E o pior: não nos é dado ter consciência profunda sobre o mesmo já que fugimos do aspecto trágico da existência por meio da sensação juvenil de que "aos outros isso pode acontecer", mas comigo, somente muito mais tarde é que a morte me abraçará. E assim vamos vivendo, entregues ao fluxo de um destino que nos convida a ter fé, mas parece não nos convidar a entendê-lo e construí-lo.

Os que ousam arquitetar alguma compreensão utilizando-se da única possibilidade lógica que foi dada à condição humana — que é o **uso da razão** — maravilham-se com o descortinar dos muitos aspectos da ciência, que representa esta busca dos que não se entregam ao fluxo do destino pelo simples fato de estarem vivos, mas, no limite das fronteiras desta busca, terminam passando pelo que costumo chamar nas minhas reflexões de "**síndrome de Lúcifer**". Mas, o que isso significa? Que quem chega nessas fronteiras de investigação haverá de inevitavelmente perceber os defeitos

desta vida que nos é imposta como também os da nossa casa universal, e haja problemas para quem com isso se defronta.

Muitas críticas me são endereçadas e boa parte delas provenientes de origens saudáveis, o que as engrandece e delas tento retirar a reflexão e a aprendizagem que posso. Contudo, uma linhagem das mesmas, em especial, me dói no que resta da minha sensibilidade, pelo fato de estar sendo acusado por alguns de "estragar a vida" das pessoas que preferem olhar a vida de modo romântico, sem essa complicação toda de um "deus escondido e adoentado", que além de não nos ajudar não suporta a liberdade que a "maçã de Eva" nos deu, e também nos cobra uma subserviência estéril, sem falar no fato de que precisa ser ainda ajudado. Para esta e outras críticas não consigo arquitetar boas respostas simplesmente porque não as tenho ou, porque elas verdadeiramente inexistem.

O aspecto perverso de toda essa história é o de que, independente de como vivamos estamos nos autodestruindo ainda que conscientemente não pretendamos nada disso. Aqui impera perceber o modo como os corpos da natureza terrestre simplesmente apodrecem com o tempo, em nada ajudando a manutenção da dignidade pessoal enquanto se morre lentamente. Felizes os que têm uma morte rápida! — é só o que resta de consolo ao apressado e superficial pensamento racional. Mas o processo todo não é tão simples assim, pois existe o contexto espiritual envolvendo toda essa história, e ainda bem que ele existe posto que representa a Realidade Suprema da Existência das nossas personalidades espirituais individualizadas. Contudo, na condição humana, muitas gerações terão ainda que passear por este universo para que esse aspecto maior da vida possa ser maduramente compreendido, como também a observância das suas leis — elas, de fato, existem e são todas alicerçadas no amor pleno que a tudo constrói e sustenta.

Diante de aspectos desagradáveis como esse, a fé religiosa sempre fez calar os questionamentos, mas isso também se deve à doença do próprio criador e da herança que dele foi repassada para todos os seres existentes no âmbito da sua criação. Ele também padece do mesmo problema só que em grau maior e mais elevado. Isso porque o seu sofrimento é mais lento e gradual do que o nosso, o que somente piora a situação para quem é obrigado a viver por muito tempo num corpo adoentado. A sua condição e a de seus clones faz com que o "apodrecimento da condição corporal" ocorra de modo singular, muito diferente e mais desagradável do o que é típico à condição humana.

A questão aqui é a de que todos os **corpos arquitetados a partir do DNA do criador são meras ferramentas para que outras vontades e mentes construam na sua base molecular o que ele mesmo tornou-se incompetente para fazer**, por força da sua queda. Em sendo verdade o que aqui esta sendo exposto, convenhamos, este é um aspecto bastante problemático e retrata um inquietante painel — dentre muitos — do drama terreno do Senhor Javé que será abordado neste livro.

Aspecto problemático 2: achamos normal, porque virou hábito comum na expressão de sobrevivência da nossa espécie, destruir vidas para manter a nossa. Mas isso é uma aberração e parece somente existir no âmbito desta criação complicada.

O *glamour* dos nossos banquetes, quando observado sob outros olhos, é sempre produto de uma carnificina a que nos habituamos e que está longe de ser uma etapa superada do progresso ascensional da espécie *homo sapiens*.

Encontra-se enraizado nos matizes do DNA humano a tendência ao **hábito de sobreviver às custas da "energia" de alguém**. E esse é um aspecto emblemático relativo aos primeiros "milhões de anos" da solidão do Senhor Javé quando ele decidiu então gerar outros seres a partir de si mesmo — tema abordado no livro "O Drama Cósmico de Javé". Naquele momento nasceram também as circunstâncias desagradáveis que até hoje pontuam a coexistência entre os que foram criados para existir a partir da base química do DNA do criador, fossem estes simples clones ou mesmo as gerações de seres evolutivos que mais tarde surgiram a partir da semeadura do DNA do criador pelos diversos mundos deste universo, como foi também o caso da Terra.

A humanidade ainda não sabe, mas tudo indica que foi como subproduto desse processo que nesses "últimos tempos" surgiram os seres pluricelulares, na chamada "explosão de vida do cambriano" ocorrida há cerca de 530 milhões de anos, quando os primeiros seres complexos surgiram nos mares do planeta e depois saíram para a terra firme. Mas a questão é o entendimento quanto ao como esses novos seres pluricelulares surgiram para a vida planetária, tema que será objeto de aprofundamento no próximo capítulo.

O fato é que ainda que somente **ativada em cerca de 3%** no DNA das espécies que vieram a compor a natureza terrestre, a **doença advinda do criador,** que surge no instinto e no psiquismo dos animais não-pensante e pensantes terrestres sob a forma de domínio daquele que "necessita se

alimentar” sobre “quem vai lhe servir de alimento”, é fator emblemático da nossa forma de viver a qual nos encontramos plenamente estacionados na perigosa “zona de conforto” de nos permitir deixar fluir essas tendências e impulsos produzidos pela natureza do corpo animal que nos marca a personalidade com que vivemos na Terra.

Por que destruir “alguém” ainda que este “alguém”, no caso terrestre, seja um animal não-pensante? Se nos permitimos fazer é porque, para o nosso código de valores um boi, uma cabra ou um porco, não assumem para a nossa consciência pessoal a função ou o papel de “alguém”, mas sim de “alguma coisa” que podemos destruir. Será crível? Aceitável? É decente? Por que agimos assim? Por que o Senhor Javé tem esse tipo de problema no seu DNA pessoal e o repassou para todos os corpos que foram gerados a partir do seu DNA?

CONSTATAÇÃO.

Um outro aspecto do drama terreno do criador é exatamente este: o de que os seus “filhos e filhas pensantes” da Terra ainda não conseguiram superar o perturbador painel dos seus hábitos alimentares, o que lhe causa profundo desconforto vibratório na sua natureza em evolução apesar da sua parcela de responsabilidade no processo.

O TRISTE da história é que estamos ainda longe de nos tornarmos habilitados a compreender esta questão como também o estão algumas outras espécies cósmicas.

Este assunto será desenvolvido ao longo dos demais capítulos do presente livro como também em outros trabalhos literários que ainda serão produzidos, se me for possível.

ASPECTO PROBLEMÁTICO 3: como decorrência do “aspecto problemático” anterior, na vida terrena parece que somente temos a sensibilidade voltada para observamos **o império do mais forte sobre o mais fraco** e seus desdobramentos. Raramente vemos o “mais forte” ceder algo ao “mais fraco”. O “mais fraco”, ou se torna mais forte e tenta tomar-lhe algo, ou jamais progredirá, se é que conseguirá sobreviver. E esse é um dos piores aspectos da herança legada aos corpos da natureza local porque aqui implica “**destruir sem que seja para se alimentar**”, o que é um aspecto ainda muito

mais doloroso que o anterior. Paradoxalmente, e talvez pelo DNA de todas as espécies presentes na natureza terrestre terem, em média, cerca de “97 % de campo neutro” para que seja possível a arquitetura de uma nova postura diferente das comuns à doença do criador — o que permite um comportamento diferente do ditado pelo fator de ativação que leva o “mais forte” a sempre agir por meio da força — algo de “muito estranho”, porém, maravilhoso, surgiu nas espécies terrestres: o **fator de cooperação** que se observa entre os seus membros com vistas ao progresso e à sobrevivência do conjunto genético (genoma específico) dos seus membros. Como isso surgiu e por que?

A resposta a esta questão será percebida lentamente, ao longo da evolução dos temas do livro, pelo que apenas apontamos o aspecto problemático como forma de chamar a atenção do (a) amigo (a) leitor (a) para o quanto ainda temos que evoluir no campo comportamental dos hábitos terrenos, e de como o criador depende das suas criaturas (ferramentas) para poder evoluir.

Aspecto problemático 4: o **stress existencial**, afinal você não sabe se estará vivo daqui a cinco minutos e isso é um absurdo, apesar de ser “normal e comum” para todos os que vivem na Terra. Em contrapartida, o Senhor Javé e seus filhos-clones não têm esse tipo de problema já que seus corpos — devido a certo padrão de configuração do DNA que lhes marca a condição pessoal — são praticamente indestrutíveis e somente “morrerão” dentro de um “tempo cósmico” simplesmente inimaginável para a ótica terrestre. Contudo, **eles podem se agredir, se ferir, “se metamorfosear”, sentir as dores dessas contendas, mas não podem morrer** a não ser quando “a hora da desintegração natural” dos corpos que utilizam tiver chegado para cada um, depois de alguns milhares, milhões ou bilhões de anos, **conforme o poder de afetação do DNA de cada um deles o que reflete a quantidade da força e dos poderes herdado do criador**!

Dito isso, alguém aqui na Terra pode até sentir inveja desses seres. Não obstante, pelo que tenho conseguido arquitetar no campo do meu entendimento, **são eles quem “morrem de inveja” dos pobres animais mortais** que lhes servem como massa de manobra evolutiva, por mais detestável que isso nos possa parecer. Mas foram eles que no desespero que os marca criaram a espécie homo sapiens nos moldes em que conhecemos.

O assunto é, pois, bastante controverso e complexo. Requer uma

maioridade espiritual que ainda não nos foi dado ter para podermos abordar temas desse naipe sem nos escandalizarmos ou ferirmos suscetibilidades. Contudo, as gerações do futuro terrestre a terão e esses livros estão sendo produzidos para semear a necessária reflexão para os terráqueos que ainda virão. Não penso que os livros que estou produzindo, forçado pelas circunstancias, sejam para os meus conterrâneos de geração planetária. O entendimento dessas questões necessita de “conhecimento básico em alguns campos científicos” e, infelizmente, a maioria dos nossos irmãos e irmãs planetários sequer dispõem de condições educacionais mínimas, o que impossibilita a compreensão em torno das primeiras páginas desta revelação cósmica. Se for diferente eu mesmo me surpreenderei. Por isso, como já dito em outros trabalhos, a exemplo do que Nietzsche[3] dizia dos seus livros, considero, por outras razões, os livros que produzo como sendo “póstumos”. Que seja!

TENHO REPETIDAMENTE AFIRMADO em livros e palestras que **chegou a hora da maioridade espiritual para os terráqueos**, e esta não surge no psiquismo humano sem a correspondente maturidade emocional e o necessário “conhecimento esclarecido” que a tudo dá suporte.

O fato é que, seja por comodidade ou mesmo por receio de desagradar ainda mais a quem passar a vista por estas páginas, que não farei desfilar um preocupante quadro de “aspectos problemáticos” que temos que administrar e superar na nossa condição animal humana e sequer disso nos apercebemos. Deixo somente os quatro aqui abordados como forma de convidar a reflexão do (a) leitor (a).

Para olhar e enxergar o pano de fundo problemático por trás da existência humana e vê-la como de fato ela parece ser, observá-la com as cores do problema do Senhor Javé e compreendermos que para ele os corpos que os nossos espíritos utilizam são meras ferramentas para o seu progresso e da cúpula universal a ele indissoluvelmente ligada, requer um número de pressupostos psíquicos que penso jamais estaremos preparados para tal abordagem. Contudo, aos poucos, a evolução da percepção humana terráquea será obrigada a progredir nessa perquirição, por desagradável que possa parecer à nossa sensibilidade.

O curioso é que penso ter percebido, ao observar o longo drama dessas entidades, que o “sublime e o trágico” se confundem com o que poderíamos considerar como sendo “normal e absurdo”. Pena que somente nos é dado

contemplar a partir da ótica terrestre o aspecto trágico de todo esse processo. A alternância entre os disfarces que esses conceitos assumem, ao longo da história universal, é de tal monta estranho que aos nossos olhos pareceriam e parecem um grande mal-entendido pior do que qualquer ficção perversa, quando, em verdade, compõem exatamente o cotidiano do que julgamos como realidade.

Um extenso palco de horrores associados a belas vistas e cenários majestosos e diversos os quais, ainda assim, sempre conseguem inebriar os nossos sentidos nos permitindo o encantamento enquanto a **entropia nos consome e nos cansa** na condição humana que marca os nossos psiquismos. Em pleno caos alguns terráqueos conseguem ainda permanecer em paz, apesar de inquietos e atuantes na faixa de realidade em que se obrigam atuar por força das circunstâncias. Felizes destes!

O fato é que somos rodeados e envolvidos pelo “absurdo” e, o mais curioso é que achamos tudo muito normal. Ah, a gente adulta desta família planetária, onde estão vocês?

A “filosofia do absurdo” de Kafka parece brincadeira de criança perante o contexto a que chamamos de realidade. Assim parece ser, mas por sobre todo esse complicadíssimo quadro existencial não nos esqueçamos que permanece incólume o foco da nossa verdadeira origem, da minha, da sua e da do Senhor Javé, que é a **pátria espiritual das nossas almas, única faixa existencial que verdadeiramente deveríamos chamar de “realidade”**, posto que tudo mais é camuflagem, tudo o mais é ilusão produzido por um processo criador que, se magnífico e majestoso por um lado, gerou problemas de toda sorte para o criador e todas as “suas criaturas” que foram obrigadas a surgir para a vida nos moldes impostos pelas suas necessidades pessoais. É inacreditável, mas é exatamente isso!

3

EVOLUÇÃO, O ACASO E CERTAS INTERFERÊNCIAS

TENHO REFLETIDO BASTANTE, muito além do que gostaria ou me seria agradável, navegando por “pensamentos perigosos”, sobre o contexto do Senhor Javé e de seus “filhos” mais próximos. Digo “perigosos” porque, ao olhar o modo caótico como vivemos sou “imediatamente” levado a pensar que “o inferno é aqui mesmo”, na Terra, feito e construído por cada um de nós nessa faixa de realidade que “nasceu” problemática por se tratar de uma criação imperfeita advinda dos problemas do seu criador.

A minha inquietação tornou-se crescente ao perceber que existiam outros aparentes “infernos”, criados pelos seus próprios habitantes, no âmbito da mesma criação, o que me levou à desagradável conclusão que todo este universo facilmente poderá ser tido como “um inferno” para quem nele faz mergulhar a sua condição espiritual com o objetivo de nascer para um de seus mundos. Mas tenho que ressaltar que esta percepção é falsa e tão ilusória quanto muito dos conceitos e opiniões que apressadamente formamos ao longo da vida.

Seja por uma ou outra razão que não importa aqui ser apontada, tenho o privilégio de carregar na bagagem existencial que marca o meu psiquismo espiritual, a certeza travestida de convicção inabalável de que até no inferno podemos nos esforçar e nos superar na tentativa de edificarmos algo de nobre, de belo, de bom onde estivermos, pouco importando as condições em que se expressem a existência dos nossos espíritos.

Perdoem-me os que não gostam dos conceitos aparentemente frágeis e “pré-fabricados” de “nobreza”, de “beleza espiritual” e de “bondade”, mas aqui falo do que a natureza humana, no meio desse palco de horrores

existencial, ainda assim conseguiu criar, e isso é um fato cuja repercussão não temos ainda como aquilatar! Refiro-me, portanto, não ao que uma divindade pode entender ou expressar de si mesma em relação a esses conceitos, mas sim, exatamente aos que os seres pequenos da Terra conseguiram e conseguem conceber e expressar nesse sentido.

Tenho afirmado em alguns dos livros que produzi e nas palestras que a nossa espécie terráquea parece ser a "espécie-bebê" — dentre as espécies pensantes e evolutivas — deste universo, mas obviamente disso não podemos ter certeza. No dia, porém, em que esse aspecto puder ser vislumbrado, quem sabe se compreenderemos que a recém-surgida natureza humana, à moda terráquea, também produziu "posturas psíquicas" de vanguarda na perspectiva universal, dentre as quais o que podemos entender como "nobreza", "beleza espiritual" e outros aspectos que adornam as posturas dos seres pensantes. "Mas como? Não existem civilizações mais velhas neste universo e que, portanto, já evoluíram e produziram há mais tempo essas posturas?" – haverá de se perguntar o (a) leitor (a) atento (a).

CONSTATAÇÃO.

Os primeiros grupos das civilizações mais antigas deste universo surgiram a partir da criação de anjos-clones que herdaram o DNA afetadíssimo do criador, impondo-lhes os ditames da sua estranha natureza que foge completamente ao padrão da "normalidade humana", como hoje conhecemos. Assim, sendo, essas civilizações se comportam de modo robótico em relação à vontade do criador, o que apontaria para um padrão comportamental difícil de ser aceito e aplaudido pelos nossos valores.

O segundo grupo de civilizações surgiu a partir de experiências algo desagradáveis promovidas pelas civilizações anteriormente citadas, sem que nessas existisse a preocupação com o que hoje entendemos como sendo "ética", "decência" e dignidade.

O terceiro grupo teve lugar no nosso universo quando o DNA do criador, reconfigurado para um menor grau de ativação (afetação) começou a ser "semeado" nos planetas e satélites com o objetivo de gerar "naturezas evolutivas locais". Surgiram, assim, as civilizações evolutivas habilitadas a edificarem posturas dignas e nobilitantes de acordo com os padrões espirituais superiores, aspecto totalmente desconhecido para o criador e seus "filhos de primeira hora".

SE O ACIMA exposto estiver correto, “um dia” o ser terráqueo compreenderá que a nossa lenta evolução teve e tem “razões” que a própria razão terrestre sempre desconheceu.

Não abordarei neste livro as razões que transformaram a história universal num processo evolutivo, como o acima descrito, cujos ritmos e sentido são bem diferentes do que foi imaginado seja pela ficção ou mesmo pelos atuais padrões de especulação cientificas — sim, os cientistas também especulam! Isso porque já abordadas, ainda que superficialmente, nos livros que retratam aspectos dos dramas cósmico e espiritual do criador. Também não farei menção aos desdobramentos possíveis em relação aos grupos de civilizações deste universo sob a perspectiva da “antiguidade”. Esse tempo deverá compor trabalho especifico. Somente apresentei esta “constatação” para facilitar o que será exposto a partir do capítulo quatro, pelo que rogo a compreensão do (a) amigo (a) leitor (a).

Deixo claro que sou um “alguém terráqueo cansado e algo atordoado” com a sua própria função no meio de todo esse contexto, mas não sou um ”alguém” desencantado com a situação do Senhor Javé e nem muito menos com a que nos é própria. Muito pelo contrário! Quanto mais me espanto com a situação, mais me comovo e me motivo a ser o que puder ser no âmbito das minhas possiblidades com o objetivo de ser útil de algum modo ao que avalio seja a função que cada um deve ter pelo simples fato de existir, ainda que em situação desconcertante como a que nos é impingida. Mas, bem ou mal, quase todos os que vivem neste universo devem ao criador a iniciativa por existirem enquanto seres individualizados, o que remete a uma ligação profunda com o ser a que chamamos de Brahma, Javé ou mesmo Alá. Tempo virá em que compreenderemos que somos todos parceiros de um mesmo destino, ainda que não compreendamos o processo que nos move sempre na mesma direção da “seta do tempo” que nasceu para o nosso universo, a partir da criação da divindade caída, hoje refém da sua própria criação, ou seja, das criaturas que nela vivem.

O fato é que terminei por perceber a importância estratégica da natureza humana terrestre — como também a de algumas outras poucas naturezas planetárias que um dia se farão conhecidas para esta humanidade — em todo esse processo. O enigmático é que tenho percebido — posso estar enganado ou sendo enganado, obrigo-me a reconhecer — que o surgimento da espécie humana na Terra, nos moldes em que isso se deu, corresponde ao **produto de uma engenharia cósmica**, de um esforço conjugado de uma quantidade de

atores e de processos que mal podem ser vislumbrados pelo atual nível da “lógica humana”.

Constatação.

Sem o contributo que a humanidade terráquea poderá dar no futuro — como também o de algumas outras espécies — o enigmático é que parece não existir futuro algum para milhões de divindades prisioneiras dos seus próprios equívocos e deslizes e que ainda se encontram existindo como “filhos-clones” diletos do Senhor Javé.

Assim me expressando, sei que inevitavelmente serei acusado de estar semeando um novo tipo de antropocentrismo, só que agora noutro sentido, ou seja, com a face reversa do que surgiu no pensamento religioso europeu do passado e que prevalece em alguns segmentos da religiosidade mundial. Digo reversa, porque somos ao mesmo tempo, **enquanto “corpos animais”, a espécie mais afinada** — por força do “tipo” de ligação do DNA terráqueo com o do seu criador — com a “força amorosa” da qual necessita a cúpula hierárquica deste universo para poder ser “pacificada”. Contudo, **enquanto espíritos complicados por equívocos cometidos em vidas passadas neste planeta e alhures, somos também os “piores” ajudantes** que esta mesma cúpula poderia ter, posto que boa parte dessas individualidades espirituais é formada de seres que se rebelaram contra o “sistema ditatorial e perverso”, assim entendido no clamor das muitas rebeliões do passado universal. Esse é um dos painéis mais “curiosos” do drama terreno do Senhor Javé, pois que o seu futuro depende do que o os “espíritos rebelados” do passado conseguirem realizar através das duas “ferramentas mais modernas”, ou seja, os corpos da espécie *homo sapiens* recém surgida na Terra.

O enigmático nessa história é o aspecto de todas essas componentes terem convergido para a Terra. Mas, por favor, não chamemos isso de “antropocentrismo”, mas sim, de um “deus nos acuda” que passou a ser estabelecido neste planeta por força das circunstâncias.

Esforço-me mil vezes para convencer-me de que estou errado. Mil vezes fatos provocados por esses seres me mostram quanto eles precisam da nossa evolução para poderem evoluir, e aqui me refiro em especial e principalmente ao senhor Javé.

Assim ressalto porque não consegui e nem consigo perceber um mínimo

padrão de dignidade em nada do que até hoje pude anotar como sendo algo vindo desses seres. Se isso estiver correto, posso afirmar para mim mesmo que não existe dignidade para além da que emprestamos à vida e ao fato de termos de viver em corpos doentes e, ainda assim, sermos obrigados a evoluir sob pena de termos problemas de toda sorte sobre os nossos ombros.

Estamos todos interconectados a tudo que nos rodeia sem que disso os nossos cérebros animais percebam. Apesar de tão incapaz de perceber o que é obvio para as nossas mentes espirituais quando se encontram libertas de corpos transitórios animalizados, é exatamente este “cérebro animal” a joia maior, a mais preciosa de todas as “ferramentas corporais” que foram geradas pela força-tarefa da hierarquia do criador, ao longo de todas as etapas da história universal. Mas, como, afinal surgiu a espécie humana terráquea? E, afinal, por que o uso do aparente pleonasmo “humana terráquea”?

Não é pleonasmo! É porque existem outras “raças humanas” que não são terráqueas e, por sinal, bastante diferentes nos detalhes, apesar do padrão médio de semelhança com a tipologia humanoide. Quanto ao “como surgiu esta humanidade”, vou agora dedicar os próximos capítulos para abordar o que julgo ser de mais importante para a compreensão de como “as coisas aconteceram por aqui”, o porquê de elas terem acontecido nos moldes em que tudo se deu, e qual a relação do Senhor Javé e da sua hierarquia com o que se passou ao longo da história geológica da Terra até o surgimento desta humanidade.

A pretensão é grande e inevitavelmente as falhas serão muitas, mas não me é dado abordar de modo diferente do que a seguir será exposto.

Ao se analisar todo o processo que ocorreu desde a formação da geologia planetária passando pelo surgimento da primeira molécula-mãe com o seu DNA original até o estado em que hoje se encontra o grau de complexidade das muitas espécies da natureza, pode-se perceber um **aparente paradoxo alicerçado em elementos que tanto indicam um jogo “de sorte e de acaso” como também um “padrão modelador” de tudo o que existe.**

Para além desses dois aspectos aparentemente já conflitantes parece existir ainda uma estranha destinação na espécie *homo sapiens* que não encontra registro nem no jogo do acaso como no padrão modelador que se percebe nas outras espécies da fauna e da flora terrestres.

CONSTATAÇÃO.

N**em a teoria da evolução, nem coisa alguma mais em termos de**

parâmetro científico conseguem explicar o porquê do ser humano ser o que ele é, e de como ele se tornou o que hoje ele é. E o mais fantástico: por mais que os cientistas disfarcem, sequer a natureza de algumas das espécies terráquea consegue ser explicada pelo viés evolucionista.

A PRÓPRIA "EXPLICAÇÃO DIVINA", advogada pelo "criacionismo", nada consegue informar a respeito do que o ser humano é hoje. Se formos tentar conseguir essa explicação com base na argumentação disponível necessariamente concluiremos que "o processo deu errado", pois o modelo de entendimento, vamos dizer, mais razoável quanto ao que o ser humano hoje é — se é que realmente "ele é alguém" ou somente "está sendo um alguém" durante um tempo — sempre haverá de concluir que o "projeto divino deu errado", isso no que se refere ao humano terráqueo pretendido antes da sua expulsão do Éden. Afinal, seja pelo fato de termos saído do controle da vontade do Senhor Javé, quando começamos a discernir o bem e o mal, ou pelo simples fato de estarmos acabando com o planeta e com a vida, algo saiu muito errado em toda esta história.

O curioso é perceber que chegamos a esse ponto apesar de vivermos à volta com discursos religiosos edificantes e políticos que enaltecem os valores da vida e o respeito á natureza — esquisitices de uma raça de cretinos que não tendo a quem enganar engana a si mesma!

Explico melhor. Para a lógica ocidental, a razão humana está necessariamente dirigida para a idéia de conhecimento científico e toda "ação humana esclarecida" se move no sentido da construção desse arcabouço de conhecimento o qual, por sua vez, move a sociedade para o progresso.

Apesar de todo o inegável avanço que facilmente poderá ser verificado nesse sentido, os reflexos da realidade criada pelos tentáculos do progresso tecnológico e, portanto, científico, simplesmente deixam a desejar, pois estão longe de possibilitar a criação de um modo de vida digno e decente da Terra. E aqui o **problema** não é de "método" ou mesmo de "lógica ocidental", mas sim, do principal sujeito e protagonista desta história que é **o tipo de ser humano que hoje existe na Terra**. Independente dos compêndios filosóficos e do que possam dizer as religiões, enquanto "ele não se melhorar enquanto pessoa" nada vai progredir no sentido global.

"**Corrupção pessoal e coletiva**" eis uma das grandes chagas desta humanidade. A outra, e bem mais grave, é também mais velha: a **ausência de amor e de esclarecimento espiritualizado no psiquismo das pessoas**.

Vou, pois, perguntar algo que aqui não deveria ser questionado já que somente haverá de complicar o que pretendo explicar. Mas é inevitável!

Quanto de "acaso" existiu no longo percurso da rota evolutiva daquela primeira molécula de DNA surgida há 3,8 bilhões de anos até a complexidade que hoje marca o mais simplório dos seres humanos? Esta é uma questão difícil de ser apontada.

CONSTATAÇÃO.

Foram tantos acidentes ao longo do lento e penoso percurso evolutivo que mal consigo assimilar que "algo" realmente tenha evoluído por aqui. Parece-me bem mais que muitos protótipos trazidos de um outro "laboratório planetário" ou algo que a isso se assemelhe — ou mesmo de outros laboratórios — é que foram "pontuando" o que nós terráqueos chamamos de "evolução".

O PROBLEMA É que existiram muitos aparentes acasos e acidentes diversos — como será visto nos próximos capítulos — que destroem a argumentação criacionista nos moldes em que ela se dá. Afinal, um choque de um cometa com a Terra que dizima espécies e mais espécies que aqui estavam vivendo há milhões de anos, isso nada tem de programação divina e somente uma fé desarrazoada pode nisso crer. E com fé desse naipe não há mesmo o que se discutir: cada pessoa define a sentença da sua crença! O cometa que destruiu os dinossauros, há cerca de 60 milhões de anos, aqui chegou porque a criação de Javé teve, tem e terá sempre, até o ultimo de seus dias, problemas de toda ordem para serem administrados pelos que estiverem vivendo no âmbito deste universo.

A outra face da questão é que se existiu um "alguém" responsável pelos "desígnios inteligentes" que terminaram por modelar a evolução das espécies na natureza da Terra — ou um processo próximo deste ou que a isso se assemelhe — torna-se imperioso que comecemos a perceber que este "alguém" usou outros laboratórios além da biosfera do nosso planeta para enchê-la com um impressionante número de padrões biológicos. Assim, teríamos de fato algumas das espécies que hoje vemos na Terra evoluído nos padrões que conhecemos (equilíbrio pontuado + aspectos da seleção natural de Darwin[1]) sendo outras, contudo, trazidas para cá já prontas para a vida, tendo apenas que passar pelos processos adaptativos.

Sei que isso é inaceitável para quem se encontra fortemente vinculada às crenças e dogmas científicos vigentes. Sim, digo “dogmas científicos” porquanto estes também passaram a existir, apesar da crítica que o meio cientifico costuma endereçar aos dogmas religiosos. Afinal, muito do que hoje se discute na área da evolução é puro dogma advindo de alguns dos segmentos entre os seguidores dos postulados de Darwin.

Assim, o que estou procurando afirmar é que na discussão em torno do contexto evolutivo ainda se impõe mais este outro tipo de consideração completamente fora da ortodoxia científica e que se encontra além de toda e qualquer revelação anteriormente fornecida aos terráqueos nos detalhes que doravante será feito. E o mais interessante é que certos dogmas pseudocientíficos serão mais e mais confrontados por notícias que aportarão na Terra ao longo das próximas décadas. Isso, porque, alguns segmentos científicos não abrem mão de suas crenças e estão impedindo a percepção da verdade por parte dos terráqueos.

Refiro-me também aqui a “fatos ocorridos num passado imemorial” e cujos registros estão sendo permanentemente distorcidos pelos dogmas de alguns cientistas e mais ainda, ressalto o teor de “certas interferências” no processo evolutivo da natureza terrestre que também não foram e não são levadas a sério pelo pensamento científico, eventos estes que não poderei aprofundar neste livro, pois desviaria quase que por completo o foco central destas páginas: a relação entre as causas geradas por Javé no contexto terráqueo e o que o resultado isso influencia, para o bem e para o desassossego, o psiquismo do criador.

Eis um exemplo do já não mais inusitado assunto posto que superficialmente abordado nas páginas anteriores, mas que aqui iremos aprofundar:

CONSTATAÇÃO

A explosão de vida no período cambriano não aconteceu dentro dos parâmetros da teoria evolucionista de Darwin. Muitos dos animais — como por exemplo, a tartaruga — que repentinamente apareceram vivendo no planeta há algumas centenas de milhões de anos, não foram e não são produtos de nenhuma linha evolutiva ocorrida nos parâmetros da natureza terrestre.

Simplesmente foram trazidos para a Terra vindos de outros planetas que compõem algo que aos nossos olhos pareceria um circuito de mundos

nos quais desde há muito foram e ainda estão sendo cultivados diversas espécies animais com vistas a atender os objetivos do criador.

ÓBVIO que não espero que ninguém aceite o que aqui está sendo revelado, apesar do fato de nenhum cientista conseguir explicar o porquê das formas animais que apareceram no cambriano **não terem registros fósseis que lhes possam apontar alguma origem anterior**. Simplesmente não existem fósseis de absolutamente nenhuma forma “animal transitória antecedente” surgida naquela época. O que isso significa? Que foram todas destruídas pelos movimentos tectônicos da crosta planetária ou realmente jamais existiram porque, simplesmente, vieram de fora!

É fato que os movimentos geológicos do planeta terminam por eliminar registros fósseis, mas não é crível que tenha eliminado exatamente todos os fosseis que explicariam a origem de uma multiplicidade de animais que simplesmente apareceram ao “mesmo tempo”, ou seja, dentro de uma mesma faixa de tempo muito pequena perante a idade do planeta e de tudo o que nele existe.

Isso posto, penso que posso convidar o (a) amigo (a) leitor (a) para uma reflexão crítica sobre o histórico da evolução da natureza planetária que permanece disponível nos registros geológicos como também para o que esses apontam.

4

A ESTRANHA HISTÓRIA DA EVOLUÇÃO PLANETÁRIA

Os dados científicos nos permitem perceber que o nosso planeta surgiu no início do processo de arquitetura do sistema solar. O Sol foi se constituindo a partir da formação de uma nuvem de gás composta por hidrogênio e hélio, além de outros elementos químicos mais pesados oriundos da explosão de estrelas que um “dia” existiram na proximidade cósmica. A nossa estrela foi, assim, adquirindo massa enquanto gerava um campo de gravidade cada vez maior, o que facilitava a atração de mais massa para a sua formatação.

O chamado colapso gravitacional da nuvem de gás que resultou na formação da nossa estrela resultou no surgimento de um disco de poeira estelar em rotação ao seu redor. Surge assim o processo de acreção no qual pequenas formações vão se juntando e incorporando outros compostos de poeira estelar aglutinada, o que proporcionou volume e intensidade gravitacional.

Depois de alguns milhões de anos, esse processo deu origem não só ao Sol como também a diversas partes do disco de poeira estelar e gás em seu entorno que, com o passar do tempo, terminaram por se incorporar em grandes massas que deram origem aos planetas, dentre os quais a Terra.

Assim, p**or volta de 4,6 bilhões de anos atrás** surgia o nosso planeta. Após estabilizar-se em sua órbita, ao longo da primeira etapa da sua formação — período de 600 milhões de anos ao qual a geologia chama de Eon Hadeano — o continuado processo de acreção provocou um constante bombardeamento de incontáveis bólidos vindos do espaço. Em palavras simples, ao longo desse primeiro período geológico, a Terra era um “mundo de magma” em lento processo de esfriamento.

Somente no final do Eon Hadeano é que acontece a consolidação das camadas geológicas do nosso planeta nos moldes em que hoje conhecemos, a saber, um núcleo de ferro, uma camada intermediária liquida e quente chamada de manto, e a crosta que o recobre. Ao final dos primeiros 600 milhões de anos tem início o Eon Arqueano, quando o bombardeio diminui consideravelmente.

A atmosfera primitiva daquela época era composta principalmente por muito vapor de água, nitrogênio e dióxido de carbono e nela inexistia o oxigênio livre, apesar de que deve ser ressaltado que não existe um acordo entre os cientistas sobre a sua constituição. Com base em estudos, outro segmento cientifico presume que existia uma interação entre os elementos mais comuns, a saber, hidrogênio, carbono, oxigênio e nitrogênio, agrupados em compostos simples como amônia (NH_3), metano (CH_4), formaldeído (HCHO), vapor d água e ácido cianídrico (HCN). Contudo, para o que queremos verdadeiramente ressaltar esse aspecto não tem muita importância. Apenas cito as “divergências científicas” para esclarecer o (a) presumível leitor (a) destas páginas que o assunto ainda é controverso.

Naquela altura, a camada de ozônio que impede a passagem da radiação solar de alto potencial energético como a radiação ultravioleta, ainda não havia se formado.

Apesar disso e envolvida pelas mais estranhas circunstâncias, tem lugar o aparecimento da já conhecida **molécula-mãe** de todos os corpos de seres vivos que viriam a surgir na Terra, conforme apontado pela ciência. Existe ainda a hipótese para o aparecimento da primeira forma de vida primitiva como produto de uma conjunção de fatores dentre os quais a intensa atividade vulcânica daquela fase associada à radiação ultravioleta (devido à ausência da camada de ozônio), o que teria desencadeado determinados tipos de reações químicas as quais, por sua vez, teriam dado origem a um agregado de átomos ou grupo de moléculas que se tornaram capazes de induzir reações químicas que levaram ao processo de replicação de suas estruturas unicelulares. Aqui impera mais uma “crença científica” já que nada disso explica o rico, delicado e engenhoso encadeamento genético presente na primeira molécula-mãe.

De um modo ou de outro surgiram as primeiras moléculas orgânicas que foram as formas de vida mais primitivas das quais se tem notícia. Cada “molécula” individualizada era um sistema químico capaz de retirar energia do ambiente, de realizar o seu processo interno de metabolismo e de se

replicar.

Particularmente, e apoiado na tese do já citado prêmio Nobel de biologia Francis Crick, penso que foi do primeiro modo, pois a "perfeição" do código do DNA que surgiu nessas moléculas aponta para uma origem mais ricamente elaborada do que a simplória opção descrita como resultante da atividade vulcânica associada à incidência dos raios ultravioleta, além do que, a assim pretendida "geração espontânea" jamais teve lugar em nenhum laboratório terrestre, e pelo que penso apoiado inclusive nas afirmativas dos seres que assessoram o criador que insistem ter sido ele o mentor e o executor do processo de semeadura.

Segundo Francis Crick, a molécula de DNA é demasiado complexa para ter evoluído espontaneamente na Terra durante o curto período de tempo que decorreu entre a formação do nosso planeta, há quatro bilhões e seiscentos milhões de anos, e o **primeiro aparecimento de vida, ocorrido há cerca de três bilhões e oitocentos milhões de anos**. Em outras palavras, o primeiro organismo que apareceu na Terra o fez subitamente, sem qualquer sinal de precursores mais simples. Além do que, Crick considera improvável que organismos vivos tenham chegado a Terra como *esporos* de outra estrela ou incrustados em algum meteorito. Assim, o seu corajoso postulado é o de que uma forma primitiva de vida foi plantada na Terra por alguma civilização avançada de outro planeta de forma deliberada. Daí o fato decorrente de que todas as formas de vida da Terra representam um clone derivado de um único organismo extraterrestre.

De minha parte, como já dito, sou obrigado a pensar que a primeira molécula-mãe foi posta aqui na Terra por determinação do Senhor Javé, é o que os fatos apontam, por mais absurdo que possa ainda parecer ao olhar cientifico.

Os organismos primitivos unicelulares — os extremófilos — terminaram por "dominar o planeta" e, como exemplo dos seus registros fósseis existem os estromatólitos que têm 3,5 bilhões de anos preservados em rochas na Austrália. Os extremófilos são organismos que adoram ambientes extremos, tipo os lagos vulcânicos ricos em metano. Essas primeiras formas de vida unicelular eram anaeróbicas, ou seja, não dependiam do oxigênio.

Há 2,7 bilhões de anos começaram a surgir as moléculas corrosivas do gás oxigênio como resultado do metabolismo dos seres vivos fotossintetizantes que simplesmente apareceram por essa época. A partir desse ponto é que surge a fotossíntese — que mais tarde funcionaria nas

plantas terrestres e que é simplesmente a conversão da luz em energia — que é o metabolismo das plantas, ou seja, o modo com elas se alimentam e adquirem energia.

Já o registro fóssil das cianobactérias indica que esses seres fotossintéticos apareceram por volta de **2,5 bilhões de anos** atrás e devem ter sido os responsáveis pelo **aparecimento do oxigênio na atmosfera terrestre**.

Uma outra criatura unicelular surgiria 200 milhões de anos mais tarde, ou seja, **por volta de 2,3 bilhões de anos** atrás, hoje conhecida como ameba.

Foi assim que ao longo de todo esse tempo a Terra passou por inúmeras mudanças drásticas. Contudo, a mais importante delas foi a modificação da atmosfera que passou a ter oxigênio. Foi uma transformação tão superlativa que eliminou as formas de vida anaeróbicas primitivas e possibilitou o surgimento de novas, incluindo os misteriosos organismos multicelulares que viriam a dominar o planeta ainda no futuro distante. Ela começou quando as formas primitivas que viviam em meio aquoso passaram a se utilizar de um processo de obtenção de energia semelhante ao da fotossíntese no qual elas liberam o oxigênio das moléculas da água usando a radiação solar. Foi desse modo que o oxigênio liberado nos oceanos passou a reagir quimicamente com o estoque de minerais marinhos o que mais tarde provocaria a sua liberação para a atmosfera.

Centena de milhões de anos depois, a cada vez mais presença marcante do oxigênio alteraria profundamente a atmosfera o que possibilitaria a **formação da camada de ozônio** — cujas moléculas são formadas por três átomos de oxigênio — que passou, desde então, a servir como uma barreira de proteção para a radiação solar de alta intensidade energética, como a radiação ultravioleta.

A camada de Ozônio tornou os raios solares menos nocivos e permitiu o surgimento de formas de vida mais complexas. Nessa mesma época existem fósseis no Gabão que apontam para uma vida multicelular que ali teria surgido, mas parece não ter vingado, pois inexiste qualquer padrão de continuidade, pelo menos é isso que o atual nível de conhecimento conclui. Na verdade, também inexiste qualquer padrão de anterioridade evolutiva desses fósseis. Eles simplesmente aparecem naquele local — atente o (a) leitor (a) para esse aspecto.

Surgem, por fim, **há cerca de 1 bilhão de anos**, os já citados **metazoários unicelulares** que foram os primeiros habitantes com **alguma**

ordem de sofisticação a dominarem o planeta. Ressalto mais uma vez que “essa espécie” já surgiu com as marcas do que hoje pode ser classificado como **câncer**. Se a premissa da qual parto estiver correta, das duas uma: as “espécies” de seres unicelulares anteriores também estavam marcadas com o mesmo problema e a ciência apenas ainda não pode perceber esse “detalhe” ou o “problema” do câncer do Senhor Javé e dos seus principais assessores “repercutiu quanticamente” somente a partir do surgimento desses metazoários. Essas duas hipóteses pontuam a questão e tempo virá em que esta será melhor compreendida pelos terráqueos. Pessoalmente sou levado a pensar, pelos fatos que me cercam, que a primeira molécula aqui surgida já “nasceu” para este mundo com a marca da doença do criador.

O conjunto das muitas mudanças ocorridas até então foi essencial para que possibilitasse o aparecimento de espécies que utilizam o oxigênio e para o surgimento de vida na superfície das águas e, mais tarde, em terra firme.

Quanto ao aparecimento dos organismos multicelulares, conforme penso, os fatos e a ausência de linhagens fósseis transitórias, apontam para que esta vida multicelular, na verdade, parece ter aparecido por aqui como se trazida de outros rincões.

A gente adulta e desperta deste mundo percebe que os cientistas não sabem explicar como a teórica transição dos seres unicelulares em multicelulares se deu. O “espírito” da evolução proposta por Charles Darwin é utilizado para explicar, ainda que só em “teses”, todo o processo de surgimento de novas espécies sempre partindo da “premissa darwiniana” de que uma evoluiu a partir de outra e com isso se contentam todos, apesar da, repito, inexistências de fósseis comprovativos dessa crença.

Obviamente, como já referido no livro “O Drama Cósmico de Javé”, existe a já citada teoria do **Equilíbrio Pontuado a qual, associada ao já nosso conhecido conceito dos campos morfogenéticos de Rupert Sheldrake e apoiados nos saltos quânticos que promoveriam essas “mutações”** — só que não na nossa dimensão espaço-temporal — todo esse conjunto de conhecimentos esclarecedores explicam o salto evolutivo de muitas das espécies da natureza terrestre, mas não de todas, e nem muito menos da transição que se refere ao aparecimento dos seres multicelulares a partir dos unicelulares.

Defendo, pois, a possibilidade das primeiras gerações de seres pluricelulares terem sido trazidas de fora, seja pelo que eu mesmo posso deduzir dos fatos científicos como também com base nas “revelações” que

me chegam advindas dos seres que assessoram o Senhor Javé. Ao longo do livro, essa perspectiva será abordada sempre que necessário ao entendimento em torno da reflexão que se pretende semear.

Continuando com a descrição das etapas mais significativas do processo evolutivo da natureza terrestre, o próximo acontecimento digno de registro para o que aqui desejo demonstrar foi quando a Terra passou por **duas eras glaciais** há cerca de **800 milhões e de 580 milhões de anos** respectivamente.

Há divergências entre os cientistas sobre quanto da superfície terrestre foi efetivamente coberta pelo gelo. O fato é que logo após o descongelamento da superfície planetária ocorreu a chamada "**explosão de vida cambriana**", que se estabeleceu há **543 milhões de anos**.

Detalhe: os primeiros fósseis desses seres multicelulares de que se tem noticias são perturbadores por não demonstrarem linhagem antecessora que pudessem explicar como eles se formaram. Na verdade, tudo o que se pode detectar pelo método cientifico é que antes dessa geração de fósseis existiu o já referido congelamento de toda a crosta planetária ou de grande parte dela em duas oportunidades e, anteriormente, o longuíssimo período de 3 bilhões de anos terrestres no qual somente existiram seres unicelulares que faziam de tudo para sobreviver. Se assim é, **como, subitamente, depois do descongelamento planetário, surgiram seres pluricelulares altamente elaborados?**

Somente no chamado Folheto Burgess[1] (camada de fósseis nas Montanhas Rochosas na Columbia Britânica, no Canadá), ali se encontram registradas cerca de 65 mil espécies de seres pluricelulares complexos, os quais simplesmente parecem ter aparecido no planeta de uma hora para outra. Não existe um só fóssil sequer de transição evolutiva de nenhuma dessas 65 mil espécies. O que deveríamos pensar sobre isso? O que aqui poderia ser considerado como sendo o "óbvio"?

Os cientistas presumem, apenas presumem, que o óbvio é que os unicelulares transitaram por algum caminho evolutivo para o estágio de pluricelulares representados por essas 65 mil espécies.

Mais interessante ainda é perceber que um desses primeiros fósseis de que se tem notícia já apareceu nos oceanos com **"cinco olhos" para melhor se proteger dos ataques dos predadores —** reza o dogma da ciência tradicional. **Mas que predadores se antes dessas espécies nem mesmo existiam seres pluricelulares?** Quem teria que vir primeiro, os predadores para forçar a espécie que lhes serviria de alimento a, lentamente, por meio

dos processos evolutivos desenvolverem mais olhos para melhor se proteger ou as já bem assistidas teóricas “vítimas”, com cinco olhos para que quando os predadores surgissem... Convenhamos, algo está muito errado nesse contexto!

A questão que se impõe é: esse “medo de predadores” surgiu aqui na Terra ou já veio “pronta” de outras realidades planetárias também semeadas pelo DNA doentio do criador?

Ainda assim, mesmo supondo que os seres pluricelulares surgiram repentinamente nos mares do planeta, o fato é que “alguém” ou “alguns”, em obediência automática aos ditames do DNA doentio vigente nos seres deste universo, já surgiram para a vida pretendendo dominar e/ou destruir outras vidas — atente o (a) leitor (a) para o fato, pois que de um modo ou de outro o “problema da doença” se encontra caracterizado.

Não há outro modo de abordar esse tipo de assunto sem que seja de modo desassustado. O medo de questionar, de perquirir e de pensar criticamente não nos pode mover na direção da verdade, apenas dela nos afasta a cada “silêncio obsequioso” que nos é imposto pelo *establishment*.

Além do que, as duas eras glaciais pelas quais passou a Terra, entre 580 milhões e 800 milhões de anos atrás, podem ter causado problemas seríssimos para os organismos unicelulares e um possível obstáculo de desenvolvimento evolutivo dos mesmos. Contudo, alguns cientistas se esforçam por acreditar (haja crença!) que, nessas duas eras, o processo de congelamento sempre deixou brecha para que algumas áreas do planeta não fossem cobertas pelo gelo que tomou conta da superfície nas duas ocasiões.

A teoria é de cientistas americanos que acreditam que estas áreas permitiram aos micro-organismos resistirem às baixas temperaturas até que os vulcões emitissem CO_2 suficiente para reaquecer a atmosfera. Que seja! E como fica o surgimento de seres pluricelulares subitamente?

O pensamento científico tradicional agarra-se a ideia impossível de ser demonstrada: que os primeiros seres pluricelulares evoluíram a partir da “evolução” dos unicelulares. Mas, onde estão os fósseis que isso comprovam? – torno a questionar. O inquietante problema para a ciência é que os fósseis existentes demonstram algo muito mais grave que eu chamo do maior problema no campo da evolução que um dia a ciência terá que inevitavelmente se confrontar: a única explicação plausível e possível, diante dos fatos, é que **os primeiros seres pluricelulares devem ter “vindo de fora” ou, em outras palavras, foram trazidos para viver na Terra**. E o

pior: talvez não tenha sido somente uma leva com os “primeiros seres pluricelulares”.

Atente o (a) leitor (a) que a primeira molécula-mãe com o código do DNA que conhecemos também veio de fora. No futuro, quando os véus da nossa ignorância intelectual forem descerrados, o difícil vai ser descobrir o que é que não veio de fora. Mas, por enquanto, para a ciência, tudo surgiu daqui mesmo, ainda que ela não possa justificar coisa alguma do que acredita, o que nos lembra muito os dogmas religiosos tão criticados pela ciência.

Ratifico aqui a minha certeza de que sem a ciência esta humanidade não ira a lugar algum. Contudo, o que critico fortemente é o patrulhamento estéril e improdutivo de certos interesses científicos inconfessáveis que enaltecem o método cientifico como se o estivessem praticando quando, na verdade, apenas manipulam informações e impõem conclusões com base em crença tão ou mais absurda do que o que se pode observar em alguns segmentos religiosos.

Mas, de onde esses pequenos seres poderiam ter vindo?

Reflexões possíveis:

a) de outras naturezas planetárias que também foram semeadas com uma “molécula-mãe primordial” advinda da condição bioquímica-mental do Senhor Javé com “fator de ativação” semelhante ao que se verifica nos seres vivos da Terra?;

b) de naves ou bases laboratório estacionadas próximas à Terra, quando da semeadura dos seres pluricelulares?

Outra resposta plausível seria o “salto quântico” que a ciência de vanguarda já aponta como sendo a explicação para as lacunas de fósseis que são apontadas pela já conhecida teoria do Equilíbrio Pontuado. De fato, esses saltos quânticos existem, mas, como afirmado anteriormente, não penso que tenha sido isso que ocorreu quando da transição — se é que houve — dos seres unicelulares para o estágio de pluricelulares. Quem sabe se os seres pluricelulares simplesmente não foram “trabalhados ou produzidos lá fora" e depois postos na Terra e passaram a conviver com os unicelulares?

Muito bem! Quais as implicações desta hipótese obviamente improvável para a ciência que, em certos casos, parece só enxergar o que deseja ver e entroniza a argumentação que lhe é cômoda ainda que em detrimento dos fatos? A principal implicação é também bastante incômoda porque o DNA tanto dos seres unicelulares quanto o dos pluricelulares, como de sorte o de

todos os seres vivos que compõem a natureza terrestre, encontra-se ativado em apenas cerca de 3% do seu potencial sendo o restante (97%) considerado “DNA-lixo” pelos cientistas — apesar de que esse “lixo” ainda reservar muitas surpresas pelo que ele “esconde”.

Isso apontaria para um outro aspecto muito singular: seja a origem desses seres outras naturezas planetárias ou mesmo as naves ou bases laboratório, todos esses micro-seres foram forjados a partir de um DNA propositalmente ativo no fator de aproximadamente 3%, o que implica numa base operacional ampla que envolveria muitos planetas e civilizações em torno de um mesmo mister evolutivo: **o desenvolvimento de seres complexos cujos corpos somente herdassem cerca de 3 % da doença que marca a condição pessoal do criador deste universo.**

A Terra seria o **planeta-sede desta última etapa do “projeto” que envolve uma certa quantidade de mundos**, dentre eles um mundo aquático que pertenceria ao sistema de Sirius (mais especificamente a estrela anã vermelha Sírius C[2]) que visa ajudar o criador, através de “corpos-ferramenta” humanizados, a reconfigurar os padrões do seu DNA pessoal por meio da influência emocional amorosa advinda dos seus “filhos e filhas” da Terra e de alguns outros mundos com um padrão de afetação do DNA um pouco acima do da Terra (7%, 10%, 18%, algo assim), mas que também permitiria a emissão de algum tipo de contribuição vibratória pacificadora para o criador.

Peço imensas desculpas a quem porventura passar a vista por estas páginas por não produzir uma abordagem mais simples e bem construída sobre o assunto — o que resta de força corporal já não permite. Não disponho, portanto, do tempo existencial necessário para o aprimoramento do estilo. Devo aproveitar o que me resta na condição humana para ao menos semear as reflexões pontuais que julgo importantes com o objetivo de que, no futuro, se isso for útil, alguém clarifique o que aqui apresento sem me preocupar com o didatismo.

Outro curioso aspecto do pretenso ciclo evolutivo das espécies da natureza terrestre diz respeito ao **aparecimento da função reprodutiva sexuada.** O aparecimento — inexplicável para a ciência — de um novo modo de reprodução agora com a participação de dois corpos pluricelulares é um dos temas mais fascinantes ditados pela necessidade desesperadora do Senhor Javé em produzir “ferramentas melhores” para o seu progresso e o dos demais seres que com ele participam da cúpula diretiva universal. E aqui está um outro inquietante aspecto desta história: **o fator sexual não surgiu na**

Terra, mas parece ter sido trazido para cá. Isso é o que deduzo e, para minha própria surpresa, os mentores destes trabalhos afirmam.

Surgiram, então, seres altamente elaborados, sob a perspectiva pluricelular, que passaram a povoar, primeiro os mares, e depois a terra e o ar da biosfera planetária. E independente de todos os demais aspectos, a percepção darwiniana quanto à origem das espécies é tão bem articulada, pois que implícita na questão da origem da vida se encontra o que mais tarde o avanço da ciência viria confirmar: o curioso aspecto que mesmo diante de toda essa diversidade a nossa volta, quando vista sob a perspectiva do nível molecular, a unidade existente, **em termos de origem comum**, entre todos os seres vivos, torna-se patente.

A questão é que se muitas das espécies que atualmente vivem na Terra foram geradas lá fora e se as mesmas apresentam o padrão molecular ressaltado anteriormente, tendo todas elas cerca de 3% do seu DNA ativado, isso implica que a **"última semeadura" promovida pelos arquitetos do Senhor Javé em diversos mundos-laboratório desta galáxia se deu com o objetivo de edificar corpos com esse fator de ativação da doença e das características do criador.**

É sabido que a evolução, nos moldes darwinianos, investe na variabilidade com vistas às mutações que tornam as espécies mais habilitadas à vida. Em outras palavras, **evolução seria a habilidade que o ser tem de se modificar ao longo do tempo**. O que Darwin chamou de "seleção natural" é a aplicação dessa habilidade na arte da sobrevivência a qualquer custo que os indivíduos de cada espécie tiveram que desenvolver por viverem no contexto da criação problemática do Senhor Javé.

Na sua época, Darwin apenas conseguiu afirmar que as variações ocorriam, mas não teve como apontar o porquê e nem como elas ocorriam. Mas ele e todos os seus seguidores modernos partiram da premissa que apenas a Terra era o laboratório de todo o processo evolutivo. Mas a análise dos fatos implica em que não é bem assim.

Para além disso, existe ainda o fluxo incessante de acidentes e do "aparente acaso" advindo da continuidade dos eventos da existência cósmica interferindo sobremaneira nos processos evolutivos planetários espalhados pelo universo.

No caso da natureza terrestre, o assunto assumirá ares ainda mais controversos pelo que veremos no campo das diversas extinções em massa que tiveram lugar, como veremos a seguir.

O fato é que as rochas do chamado período cambriano contêm, em abundância, fósseis de animais. As rochas cambrianas (de Cambria, antiga designação latina para Gales, Inglaterra), descansam sobre as pré-cambrianas e contêm fósseis marinhos. É sabido que todos os grandes grupos de animais **invertebrado**s já existiam **por volta de 510 milhões de anos.**

Há cerca de **450 milhões de anos** ocorre a **primeira grande extinção em massa**. Caro (a) leitor (a,) atente para o seguinte detalhe: depois de um processo de cerca de 4 bilhões de anos formulando e formatando a vida, eis que alguns poucos milhões de anos depois da explosão cambriana toda a vida terrestre e aérea se extingue por uma explosão de raios gama cuja fonte se encontrava na nossa galáxia, sobrevivendo apenas parte da vida aquática. "Obviamente", não parece existir uma **coordenação** de quem quer que seja por trás desse processo, ou caso exista — e os seres que assessoram o Senhor Javé afirmam que sim — ela parece agir na "sobra do que as circunstâncias" o permitem.

Por volta de **410 milhões de anos** surgem os **primeiros peixes** e logo depois os **primeiros anfíbios** e, segundo alguns cientistas**,** também a primeira leva de animais a conquistar a terra firme. Contudo, conforme anunciado no mês de março de 2006 por três pesquisadores estadunidenses, ocorreu a descoberta de fósseis (em rochas da Ilha Ellesmere, no Canadá) de uma espécie de **"peixe com patas"** (denominado *Tiktaalik roseae*) que pode ser um elo entre os dois estágios da evolução da vida, ou seja, os animais aquáticos e os terrestres. Com a idade de **375 milhões** de anos, o fóssil encontrado passou a representar para a ciência, a transição entre a vida na água e na terra. Assim, por volta de **360 milhões** de anos atrás, os animais adaptam-se à vida na terra e começam a andar sobre as patas.

Há cerca de **355 milhões de anos surgem os** primeiros répteis. Há **270 milhões de anos surgem as** primeiras plantas primitivas e nova leva anfíbios. Nessa época os continentes terrestres estavam reunidos sob a formação geológica denominada **Pangeia**.

Eis que novamente o inusitado faz valer a sua presença no emaranhado jogo da vida na biosfera terrestre: há **252 milhões de anos** tem lugar a **segunda extinção em massa** sendo esta a maior já percebida pelos parâmetros do nosso método cientifico. Na verdade, os cientistas teorizam que já ocorreram cinco grandes extinções e que na atualidade estamos no meio da sexta, cuja causa somos nós mesmos, mas não entrarei no mérito desta questão para não desviar a atenção do (a) leitor (a). O fato é que cerca

de 96% de todas as espécies marinhas e sete em cada dez vertebrados (70%) se extinguiram (fauna e flora). Passou a ser conhecida como a “Extinção em Massa do Permiano” ou “Pérmico-Triássico” ou ainda “Grande Mortandade”.

Sabe-se ainda que nesse período ocorreu a interrupção da “**circulação termolina**”, ou seja, a rede de correntes marinhas que responde pelo equilíbrio climático no planeta e também pela vida oceânica**.** Isso foi causado pela queda de um meteoro com 11 km de diâmetro que, em caindo de um lado do planeta, provocou um ciclo de explosão vulcânica do outro, associado aos desdobramentos do choque. **Toda a superfície da Terra ficou devastada.** Diante dos fatos inquestionáveis a pergunta que se impõe é: existe um ser criador por trás de todo esse processo aparentemente caótico onde a vida que acontece a duras penas é simplesmente extinta por efeito da queda de um cometa? Sim, tornamos a afirmar, contudo impõe-se também a percepção de que ele “colocou uma roda para girar”, mas não a consegue controlar. Ele tenta produzir os seus desígnios nos processos em curso, mas não consegue evitá-los ou controlá-los, por mais que na Bíblia o mesmo afirme que sim.

Ainda nesse mesmo período um meteoro também foi o fator que permitiu o **surgimento dos dinossauros** e o seu local do impacto foi perto da Austrália, mas isso ao tempo da Pangeia, o que provocou explosão em massa dos vulcões na Sibéria, o que apenas ratifica que eventos como os descritos acima não foram e nem são administrados por nenhum ser criador. Simplesmente fazem parte do ciclo de eventos cósmicos que ocorrem obedecendo às leis de causa e efeito já decodificadas pela ciência terrena. Essas leis, sim, foram e são produtos da formatação mental do criador ainda quando da sua intenção em gerar um universo nos moldes por ele desejados, quando ainda se encontrava na sua condição de divindade — é imperioso que o entendamos.

Há cerca de **230 milhões,** após o reordenamento das condições da biosfera planetária, surgem os primeiros répteis do período como também as primeiras plantas com sementes. Há **180 milhões de anos** estabelecem-se como os “donos da Terra” os já referidos dinossauros. Contudo, um pouco antes em relação a essa época já existiam os primeiros mamíferos sem que, contudo, exista nenhuma linhagem de fósseis que explique cabalmente a anterioridade evolutiva dos mesmos. Eram tímidos, fracos e pequenos — do tamanho de um rato — só que não eram fáceis de serem encontrados pelo fato do período diurno ser dominado pelos dinossauros.

Como todos os anfíbios e répteis que hoje existem, alguns dos dinossauros seriam (isto continua a ser questão controversa) animais de sangue frio. De toda forma, na friagem da noite, sobretudo no inverno, algumas espécies de dinossauros se recolhiam. Os mamíferos tinham sangue quente e podiam andar fora de suas tocas durante a noite. Mas para trabalharem nas trevas eles tinham de ser muito bons na utilização de outros sentidos além do da visão. E foi nessa que época o cérebro dos mamíferos desenvolveu-se juntamente com um elaborado mecanismo que lhes apurava a audição e o olfato, barreira que os defendia de qualquer dinossauro que pudesse andar à caça durante a noite.

Por volta de **65 milhões de anos** ocorreu a **extinção em massa dos dinossauros** — e 70% de outras espécies então existentes — devido ao impacto de um asteroide (e os seus desdobramentos) do tamanho do monte Everest. Foi a partir deste episódio que os mamíferos passaram a dominar a cena planetária quando apareceram 28 ordens de mamíferos (16 ordens e seus múltiplos gêneros e espécies ainda vivem).

Há **55 milhões** de anos houve um grande pico de aquecimento global. Muitas espécies surgiram depois disso dentre as quais os primeiros cavalos, vacas e primatas. Na árvore genealógica destes últimos, há cerca de **8 milhões de anos** os gorilas bifurcaram-se da linha evolutiva. Há cerca de **7 milhões de anos** o ainda não identificado (se é que existe) e agora extinto antepassado comum de homens e chimpanzés separou-se dos gorilas. **Entre 7 e 6 milhões de anos** o galho comum entre homens e chimpanzés na árvore da evolução se separou. É nesse ponto que, na própria base da linhagem humana, encontra-se situado o derradeiro ancestral comum que partilhamos com os chipanzés.

Desde esse tempo — marca de **6 milhões de anos** — que a região do Médio Awash, na Etiópia, parece ser o lugar habitado mais antigo do planeta. Ali, membros da nossa linhagem viveram e morreram ao longo dos últimos 6 milhões de anos. Para os cientistas, a história de como nos tornamos seres humanos está ali registrada nas suas muitas camadas. No caso de muitas espécies os registros fósseis têm demonstrado, de modo dramático, que a evolução implica uma construção sobre o que já havia sido estruturado. Contudo, para outras tantas, não há vestígio dessa continuidade e no que se refere às espécies antecessoras a do *homo sapiens*, aqui é que o problema fica definitivamente estabelecido.

O fato é que para os cientistas antropólogos e paleoantropólogos o gênero

dos hominídeos evoluiu a partir dos chamados ***Ardipithecus*** para o ***Australopithecus*** e mais tarde para o ***Homo***.

Quando o gênero *Homo* já dominava a cena terrestre com o *homo heidelbergensis*, que vivia no continente europeu, eis que há cerca de **640 mil anos o "super-vulcão" de Yellowstone (nos EUA) entrou em erupção** e muitos dos assim considerados ancestrais dos humanos modernos pereceram.

Surgem, posteriormente, os *homo neanderthalensis* vivendo nos continentes europeu e asiático, e o homo rhodesiensis vivendo na África, há cerca de **600 mil anos.** Cem mil anos depois surge o homo floresiensis.

Por fim, há cerca de **160 mil anos**, surge a espécie do *homo sapiens*, cuja "Eva ancestral" viveu há 150 mil anos e o "Adão ancestral" há 140 mil anos. Por essa época, algumas espécies do gênero *Homo* coexistiam na Terra e teria sido possível algumas delas existirem até os dias atuais. Contudo, ocorreram outros fatores que terminaram por fazer da nossa espécie a única a ter sobrevivido a toda essa história. Um desses fatores parece ter sido **a mais forte explosão vulcânica dos últimos 2 milhões de anos de anos que ocorreu há 74 mil anos atrás, quando o Monte Toba explodiu** dando início a mais uma e inesperada "idade glacial" no planeta que perduraria até cerca de 13 mil anos, quando a Terra começou a esquentar e com o consequente degelo, os mares começaram a subir para o atual nível que hoje conhecemos.

A nossa espécie surgiu para a vida planetária, mas até hoje não se sabe exatamente — com a certeza exigida pela visão positivista — a partir de qual linhagem ancestral. Tudo é suposição e nada existe de certeza científica.

Se protótipos da nossa espécie foram trazidos dos tais mundos laboratórios, não se sabe, apesar de que existem mensagens advindas de seres de fora que afirmam continuadamente a possível migração. Se foram os "deuses do passado" ou, em outras palavras, os extraterrestres que se fizeram presentes na história pretérita do planeta quem criaram os humanos pensantes da Terra, também não se sabe, apesar de que é exatamente isso que é afirmado nas crônicas sumérias — fonte original dos primeiros livros da Bíblia — dentre outras, Se evoluímos "naturalmente" a partir de alguma outra espécie existente, também não se sabe. Em resumo, não sabemos lá muita coisa sobre nós mesmos. Mas o orgulho científico não gosta de se recordar disso.

A "visão acadêmica" que "domina o assunto" vive e age como se soubesse. Mas de nada sabe. Hoje se discute até a possibilidade dos macacos

terem surgido a partir do homem e não o inverso como sempre se acreditou. Isso ressalto apenas para demonstrar quão pouco se sabe sobre o assunto. Contudo, para os pretensos donos da verdade sobre “a origem da vida” na Terra e, em especial o da espécie *homo sapiens*, é “certeza sagrada” que nada pode ter vindo de fora já que lá fora não existe coisa alguma. Diante disso, vale o dogma no qual eles acreditam, mas não a verdade dos fatos. E qual é a verdade? Dentro em breve seremos obrigados a reconhecer que não sabemos e a sermos esclarecidos quanto à questão ou permanecermos na ignorância em relação assunto ainda que o mesmo seja elucidado por fontes inusitadas.

Isso ressalto, porque o Senhor Javé e demais divindades a ele consorciadas num projeto que de modo prematuro veio a se tornar uma realidade complicada, colocaram uma “roda” para girar e não há quem a impeça — nem mesmo a Deidade que não interfere no livre-arbítrio de nenhum ser — disso acontecer. Ao girar, esse mecanismo gerou, por sua vez, uma “maquina de produzir vida” simplesmente inimaginável até mesmo para os padrões iniciais dos sonhos criatórios das divindades envolvidas na questão. E nós, cidadãos terráqueos, estamos longe, muito longe de um patamar mínimo de compreensão adequada sobre a complexidade da questão cósmica que envolve a vida na Terra. A visão que temos é sobremaneira afetada seja pela crença simplória ou pelo cientificismo estéril.

Uma visão perquiridora equilibrada sobre a realidade que nos rodeia, esta parece uma atitude relegada a poucos buscadores da verdade, normalmente solitários e não pertencentes a nenhum segmento *establishment* religioso ou cientifico. Estes, costumam não serem bem vistos nem por uma ou por outra ordem estabelecida. Nada contra, e se tivesse que optar por um lado não hesitaria em me alinhar com a busca científica, acadêmica, apesar da inevitável guerra de egos que enfeia qualquer paisagem. Apesar disso, os fatos que me rodeiam sequer são admitidos pela quase totalidade da visão científica atual, apesar desta desconhecer — por manter os olhos fechados — os reais parâmetros em que se processam os eventos espirituais e extraterrestres.

Assim afirmo porque acho muito interessante, na verdade, curioso, o teórico embate entre a visão positivista a que me referi anteriormente — que afeta a quase todos os cientistas — e o que costumamos chamar de metafisica. Mas, curioso em que termos?

O positivismo é um termo cunhado pelo filósofo Auguste Comte[4], arquitetado para confrontar o pensamento metafisico, se é que para os

positivistas existe algum tipo de “pensamento” na metafisica. Para o positivismo, apenas o conhecimento cientifico é válido merecendo assim toda a pesquisa que a ele possa ser aplicada. Com vistas a esse fim, a pesquisa deve ser limitada a questões que possam ser verificadas, medidas e experimentadas de tal modo que se possa repetir o procedimento cientifico. Para o positivista, apenas a ciência assim posta produz o conhecimento válido por ser detentora de resultados concretos, sem margem para dúvidas.

Penso que este conceito está correto, só que, incompleto, por uma razão bem simples: o contexto espiritual e muitos dos aspectos cósmicos não se enquadram nas verificações, medições e experimentações das limitadas óticas e capacidade humanas no campo da percepção e da tecnologia. E como “essas coisas” sempre estiveram presentes ao longo da história humana, e a tal visão científica do positivismo somente surgiu na primeira metade do século XIX, tudo o que aconteceu de “estranho” — assim visto pelos olhos positivistas — no passado deve ser enquadrado como o quê?

Todas as cidades megalíticas e seus misteriosos alinhamentos astronômicos, todas as revelações advindas de seres de fora que coabitavam com os terráqueos, conforme descritos em absolutamente todas as mitologias disponíveis, tudo isso será visto como pelos critérios do positivismo?

Óbvio que a pretensa austeridade da visão positivista é um excelente caminho para a decodificação de muitos dos painéis da verdade maior que nos cerca, mas não para todos, e é esse o aspecto “curioso” e totalmente ilógico de uma peça de medida científica que peca já no seu estabelecimento de “medida da realidade total”. Simplesmente é inexequível, apesar de compreensível na época em que foi estabelecida, até mesmo para se contrapor ao peso dos dogmas religiosos ocidentais que abafavam a liberdade dos cientistas de então. Mas hoje, diante dos fatos que vivemos, como fica a visão positivista? Obviamente prejudicada! Os fatos simplesmente acontecem independentes do que os positivistas possam pensar. Além do que, eles não têm respostas para as verificações, medições e experimentações no que se referem às explicações que tal visão deveria fornecer sobre as lacunas existentes nos estudos sobre os seres unicelulares, os pluricelulares e todas as espécies que hoje existem na natureza, apesar dos positivistas não conseguirem explicar coisa alguma do que realmente aconteceu no passado planetário. Contudo, se apegam as suas conclusões contradizendo os princípios que dizem abraçar.

Do outro lado se encontram os ”criacionistas” e suas teses nada têm a ver

com metafisica na medida em que pecam por manter os olhos fechados ao que cabalmente já foi conquistado pelo esforço cientifico e objetivamente demonstrado como sendo verdade, como é o caso de que os famosos "sete dias da criação divina" (seis de trabalho e um de descanso) correspondem na verdade a muitas centenas de milhões de anos, o que não é aceito, apesar de óbvio. Quando o "óbvio" não é mais "óbvio" fica complicado qualquer contraditório ou mesmo qualquer troca de ideias. Afinal, em termos geológicos, a "mortalha do tempo" é o depósito das camadas geológicas de cada período do passado e isso é facilmente aferível pelo avanço das medições cientificas e isso é óbvio, mas somente não é para os que fecham os olhos à verdade dos fatos e se apegam doentiamente as crenças as quais se acostumaram.

A suprema ironia de toda essa história é perceber cientistas doentiamente apegados aos seus pontos de vista, de um lado e do outro, sem que deem oportunidade à verdade para que ela um dia possa ter lugar.

James Gardner[5], no seu livro "O Universo Inteligente", pergunta-se quanto ao *por que nossos maiores gênios — Gell-Mann, Feynman, Newton e seus iguais — podem humildemente admitir como é limitado o alcance do insight e da compreensão humanos enquanto espíritos menores proclamam ruidosamente a certeza de suas conclusões e descartam energeticamente qualquer dissidência, dúvida ou ceticismo?*

A breve resposta, penso, é que os seres humanos preferem a certeza, mesmo que seja uma falsa certeza, à sensação de vertigem induzida por um reconhecimento realista de que estamos, pelo menos na maior parte do tempo, tropeçando no escuro num caminho sem sinalização pelo agreste desorientador de uma realidade desconhecida, talvez incognoscível. Encarar os limites do nosso conhecimento e a enormidade da nossa ignorância é uma habilidade adquirida, para usar palavras brandas. Mas é uma habilidade que vale a pena cultivar. Pois se não percebemos onde terminam as praias da teoria científica razoavelmente bem estabelecida e onde começa o imenso mar da verdade não descoberta, como poderemos medir nosso progresso em direção a uma compreensão científica mais profunda e abrangente?

De minha parte, sobre a existência ou não de um "desígnio inteligente" ou "divino" por trás dos eventos acontecidos na história geológica do nosso planeta, chego a conclusão de que se nós formos obrigados a aceitar o fato inequívoco de que muitos "acasos aparentes" ocorreram na longa e penosa história da evolução das formas vivas da natureza terrestre, seremos também

forçados a então admitir que o planejamento da parte do criador, das duas uma: inexistiu ou foi obrigado de modo perene a sempre se adaptar às circunstancias das condições planetárias e do fluxo dos acontecimentos cósmicos. Mas quanto a sua intenção de formatar todas as formas de vida a partir da sua semente pessoal, isso parece ser muito difícil negar pelo peso dos fatos que estão à frente de quem tiver olhos abertos para além de ver, enxergar!

Será que a resposta a esta questão não é a de que houve realmente uma semeadura do DNA de Javé e o desenvolvimento, a partir disso, do que foi possível ser mais propenso a se desenvolver na natureza terrestre?! Isso intercalado com a vinda de levas e mais levas de espécies que foram cultivadas em "mundos-laboratório", sempre com o fator de ativação de cerca de 3% do DNA, e que hoje se encontram totalmente adaptadas ao ambiente planetário.

Esses "mundos-laboratório" têm a ver com o sentido maior de um "jardim local de experiências do criador com fins evolutivos" e toda esta história tem relação com o fato de que diversas civilizações do passado foram cultivadas por seres anfíbios claramente descritos, como é o caso das civilizações chinesa, sumeriana, egípcia, dentre outras, conforme descrito nas suas mitologias.

O interessante e surpreendente é que numa visão mais ampla, ou seja, observando-se o que aconteceu com os processos evolutivos interligados nesses mundos, pode-se facilmente verificar que a **ideia evolutiva de Darwin**, em linhas gerais — desde que acrescentada aos saltos quânticos que os campos morfogenéticos de cada espécie produzem — **é um fato real sob a perspectiva universal**. Mais interessante ainda é a necessidade de agregar a esse processo evolutivo os modelos existenciais advindos da mente do criador e de alguns dos seus assessores, que funcionaram e ainda funcionam como "arquitetos da vida universal".

E pelo que se encontra narrado nas mitologias do passado, muitos desses seres atuaram na semeadura da vida no nosso planeta até que o ponto culminante do processo fosse atingido, com o surgimento da espécie *homo sapiens*, só que não nos moldes que hoje conhecemos, mas sim nos que haviam sido sonhados pelo criador e que dizem respeito ao "Adão e Eva" puros e ingênuos que terminaram por não vingar. Isso, porque, um ramo de dissidentes da hierarquia do Senhor Javé optou por "estragar" o planejamento do criador e o resto desta história foi vivida pelos humanos da Terra sob a

égide dos “anjos rebeldes[6]” — entenda-se: o quartel general da rebelião de Lúcifer preso numa faixa astral influenciando uma das linhagens dos *anunnakis* que na época se encontravam na Terra — sem que jamais pudessem compreender o pano de fundo que sempre esteve por trás dos acontecimentos terrenos. Finalmente, chegou o momento!

5

JAVÉ E O “SEU” UNIVERSO

TENHO TIDO muita dificuldade em levar adiante a reflexão em torno dos temas que me foram solicitados pelos mentores espirituais e pela força operativa vinculada ao Senhor Javé. Esta “força-tarefa”, conforme a percebo, deve ser entendida como sendo os tais anjos-clones que são os instrumentos costumeiros que fazem valer os seus desígnios ou, em palavras menos rebuscadas, os seus caprichos pessoais que quase sempre somente representam a sua vontade doentiamente impulsiva.

Por outro lado, não sei se simplesmente fui “acordado” enquanto meus irmãos e irmãs terráqueos permanecem adormecidos para esses aspectos de uma presumível verdade maior que nos envolve, mas que dela as notícias disponíveis na cultura terrestre não são levadas a sério — eu que o diga, pois durante boa parte da presente existência não levei o “fator Javé” a sério, conforme descrito na Bíblia e em outros livros da antiguidade!

Levei anos para aceitar o primeiro contexto desse envolvimento com as questões “além da vida”, e aqui me refiro aos amigos espirituais por meio do processo conhecido como mediunidade. Jamais pretendi me envolver com o processo, só que, inevitavelmente, a minha condição humana foi abraçada pelo mesmo a após uma certa dose de resistência simplesmente me deixei levar.

Quando estava me acostumando a lidar com a componente espiritual, eis que, inopinadamente, surgem os seres extraterrenos, a princípio com seus “corpos desdobrados”, também se comunicando comigo por meio do que na Terra chamamos de canal mediúnico. Isso até o ano de 1999, pois desde então, o contato com esses seres, ou melhor, com algumas das duas naves e

sondas com as quais costumam se aproximar da Terra, passou a ser claro e direto, sem subterfúgios ou apoiado em algum tipo de processo mediúnico.

Apesar de sempre me encontrar de olhos postos na beleza da vida em si mesma, ao observar o "modo como os seres vivos da Terra interagiam uns com os outros", inevitavelmente era levado a pensar que, o "vale de lágrimas planetário" no qual vivíamos não podia ter nenhum tipo de relação com qualquer modo decente de se viver a vida que pudesse existir para além das fronteiras da nossa percepção. Quando observava o nosso "modo terráqueo de ser" pela ótica religiosa, sempre achava que o "sentimento sagrado comum à crença religiosa" envolvia a realidade numa auréola de divindade ou santidade difícil de ser atestada pela desesperadora luta pela sobrevivência de todas as espécies. Muito cedo percebi que tínhamos de enganar a nós mesmos para, somente assim, poder aceitar o pretenso "zelo especial dos céus" pelas coisas da Terra, apesar do caos que nos marcava o cotidiano.

E ali me encontrava sendo objetivamente contatado por seres extraterrestres, o que me encantava o psiquismo por imaginar o que um dia o significado da presença daqueles seres poderia representar para todos os terráqueos. No âmbito da minha existência, inquietava-me o porquê daquilo acontecer somente comigo, nos moldes em que estava ocorrendo, mas as explicações que me eram ofertadas pacificavam o meu psiquismo.

Mal imaginava que tanta "objetividade" tinha como objetivo o de me envolver para que se cumprissem os "desígnios do Senhor Javé" quanto às suas questões pertinentes ao jogo que está em curso entre ele, Vishnu e Shiva, em torno da questão universal — este assunto, se o tempo de vida me permitir, deverá ser tratado em livro específico. Assim fizeram os assessores de Javé porque sabiam que, somente através do concurso mediúnico eles não me levariam a fazer nada do que pretendiam. Tanto é que, depois do anuncio indevido da chegada do Mestre Jesus, nem mesmo mais com a objetividade que lhes marcava a atitude para com a minha condição humana, nem assim eles me sensibilizaram mais em coisa alguma no sentido de fazer isso ou aquilo, e isso permanece até os dias em que escrevo estas linhas, apesar do preço que pago por esta atitude.

Claro que esses seres têm muito poder — recebido diretamente por força da herança do DNA do criador — de destruição, de influência, de interferirem positiva ou negativamente na "vidinha terrena" de qualquer um de nós — de acordo com a "ordem" que recebem, pois a quase totalidade deles não tem vontade própria — enfim, podem muita coisa, mas não podem

tudo! Dependerão sempre do livre-arbítrio do ser terráqueo, desde que este tenha um mínimo de força espiritual despertada por força dos próprios méritos.

O fato é que por mais que eles possam nos influenciar em algum momento, algo vindo do mais intimo de nós mesmos aflora, e quem, então, decide é o “modo de pensar do ego terreno”, seja uma opção próxima do que consideramos acerto ou equivoco, isso para aqueles que praticam algum tipo de conduta reflexiva e não se deixam levar somente pelos impulsos.

Nessa luta de fugir à influência e as “lavagens cerebrais” às vezes advindas desses seres, muitas vezes os corpos animais humanos cansam, adoecem e sucumbem, e quando isso eles percebem, chegam mesmo a se arrepender, mas já nada ou muito pouco podem fazer, em especial por quem nada espera desses seres, o que penso ser o meu caso. Tenho sofrido muito dessas “influências impositivas” e a elas não tenho cedido o que sempre tem “preço a ser pago” e minha conta devedora parece não ter fim. Mas sobre isso devo silenciar para não assustar as pessoas de boa crença que acreditam que “anjos do criador do universo” não podem agir dessa forma. Que seja!

Saiba o (a) amigo (a) leitor (a) que muito pouco do que me foi, a princípio, ordenado e depois pedido, de fato foi feito por mim. O pouco que fiz e faço refere-se apenas à publicação desses livros e as palestras disponibilizadas em áudio e vídeo para as gerações futuras, se isso tiver ou vier a ter alguma utilidade. Caso não, registro que é o que a minha consciência me permitiu fazer.

Por que me refiro a isso? Apenas para ressaltar quanto me é difícil cumprir com o pouco do que decidi fazer — forçado por uma série de circunstâncias advindas da postura ditatorial do Senhor Javé — do muito que me foi posto por esses seres. Porém, devo sair desta vida sem concluir, no meu psiquismo humano, se foram realmente as pressões violentamente impostas sobre a minha sensibilidade humana ou se foi o pesar que senti ao perceber a real condição da dramática decadência de todos esses seres, principalmente a que acomete o Senhor Javé, o que me levou a fazer o pouco que fiz, ainda que com toda sorte de equívocos. Talvez na somatória dos dois fatores resida a minha verdade.

Uma das questões que mais me intrigam a sensibilidade é a insistência desses seres em me demonstrarem o seguinte:

Constatação.

A Terra é somente um dos mundos que pertence a um sistema de civilizações, todas elas vinculadas ao projeto da construção de um "elo energético" entre os seres cujos DNAs se encontram edificados com um marco vibratório em torno de 3% de ativação em relação ao que marca o do criador deste universo. Essa ponte vibratória seria o canal através do qual as emoções e os fluidos advindos dos pensamentos e sentimentos desses seres chegariam até a sensibilidade do criador, gratificando-o ou "infernizando" o seu estado pessoal.

FOI quando descortinei um aspecto do grande contexto que somente a muito custo o absorvi como possível verdade. Para minha agradável surpresa, quando comecei a pesquisar o assunto na vanguarda da ciência e fora dela, descobri que outras mentes já haviam descerrado o véu da aparente camuflagem que nos ilude os sentidos.

Enquanto procurava compreender o porquê da doentia preocupação do criador deste universo em ser obedecido a qualquer custo é que cheguei à conclusão que somente poderia existir uma explicação: o que qualquer ser pensante sentia, pensava e fazia, haveria de ter um grau de importância, para o seu "bem-estar pessoal", simplesmente inimaginável para o nível da compreensão terrena.

"Não posso ser contrariado", dizia-me a toda hora o Senhor Javé, para de mim escutar expressões absurdas do tipo: "qualquer miserável ser terráqueo pode ser contrariado e não adoece por causa disso; que tipo de doença tem você para ficar tão enfurecido somente por ter sido contrariado?"

Não foram momentos nada agradáveis os que tive e tenho que passar na companhia desses seres. Mas o fato é que essa convivência estranha me fez perceber que, sob a perspectiva do esclarecimento espiritual, somente seres muito atrasados e doentes se permitem enfurecer por serem contrariados, e ali me encontrava lidando exatamente com seres desse naipe. Nem mesmo os chamados "espíritos perturbados e perturbadores" e/ou desencarnados com caráter espiritual de sofrimento e de necessidades diversas se comportavam daquele modo. Que tipo de seres poderiam ser aqueles que se apresentavam com naves e/ou de outros ambientes astrais, e cujo comportamento era marcado por aquela doença que inapelavelmente os transformava em seres programados para serem obedecidos pelos terráqueos e que ao mesmo tempo eram também programados para obedecerem cegamente ao seu comandante?

Fui percebendo aos poucos que os tais "anjos-clones" eram meros robôs

da vontade daquele que se apresentava como criador, mas que, ao cumprirem os seus desígnios exigiam a mesma obediência dos terráqueos que eles são obrigados a ofertar ao Senhor Javé.

Ao constatar que os livros da antiguidade, considerados "sagrados", falavam, todos eles, desses seres e ali estavam os tais seres me cobrando uma "obediência cega" a eles e ao seu comandante. Comecei a não levar a sério coisa alguma do que me acontecia ou ao meu redor, já que não podia fugir nem conviver com tamanho assédio. E o inacreditável é que o patrulhamento ostensivo deles jamais cessava.

Em um certo momento desse processo descortinei que eles não agiam por maldade, mas sim, por desespero, e esse aspecto comecei também a perceber no comportamento do próprio ser que se me apresentava como sendo o criador. Foi quando me percebi — e a cada ser humano — como uma "tecla" de um grande computador que conforme era acionada de algum modo causava um tipo de repercussão na "pessoa do criador". Mas não é o espirito que anima a cada um de nos a tal "tecla", mas sim o corpo animal que os nossos espíritos se utilizam. Daí o desespero do criador, desde que "Adão e Eva" começaram a agir por vontade própria e não mais de modo obediente e submisso a sua vontade, já que essa questão era o que "alimentava" a condição pessoal do Senhor Javé, fosse para o conforto ou desconforto pessoal do seu ser.

Foi desse modo que fui me obrigando a tomar notas de algumas constatações que correta ou equivocadamente arquitetava da minha convivência com aqueles seres.

CONSTATAÇÃO.

TODO ESTE UNIVERSO É, na verdade, um grande computador cujas "teclas" são as "corpos-ferramenta" dos seres nele existentes, daí o porquê todos eles terem sido gerados direta ou indiretamente a partir do mesmo código do criador.

Esse aspecto revelava também que, como ele desconhecia a perspectiva espiritual por trás da sua obra, mais me parecia que a "máquina de gerar vida não-pensante e dele dependente", na verdade representava uma espécie de "pedido inconsciente" a que outros "programadores" — no caso espíritos individualizados — acionassem as

teclas por ele criadas com o intuito de “edificar o cérebro central do computador”, ou seja, “ele mesmo” só que agora enquanto divindade caída e degradada na sua condição pessoal.

A Espiritualidade Superior não teve outra alternativa a não ser a de prover à máquina de gerar vida que o DNA do criador espalhado por todo o universo terminou por produzir, a quantidade de espíritos com consciência edificada ou não para compor a estrutura espiritual da sua obra quantizada na faixa de realidade a qual estamos submetidos.

ESSAS TECLAS DEVERIAM EXERCER as suas funções conforme o padrão de necessidade do criador como também o da cúpula angelical ao seu redor. Mas, funcionar em que sentido? De acordo com os programas (softwares) pré-estabelecidos pelos ditames do DNA do criador — único modo de pensar e de agir que lhe é possível devido a sua natureza — e isso atrapalha bastante.

É exatamente nesse aspecto que reside o inquietante drama, seja do criador ou das criaturas por ele ou a partir dele (do seu DNA pessoal) geradas: ele não consegue “abrir mão” de ser ele próprio quem comanda esta gigantesca operação cósmica, o que obviamente não combina com a liberdade dos seres pensantes que passaram a existir na sua criação, o que aparentemente é um paradoxo. Em outras palavras, ele gostaria de ter a capacidade de “acionar todas as teclas” para o fim que ele pretende, mas jamais teve capacidade para tanto devido a sua queda. Devido à doença que lhe marca o psiquismo afetado, a sua natureza “não confia” que outros o façam. **E este é o grande problema do universo no qual nos encontramos existindo.**

Como compreender a causa e a possível solução desse problema que, quando é convenientemente percebido, enche de estupefação a quem dele se apercebe?

Só há um modo: o plano (o projeto mental do universo que veio a ser plasmado) não foi formulado somente pela divindade hoje chamada de Senhor Javé — ao que parece, ele pensa que assim foi, e isso ainda é motivo de controvérsia entre algumas divindades — mas também por outras mentes que investiram na “liberdade de pensamento e de atitude” como “único modo de num futuro longínquo consertar a criação defeituosa” que inevitavelmente foi expelida da sua mente.

A inquietante questão é que o aspecto de independência espiritual dos seres evolutivos que começaram a nascer para o “seu universo”,

“independente da vontade de Javé,” é motivo de contenda entre muitos dos seus pares até os dias em que estas linhas estão sendo produzidas. Isso porque somente muito tempo depois é que o criador percebeu que o surgimento desses seres independentes, com possibilidade de progresso, obedecia a um outro projeto em relação ao qual ele, na sua doença egocêntrica típica da sua natureza, sentiu-se traído e passou a desconfiar dos objetivos do mesmo.

O despertar de “Adão e Eva” terráqueos é somente um ultimo capítulo de uma novela cósmica que há muito vem se arrastando. Somente sob essa perspectiva se pode entender o porquê da **doentia submissão exigida do “Deus do Antigo Testamento” em relação as “suas” criaturas terráqueas.**

Um outro aspecto singular do problema é que, após decorridos alguns bilhões de anos, e o surgimento de sucessivas gerações de anjos-clones, é que o Senhor Javé percebeu um dos painéis do seu drama.

CONSTATAÇÃO.

O PROCESSO de geração dos anjos-clones, cujos corpos se encontravam ativados entre os padrões de 99,9% até aproximadamente 40% da herança genética do criador, o que implicava em serem semelhantes e plenamente obedientes ao Senhor Javé, terminou sendo percebida pelo próprio criador como “problemática”. Na verdade a história não foi tão simples assim, pois ele teve que primeiro ser “agredido”, na sua capacidade de gerar novos seres a partir dele mesmo, para somente mais tarde entender o problema.

A doença que marca esses seres infelicita até hoje a todos os viventes deste universo. Somente a atitude consciencial madura e amorosa da parte de cada “tecla” do imenso computador é que poderá pacificar o seu “arquiteto e engenheiro de plantão”, que não consegue ter um instante só de sossego.

A natureza que marca o Senhor Javé não sabe o que é paz profunda e satisfação espiritual. Somente conhecem esses sentimentos aqueles que repousam seus egos no Sagrado que habita no íntimo de cada ser aparentemente individualizado, seja divindade ou evolutivo.

A PARTIR dessa percepção é que **diversos laboratórios** — com graus de afetação do DNA do criador ainda elevados, só que agora servindo como

matéria-prima para seres evolutivos e não mais para criação de anjos-clones — **foram estabelecidos em algumas galáxias.** Infelizmente, todo esse processo quase sempre foi realizado em meio a problemas de desassossego e de rebeliões de toda ordem. Alguns desses projetos não vingaram, outros ficaram "no meio do caminho" e somente uns poucos foram adiante, apesar das dificuldades.

Toda essa questão estava, pelo menos, teoricamente, sendo administrada pela hierarquia do Senhor Javé, sem que ele nem ninguém mais conseguissem perceber que, quem realmente "acionava" as teclas do seu "computador universal" não eram somente os ditames advindos do DNA afetado do criador que predispunha o comportamento de todos os seres, mas sim e, principalmente, pelas mentes espirituais individualizadas com possibilidade de progresso que começaram a povoar o universo a partir de um determinado ponto da sua história.

Na verdade, desde há muito, esse espíritos davam sustentação aos corpos gerados pela vontade do Senhor Javé, com base no seu DNA pessoal, fossem estes anjos-clones, com precaríssimas possibilidades de evolução (despertar espiritual) ou os seres evolutivos que surgiram "num segundo momento", com menor grau de afetação no tipo de DNA herdado direta ou indiretamente do criador, o que os permitia e permite evoluir espiritualmente.

Ocorreu, então, uma verdadeira revolução ainda não esclarecida ao conhecimento humano, quando a hierarquia adoentada do criador classificou, a princípio, a presença dos espíritos por trás dos corpos dos seres evolutivos como "**invasão indevida**".

Essa visão permaneceu "problemática" por muitos evos até que os cientistas mais esclarecidos dentre os membros das muitas gerações dos anjos-clones do Senhor Javé, atinaram com a necessidade de que, para a criação universal pudesse existir nos moldes em que foi colapsada, era mesmo necessário uma "ajuda energética de fora" que **estruturasse a constante aglutinação da matéria de acordo com as "ordens mentais"** advindas da divindade quando da criação, antes da sua queda. Afinal, foram os **elementos do modelo mental** da divindade, quando plasmou a singularidade que deu início a este universo e as esferas a ele adjacentes, **quem definiram exatamente as faixas de realidade da criação**. O nosso universo físico é apenas uma dessas faixas, apesar de que, no contexto do que foi criado, é a mais importante — em termos de estratégia — por uma serie de questões a serem compreendidas no futuro.

O **colapso quântico** de cada uma dessas faixas de realidade foi produzido pelo "**pacote de ordens mentais**" da divindade e é este é o fator que até hoje, decorridos 13,7 bilhões de anos, continua a prevalecer como sendo a **força que mantém, no nosso caso, o universo coeso**. O que isso significa?

CONSTATAÇÃO.

O "mistério" ainda por ser compreendido e percebido até mesmo pelos cientistas que arquitetaram o entendimento para decodificar a "informação matemática" que se segue, é o de que o universo, ou nosso senso de realidade, se recria a cada 10^{-44} de um segundo. Em outras palavras: a cada segundo, a energia do campo quântico se colapsa (se transforma) em matéria, bilhões de bilhões de vezes, e o cérebro humano e nenhuma tecnologia consegue notar que isso está acontecendo nesse ritmo singular. E isso acontece devido à ordem mental inicial advinda da mente da divindade criadora.

O FATO DE "PARTE DA ENERGIA" do campo quântico — ou matriz quântica — se transformar em matéria bilhões de bilhões de vezes a cada segundo, isso implica que **os nossos corpos animais** e tudo o mais que existe também **são recriados bilhões de bilhões de vezes a cada segundo** o que, obviamente, não conseguimos perceber.

E aqui estamos nos referindo a um tempo tão pequeno, que seria ainda imediatamente "anterior e inferior" ao "Tempo de Planck"[1], que o cérebro humano simplesmente não tem como vislumbrar. O assunto é bastante controverso porque qualquer tipo de medida "anterior e/ou inferior" ao "Tempo de Planck" já não pertenceria à faixa de realidade que conhecemos, mas sim, aos planos quânticos subjacentes. Não tenho como aprofundar o assunto no presente livro, pelo que me desculpo.

Ainda assim, para o (a) leitor (a) que porventura tiver lido "O Drama Cósmico de Javé", será fácil o vislumbre de que a singularidade "energético-vibratória" que foi expelida da portentosa mente da divindade simplesmente passou a ser reformatada a intervalos de tempo de 10^{-44}, o que implica em que o universo se expandiu em pacotes de energia, o que foi genialmente percebido por Max Planck. Foi este notável cientista alemão quem percebeu que a energia, em vez de ser contínua, era emitida em pacotes — quanta — o que por sua vez explica o intervalo de recriação automática do universo a

cada bilionésimo de bilionésimo de segundo, no já referido “intervalo de tempo” de 10^{-44} de um segundo.

O interessante é que os **nossos espíritos compõem “parte da força” que fornece a sustentação para que esse processo de recriação automática continue a se dar**, isso no caso dos corpos animais transitórios aos quais eles se encontram vinculados pelo nascimento ou encarnação. Em outras palavras, **são eles quem decidem como vão “acionar as teclas do DNA do criador” que lhes estão “emprestadas” por força do nascimento para a faixa de realidade pertencente à criação do Senhor Javé**. Pelo menos é assim que ele, desde então, passou a saber que, a cada corpo que surgia na sua roda de gerar vida, um espírito produzido ou vindo do muito além das fronteiras da sua criação era quem, na realidade, “apertava a tecla do seu computador”. Foi quando esse ser, na sua doença, **começou a exigir submissão absoluta** de todos os “seres com capacidade de pensar” que nasciam para o “seu universo”.

No caso terrestre, **este é o maior aspecto do seu drama pessoal**!

Mas como podemos compreender melhor a metáfora do universo como um computador? Será mesmo uma metáfora ou, simplesmente, a mais pura realidade, e aqui já não deveríamos estar nos referindo ao nosso universo como um gigantesco e majestoso computador quântico?

Edward Fredkin[2], professor do Massachusetts Institute of Technology, dentre outras universidades, considerado como o “guru da computação” e gênio autodidata pelos seus pares, tem como conceito básico o de que a **“in-formação” é o material básico de que é feito o universo, e que a matéria e a energia são fenômenos derivados**. O que isso implica?

É consenso entre os cientistas com visão de vanguarda que os elementos formadores da realidade universal são o espaço-tempo, a matéria, a energia e a “in-formação”, sendo, esta última, a componente essencial de tudo o mais, até porque seria ela a definir o espaço-tempo, a energia e a matéria. Daí o conceito de Fredkin de que a “in-formação” seria o material básico da edificação universal e que, por isso, a matéria e a energia seriam fenômenos derivados.

De onde veio essa “in-formação” que formatou o espaço-tempo e o jogo vibratório entre as faixas de realidade a que comumente denominamos energia e matéria? Resposta: conforme penso, veio da mente da divindade antes da sua queda. É o que costumo chamar, nas minhas reflexões, de “pacote mental” da divindade que definiu absolutamente tudo o que viria a

surgir no nosso universo — e nas faixas de realidade a ele adjacentes — a partir da sua vontade expressada pelo contínuo fluxo de colapso quântico.

Stephen Wolfram[3], no seu livro *A New Kind of Science* (Um Novo Tipo de Ciência), apresentou a tese de que, **para todos os fenômenos complexos que são observados na física existiria um programa simples que, se rodado por tempo suficiente, conseguiria reproduzir nosso universo em cada detalhe**. Segundo Wolfran, os cientistas não deveriam procurar uma "teoria de tudo", mas sim, um "**software de tudo**" que, rodando por tempo suficiente, reproduziria o cosmos e tudo o que nele existe. Contudo, ao analisar as ideias de Wolfran e de Fredkin, o mais espantoso, para mim, foi perceber a seguinte afirmação feita por Edward Fredkin[4]:

Acredito que o universo é literalmente um computador e que ele está sendo usado por alguém, ou por alguma coisa, para resolver um problema. Parece uma piada de boa/má notícia: a boa notícia é que nossa vida tem um propósito; a má notícia é que seu propósito é ajudar algum hacker remoto a calcular o pi com nove jilhões de casas decimais.

Nas circunstâncias em que vivo, fiquei pasmo e, ao mesmo tempo, aliviado, ao perceber que um gênio da física digital havia descortinado a existência de um "alguém", ou de "alguma coisa", e ainda mais "com alguma ordem de problema para resolver", por trás do processo da criação universal.

No já referido livro "O Universo Inteligente", de James Gardner, base de algumas das afirmações reproduzidas neste trabalho, ele faz o seguinte questionamento envolvendo a opinião de Edward Fredkin:

O que o computador cósmico está efetivamente computando? O que ele está tentando calcular? Fredkin admite que não faz ideia e afirma que não há como descobrir a resposta para essa questão suprema — ou a Identidade do Programador Cósmica — sem ficar esperando que o programa que constitui o universo em evolução complete todo o seu ciclo operacional.

Ainda segundo Edward Fredkin:

O que posso dizer é que me parece que este universo em particular é uma

consequência de alguma coisa que eu chamaria de inteligente... Há alguma coisa por aí que quer chegar a uma resposta para uma pergunta... Alguma coisa que deu início ao universo para ver o que acontecia.

QUANDO ALGUÉM DO MEU TAMANHO, sem qualificação formal nos campos dos assuntos aqui tratados, é levado pelos fatos a perceber a intenção de um alguém situado num outro contexto existencial de se comunicar e de se fazer percebido pelos terráqueos, pouca atenção deve ser ofertada à questão, o que é compreensível. Mas, se o caso é de "personalidades ilustres" tidas como geniais que apontam que deve existir um alguém que se situa além do nosso modo natural de perceber a realidade que nos envolve, isso deveria merecer um esforço concentrado do que de melhor existe em termos de capacidade de busca desta humanidade. Mas nada acontece! **A verdade não mais se impõe,** por mais que ela esteja escancarada no DNA de todas as formas vivas da natureza terrena, por mais que ela esteja objetivamente demonstrada, seja no modo como o início deste universo ocorreu ou mesmo pelo que hoje se pode perceber como sendo a intenção inicial de algo inteligente em produzir o universo nos termos em que hoje o conhecemos.

Se assim se comporta esta humanidade desagregada em seus princípios e propósitos, a pergunta que inevitavelmente se impõe é: quem tem qualificação formal para descortinar a figura de um criador por trás da criação? Os cientistas? Os religiosos? Quem? Talvez a junção de todas as capacidades do humano terráqueo ou, quem sabe, somente nos sobre o método da dedução do que é óbvio perante o que pode o ser humano descortinar como tal. Em resumo: qual será a autoridade terrestre a poder afirmar que realmente existe um criador por trás de toda esta história? Será que existe alguma ou alguém que possa ser travestido como sendo tal autoridade? Ou será que essa informação somente poderá "vir de fora", do tipo, "alguém extraterreno" chegar aqui e afirmar tal coisa. Isso funcionaria? – deixo a reflexão para o (a) leitor (a).

Quanto a mim, penso saber que essa "força extra-universal" — aqui estou me referindo a algo que transcende à questão extraterrestre — tem investido bastante para que um mero mortal do meu tamanho possa perceber o que, apesar de manifestado permanece incompreensível para o entendimento terráqueo. E isso nos remete para além das questões aparentemente duvidosas quanto ao fato de existirem ou não espíritos desencarnados — que continuam vivos e atuantes residindo em outras esferas — como também para a dos

seres extraterrestres de modo geral. O fato é que, para além dessas duas componentes, existe ainda uma “força congregada de seres algo atípicos” que se apresentam como uma espécie de “cúpula universal” em torno de um ser absolutamente estranho para os padrões do entendimento humano, e que se apresenta como sendo o criador deste universo.

Se é verdade que essa “força-tarefa” em torno deste criador fez, no passado bíblico e védico, e ainda faz de tudo o que eles podem fazer para que alguns humanos da Terra saibam disso, a pergunta que agora obviamente se impõe é: por **que esses seres e o criador, em particular, simplesmente não se apresentam**?

A resposta que pude arquitetar é, a princípio, absolutamente estranha: **eles, com algumas poucas exceções, simplesmente não o podem fazer porque estão doentes e já não têm mais forças para tanto**. Eles quem? — pode o (a) leitor (a) questionar. O Senhor Javé e os seus anjos-clones que existem na realidade astral adjacente a este universo. Mas, então, quem são os seres extraterrestres que comandam as naves e que aparecem para os humanos no âmbito deste universo? Existem diversas componentes que compõem esta resposta. Vamos a todas elas:

— ANJOS-CLONES DO SENHOR JAVÉ que foram criados para “nascer para este universo”, que vivem e atuam no seu ambiente interno sem dele poderem sair. Recebem ordens diretas do criador e da sua hierarquia que se situam para além das fronteiras que conhecemos, por meio do fluxo incessante que se baseia na semelhança dos seus DNAs ativados em alto percentual, o que os deixa completamente submetidos às ordens advindas do “comando geral”, como se robôs fossem;

— INCONTÁVEIS CIVILIZAÇÕES evolutivas que surgiram para a vida a partir da semeadura do DNA do criador ativado em grau menor do que o dos que marca os anjos-clones;

— EQUIPES DE SERES de outros níveis existenciais e por isso devemos entender outras esferas dimensionais ou outros universos. Esses seres somente nos visitam em ocasiões especialíssimas e jamais interagem com os cidadãos deste universo — pelo menos por enquanto.

— E NÃO ESQUEÇAMOS QUE, para além disso tudo, existe o que de fato é eterno, que é o que chamamos de Espiritualidade Superior.

CADA UMA DESSAS componentes tem alguns ou diversos sub-níveis que não importam agora para a nossa atual capacidade de entendimento já que, para o que pretendo explorar, basta que possamos ter uma ideia geral sobre a questão, como proposta acima. Isso não é a verdade última dos fatos e nem muito menos a representa em escala reduzida. É apenas um simples modelo de entendimento que nos ajudará a um dia compreendermos o que chamamos de "verdade" em toda sua amplitude.

O fato é que os anjos-clones residentes nos limites deste universo, e que são simples executores das ordens vindas do Senhor Javé, também se encontram adoentados, apesar de possuidores de uma portentosa tecnologia. Entre eles, também existem as "exceções", se por isso entendermos seres que já despertaram as suas "personalidades excelsas", apesar de submetidas aos ditames dos corpos transitórios constituídos a partir do DNA afetado do criador. Estes já despertos, parecem fazer parte da ainda "discreta força conspiratória amorosa" que atua no âmbito da hierarquia adoecida em torno do Senhor Javé.

Deixando absolutamente claro — e reconheço, paradoxalmente, mais confuso para o modo clássico de se pensar sobre seres alienígenas — os seres humanos terráqueos se encontram situados numa base de existência que é visitada por seres extraterrestres que são anjos-clones e por outros que são evolutivos. Além disso, somos "administrados" por uma hierarquia de seres que se encontram numa realidade paralela a que vivemos e nesta não mais podem se fazer presentes. E não esqueçamos que ainda "interagimos vibratoriamente" com diversas esferas espirituais nas quais se encontram os chamados "espíritos desencarnados".

Apenas a título de ressalte, o "modo clássico" de se pensar sobre os ETs a que me referi, diz respeito ao aspecto que sempre foi pensado como sendo o lento processo evolutivo que presumivelmente civilizações que surgiram a mais tempo que a terrestre seriam, por conseguinte, mais evoluídas sobre a perspectiva espiritual, o que não corresponde necessariamente à verdade dos fatos que estou sendo obrigado a constatar e a aqui reproduzir. O quadro é bem mais complexo do que pode imaginar a nossa vã pretensão de pontificar sobre o que ainda desconhecemos.

Assim, é pertinente que nos questionemos sobre quando será que a

qualificação formal dos terráqueos permitirá que todo esse contexto existencial seja descortinado pelos “mais qualificados” entre nós? E quem seriam estes? Ora, seriam exatamente aqueles que adquiriam o conhecimento academicamente posto como sendo através do melhor método de construção do nosso pensamento, que é o método cientifico. Mas por que estes não percebem o que já começa a parecer tão óbvio? Infelizmente, penso eu, porque a temática encontra-se misturada à emoção religiosa das pessoas e isso parece impedir o descerrar dos véus tanto os da ignorância quanto os do orgulho intelectual e espiritual de muitos.

Recordo-me que, há somente duas décadas, falar de “exoplanetas” — planetas situados em outros sistemas estelares — era assunto somente da “crença dos lunáticos” que acreditavam em vida extraterrestre, apesar da obviedade do assunto em qualquer modo de reflexão livre. Hoje é assunto trivial entre os cientistas. Aqui, contudo, tenho a obrigação moral de ressaltar que na ciência, por mais que possamos inferir a existência de alguma coisa, será sempre preciso descobrir e/ou provar criteriosamente que a tal coisa é real

Acreditar em vida extraterrestre ainda é assunto de lunáticos, apesar da obviedade do assunto, repito, para as mentes que podem se dar ao luxo da reflexão livre e sadia, livre dos apegos acadêmicos. Mas, até quando? Até quando toda a população planetária puder dispor de uma educação científica e maturidade espiritual? Mas, e se existir um conjunto de problemas muito mais sério que não pode esperar que os terráqueos adquiram uma “educação científica” que os habilite a tanto e que por isso essas noticias terão de ser veiculadas independente de tudo o mais como uma espécie de “preparação” para alguma coisa?

Eis a questão:

Constatação.

A doença do Senhor Javé, a dos seus anjos-clones e a que nos é própria, não podem esperar pelo natural avanço cientifico dos terráqueos, pois está em jogo uma série de problemas de extrema gravidade, dentre eles: a situação pessoal de alguns dos seres envolvidos, em especial a do Senhor Javé, associado ao perigo que corre a singela sobrevivência da vida humana na Terra como também a do próprio planeta, dentre outros aspectos hoje incompreensíveis, mas que serão percebidos no futuro.

TALVEZ, por isso, o Senhor Javé não tenha outra alternativa, a não ser a de escolher “pessoas descompromissadas” de aspectos formais quanto ao modo de pensar comum aos terráqueos. Daí a minha profunda admiração por todos os que se encontram vinculados ao progresso do pensamento humano e situados no meio acadêmico e, ainda assim, colocam em risco as suas reputações, apontando para a existência “desse alguém” ou de um foco criador para toda esta história. Se para alguém do meu tamanho o preço a ser pago já é de monta superlativa, o que não dizer do que cai sobre os ombros das personalidades ilustres do mundo acadêmico que ousam abordar esse assunto de modo destemido. A esses o meu reconhecimento e minha homenagem — que para nada servem — pelo fato de se exporem em nome dos seus códigos filosóficos de conduta, tratando do tema “criador do universo” livres de quaisquer influências religiosas limitadoras e, acima de tudo, libertos da prisão acadêmica da “ortodoxia do momento”.

6

O SER HUMANO E O “UNIVERSO DE JAVÉ”

NÃO É BEM uma metáfora a representação do nosso universo como sendo um grande computador. Parece ser a pura verdade, só que do tipo quântico-espiritual — pelo menos é assim que o defino com os termos disponíveis — isso, porque, vem da atitude dos espíritos, a partir das esferas espirituais a que pertencem, o impulso mental comum ao “observador ou ator quântico”. E é assim que as teclas físicas deste imenso computador são acionadas no movimento do jogo da vida. O óbvio desta situação um dia será a percepção comum de toda a humanidade. Por enquanto, parece ser mera ficção ou exagero de excêntricos. Que seja!

Outro detalhe a ser percebido é que os nossos espíritos não se encontram “dentro” dos corpos animais que nos marcam a caminhada terrena. Muito pelo contrário! Eles, na verdade, estão e são livres desde que suas mentes, apesar de submetidas temporariamente aos cérebros animais, continuarem a exercer a sua soberania sobre a natureza animal transitória. Assim, eles apenas se encontram “ligados energeticamente” aos corpos do nascimento até a morte dos mesmos.

Os nossos espíritos atuam a partir da “esfera” onde se congregam os que estão “encarnados” e “entre” eles — que existem na esfera espiritual de onde atuam, entenda bem o (a) leitor (a) — e os corpos animais que utilizam se **encontra o plano quântico que obedece às ordens mentais** deles aadvindas.

Os corpos animais são meras vestimentas que os nossos espíritos utilizam conforme as atitudes produzidas por suas mentes. Estas influenciam, inexoravelmente, o plano quântico subjacente à realidade física que se forma

e se compõe a partir dessas “atitudes mentais” dos atores espirituais vinculados à vida física temporária.

Qualquer espírito minimamente esclarecido que exista do outro lado da vida sabe disso. Nós é que, ainda que já esclarecidos pela Revelação Espiritual[1], desconhecemos o processo e dele não nos damos conta. Daí o fato de acharmos que o que costumamos pensar através do cérebro físico define quem realmente somos quando essa “camuflagem” é somente uma mera ilusão que nos faz tomar o ilusório, o transitório e o irreal como sendo o “real”, e ainda nos darmos o luxo de pensar que nada mais existe além do que os sentidos do corpo mortal apontam como sendo a “realidade”. É o poder de *Maya*[2].

Um grande aspecto deste problema é que o mesmíssimo fator de ilusão que nos limita o discernimento também afeta ao Senhor Javé e aos seus anjos-clones que com ele coexistem prisioneiros da faixa de realidade astral em que se encontram desde o início da história universal, a partir do momento em que foram criados. A única diferença é que de lá eles nos percebem e nós não os percebemos objetivamente. Contudo, eles não conseguem sequer vislumbrar o mundo espiritual, nem mesmo por meio do que na Terra chamamos de mediunidade, e é nesse aspecto que reside a “cota de maya” desses seres.

Na faixa de realidade em que o criador e seus anjos–clones existem, eles levam as suas vidas absolutamente em função das necessidades do Senhor Javé. Nenhum dos milhões de seres que se encontram prisioneiros desta esfera existencial, desde em que nela foram criados e dela somente sairão quando seus corpos fenecerem, nenhum deles, o repito, tem “um objetivo existencial” sequer que os distinga uns dos outros. Eles ali existem somente para servirem o criador universal. Não há metas pessoais de crescimento ou de conquista seja intelectual ou espiritual.

A chamada “distorção no objetivo existencial” neles ocorre quando a doença, advinda do grau de afetação do DNA dos seus corpos, os motiva a serem “mais poderosos” do que os demais, isso em termos dos poderes que herdaram da cessão do DNA pessoal do criador. Dito assim, para a lógica terrena, o tema parece ser incompreensível, mas é exatamente esta a única diferença que os distingue: o “grau de poder que cada um pode vir a ter” além do que já lhes foi outorgado no momento em que foram gerados pelo criador.

A lógica deles nos parece perversa, e de fato é, mas é a única que têm, e aqui me refiro à maioria dos que lá se encontram, porque somente fogem a

esse modo de vida os que **já despertaram as suas “personalidades espirituais” e são obrigados a isso disfarçarem por força do patrulhamento** que até “pouco tempo” sempre existiu entre as diversas classes de anjos-clones geradas pelo Senhor Javé. Não há ficção terrena que se aproxime da triste verdade que marca a existência estéril desses seres.

CONSTATAÇÃO.

NÓS, os terráqueos, fomos criados doentes e ordenados a sermos perfeitos. Eles também foram criados doentes, num grau ainda mais deprimente, só que com alguns “poderes mentais”, mas deles nada se espera no campo da evolução espiritual. Somos nós e outras espécies do cosmos que temos de evoluir para, então, “ajudá-los”.

O ASPECTO mais inquietante desse contexto é que muitos deles são “personalidades divinas” que foram para o sacrifício desde os primeiro tempos da criação universal imperfeita e problemática, e lá ainda permanecem como os tais “membros discretíssimos” da “conspiração amorosa” que envolve o criador sem que disso ele o saiba com certeza, apesar desta ser ainda uma questão controversa. Há muito ele desconfia desse aspecto em seu entorno, mas parece que já desistiu de fazer disso um problema, até porque o **cansaço existencial e certas doenças já grassam nas fileiras da sua vasta hierarquia de anjos-clones**.

Para melhor compreensão do (a) leitor (a), é imperioso recordar que, para o que desejo aqui ressaltar, existem **quatro grupos de anjos-clones** distribuídos sob a forma de muitas gerações e espécies distintas:

A) OS QUE AINDA SÃO ABSOLUTAMENTE FIÉIS e se comportam como meros robôs da vontade do criador;

B) OS QUE SÃO FIÉIS, mas problemáticos, porque disputam a posse de “mais poder” no âmbito da hierarquia e foram e são causadores de muitos problemas;

c) os que se rebelaram abertamente contra a ordem estabelecida e se encontram, quase que na sua totalidade, “presos” em certas situações existenciais;

d) os que despertaram espiritualmente e já são conhecedores do seu “eu profundo” e que permanecem discretamente ou não atuando junto à hierarquia do Senhor Javé.

Um dos aspectos do drama pessoal do Senhor Javé é que e esses seres também são ferramentas ou teclas do seu computador quântico. Este se encontra alicerçado na memória de cada um dos “elétrons” que passou a existir para as faixas de realidade que compõem a criação total advinda do plano mental da divindade. E o **grande problema é que ele “perdeu o controle sobre algumas dessas teclas”** há muito tempo.

Constatação.

Sim, cada elétron — ou seu correspondente — que existe nesta e em outras faixas de realidade, tem memória quântica para guardar toda a sua experiência por ele vivida ao longo da história da criação[3.] E é o conjunto dessa “totalidade de vivências”, pela qual cada elétron passou, um dos principais alicerces sobre o qual se apoia o projeto de reintegração do Senhor Javé à sua condição perdida de divindade — o outro alicerce é a influência que ele recebe via a “ponte” que o seu DNA distribuído por todo universo criou entre ele e cada uma das suas criaturas.

O incessante jogo da energia se transformando em matéria — e os demais caminhos desse fluxo e refluxo — é o que dá suporte à existência dessas faixas de realidade aparentemente distintas, que compõem o projeto da divindade decaída, e a tudo o que nelas acontece.

A questão é que os seres situados nessa faixa de realidade a que hoje se encontram confinados o Senhor Javé e grande parte da sua hierarquia, perderam a capacidade de “acionar as teclas das outras faixas existenciais” — o que é de bom alvitre para o futuro do universo. Contudo, para eles isso é um problema, e estão acionando as que lhes são próprias de um modo tal que

os níveis de sustentação da faixa de realidade em que vivem estão a perigo.

Sei que esse assunto parecerá “insano” à ótica terrestre, mas se na nossa faixa de realidade universal existem os “buracos negros” consumindo absolutamente tudo ao redor, destruindo estrelas, planetas e satélites a estes conjugados, algo muito mais “rápido e pesaroso” no campo da “poluição mental degenerativa” está acontecendo na faixa de realidade na qual se encontra o criador e seus anjos-clones ali confinados. E o modo como eles vivem somente piora a situação, isso sem levar em consideração que há tempos que não eclode nenhuma rebelião contra o criador no âmbito da “cultura local” prenhe do inevitável processo ditatorial que ali ainda persiste. Os que ainda têm alguma lucidez se esforçam para que isso jamais torne a acontecer.

Ainda assim, a situação parece ter chegado a um ponto tal de impasse que todos os atores presos nessa faixa de realidade não mais agem por meio dos seus raros impulsos pessoais, aguardando uma definição do criador quanto à próxima etapa dos acontecimentos que importam a todo o universo.

Num aparente paradoxo, muitos anjos-clones já algo desgarrados do controle absoluto do criador, estão preferindo se submeter às ordens dele advindas ainda que discordem do caráter ou do conteúdo das mesmas. E o curioso e também incompreensível para muitos é que a transição e o encaminhamento de algumas possíveis soluções para o que eles estão enfrentando por lá passam pelo que vier a acontecer na Terra. Quem viver verá e compreenderá!

Algumas divindades já ali se sacrificaram em tempos idos procurando reverter a situação algo desoladora, mas sempre a “cúpula universal” em torno do criador, e ele principalmente, resistem a qualquer custo e acionam as características das suas naturezas para serem incompatíveis com qualquer desobediência que lhes afete de algum modo.

No início de toda essa história, isso ocorria, não por nenhuma espécie de maldade, mas simplesmente porque alguns deles, em especial o Senhor Javé, realmente se achavam seres de elevados potenciais no campo da existência, o que revela uma ingenuidade chocante para o modo crítico natural com que hoje a natureza humana de alguém do meu tamanho observa esses fatos. Em outras palavras, eles sempre se acharam “superpoderosos”, “anjos dessa ou daquela ordem da hierarquia”, mas não passam de seres adoentados em alto grau de defasagem ao que os terráqueos já sabem sobre o significado do comportamento de seres realmente evoluídos sob a perspectiva espiritual.

Aqui reside um outro aspecto do problema: **esses seres são destituídos de senso de autocritica.** Essa conquista somente se fez presente no âmbito desta criação em tempos recentes e apenas em algumas poucas espécies cósmicas cujo fator de afetação do DNA em seus corpos o permite.

O que achei e acho impressionante, desde que tal percebi, é que:

CONSTATAÇÃO:

O "nível de autocrítica" que marca a natureza humana parece ser o mais alto já edificado dentre todas as naturezas das espécies cósmicas aparecidas até o presente neste universo. Em outras palavras, em sendo isso verdade, não parece existir outra espécie cósmica, no âmbito deste universo, que detenha a capacidade de ter um senso de critica sequer próximo do que caracteriza a "razão filosófica" dos humanos da Terra.

ASSIM, parece não serem muitos os cidadãos deste universo que dispõem da necessária sabedoria existencial para poderem bem acionar as "teclas" do computador que se encontra ligado à condição pessoal do criador, o que para ele é simplesmente desesperador.

Em resumo, devido a essa condição, os "**bons programadores**" que poderiam ajudar ao Senhor Javé a construir um "**programa quântico**" de crescimento pessoal jamais existiram no âmbito da hierarquia que o cercou e ainda o cerca, à exceção de uns poucos. Esses poucos são "geniais" nesse tipo de processo. Porém, a "maioria" da "cúpula" terminou "expulsando" tais personagens de perto do Senhor Javé, através de toda sorte de intrigas, as quais, na cultura terrena, mais pareceriam "fofocas" absurdas, mas que entre eles têm o poder de ativar mais ainda a doença da desconfiança e do exercício do império do mais forte.

CONSTATAÇÃO.

Foi necessário que "bons programadores" surgissem em outras faixas de realidade que estivessem livres do assédio direto dos anjos-clones, dai o surgimento dos seres evolutivos com uma dose de DNA do criador menos afetada pela sua doença que a deles.

Para tanto teve que surgir a conjunção sexual como forma de evitar a criação por clonagem, onde a transmissão do grau de qualquer doença é inevitável se não houver manipulação genética. No caso do DNA do

criador, não existe manipulação possível na sua configuração que modifique coisa alguma do problema. O mesmo pode ser configurado no sentido da transmissão de poder, mas não no de produzir uma mutação que o modifique. Esta “mutação” somente pode se dar via “emissão de atitude mental-espiritual” de “bons programadores” que, em atingindo uma “massa crítica” terão então a possibilidade de afetar direta e positivamente a situação do criador e dos seus anjos-clones complicados.

Quando me recordo que os cientistas descortinaram que o cérebro humano, com seus cerca de 90 a 100 bilhões de neurônios que se interligam por meio de uma rede de cerca de 100 trilhões de sinapses, “simplesmente parece ter surgido” no meio desse processo, quedo-me pensando na **complexidade dessa estrutura gerada para fornecer “ferramentas existenciais” para ajudar a redenção do Senhor Javé e dos demais seres que compõem a cúpula que o envolve.** E nós, terráqueos, nada sabemos sobre isso.

Por que nunca fomos avisados sobre o assunto?

Aqui, implica a reflexão em torno de um roteiro de dificuldades com várias possíveis respostas para que a cultura do humano terráqueo jamais tivesse atentado para o problema em curso:

1. Somente alguns poucos anjos-clones despertos sabiam do projeto em curso planejado pelo Senhor Javé.

2. Quando da sua consecução, houve a interferência indevida de outros seres que distorceram o objetivo original do criador em relação à espécie dos humanos da Terra, aspecto jamais aceito por ele.

3. Quando “Adão e Eva” se tornaram seres despertos para o conhecimento do bem e do mal, tanto o criador como a sua própria hierarquia, começaram a se surpreender com a “capacidade crítica” que os humanos da Terra passaram a apresentar, capacidade, esta, para eles desconhecida, o que os atemorizou.

4. A até então a “desconhecida razão filosófica” que surgiu nesta humanidade foi despertada por uma serie de processos que aconteceram simultaneamente, dentre eles, algumas manipulações genéticas realizadas pelos cientistas

anunnakis[4], chefiados por Enki, em alguns membros da recém surgida espécie *homo sapiens* na Terra, ao mesmo tempo em que, vindas da Espiritualidade Superior, “individualidades adrede preparadas” eram as que encarnavam naqueles dias nos corpos de algumas linhagens terrestres administradas pelo especial interesse do Mais Alto. Óbvio que tudo isso não era percebido nem pelos anunnakis presentes na Terra, nem muito menos pelo criador e os membros da sua hierarquia, além de outros olhos que, de rincões vinculados ao que se passava na Terra, também acompanhavam com superlativo interesse. E aqui me refiro ao “quartel-general da antiga Rebelião de Lúcifer, cujos membros se encontravam presos em uma outra faixa de realidade. Simplesmente, todos aqueles atores pareceram surpresos com o “tipo de ser pensante” que começara a surgir para a existência no palco terrestre. Todos, menos os Senhores Vishnu (Jesus) e Shiva (Sai Baba).

5. Quando a espécie humana terráquea começa a “crescer e a se multiplicar”, para ela convergem todos os segmentos espirituais complicados do passado extraterreno, espécie de acumulo extremamente doente das muitas rebeliões ocorridas nos eons universais. O *homo sapiens* terráqueo passa a servir de ferramenta existencial para espíritos com bagagem cármica complicadíssima. Quando tal acontece, o Senhor Vishnu, também conhecido como Sophia ou Cristo Cósmico, convence o Senhor Javé da necessidade dele nascer na Terra como um simples “animal daquela natureza planetária”.

6. O Senhor Javé concorda meio a contra gosto com a estratégia de Vishnu, motivado pela sua vontade de retomar o controle sobre a humanidade desgarrada e, para tanto, marca o futuro “julgamento geral’ que no “final dos tempos” seria procedido sobre todos os seres viventes que estivessem se utilizando da Terra e da sua espécie pensante para poder evoluir. Nessa altura dos fatos, ele já não mais tinha forças para transitar livremente da faixa de realidade na qual existia para o universo físico.

7. O Senhor Javé sente-se traído por Vishnu (Jesus) quando este se recusa a exercer o império do mais forte (usar os seus superpoderes) sobre o mais fraco, para dominar os terráqueos, única linguagem existencial compreendida pelo criador até pouco tempo antes desses fatos. Quando Jesus “cumpre a vontade daquele que o enviara morrendo na cruz e depois ressuscita”, o ato

de ressuscitar mostrou ao criador que um dos seus anjos-clones, na verdade, tinha um poder maior do que o dele próprio para manipular os pilares da sua própria criação. Desde então, passou a considerar Jesus um traidor e rebelde e por isso decidiu fecundar na Terra o Islamismo, que aponta Jesus como sendo mais um simples profeta, e nada mais.

8. Paradoxalmente, foi através do que Jesus fez que o Senhor Javé começou a perceber a singular posição vibratória da humanidade terráquea em poder influenciá-lo através dos pensamentos e dos sentimentos que grassavam na humanidade, tudo isso pelo fluxo incessante do DNA do criador quanticamente interconectado ao DNA presente em cada célula de todos os corpos humanos da natureza terrestre. Foi quando ele começou a perceber que o plano de Vishnu era o de "humanizar" a sua "estranha natureza pessoal" através do progresso espiritual dos humanos da Terra. Mas ele levou cerca de dois mil anos para aceitar de bom grado o processo em curso à revelia da sua vontade.

9. A Revelação Espiritual tinha primeiro, que semear no conhecimento terreno as "regras eternas que legislam a vida cósmica" para que, posteriormente, a função desta humanidade perante o concerto (ou conserto) cósmico pudesse ser então revelado a esta humanidade. São estas as "Promessas do Cristo Cósmico", as quais, no seu conjunto, respondem pelo roteiro de tudo o que aconteceu e está acontecendo.

10. Por isso que somente agora esta "revelação cósmica" tem lugar, nas suas páginas iniciais, e a volta de Jesus tem tudo a ver com esta questão.

A QUESTÃO principal aqui é a preciosa função — ainda desconhecida pelos terráqueos — da nossa humanidade em toda essa história. E esse assunto, pelo que penso, somente ficará claro para as gerações futuras.

CONSTATAÇÃO.

DO MESMO MODO que para a visão judaico-cristã o nascimento de Jesus

passou a ser um “divisor de águas” na contagem do tempo, a história deste universo ficará indelevelmente marcada pelo “antes” e “depois” dos fatos que estão por acontecer não somente nos céus deste palco planetário, mas também no decurso do desenvolvimento do *homo sapiens* após o retorno do Mestre Jesus.

Isso, porque, o seu retorno somente se dará por força da divisão no comando universal que o Senhor Javé já se conscientizou quanto a sua inevitável necessidade para que a nova etapa da história universal possa ser alicerçada na “razão filosófica independente, amorosa e esclarecida”, que já pode ser “exportada” a partir da vivência terrestre.

Não é por menos que a Revelação Espiritual avisou da necessidade da Terra evoluir na classificação dos mundos, deixando de ser um “planeta de expiação e provas” para se tornar um mundo regenerado no qual somente espíritos tendentes ao bem possam aqui encarnar.

É este o principal aspecto da função do ser humano terráqueo em relação ao universo do Senhor Javé. Mas somente uma humanidade esclarecida, com maioridade espiritual e maturidade emocional, poderá se conduzir de modo consciente frente ao problema do criador e, por conseguinte, de todos os que hoje habitam no âmbito deste universo e adjacências. Aqui, importa que o “tempo” continue sendo o nosso velho e eterno professor enquanto a vida na Terra é e será, cada vez mais, a nossa velha escola a nos acolher sempre a cada turno de aprendizagem. Quem viver, verá!

7

GESTÃO CÓSMICA

EIS A QUESTÃO essencial de todo o drama universal: o “computador” foi gerado, mas quem o gerou, dele se tornou refém e não tem mais condições (jamais o teve) de manipulá-lo convenientemente. Apesar e além disso, o Senhor Javé não tem permitido que ninguém o faça por ele. Foi e ainda esta sendo necessária toda uma “conspiração amorosa” em torno da sua pessoa, com o sacrifício de muitos, para que os termos dessa equação possam ser um dia, formatados para posterior resolução do problema universal.

A boa noticia é que, em estando corretas as informações aqui veiculadas, finalmente, a união vibratória dos Senhores Brahma (Javé) e Vishnu (Jesus) foi firmada em novo patamar. Isso implica em que não mais no padrão de dependência entre um “Deus-Criador” e um outro que teve que se passar por “filho” do criador para poder penetrar no âmbito da criação problemática e contribuir decisivamente no processo da redenção universal do que foi equivocadamente gerado. A relação que agora se estabelece se alicerça na verdadeira relação de amor e de parceria entre esses dois seres especialíssimos. Contudo, sou tentado a pensar que nada do que esses dois seres fizeram se estabeleceria como “algo existente” sem a contribuição de uma terceira componente.

A convivência passada entre aqueles a quem aqui chamamos de Javé e de Jesus, a intimidade amorosa que costumavam ter antes da geração universal inapropriada, responde por 2/3 da “atitude mental” necessária para que pudesse existir uma autoria deste universo. Refiro-me a “2/3” porque o “1/3” faltante, que se refere à participação do Senhor Shiva no processo, ainda será melhor esclarecida à comunidade terráquea. Penso que na próxima

encarnação da sua divina figura, agora como Prema Baba, ele mesmo procederá com o que não lhe foi possível na personalidade de Sai Baba, recentemente desencarnado, por força da obediência que o seu espírito se auto-impôs de ser "humilhado" pelos fatos que cercaram a data da morte do seu corpo terreno. O objetivo estratégico de toda essa questão foi o modo encontrado de sossegar a estranha personalidade do Senhor Brahma que sempre viu nele um antagonista a desfazer muitas das suas realizações e exigia, portanto, uma espécie de "reparo" da sua parte.

Aos olhos de qualquer pessoa minimamente espiritualizada (se, por isso, entendermos "esclarecida") o fato em questão seguramente haverá de parecer "ridículo". Mas é exatamente isso mesmo que parece à nossa "razão filosófica".

O (a) leitor (a) deve apenas se recordar que o Senhor Brahma jamais teve "razão filosófica" desperta nos níveis da capacidade crítica que hoje marca a humanidade por ele "sonhada e criada" a partir do seu DNA pessoal, semeado na Terra há cerca de 3,8 bilhões de anos. Este, foi manipulado de tal modo para que somente 3% da doença do criador viesse a ser repassada à condição humana.

Esta doença, como já esclarecido em outros livros, corresponde ao que observamos em todas as espécies de seres vivos na natureza, representada no que se refere ao (1) doentio império do mais forte sobre o mais fraco, (2) à necessidade instintiva de sobreviver a qualquer custo, (3) à destruição de outras vidas para manter, por meio da alimentação, a que nos é própria, (4) ao jogo da reprodução sexual como forma de sobrevivência da espécie, (5) à eclosão de doenças cujos "germes" jazem adormecidos no nosso DNA podendo despertar ou não — dependerá sempre da atitude mental de cada pessoa — dentre outros aspectos.

Percebamos ou não, compreendamos ou não, **sempre o que esteve em jogo foi e é a gestão do cosmos** ou, em outras palavras, quem exerce a supremacia sobre os diversos processos em curso que respondem pela continuidade do que foi gerado no passado.

CONSTATAÇÃO.

O plano da divindade criadora era o de gerar uma singularidade vibratória, expelida por força do poder mental, programada para se expandir e se fixar num contexto universal algo semelhante ao que hoje conhecemos, mas sem o problema da entropia, nos moldes em que a

conhecemos. Por hesitação do ser que usou da sua força geradora (em sânscrito, isso corresponde à expressão *rajas*[1], uma das *gunas* que alicerçam a faixa de realidade na qual vivemos), o "programa" ficou incompleto, devido a sua queda, e a "finalização" da sua obra, até esses tempos atuais, encontra-se ainda sendo arquitetada em meio a uma "querela cósmica".

Toda essa estranha questão assim se expressa por força da não menos estranha natureza que marca a personalidade do Senhor Brahma/Javé.

Vishnu e Shiva se submetem às regras desse jogo por não existir — segundo eles — outra linguagem que possa ser compreendida pelo "modo de pensar e de ser" do Senhor Javé.

NÃO SERÁ neste livro que poderei apresentar e aprofundar o tema há muito revelado na mitologia ariana/hindu sobre a aparentemente incompreensível "querela cósmica" que envolve aos três deuses hindus da *Trimurti* em torno da autoria e do exercício da supremacia sobre a obra criada.

A primeira vez em que passei a vista pelas páginas dos *Puranas* e *Upanishads* do hinduísmo, achei tudo aquilo tão ridículo e primário que sequer admiti o mínimo de probabilidade de poder ser verdadeiro.

Quando me deparei com o "fator Javé" na minha vida, de susto em susto, de estupefação em estupefação, fui sendo esclarecido pelas falanges vinculadas aos três personagens em questão que o pano de fundo em torno da gestão cósmica era verdadeiro e, na verdade, apresentava cores ainda mais lamentáveis do que as que puderam ser reveladas nas mitologias do passado.

O absurdo aqui é que as mitologias ariana/hindu, suméria/acadiana, egípcia, grega, hitita, hurrita e muitas outras, todas elas se referem aos problemas cósmicos das divindades em torno de disputas e incompreensões sobre a questão universal. Apesar de toda essa "informação globalizada" dos tempos antigos para os homens e mulheres ditos desenvolvidos da atualidade tudo isso representa somente lendas e inverdades dos exagerados antepassados da nossa espécie.

O problema todo é mais ou menos assim: o Senhor Brahma, até o momento em que escrevo estas páginas (para a posteridade, informo que são 00:40 horas do dia 22 de fevereiro de 2012, e que me encontro na cidade de São Francisco de Paula, no Rio Grande do Sul), já aceitou a divisão da gestão universal com aquele a quem conhecemos atualmente como Mestre Jesus, e a sua tão prometida volta tem tudo a ver com os termos desta questão. Como

não podem existir três mentes responsáveis pelo mesmo processo, o que ainda se encontra sendo “negociado” é o que cada uma dessas mentes tomará como sendo seu encargo até os últimos momentos do tempo deste universo.

Isso é o que de “politicamente correto” pode ser afirmado, mas existem painéis complicados que ainda passam pelo estado de saúde pessoal do Senhor Javé. Somente após a ocorrência de alguns eventos, é que a sua “reação, quase sempre complexa e complicada”, poderá ser avaliada e os “termos” anteriormente referidos poderão ser estabelecidos.

Ao que me foi dado saber, somente os termos da responsabilidade do Senhor Shiva (Sai Baba) já foram delineados e isso deverá ser melhor explicado no futuro quando houver “maturidade espiritual” no psiquismo dos terráqueos que tal o permita. Em um livro ainda inconcluso, denominado “Xadrez Cósmico”, devo abordar os temas “politicamente incorretos” em torno dos personagens da *Trimurti*, conforme desejo dos próprios personagens envolvidos, isso se a minha condição humana o permitir.

Eles próprios não o podem fazer, pois demandaria a presença das suas formas cósmicas no contexto terrestre por muito tempo, até que tudo fosse explicado. Se tal ocorresse, simplesmente a Terra iria parar, pois ninguém conseguiria trabalhar e cumprir com os processos que colocam o mundo em funcionamento, e o caos se estabeleceria no *modus vivendi* planetário. Daí a necessidade de algum terráqueo — segundo eles — levar a curso essa tarefa, ainda que com os inevitáveis erros que seguramente serão corrigidos no futuro.

O porquê desse “alguém” ser um homem do meu tamanho é questão que me permito não comentar pelo simples fato de que, ninguém mais do que eu mesmo, acha que deve existir um engano de proporções singulares em torno desse aspecto. Contudo, sobre essa questão, nada mais posso fazer a não ser simplesmente registrar o fato do modo como o percebo.

Existe, ainda, uma outra componente que envolve — no momento, tem dificultado — o retorno do Mestre Jesus à pedido do Senhor Javé: os inúmeros e intermináveis problemas nas fileiras da hierarquia celeste que cerca o criador. E parte da questão tem a ver com **uma “cisma antiga” de alguns deles (em especial, os fiéis e problemáticos referidos no capítulo anterior) sobre o “poder crítico” que a razão filosófica dos terráqueos possui**, isso quando não se encontram sob o domínio da mente do Senhor Javé.

É imperioso que seja percebido que, mesmo os anjos-clones “mais

robotizados", decorridos cerca de 12 a 11 bilhões de anos desde que foram criados, têm lá opinião própria sobre alguns temas, apesar de que nos seus psiquismos prevalecem os pensamentos e a vontade daquele que os criou. Mas o fato é que certas classes de anjos-clones jamais gostaram da **"perigosa função" que os terráqueos poderão ter depois do retorno do Mestre Jesus e a consequente divisão de comando na gestão cósmica**.

Para eles, o problema reside no fato de que os terráqueos, somente pela "lavagem cerebral", podem ser condicionados a se submeterem as suas determinações e estas, pensam eles, são e seriam essenciais para o progresso de todos. Algumas religiões da Terra terminaram servindo a esse tipo de "função" no que toca à "lavagem cerebral", ainda que alguns dos seus fundadores jamais tivessem intentado tal coisa. O outro lado da moeda, para esses seres, é perceber que o ser terráqueo, quando o quiser e o desejar, tem um poder que nem mesmo eles têm: o de não se submeterem, se acharem que isso é o correto.

Segundo o temor que marca os seus psiquismos, após o retorno de Jesus, "a liberdade mental" pode se travestir — para os que vivem na Terra — de uma "importância estratégica" que jamais poderá ser controlada por quem quer que seja, e o futuro deles próprios dependerá do que o ser terráqueo, em tempos ainda distantes, vier a fazer com o seu tirocínio e livre-arbítrio.

CONSTATAÇÃO.

De acordo com a tese do Senhor Javé e desses seres, a qual, durante muito tempo, desde que a espécie terráquea foi criada na sua atual disposição mental, era aceita por toda a hierarquia robotizada em torno do criador, jamais deveria ter sido dado a um ser evolutivo, que não possuía um DNA puro do criador como fator de composição do seu corpo, o poder de "decidir o que fazer", mais ainda se o que ele vier a fazer, tiver o poder de atingir uma certa "massa crítica" e reconfigurar de modo irreparável o DNA do criador, independente da sua vontade. E o que vale para o Senhor Javé também funcionará com todas as classes de seres que possuam o DNA puro do criador.

ASSIM, a volta de Jesus, como se libertando definitivamente o ser terráqueo do jugo de quem quer que seja — isso inevitavelmente acontecerá — terá o condão de despertar nesta humanidade duas percepções bem distintas:

A) A DE que o corpo animal que o seu espírito utiliza é uma criação do Senhor Brahma/Javé associada às interferências diversas de manipulação genética da parte de “muitos seres” cósmicos que estiveram na Terra. Enquanto evolui e cumpre a função de influenciar a evolução daquele que criou todos os corpos do universo a partir do seu DNA pessoal, o ser terráqueo irá despertando o potencial divino do seu espirito e “mergulhando” sempre, em vidas futuras, em corpos transitórios mais sofisticados;

B) A DE que o espírito de cada ser humano nada tem a ver com o Senhor Javé, no sentido de que somente à Deidade o ser individualizado deve prestar a homenagem do bom uso da sua consciência pessoal, isso enquanto a pessoa ainda vir a si mesma como um “alguém” apartado da Deidade, o que é pura ilusão. Esta, a quem podemos chamar de Deus Pai-Mãe Amantíssimo, o Incognoscível, Aquele (a) a quem, conforme tenho depreendido, deveria ser o (a) único (a) a ser chamado realmente de “Deus”, é a doadora da parte divina que reside no intimo de cada ser. Esta parte divina pode ser “configurada”, “formatada”, “espiritualmente apadrinhada e programada” por uma outra divindade em comunhão com a Deidade, como é o caso da quase totalidade dos espíritos que vivem suas múltiplas existências na Terra. Assim, temos os Senhores Vishnu e Shiva — além de mais algumas poucas divindades cujos nomes permanecem desconhecidos para a cultura terrestre — como os tais padrinhos.

ASSIM, com a reintegração dos terráqueos à convivência cósmica, acaba-se a era da fé cega, primária e ingênua, porque será dado ao ser humano a condição dele saber e não mais precisar crer. É aqui que se encerra o poder dos “deuses” do passado sobre esta humanidade antes ignorante em relação ao que agora saberá.

Um dos aspectos do problema é que, sob a perspectiva da doença que grassa em quase todos os seres deste universo, quase ninguém cede gentilmente o “poder que pensa ter”, por isso que o mesmo tem que ser arrancado, tomado, por meio de guerras, matanças e conflitos, e essa esquisitice tornou-se comum em todos os quadrantes deste universo e adjacências. Enfim, “quase ninguém aceita perder o poder” e esta atitude defensiva, sob uma certa ótica, é mesmo compreensível, já que vivemos entre lobos vorazes, serpentes astutas e víboras espertíssimas. Mas se os que assim

se travestem, por força das suas atitudes perante o “poder”, não modificarem a atitude mental que os tem caracterizado, “coitados!”, irão conviver com “outras raças de víboras” ainda mais complicadas, formadas pelos “espíritos adoentados” que já estão sendo exilados da Terra e que aqui não mais reencarnarão.

Essa doença, em muitos desses seres e em muitos terráqueos, chegou a tal ponto que, mesmo quando “mortos para a faixa de realidade na qual viviam”, continuam feito loucos querendo submeter outras tantas individualidades e, por isso — e por outras questões — é que existem “verdadeiros infernos astrais” com seus senhorios e os escravos do seu poder. Óbvio que, pelo acúmulo do carma pessoal e coletivo, esses seres se merecem e vão continuar juntos até que cansem de tanta esquisitice comportamental. Mas é de todo lamentável que esses processos ainda continuem a acontecer e parece ainda longe o tempo em que todos se renderão ao “obvio do Ideal de Fraternidade” que a todos deve nortear, em termos de consciência pessoal.

Daqui a algumas décadas, penso que todos os seres terráqueos terão a condição de saber com naturalidade que o “Sagrado” reside na alma de cada ser, e que somente a atitude mental amorosa poderá fazer com que ocorra o alinhamento essencial entre a personalidade transitória (ego) e a parcela do divino em si mesmo. Não mais precisaremos de deuses e de religiões, pelo menos nos moldes em que as conhecemos e praticamos. Basta!

A religião do amor que haverá de surgir entre os humanos da Terra, esta sim, somente precisará de seres esclarecidos e caridosos sob a perspectiva da tolerância moral e espiritual, e não mais de igrejas, centros, templos e autoridades religiosas. O “desemprego” vai ser um problema sério nesta área, pois o único templo que será cultuado é aquele que se encontra na vida interior de cada ser, onde reside o Sagrado.

Os anjos-clones robotizados, porém, nada sabem a respeito desse aspecto, e somente se preocupam com as suas situações pessoais e, principalmente, com a do seu Senhor e criador. E mesmo assim, o “grau dessa preocupação” parece estar equivocado, pois segundo alguns deles, a volta de Jesus representará a derrota de toda uma estratégia por eles vividas sob o jugo do Senhor Javé, e o que está em jogo para eles é a mudança desse “paradigma”, ou seja, eles deixarão de ser “agentes da vontade do criador” e passarão a ser somente seres que precisam, agora, administrar os seus próprios dilemas à medida que deles forem tendo algum grau de consciência. Mas, qual o problema? Não deverá ser mais o Senhor Javé quem os manterá, quem os

administrará ou mesmo os punirá ou recompensará, como até os tempos atuais ocorria. Isso porque o Senhor Javé precisará, com urgência, voltar a sua atenção para si mesmo, como forma de elevar-se para, mais tarde, voltar a uni-los em torno da sua pessoa, só que numa nova situação, quando chegarem os tempos universais que tal o permitam.

O curioso é que, por trás de todas essas questões que implicam em mudanças de referenciais neste mundo e em muitos outros, está a volta de Jesus à Terra. Mas, qual a importância disso para os demais mundos, não só os desta galáxia, mas de todo o universo? Muito simples: a gestão cósmica não se refere somente a esta galáxia, mas sim, a todo o universo. Esta será, doravante, operacionalizada em um outro nível em que **todos os "véus" e os seus diversos graus de ignorância** (os que forem toleráveis para a condição de cada comunidade planetária) simplesmente serão descerrados, e **uma nova era universal começa a ter lugar** ainda que administrada pelos mesmos três seres que deram início a toda essa história.

Alguém poderá se perguntar: mas, afinal, o que é que mudou em toda esta questão?

CONSTATAÇÃO.

Duas componentes do dramático enredo cósmico estarão se modificando (por meio de verdadeiros saltos quânticos nos aspectos mental e consciencial de cada ser) de modo singular dentro de pouco tempo: o nível de consciência e de personalidade do Senhor Javé e o nível de consciência de uma massa crítica de terráqueos. **Essas duas componentes promoverão um "efeito dominó" jamais percebido.**

O conjunto vibratório advindo dessa união entre o Senhor Javé e os seus filhos terráqueos provocará uma corrente que a todos arrastará — as classes de anjos-clones robotizados e demais civilizações cósmicas também problemáticas — no rumo da construção de um novo padrão de gestão sideral que poderá levar a criação em curso ao rumo seguro da redenção de todos os participantes desta aventura singular.

É EXATAMENTE AQUI que reside um dos aspectos do drama terreno do Senhor Javé: ele precisa que o gênero humano terráqueo evolua e, para tanto, torna-se necessária a volta de Jesus que presidirá, junto com ele, esse momento de transição em que a Terra deixará de ser um mundo maldito, isolado, de

expiação e de provas para espíritos criminosos e doentes, como corretamente apontou a Revelação Espiritual.

8

EVOLUÇÃO X VIDA: O ESPANTOSO A SER DESCOBERTO

É MESMO DIFÍCIL, para a lógica terráquea, arquitetar a compreensão de como uma “divindade co-criadora” de faixas de realidade universais veio a se tornar refém da evolução exatamente da última “espécie pensante” surgida no âmbito da sua criação. Mais ainda o será se o surgimento dessa espécie for analisada, como visto anteriormente, levando-se em conta a impressionante quantidade de acidentes ocorridos ao longo da história geológica e da evolução hoje marcadas em absolutamente tudo o que os olhos da ciência podem observar. Os “olhos científicos”, porém olham, mas não enxergam as assinaturas de uma inteligência superior em tudo o que existe. Apesar de tudo, houve um esforço incessante, do Senhor Javé e das suas hostes, para que “certas coisas” acontecessem aqui na Terra e em alguns mundos vizinhos que pudessem “demonstrar” a seus “habitantes pensantes” a existência de um criador. Mas, a que estou me referindo?

O Senhor Javé e as hostes que lhe são fiéis, associados aos anjos-clones já despertos e que trabalharam neste sentido, desde todo o sempre, procuravam **“gerar” um protótipo corpora**l, a partir do DNA do criador, que lhes pudesse servir de **ferramenta evolutiva**. O detalhe é que, os “anjos conspiradores despertos” sempre souberam que essas “ferramentas” seriam utilizadas por eles também, no sentido de assim ajudarem o Senhor Javé a evoluir. Isso, porque, a ligação vibratória existente entre os anjos-clones e o criador não permite esse tipo de influência por força do “jogo genético” dos “corpos robotizados”.

Já havia sido tentado de tudo, em diversos mundos, **desde que os seres evolutivos começaram a ser a “única opção” para o criador,** pois os seres

que haviam herdado o seu DNA puro, por meio da clonagem por ele promovida ao longo dos seus primeiros tempos, somente pioraram a situação universal, a deles próprios e a do próprio criador. São poucas as exceções a essa regra!

CONSTATAÇÃO.

Quando as naturezas dos mundos escolhidos nesta galáxia para a experiência da ativação do menor percentual possível de herança genética do DNA do criador foram finalmente fixadas nos parâmetros desejáveis, toda a atenção universal se voltou para a nossa Via Láctea, pois seria, inevitavelmente, em um dos seus mundos, que a "armadilha amorosa" há muito arquitetada por Vishnu e Shiva, poderia, finalmente, ser "armada" no momento em que as forças e o psiquismo cansados de Brahma tal o permitissem.

SABEMOS, na condição humana, que quando nos encontramos enfraquecidos, costumamos aceitar certos procedimentos, para conosco, que em hipótese alguma aceitaríamos em condições normais de saúde. Essa regra também vale para qualquer ser cósmico estruturado a partir do DNA do criador. Aliás, essa é uma das faces do seu DNA: às vezes vítima, às vezes senhor das circunstâncias. A bem da verdade, este é um dos aspectos mais enigmáticos dos "muitos" que se encontram presentes na personalidade do Senhor Javé. Para ele, "aceitar ser enquadrado" no fluxo dos processos advindos do plano das suas divindades irmãs, não tem sido nada fácil. Este livro, por exemplo, que explora alguns dos aspectos do seu drama terreno, que compõem apenas uma dos itens da etapa final do que aqui chamo de "armadilha amorosa", não lhe é agradável lidar, num primeiro momento, no campo da sua "reflexão pessoal", com as informações aqui veiculadas. Mas ele a isso se submete porque foi o que lhe restou em termos de opção esclarecedora. Não esqueça o (a) leitor (a) que **o criador não tem fluxo ativo de comunicação com os seus anjos-clones** (do modo como nos é possível conceber), **ele apenas dá ordens e se alegra ou se enfurece em relação às consequências provocadas pelas mesmas**.

A "armadilha amorosa", no caso seria a de edificar uma espécie evolutiva que, a princípio, pudesse ser a que viesse a possuir o menor grau possível da doença do criador e, a partir dela, desenvolver protótipos que posteriormente

pudessem ser utilizados como “seres-ponte” para o progresso da cúpula universal. Essa espécie evolutiva, com a **liberdade mental** que lhe era possível, poderia vir, um dia, a “**dizer ao criador o que ele não gosta, mas precisaria escutar**”.

O interessante é que, com o surgimento da espécie pensante terráquea, alguns anjos-clones, influenciados pelo que observavam nas posturas dos seres humanos, começaram a ousar a expressão de algumas atitudes antes impensáveis. Aos que se interessam pelo assunto, recomendo a leitura do Ramaiana, épico hindu que nas suas páginas iniciais narra alguns episódios envolvendo Indra e Brahma que apontam exatamente nesse sentido.

Foi nessa “armadilha” que o Senhor Javé e sua hierarquia robotizada “caíram” quando contribuíram, sem que o soubessem, para o surgimento de uma espécie efetivamente afetada com um baixíssimo percentual da doença do criador — isso, se comparado a todo o contexto já existente, fosse em relação aos anjos-clones ou mesmo às famílias planetárias evolutivas — mas com **altíssimo potencial de razão filosófica e de senso crítico**. E o mais interessante: com **“curto tempo de vida”,** o que permite o progresso espiritual mais rápido dos membros daquela espécie. **Este aspecto parece ser único no cosmos!** Existem padrões aproximados, mas não com as características que marcam o psiquismo do “animal pensante terráqueo”.

Isso explica como a **Terra deixará de ser um “mundo de expiação e provas” para se transformar num “mundo regenerado” em tão poucos milhares de anos**, se comparado com a situação de outros orbes ou mesmo com a dos anjos-clones que ainda são “praticamente os mesmos”, depois de bilhões de anos de existência.

No caso de Brahma/Javé, ele sempre foi senhor das circunstâncias, até como única forma de se reconstruir e de sobreviver enquanto divindade decaída. Contudo, com o passar dos tempos cósmicos, e de tantos dramas e problemas colecionados e sempre inacabados, a sua força pessoal foi se exaurindo e, apesar de ainda lhe restar um padrão de poder incompreensível para a lógica humana, não mais é suficiente para dar conta do “todo da gestão cósmica”.

Como **todos os “DNAs” do cosmos são meras teclas do seu computador pessoal** o que, em ultima instancia, representa o seu próprio “corpo cósmico” “explodido” sob a forma de todos os “elétrons” que existem na sua criação, **o modo como qualquer um desses DNAs “vibra”, interfere um pouco ou muito na sua condição pessoal**. Contudo, o aparente mistério,

reside no fato do DNA humano terráqueo poder vibrar de tal modo que isso influencia e, em muito, a sua personalidade e, principalmente, os padrões da natureza que lhe marca o psiquismo, **e nenhum outro padrão de DNA, dentre os que existem até o momento nas espécies cósmicas,** parece ter a capacidade que o dos humanos da Terra demonstra ter.

Reza a lenda cósmica que, com o seu poder diminuído, o Senhor Javé, ainda assim, poderia ter evitado ou impedido tudo o que aconteceu nos últimos milênios nesta parte da galáxia, desde que "**retomou o poder que estava sendo exercido pelo Cristo Cósmico"**, assunto que será devidamente explicado mais adiante.

Sim, houve um tempo da história deste universo em que o criador, por força de problemas energéticos pessoais, viu-se obrigado a repassar o "poder de gestão do universo" para o mais especial dos seus "filhos-clone", cujo epíteto é conhecido na Terra como "Cristo Cósmico", na versão helênico-judaica, somente vindo a retomá-lo nos tempos posteriores à rebelião de Lúcifer.

O fato é que muitos pensam que o Senhor Javé deixou "correr livre" o "projeto da sua assessoria mais esclarecida" sem apadrinhá-lo, mas, também, sem atrapalhá-lo, como forma de não desagregar ainda mais a hierarquia que lhe dava e ainda dá sustentação. Aparentemente, segundo essa versão, é como se o Senhor Javé tivesse se deixado "cair de propósito" na armadilha projetada e executada por Vishnu e Shiva, até porque a **espécie *homo sapiens desperta*** poderia ser, depois, segundo o seu modo de enxergar os fatos, **dominada pela "submissão religiosa"**, o que foi conseguido somente em parte. De outra parte, é importante que se ressalte, todos os projetos anteriores do criador e da sua hierarquia haviam falhado, até porque jamais parece ter surgido uma espécie planetária que pudesse servir de ferramenta evolutiva para todos eles, nos moldes intentados.

Se esta versão estiver próxima à verdade, o que hoje ainda está sendo administrado entre o Senhor Javé e as diversas classes de anjos-clones que formam a sua hierarquia celestial, teria a ver com a questão anteriormente exposta: há muito o Senhor Javé vinha "jogando o jogo possível", no âmbito da querela cósmica descrita nos moldes da *trimurti* hindu formada por Brahma, Vishnu e Shiva, mas sua assessoria parece somente agora estar percebendo a função inevitável da participação do humano terráqueo para o progresso de todos, inclusive e, em especial, o deles próprios

A questão que se impõe para a nossa reflexão é a de como, então, o ser

terráqueo passou a ser uma peça tão importante nesse processo? Por que as "coisas" ocorreram do modo como hoje conhecemos? Por que jamais soubemos de nada disso?

Para que seja possível à condição humana compreender a possível resposta, faz-se necessário que o (a) leitor (a) enverede por "páginas" de uma revelação jamais feita a esta humanidade sobre o passado cósmico. Mas não há outro modo de seguir adiante com o tema sem analisarmos as **etapas do passado universal e as que provavelmente ainda virão**, e nas quais **o que vier a ser "exportado" pela genética dos terráqueos**, pelo tempo que a espécie *homo sapiens* existir, ainda que transplantada para outros mundos, será de extrema importância para todas as partes envolvidas.

Situando-nos como um observador que, lá dos ambientes espirituais superiores, acompanha o desenrolar dos fatos no âmbito da criação do Senhor Javé, poderíamos apontar, de modo didático, **dez etapas distintas ao longo da história universal**, tanto no que se refere a que já passou como ao que ainda virá, a saber:

1. Era da solidão do criador decaído e prisioneiro da própria obra. Aqui teve lugar a reconstrução do ser decaído nos moldes holográficos em que passou a ser conhecido.

2. Era da geração de diversas espécies de anjos-clones pelo Senhor Javé a partir do seu próprio DNA.

3. Era da punição e do castigo impingidos pelo Senhor Javé sobre grande parte da sua hierarquia celestial quando muitos tiveram que sofrer "metamorfoses" advindas do poder mental do criador. Nessa época surgiram muitas espécies ainda mais estranhas para o senso atual desta humanidade. Uma das tais espécies que aqui surgiu e que, no futuro, teria larga atuação nos destinos do ainda inexistente planeta Terra, na época em que esta punição se deu, refere-se à "família dos demônios" que se alicerçou a diversas espécies distintas.

4. Era do impasse em que o Senhor Javé já havia perdido a capacidade de criar novos seres sozinho, por força de uma atitude de Shiva, cabendo, agora,

a criação de novas espécies, ao poder que ele havia repassado a algumas classes dos seus filhos anjos-clones. O caos se estabelece em todo o universo e adjacências.

5. Era da aceitação, por parte do Senhor Javé, da semeadura do seu “DNA manipulado” nas naturezas planetárias do universo favoráveis à vida com vistas à geração de seres menos problemáticos, menos poderosos e menos adoentados pela afetação do psiquismo do criador.

6. Era do surgimento do primeiro protótipo de ser evolutivo com liberdade racional como fruto do concurso de associação celular (função sexual em diversos níveis de consecução) de dois ou mais seres. Aqui surgiram, pela primeira vez, alguns padrões de forma corporal parecidas com algumas das espécies animais que hoje são conhecidas a Terra. Dentre elas, a que poderíamos chamar de primata/humanoide como destaque, até porque, no caso do nosso planeta, viria a ser exatamente sobre esta que a Espiritualidade Superior faria valer a etapa mais estratégica do seu propósito de criar a “razão filosófica” conjugada à liberdade de pensamento, entre os seres do universo. A esta altura dos fatos, o nosso sistema solar sequer existia. A nossa estrela, o Sol, encontrava-se ainda no início da sua formação. Nesse período surgiram diversas espécies evolutivas com alto e médio grau de afetação em relação ao DNA do criador.

O (A) LEITOR (A) ATENTO (a) deverá perceber que até esta altura dos fatos todos os seres que existiam no âmbito da criação do Senhor Javé poderiam ser parecer com qualquer coisa conhecida pela atual cultura humana, menos com a forma humanoide. Esta, somente surgiu a partir de uma certa etapa da história universal. Se assim é, torna-se conveniente que observemos com outros olhos os “monstros” descritos em algumas mitologias do passado.

7. Era do surgimento de diversas espécies evolutivas, com baixo padrão de afetação, dentre as quais a que surgiu na Terra como produto da interferência de alguns processos distintos. Nesse ponto surgiu o impasse entre o Senhor Javé e o seu “enviado”, conhecido como Jesus, o qual perdura até os dias atuais. Até aqui, o Senhor Javé jamais aceitou dividir o comando da gestão

cósmica.

Essas sete etapas anteriores ao tempo em que ocorrerá a divisão na administração cósmica, serão conhecidas no futuro como as etapas ocorridas "antes da divisão do comando", usando uma expressão eufemística.

8. ERA DA "DIVISÃO DO COMANDO" e da tomada de consciência quanto à consumação da decadência das principais espécies dos anjos-clones, como também da ineficiência do método de dominação até então utilizado.

9. Era da assunção espiritual do Senhor Javé e da quase totalidade dos membros do quartel-general da sua hierarquia celestial. Será também a era das civilizações evolutivas assumirem as rédeas do rumo universal sob a égide da gestão amorosa dos Prepostos do Senhor Javé que permanecerão à frente do processo cósmico, dentre os quais aqueles a quem conhecemos na Terra como Jesus e Sai Baba, dentre outros. Ao final desta era, Senhor Javé deverá se reintegrar a sua condição divina e é aqui que os seus problemas perante à Justiça Divina começam — idem para os seus anjos-clones, óbvio que cada um dentro das suas condicionantes.

10. Era das **supercivilizações** que administrarão o final do ciclo da criação do Senhor Javé. Estas supercivilizações não mais estarão "existindo" ou residindo em planetas naturais, mas sim, em verdadeiras naves "transuniversais" que deixarão o espaço-tempo deste universo quando "não mais existirem a luz das estrelas" nos moldes como hoje conhecemos. Estas poderão se dirigir tanto para outros universos como também, simplesmente, retornar aos quadrantes da Espiritualidade Superior, sendo esta última o único local realmente atemporal e eterno. Todo o resto é pura transitoriedade, por belas e estimulantes que suas feições existenciais possam assumir.

OS FATOS que tiveram lugar na "história de cada era" — até a sétima era "antes da divisão do comando" — são quem respondem pela estranha convergência dos seus fatores resultantes problemáticos e acumulados, num primeiro plano, para a galáxia Via-Láctea e, mais tarde, para alguns dos mundos nela situados, notadamente para o planeta em que hoje vivemos.

Foi e continua sendo espantoso, para este escrevente, a percepção sempre

crescente de que “alguém”, por força das circunstâncias, **terminou elegendo a Terra como sendo o mundo que iria servir como palco planetário para o “confronto final” das estratégias dos três seres divinos à frente e/ou vinculados de algum modo com a gestão cósmica.**

Avesso à antiga visão antropocêntrica, comecei a me “violentar filosoficamente” para poder então aceitar a probabilidade de que, de fato, uma estranha e calculada convergência havia colocado o nosso mundo azul na confluência de muitas das estradas cósmicas que estavam sendo palmilhadas pelas diversas falanges à frente do problema universal. E o último ato — em todo um contexto cósmico que para os terráqueos ainda permanece desconhecido — foi a criação da espécie humana terráquea nos moldes em que aconteceu.

Nesse aspecto é que reside o “mote”, a “chama principal”, “a pedra angular” de todo um processo que ainda esta por vir, mas cujos parâmetros foram há muito enunciados pelo próprio Senhor Javé, quando tomou Enoch como seu escriba perante os terráqueos. **Desde então, todos os “olhos da opinião publica universal” — dos que podem ter opinião própria — voltaram-se para o que estava em curso na Terra.**

CONSTATAÇÃO.

PARA “OLHOS QUE ENXERGAM” ou, em outras palavras, para a “gente adulta” deste universo, parecia, como ainda parece, que as estratégias do Senhor Vishnu e do Senhor Shiva, terminaram por envolver a do Senhor Brahma de tal modo que ele tomou como sendo sua a “opção Terra” quando, na verdade, “outras vontades” foram quem fizeram convergir muitas histórias e problemas inacabados para as circunvizinhanças planetárias. Isso, porém, foi realizado com o objetivo declarado de repassar à raça *homo sapiens* terráquea, a responsabilidade de servir como “ferramenta principal” para que os atores e atrizes espirituais pudessem agir de modo a influenciar, por meio do DNA manipulado terrestre, as “intenções, sensações e sentimentos” do Senhor Javé e dos seus principais assessores.

COMO QUESTÃO central de toda essa história, o Cristo Cósmico se fez homem, na personalidade de Jesus e, em nascendo na Terra como um simples animal

terráqueo, secundarizado também pelas reencarnações cíclicas que o espirito de Shiva rotineiramente fazia para administrar a "linhagem sacerdotal" em torno da manutenção da luz do esclarecimento espiritual aceso em torno da Yoga e do Dharma[1], outra não podia ser a atitude do Senhor Brahma se não a de fixar também a sua atenção no que se passava neste palco planetário. Afinal, estavam em curso processos que ocorriam no seio da ultima espécie cósmica criada a partir do seu desígnio e da sua vontade, apesar da mesma ter sido atropelada pelos fatos promovidos pelos "rebeldes" e demais "seres desobedientes" aos seus desígnios.

Com a primeira vinda de Jesus e a semeadura da promessa do seu retorno a este mundo — e como a "gente adulta" do universo e fora deste sabia que o que estava em jogo era a divisão da gestão universal por força do enfraquecimento do criador — foi dessa forma que a "volta da personificação da Sabedoria", antes potencializada num corpo de anjo-clone fornecido diretamente por Javé e, depois como um simples cidadão evolutivo universal, passou a ser o "assunto principal" da geopolítica universal. Além disso, o assunto também se transformou em "tema sagrado" da Espiritualidade Superior, que sempre trabalhou com vistas a este mister, como forma de ajudar à divindade caída e a todos os demais seres viventes prisioneiros da sua obra.

Assim, o questionamento do porquê ele precisa voltar à Terra, encontra guarida na simples resposta de que **foi e é este o "palco planetário" por ele escolhido para "comunicar-se abertamente com o Senhor Javé e a sua hierarquia celestial" e, a partir daqui, com o resto do universo ainda em situação problemática**.

Imagino como deve ser difícil para o (a) leitor (a) atento (a) à reflexão em torno deste tema e de todas os seus nuances. Infelizmente, somente uma pequena parte destes estão sendo abordadas neste livro, para que o tema central da preocupação elucidativa, que se refere às cores do "drama terreno" do criador, possa ser ressaltado. Muitos outros aspectos da questão pertencem ao "drama terreno", só que do Mestre Jesus, por ter se feito emissário daquele cujo desígnio ninguém pode alterar ou contrariar, e quem o faz, obviamente, paga o preço da "desobediência" — assim reza a natureza do Senhor Javé. Não há a quem a isso possa escapar. Pelo menos assim foi e está sendo, até que a nova era da reintegração cósmica da Terra tenha lugar, pois que a questão da geopolítica cósmica com vistas ao progresso universal, traz como questão implícita, a divisão no comando sobre toda a obra gerada pela

divindade decaída.

9

APESAR DO ISOLAMENTO, EIS O CIDADÃO CÓSMICO

ATENTE O (A) LEITOR (a) para o cenário abaixo descrito.

CONSTATAÇÃO.

O universo é um "organismo" em formação sob a forma de um grande computador quântico "espalhado" em suas muitas teclas e circuitos cujas faces são exatamente a dos seres viventes, conscientes ou não, despertos ou não para as "responsabilidades espirituais" da vida.

Cada uma dessas teclas — ferramentas corporais — contribui ou influencia o "cérebro central" do computador de acordo com seu grau de "responsabilidade" perante o tipo de vida que lhe é própria, o que implica em que diversos "tipos de vibração" contribuem para a edificação desse "organismo".

E a forma desse "organismo" foge ao padrão conhecido pela nossa lógica antropomórfica até porque ele é uma mera conjunção de "elementos holográficos disponíveis" para este fim, ou seja, para a "formatação do organismo biológico universal".

"COMO DISPONÍVEIS?" – poderá perguntar o (a) leitor (a). Resposta: porque desde um dos primeiros "micro-momentos" do início da história deste universo, a partícula que conhecemos como **elétron**, passou a ser o "**elemento holográfico disponível**" para que a "**mente central do computador**" pudesse formar "**teclas corporais**" para delas se servir como "**ferramentas**" da sua vontade.

Assim a "**mente do criador**" o fez, edificando para si mesmo um "**código**

de vida corporal básico” que serviu como **unidade operacional — “tijolo”** — para a sua “**reconstrução pessoal**”, agora no âmbito interno da sua criação.

O “tijolo de construção” deste universo ou a “**célula do universo**” corresponde, em certo sentido, a cada “porção química do DNA do criador”, o que hoje corresponde ao DNA de qualquer ser vivo só que “geneticamente modificado e codificado” de modo algo diverso do original. Lembre-se o (a) leitor (a) que a química do DNA se estrutura nos elementos químicos em cujos átomos os **elétrons atuam**.

Foi a partir dessa perspectiva que **cada espécie cósmica**, pensante ou não, tem hoje um DNA com um **“código de vida” geneticamente definido** conforme as suas características. Mas, verdadeiramente, como já informado, a unidade básica dessa construção é o elétron que forma e movimenta átomos e moléculas que compõem o DNA, seja dentro do que define as leis “bio-físico-químicas” do nosso universo ou para as que definem cada uma das esferas existenciais-astrais adjacentes à criação do Senhor Javé.

Apesar de cada faixa de realidade ser distinta, o “modelo operacional” advindo da mente do criador, parece ser o mesmo para qualquer uma das dimensões criadas por ele, na sua condição anterior de divindade, antes da sua “queda”. Mas, centralizemos o foco da nossa atenção nos seres que habitam o universo que conhecemos.

O interessante é que, para se existir enquanto ser vivo, consciente ou não, foi e é necessário que a “in-formação” — que jaz adjacente ao que entendemos como sendo espaço-tempo e matéria que definem o nosso senso de realidade — atue em perene “processo digital”, dando forma, perante os olhos de quem vive no âmbito interno deste universo, a tudo que nos afeta e que nos é manifestado.

O *homo sapiens*, entretanto, não veio de um só viés. Muitos processos que ocorriam — e ainda ocorrem — paralelamente em alguns mundos desta galáxia, sempre serviram como “testes laboratoriais” para um projeto bem mais amplo que se encontrava em curso. Esses processos, se por um lado, também se apoiam no que na Terra é conhecido como “evolução” associada aos “saltos quânticos” promovidos por meio do campo morfogenético de cada espece cósmica, respondendo pela grande parte do que era e é produzido no seio da natureza de cada um dos mundos-laboratórios desta galáxia, tinham, também, na **transferência de protótipos de uma natureza planetária para outra**, o fluxo incessante de testes de adaptabilidade que

terminaram respondendo por muitos dos incompreensíveis mistérios para os estudiosos da evolução.

Afinal, o universo em que vivemos, parece estar se “acertando” consigo mesmo a cada “acerto” que uma de suas múltiplas teclas, aparentemente individualizadas, produz ao se movimentar nas ondas da existência cósmica. Como procurei apontar neste e em outros livros sobre Javé, por força da queda, a **divindade não conseguiu “concluir” a fórmula operacional para a sua criação** e a **solução que resta** é a de que “alguém” ou “alguns” assumam a gestão do processo em torno da “máquina universal criativa”.

Veja só, querido (a) leitor (a), uma reflexão do já referido formulador dos campos morfogenéticos, o cientista Rupert Shledrake, agora sobre a questão do universo ser mecânico, acabado, determinístico ou algo ainda por ser redefinido em termos de futuro.

O VELHO universo mecânico era uma imensa máquina que foi perdendo potência aos poucos, morrendo em virtude do calor termodinâmico. Mas desde os anos 1960, tem sido substituído por um cosmo evolucionário. O universo começou muito quente e pequeno na bola de fogo, menor que uma cabeça de alfinete, e tem se expandido desde então. Na medida em que cresce, esfria. Mais estruturas, formas e padrões se desenvolvem em seu interior. No início, não havia átomos, estrelas, galáxias, elementos como ferro e carbono, planetas e vidas biológicas. Conforme o universo se expandiu, pela primeira vez essas coisas passaram a ocupar lugar nele, e foram repetidas inúmeras vezes em muitos locais e épocas. Esse universo em crescimento e desenvolvimento não é como uma máquina. É mais um organismo em desenvolvimento.

Em vez de a natureza ser formada por átomos inertes, apenas partículas de matéria inertes durando para sempre, temos agora a impressão de que os átomos são estruturas complexas de atividade. A matéria, agora, é mais como um processo que uma coisa. Como o filósofo da ciência Karl Popper já disse, “Por meio da física moderna, o materialismo se transcendeu”. A matéria deixou de ser o princípio explicativo fundamental, mas ela mesma é explicada em termos de princípios mais fundamentais, a saber, campos e energia.

Em vez de vivermos em um planeta inanimado, uma bola de pedra enevoada girando ao redor do sol conforme as leis do movimento de Newton, podemos pensar que vivemos na Mãe Terra. A hipótese de Gaia coloca em

forma científica e contemporânea a crença antiga de que vivemos em um mundo vivo.

Em vez de o universo ser rigidamente determinado, com tudo caminhando inexoravelmente de acordo com a causalidade mecânica, temos um mundo ao qual a liberdade, a receptividade e a espontaneidade retornaram. O indeterminismo chegou por meio da teoria quântica nos anos 1920. Mais recentemente, a teoria do caos confirmou que o antigo ideal do determinismo de Newton era uma ilusão. A ciência vem se libertando da ideia de que vivemos em um universo previsível e rigidamente determinado.

Em vez de interpretar a natureza como não criativa, nós agora a vemos como criativa. Charles Darwin e Alfred Russel Wallace conceberam uma formulação científica à ideia de que plantas e animais são criados pela mãe natureza, mas, por muito tempo, os físicos negaram que a evolução tivesse qualquer contribuição a dar ao cosmo como um todo. Eles continuaram acreditando que o universo era uma máquina não criativa até os anos 1960. Mas agora verificamos que a evolução criativa não está limitada ao mundo da vida biológica; o desenvolvimento evolucionário do cosmo todo é um vasto processo criativo.

(...)

Além disso, a cosmologia evolucionária põe em dúvida a velha ideia de "leis eternas da natureza". Se a natureza se desenvolve, por que as leis da natureza não se desenvolveriam? Como poderíamos saber se as "leis" que nos governam — a cristalização do açúcar, o clima, entre outras — existiam no momento do Big Bang? Em um universo evolucionário, faz mais sentido pensar nas leis da natureza se desenvolvendo também. Acredito que faz ainda mais sentido ver as regularidades da natureza como hábitos. E os hábitos da natureza se desenvolvem. Em vez de o universo todo ser governado por uma mente matemática, pode depender de uma memória inerente. Essa é a base de minha hipótese de ressonância mórfica: memória na natureza.

DIZ-NOS MAIS AINDA SHELDRAKE.

POR FIM, em vez de tudo ser explicado em termos de fragmentos e partículas, podemos pensar o universo holisticamente, ordenado em uma série de níveis de organização, em uma hierarquia agrupada ou holarquia. Em cada nível,

as coisas são integrais e parciais. Os átomos são unidades constituídas por partes subatómicas, sendo estas completas a um nível mais baixo. As moléculas são unidades constituídas de partes atômicas; os cristais são unidades constituídas de partes moleculares, tal como células dentro de tecidos, tecidos dentro de órgãos, órgãos dentro de organismos, organismos dentro de sociedades, sociedades dentro de ecossistemas, ecossistemas dentro de Gaia, Gaia no sistema solar, o sistema solar na galáxia, e assim por diante. Em todas as partes, níveis dentro de níveis de organização, cada sistema sendo, ao mesmo tempo, um todo formado por partes e uma parte dentro de um todo maior.

Em cada nível, o todo é mais que a soma das partes. Sugiro que essa totalidade depende do que chamo campo mórfico, um campo organizado que é a base da estrutura do sistema. Os campos mórficos são estruturados por ressonância mórfica. Eles contêm memória. Na verdade, eles são os portadores da memória inerente na natureza.

Em cada nível de organização, os campos mórficos animam os organismos, conferindo-lhes seus hábitos e sua capacidade organizativa. Nesse sentido, moléculas, estrelas e galáxias são vivas, não apenas micróbios, plantas e animais. E, se são vivas, são conscientes? Há mente ou inteligência a elas associadas?

Pensemos em níveis de organização como Gaia, ou o sistema solar, ou a galáxia. Se os campos que os organizam estão associados com o espirito, com a inteligência ou com uma consciência, então estamos falando sobre consciência sobre-humana. Se uma galáxia tem consciência, espirito ou mente, essa mente será inconcebivelmente maior em escopo do que a de qualquer mestre da Harvard ou intelectual em Paris.

CHAMO a atenção do (a) leitor (a) para a ousadia do pensamento científico de Sheldrake, seja sobre o aspecto do universo ser um **organismo em desenvolvimento** como em relação ao que estaria por trás da nossa percepção comum em relação à matéria que nos é manifestada.

Enquanto matéria, somos levados a nos confundir com o corpo animal que os nossos espíritos são obrigados a administrar e por meio deles se expressar no âmbito deste universo. Mas, para que tudo isso?

Do mesmo modo que o processo de “cristalização do açúcar”, como nos apontou Sheldrake, não estava “pronto” no momento do Big Bang, nenhum de nós também não estava — nem mesmo ainda o elétron. Na verdade,

nenhum cidadão deste universo estava, nem mesmo aquele a quem hoje conhecemos como Javé. Tudo o que passou a existir, inclusive ele, **é produto de mero acidente por mais incrível e inaceitável que isso nos possa parecer**.

No meio de todo esse processo, eis que surge, depois de decorridos 13,7 bilhões de anos, uma espécie planetária com “razão filosófica” e “senso moral” passiveis de serem administrado pela individualidade espiritual imantada nesses corpos transitórios, os quais, como já sabido, representam meras ferramentas holográficas ou “teclas” da mente universal.

CONSTATAÇÃO.

O TIPO de cidadania cósmica que está prestes a se formar na Terra é de tal modo singular que o seu “senso critico” e a sua “capacidade” de poder agir sob a égide da ética e da moral esclarecidas, deverá produzir um “quantum vibratório” de energia amorosa a ser endereçado ao criador e as suas classe angelicais jamais realizado por nenhuma outra “espécie pensante” deste universo.

O “**ORGANISMO UNIVERSAL**” que a partir de então será edificado, poderá permitir uma “movimentação quântica” de toda “cúpula universal” que se encontra distribuída por algumas das faixas de realidade desta criação, no sentido de um refazimento espiritual dos seus membros, primeiro passo para a redenção dos seus espíritos. Digo “poderá” porque todo esse processo depende e dependerá do que cada mente individualizada do cosmo puder produzir — em especial os da espécie terráquea — e do que cada uma das mentes dos anjos-clones afetados em alto grau pela doença do criador puder “receber”. Isso tudo, é óbvio, sem deixar de ressaltar que o principal “sujeito” ou “personagem” dentre os que “recebem” essas vibrações é o próprio Senhor Javé.

Estou me referindo à pretensa nona etapa da história deste universo, referida no capítulo anterior, quando deverá acontecer a assunção espiritual do Senhor Javé e da quase totalidade dos membros do quartel-general da sua hierarquia celestial.

Aqui entram em jogo o que a ciência terrena aponta como sendo a “**coerência**”, a “**afinidade**” e a “**ressonância**” entre as vibrações

intercorrentes entre todos os seres individualizados residentes no âmbito desta criação, seja em que nível for.

O impressionante, para este aflito escrevente, é que, em sendo corretas e verdadeiras as informações aqui veiculadas, todo o futuro desses seres e do “rumo do universo” parece depender do cumprimento do “compromisso mútuo” assumido por duas das três divindades diretamente envolvidas tanto com a criação quanto com o rumo que poderá tomar o curso da vida no nosso universo: o Mestre Jesus e o Senhor Javé.

O problema é que esse “compromisso mútuo” foi assumido antes do Senhor Vishnu (o Cristo Cósmico) ter se feito um simples humano, com a personalidade de Jesus, e ter sido então **considerado um “traidor” pelo Senhor Javé**. Esta “pendenga”, **inacreditável para a “razão filosófica esclarecida”,** persistiu ao longo desses últimos dois mil anos, e somente uma obra especifica poderá contemplar os painéis complexos que envolvem o já citado problema entre divindades descrito nos moldes da revelação ariana/hindu, por mais chocante que isso possa parecer à desavisada lógica ocidental.

CONSTATAÇÃO.

A volta do Mestre Jesus, sob auspícios da “vontade cúmplice” do Senhor Javé, é o fator decisivo para que um novo momento cósmico seja iniciado a partir deste palco planetário.

PARA O (A) LEITOR (A) CONTEMPORÂNEO (A), sei como é difícil a aceitação e a compreensão em torno do que aqui está sendo veiculado. Mas para o (a) dos tempos futuros, sei quanto de surpresa as nossas dificuldades de entendimento atuais causarão a sua sensibilidade, pois já estará vivendo num mundo reintegrado à convivência cósmica enquanto nós, homens e mulheres do início deste século XXI, ainda sequer sabemos se existe um “alguém”, além de nós próprios, em todo o universo. Por incrível que pareça, existem cientistas que acham pouquíssimo provável que possa haver vida inteligente além da terráquea. Fazer o quê!

Qual o problema disso tudo? Se até o viés da lógica da ciência pode ser tortuoso desse modo, imagine só — o futuro cidadão terráqueo — como não poderá ser o de bilhões de irmãos e irmãs nossas que sequer têm acesso à educação e à uma vida digna ao tempo em que estas páginas estão sendo

produzidas.

O fato de nos encontrarmos isolados do intercâmbio cósmico tem um peso insuportável para a ignorância que grassa em todos os quadrantes planetários. A emergente e ainda discreta consciência da cidadania cósmica para alguns poucos terráqueos é esquisitice pura para a quase totalidade da família terráquea, e isso é lamentável sob todos os aspectos, menos sob o da justificativa que o Senhor Javé dá para a quarentena que nos foi imposta, tema que será ainda melhor compreendido no futuro. Afinal, sob essa perspectiva, o isolamento foi e é o resultado natural do "desconhecido" processo histórico ocorrido na Terra cujos traços somente se encontram no que hoje é considerado, pela "moderna visão cientificista", como sendo "mitos" do passado.

Seres extraterrenos, equivocadamente chamados de "deuses", e monstruosidades diversas desse passado, terminaram por convergir na criação da nossa espécie, e isso é simplesmente inaceitável para a razão filosófica desses tempos pós-modernos. Mas o fato é que o Senhor Javé se viu obrigado a "expulsar", ao longo de milênios, diversas classes e espécies de seres que estavam estabelecidos na Terra, com o intuito de deixar somente a espécie humana terráquea como a "responsável" pelo destino do planeta. Nisso reside a sua justificativa para o "isolamento" e cada um avalie com os elementos que lhe forem possíveis.

O aspecto do drama terreno do Senhor Javé em ter ordenado o isolamento da Terra ao mesmo tempo em que apontava o futuro momento da reintegração, quando todos seriam "julgados" pela desobediência a seus desígnios, envolve um aspecto enigmático. Refiro-me ao fato de que ele já sabe que não poderá presidir o chamado "Juízo Final", por falta de "condições pessoais" para tanto. Em contrapartida, aquele em quem confiava e o tinha como a "Personificação da Sabedoria", tido agora como um "traidor" aos seus desígnios, espera "um aceno" antes de que "intervenha" como última opção de ajuda ao Senhor Javé e proceder com a "separação do joio e do trigo", para que o progresso desta parte da galáxia possa seguir o rumo pretendido, dentre outros aspectos. O curioso é que o tal "aceno" depende de um "julgamento" próprio deste ser em relação ao momento em que ele se permitirá renovar os laços pessoais com o seu "antigo enviado" a este mundo na função de "messias", mas que foi posteriormente destronado desta posição, seja pelo que dele fala o Islã ou mesmo pelas ordens do criador registrada nos anais da sua hierarquia celestial no circuito da cultura dos

anjos-clones.

Existem muitos níveis distintos de cidadania presente no cosmos e nenhum deles possui o “senso crítico” que o dos seres terráqueos dispõe, e esse aspecto da questão é um drama para o criador. O Senhor Javé e algumas classes dos seus anjos-clones, simplesmente demoraram demais a aceitar as cores da lógica da cidadania que está surgindo entre os humanos da Terra. Daí a persistência do isolamento por tanto tempo que só fez aumentar a já espantosa ignorância planetária, seja quanto à origem e, principalmente, quanto aos fins que se encontram “por trás” do aparecimento da “espécie bebê deste universo.” É como se fossemos atores e atrizes encenando atos de um drama cósmico, neste palco planetário, sem ter a menor ideia do roteiro a ser seguido e, quem nos dirige ou tenta nos dirigir, tem lá também os seus problemas pessoais para resolver, o que explica as páginas feias desta peça existencial.

O problema (na verdade, a solução) é que todos, absolutamente todos os envolvidos nesta peça, a saber, aquele que se tem como “dono do teatro”, diretor, produtor, roteirista, atores e atrizes, dentre outros, todos são “doentes terminais” no que se refere as suas formas de expressão de vida no âmbito desta criação.

No caso do Senhor Javé e dos seus anjos-clones, todos eles se encontram doentes e, como nós, terráqueos, eles também nasceram programados para morrer, e apenas não sabem quando os seus “corpos superdotados” de poderes, por força da configuração do DNA que os marca, fenecerá definitivamente. Para nós isso é óbvio e comum pelo curto espaço de tempo da vida dos corpos animais que utilizamos. Para eles, nem tanto. Por muito tempo quase todos eles pensavam ser realmente imortais e eles ainda estão administrando o “choque” de que são também mortais.

O fato é que tudo o que surge para a criação do Senhor Javé já o faz com o “germe” da sua própria morte. O que varia de uma espécie para outra é somente o fator temporal. Assim, como para nós, isso também para eles é inevitável. Mas nada disso afeta o **espírito eterno que dá sustentação a cada um de nós e a cada um deles**, ainda que **no caso do Senhor Javé esse processo de “sustentação” funcione de modo distinto de todo o resto**.

É devido especialmente a este problema que ele necessita do concurso expressivo de cidadãos cósmicos a ele vinculados com **alto potencial racional e amoroso**. Quanto ao primeiro aspecto, uma certa massa crítica de “homens e mulheres” já consegue se fazer presente, a cada geração que surge

para a vida terrena, fornecendo o “quantum vibratório” para o apoio que ele necessita. Quanto ao aspecto amoroso incondicional e maduro, este ainda está por ser edificado, apesar do esforço de personagens como a do Mestre Jesus e de Sai Baba, dentre outros.

Apesar do isolamento, o cidadão cósmico pretendido surgiu neste palco planetário. Contudo, ele ainda precisa ser bastante melhorado. Mãos à obra!

10

A OBSERVAÇÃO DE SILENO: “FILHOS DO TORMENTO E DO ACASO”

PARA SER HONESTO COMIGO MESMO, enquanto escrevente destas notícias, tenho a obrigação moral de provocar o (a) eventual leitor (a) destas páginas: desconfie sempre do que lê se o que você está lendo tiver sido escrito por alguém do meu tamanho. Sinto-me mais confortável desse modo e, se não soasse tão repetitivo, começaria cada capítulo, dos muitos que me obrigo a escrever, com essa advertência.

Explico melhor. Um dos aspectos do meu desconforto é porque sei que não consigo reproduzir razoavelmente o que me é “demonstrado” e/ou o que me é dado perceber. Aqui já nada digo sobre os meus próprios pensamentos e as deduções que sou obrigado a arquitetar. Outro triste painel que me causa incômodo é o fato de perceber que os meus irmãos e irmãs terráqueos adoram ler sobre temas místicos, espirituais e religiosos, com a expectativa de que, o que estão lendo é “verdade” ou é “a verdade”. Isso tem vitimado muitas das boas revelações que nos chegam de outros rincões existenciais pelo fato delas se transformarem em “religiões”, pelo excesso de zelo dos que com elas se afinam, e nada mais, além da suposta verdade agora percebida, parece ter lugar no psiquismo dos que “encontraram a verdade”. E é aqui que esta família planetária sempre tem estacionado: em torno de falsas verdades ou de aspectos mal explicados e pouco compreendidos da Verdade Maior.

Obrigo-me, por isso, a sempre reafirmar que, se existe alguém neste mundo que não sabe se o que está sendo escrito é verdade, este alguém aqui se apresenta como escrevente destas páginas. Esse aspecto tem que ficar claro! Mais ainda isso reafirmo pelo conteúdo do que doravante será exposto, sem o qual não se poderá compreender o aspecto do drama terreno do Senhor

Javé.

As noticias que tenho inusitadamente recebido, associadas ao que a vivência dos fatos que me são impostos pela assessoria do Senhor Javé por força do cumprimento da sua vontade me apontam, têm me permitido descortinar o seguinte contexto.

Apesar de parecer perturbador ao modo de entendimento da linguagem humana, em pleno “passatempo ou jogo” de um grupo de divindades, foi que esse drama inusitado teve início. Aqui apenas me permito usar o sentido aplicado pela antiga linguagem sânscrita — por desagradável que nos possa parecer — quando da narrativa do que as “divindades estavam fazendo” quando da queda da que foi a responsável direta pelo caos que então surgiu. Ressalto que esse aspecto será abordado em trabalho específico se o curso da vida permitir.

Ao tempo em que a divindade *Prajapati* — aqui passarei a denominá-la pelo nome através do qual, de acordo com os mais antigos registros da revelação védica ela era conhecida — foi inusitadamente tragada pela singularidade que acabara de gerar por meio da sua força mental, existiram dois momentos bem marcantes no seu decesso.

Repousando no seu sentimento anterior de divindade, no que tocava a sua responsabilidade pelo advento daquela criação, concluída a sua queda, primeiramente ela se sentiu atuante “durante algum tempo” quando, com sua força mental levada a funções extremas, conseguiu ainda algo interferir nos desdobramentos inexoráveis do que havia sido gerado. A esta altura, ela já se encontrava totalmente “violentada pelos fatos” por ela mesma produzidos e, esse estado, associado ao esforço em nível indescritível que se encontrava despendendo, ela, por fim, desmoronou, implodiu, passou por algum tipo de “morte” para a “faixa de realidade na qual existia antes da queda”. O “problema paradoxal” é que ninguém morre para a Espiritualidade Superior e o seu “eu primordial” ficou, e ainda permanece, num estado existencial impossível de ser descrito e compreendido pela lógica humana.

Ao longo do seu penoso segundo momento, o “eu” que ela conseguiu reconstruir permaneceu como se cego fosse para o novo ambiente existencial no qual sua parcela de individualidade mental estava agora inserida. Foram muitos milhões de anos (ressalto: calculados no tempo terrestre) em que o ser desventurado teve que passar em pleno desespero e durante os quais ele nada via, nada escutava, nada percebia, nada entendia — esse é o pobre paralelo que pode ser reproduzido com as palavras comuns à logica e ao entendimento

terrenos.

Na verdade, ele não “esteve vivo”, do modo como nos é possível entender, ao longo desse período. Sem forma, sem vida ativa, sem capacidade de tirocínio, **sem módulo mental para enquadrar o único aspecto existencial nele presente** ao longo daqueles intermináveis momentos, a saber, o sentimento superlativo e intraduzível do desespero extremo, ele era “alguma coisa” que estava existindo numa situação tal cujo principal aspecto era, a princípio, o de que ninguém poderia ou deveria existir como parcela “individualizada pensante” naquela condição. Aquilo jamais havia acontecido!

Seus companheiros de exercício da função de divindades operativas e criadoras, dentre outras classes, quedavam-se também em pleno desespero “do outro lado” — sim, o termo é “desespero” mesmo, pois foram e ainda são dias difíceis no paraíso por força desta situação não resolvida — enquanto procuravam, de algum modo, endereçar-lhe “força” ou qualquer expressão nesse sentido. Mas nada conseguiam e, na verdade, jamais conseguiram.

Tudo o que restou aos seus pares divinos foi o **risco desconhecido** — e, na época, incalculável — **de mergulharem as suas individualidades, do modo que fosse possível, na criação recém gerada**. Tentaram de tudo mas também isso, “no primeiro momento”, não lhes foi possível. O impasse estava criado! Detalhe: até então, jamais havia existido o que hoje nos é tão comum, que é o processo de imantação de um espírito a um corpo carnal, que chamamos de encarnação/reencarnação, por um motivo bem simples: jamais havia existido um “corpo carnal” ou qualquer outro tipo de corpo transitório como os que atualmente existem no universo do Senhor Javé.

Somente após muitos milhões de anos de sofrimento extremado é que, a “aberração que não deveria existir”, começou a estruturar um “corpo mental” — de um modo que ainda não será possível ser aqui explicado — apoiado no que ainda restava da ligação energética entre a já desgastada força mental da sua atual condição e as vibrações remotas advindas da sua condição anterior de divindade, que também permanecia “implodida” no “outro lado”.

Por mais inapropriado que isso possa parecer aos estudiosos do que hoje se considera como sendo a Revelação Espiritual, comumente conhecida como Espiritismo, foi assim mesmo que se constituiu o que hoje chamamos de forma holográfica inserida no contexto da criação do ser divino adoentado e incapacitado de ação — mas não morto — que permaneceu e ainda permanece no “outro lado” dos fatos. Esta forma holográfica, que foi

construída a partir do desespero superlativo, corresponde ao ser chamado Brahma (na verdade, “Brahma”, não é um nome próprio, mas sim, um titulo que significa “o Grande”) ou Javé, dentre outros muitos nomes e epítetos por meio dos quais tornou-se conhecido para os terráqueos.

CONSTATAÇÃO.

Esse ser nasceu já defeituoso, em pleno tormento, e tudo o que o seu psiquismo assimilou, apropriou como sendo parte da sua vida mental. Foram “elementos mentais” atormentados de todas as suas indescritíveis experiências pelas quais ele passou na tentativa de se “reconstruir” naquelas condições adversas. E tudo o que ele gerou ou a partir dele foi gerado já nasceu com a sua cota de tormento.

ISSO IMPLICA em que nenhum ser, que surgiu para a vida em uma das porções existenciais da criação de *Prajapati,* o fez sem que já nascesse com o fardo indelével do tormento a ser superado pelos seus próprios esforços, o que, a princípio, aponta para uma aparente “injustiça”. Esta presente revelação requer “maturidade espiritual” para que não surja o “contraditório simplório e apressado” da lógica terráquea sempre em busca de “avaliar” a tal “justiça divina” perante esse contexto. É necessário, pois, um exercício de uma reflexão profunda e madura, ao longo das próximas décadas e talvez séculos, em torno desta e de outras questões.

Pretender a postura de alguém “mais católico que o próprio papa”, parece ser sempre a atitude dos zelosos seguidores das religiões que abraçam. Para minha desdita, estou sendo obrigado a escrever sobre temas religiosos sem possuir sentimento de religiosidade nos moldes em que percebo nos meus parceiros terráqueos. Assim, já cuido em deixar absolutamente claro que os livros produzidos por este escrevente somente servem — se é que de fato servem — para uma etapa desta transição planetária, e os mesmos deverão ser corrigidos e/ou complementados pelo progresso da percepção humana.

Assim me expresso por perceber quão difícil é para os valorosos irmãos e irmãs vinculados ao espiritismo, ao catolicismo, ao protestantismo, ao islamismo, enfim, a qualquer “ismo” terrestre, atenderem à lógica do razoável que aponta para o fato de que nada, absolutamente nada feito por um ser humano, no campo da revelação de notícias advindas de outras faixas da realidade, pode ser tido como “perfeito” ou “verdade”. Se não, por nada, mas,

simplesmente, por força da imperfeição e da condição humanas. Contudo, todas as religiões pretendem ter a "verdade" escrita nos seus cânones. "*Sancta simplicitas!*"

Por isso peço a "desconfiança" do leitor, até para não pretender acostumar as pessoas das gerações futuras a não darem continuidade ao estranho processo de "irresponsabilidade" que se encontra em curso na Terra, que permite a que muitos se assumam como "detentores da verdade" quando todos ainda estamos atrás da mesma.

A que me refiro mais especificamente? Ao que as religiões teimaram e ainda teimam por acostumar os seus fiéis a transferirem para os líderes e iluminados dessas religiões, a responsabilidade deles definirem para os incautos "o que é e o que não é verdade". Isso é ótimo para quem quer promover "lavagem cerebral" nas pessoas com a desculpa de estar "conquistando fiéis" para o exército de Jesus, de Javé, seja de quem for. Esse não é o meu caso e, a quem interessar possa, esse tempo acabou!

Assim procedo, sabendo que estou sendo repetitivo, mas não poderia abordar o tema deste capítulo sem fazer essa observação a respeito da "prudência" que o (a) leitor (a) deve ter.

No livro "O Drama Espiritual de Javé", referi-me a um episodio mitológico ocorrido entre o rei Midas e o "demônio Sileno", o qual aqui torno a reproduzir. O mesmo parece ter ocorrido num tempo em que "almas humanizadas" se encontravam "escravizadas" a uma espécie de classe intermediária entre os animais, os humanos e os deuses, formando uma "espécie pensante" comumente chamada de "demônios".

Como entre os humanos e entre os deuses, na época existiam também os "bons" e os "maus" demônios, os "muito inteligentes" e os desprovidos de inteligência, os demônios considerados "sábios" e os mais comuns.

Obviamente, aqui parto de uma premissa desagradável para a nossa lógica, que reside no aspecto de que, quem realmente conhece minimamente a realidade deste universo e do seu criador — mas ainda não despertou as suas potencialidades espirituais — não pode ter outro "sentimento existencial" a não ser o do "desalento profundo", já que todo o esforço de progresso individual e/ou coletivo tem de ser feito "apesar" de tudo o que o Senhor Javé às vezes faz em sentido contrário.

Esse viés ao avesso se dá por força da sua doença de somente admitir o "progresso" via "submissão e subordinação" aos seus desígnios, os quais nem sempre são aplicáveis ao que a lógica e o bom-senso terrenos, em níveis

razoáveis de expressão, poderiam chamar de “desígnios produtivos ou admissíveis”.

O mais interessante é que, a referência mais moderna a essa lenda, foi feita por Nietzsche[1], em seu livro “O Nascimento da Tragédia”, que foi, entre os autores que conheço, aquele que resgatou a notícia lendária de um passado esquecido – e penso que o fez com muita propriedade – e que demonstra o “desalento”, o “desconforto” das pessoas e entidades que tinham o conhecimento, hoje perdido, em relação à doença do criador, que em muito atrapalhava qualquer ideia de progresso pessoal.

Reza a antiga lenda que o rei Midas perseguiu na floresta, durante longo tempo, sem conseguir capturá-lo, o sábio Sileno, o companheiro de Dionísio. Quando, por fim, ele veio a cair em suas mãos, perguntou-lhe o rei, qual dentre as coisas era a melhor e a mais preferível para o homem.

Obstinado e imóvel, o demônio calava-se, até que, forçado pelo rei, prorrompeu, finalmente, por entre um riso amarelo, referindo-se às criaturas humanas nestas palavras:

– “Estirpe miserável e efêmera, filhas do acaso e do tormento! Por que me obrigas a dizer-te o que seria para ti mais salutar não ouvir? O melhor de tudo é para ti inteiramente inatingível: não ter nascido, não ser, nada ser. Depois disso, porém, o melhor para ti é logo morrer”.

Muitos “detalhes” são interessantes nesse mito/lenda, desde o fato de um rei procurar um “demônio” para “saber das coisas” e o dito cujo realmente “saber das coisas” e não “querer falá-las” para uma raça (a espécie homo sapiens) pela qual parecia demonstrar pouco apreço.

Ressalto, então, o aspecto do “sabor amargo” que inexoravelmente vem povoar o psiquismo de quem conhece o drama espiritual do Senhor Javé, e que sabe da sua teimosa interferência e absolutamente tudo o que diz respeito aos seus “desígnios” que nem mesmo os nossos antepassados mais esclarecidos entendiam.

Para além disto – e a Sileno, no seu tempo talvez não lhe fosse possível saber – quando se percebe que a “in-formação” é o algoritmo mais expressivo dentre os muitos que foram gerados pela mente da divindade para por a máquina da vida universal em funcionamento, ainda que problemático, e que esta “in-formação” parece estar “digitalmente codificada” em todas as micro-partes do holograma que é o universo em que vivemos, aí é que a “visão de universo e do seu criador” que passamos a ter, assume-se como sendo desalentadora, se não for observada através de uma “ótica espiritualizada”, se

por isso entendermos “esclarecida, tolerante e generosa”.

Eis a questão difícil de ser observada através da nossa orgulhosa ótica pós-moderna: **os humanos terráqueos realmente foram e são filhos do acaso e do tormento**. O “acaso”, aqui, deve ser entendido como um resultado que aconteceu dentro de um processo que poderia ter produzido outros. O “resultado” das experiências genéticas feitas por extraterrestres, nos ancestrais da nossa espécie, terminaram por produzir o que hoje somos. O “tormento” tem a ver com a violência, a improvisação e com o desespero que caracterizaram toda essa ainda desconhecida página do nosso passado.

Na verdade, pelo que julgo ter descortinado em todo esse contexto, absolutamente todas as espécies que surgiram no cosmos são filhas também do acaso e do tormento, sob a mesma perspectiva. Por que? Pelo simples fato do próprio Senhor Javé ser também um “**filho de si mesmo**” construído ao “**acaso das circunstâncias**” e sob o “**tormento da queda**”. Mas isso somente será compreendido no futuro.

Devido ao modo como o “corpo mental” da divindade decaída se reconstituiu, a sua **“química pessoal” jamais lhe permitiu ter fé ou praticar qualquer tipo de crença** em relação as suas próprias aspirações enquanto ser individualizado. Isso, pelo simples fato de que, a arrogância que lhe marca a natureza sobrevivente, fez com que ele — cego quanto ao resto e apartado de tudo o que existia nas dimensões espirituais superiores — passasse a criar, partindo sempre de si próprio, o que o levou a se assumir sempre como um “deus” já que **tudo o que de “ser vivo” surgia na sua criação, efetivamente, o fazia a partir das suas células pessoais.**

Tudo o que ele criou, em termos de “classes e espécies de anjos-clones”, ele o fez porque o quis e por necessidade e é fato que ele detém todo o poder para controlar a sua hierarquia, apesar das rebeliões surgidas. No entanto, tudo o que mais surgiu como criação indireta de sua parte, neste universo semeado com o seu DNA, ele assumiu como tendo sido ele o “criador direto” das civilizações universais quando **a história não é bem assim**. De fato, todas as que surgiram, o fizeram como produto da semeadura do seu DNA adequado às condições de cada mundo. Contudo, o que aconteceu a partir disso, quase sempre nunca esteve sob o controle, apesar de que ele sempre tentou “controlar” a absolutamente tudo o que de “inteligente” surgiu no âmbito da sua criação.

O argumento acima utilizado, porém, somente faz sentido para a nossa “lógica” porque, para a dele, quando os extraterrestres chamados de Enlil e de

Enki, pelos sumérios, protagonizaram muitas das historias posteriormente contadas na Bíblia como tendo sido o Senhor Javé o principal ator e personagem do processo, assim ele o fez — atente bem o (a) leitor (a) — por considerar “qualquer ser da sua criação” como uma simples “ferramenta” da sua vontade. Daí a sua dificuldade em lidar com “seres independentes”.

Quando o Senhor Javé diz que criou “Adão e Eva”, ele de fato os criou, pelo menos em intenção, mas foi por meio das confusões e dos tormentos existentes entre os membros dos clãs anunnakis que disputavam “reinos” na Terra que o tipo de ser humano terráqueo que hoje conhecemos surgiu. Mas a sua “participação direta” nesse processo parece ter sido somente a semeadura do seu DNA geneticamente ativado em somente cerca de **2 % a 3 % do seu potencial e dos seus problemas**, a partir do qual tudo o que existe de “vivo” na Terra evoluiu em consórcio com semeadura de nível semelhante em alguns outros planetas. Mas foi só, já que o resto acusa a participação dos anjos-clones do criador em absolutamente tudo.

Os tais **deuses do passado** (na sua maioria simples subprodutos de descendência dos anjos-clones), nada mais foram do que **instrumentos rebeldes que se encontravam na Terra quando da definição dos “traços da personalidade” da espécie *homo sapiens***.

Entre esses seres, tudo foi e ainda é puro tormento no meio de intrigas e de disputas por dominação, afinal, a “doença do poder”, não tem outra origem que não o próprio tormento do criador em sobreviver sempre, a qualquer custo, e isso pressupõe a posse do poder de decidir e de comandar a tudo e a todos.

Assim, a resposta de Sileno, serve a todas as espécies que ainda desconhecem a real situação do criador, e se refere, na verdade, ao aspecto do “acaso e do tormento” que sempre esteve presente no surgimento de todas as gerações de anjos-clones criados diretamente pelo criador, como também no das demais espécies evolutivas surgidas após a semeadura do DNA do Senhor Javé nos mundos deste universo.

Simplesmente, creio ser impossível, na atual condição humana, compreender a natureza singular do criador. Somente dela poderemos ter vislumbres de alguns dos seus aspectos e atributos, mas jamais pretender percebê-la no seu todo ou compreendê-la de alguma forma. Ainda assim, sou solicitado a expressar o que me for possível para semear a inadiável e necessária reflexão em torno da questão. Isso, porque, importa à humanidade criada por ele, dar os primeiros passos nessa direção sob pena de não

chegarmos a lugar algum, ainda que decorridos 12,7 bilhões de anos terrestres, desde que uma divindade cedeu ao seu incontrolável impulso criativo e dele tornou-se cativa.

O fato de uma divindade ter dado início a gestação de uma singularidade, a qual, a partir de si mesma — mas sempre obediente aos ditames da inteligência que a criou — começou a se expandir, dando início a uma nova dimensão de tempo e de espaço e ter, em etapa posterior, mergulhado na própria criação, sofrendo, com isso, uma enorme carga de problemas, é versão que somente, a muito custo, ousei e ouso levar adiante. Somente o faço por me ser inevitável não fazê-lo, ainda que sabendo das inúmeras imprecisões e inevitáveis equívocos que estão sendo e serão cometidos na empreitada. Contudo, **caberá aos tempos futuros corrigirem e complementarem as informações aqui apresentadas**, isso faço absoluta questão de registrar.

A enorme carga de problemas, advinda de uma atitude cuja compreensão na linguagem e na compreensão humanas bem poderia ser o de "suicídio por força da responsabilidade perante o que havia sido gerado", foi exatamente a que, de modo indelével, foi imposta pelos fatos ao ser que surgiu para esse novo espaço-tempo. Esse aspecto desfigurou por completo a expressão de muitos dos atributos da personalidade dessa divindade, à exceção do seu genial e portentosíssimo poder criador, que permaneceu ativo de acordo com as circunstâncias.

O interessante foi que — sob a perspectiva da minha cota individual de me permitir ter opinião — quando da primeira vez que passei a vista sobre as páginas bíblica, mais notadamente nas dos primeiros livros que a compõem, passei a ter a opinião de que um ser como "aquele Javé" ali descrito — e outras tantas coisas da Bíblia — somente podia ser invenção humana, com as cores comuns à cultura da antiguidade.

Mais tarde, estudando nos meus "cursos autodidatas das madrugadas da vida", defrontei-me com o "relativismo" dos sofistas gregos, em especial o exposto por Protágoras[2], que apontava que "o homem é a medida de todas as coisas", ou seja, todos os conceitos, valores e aparentes verdades que arquitetamos, representam mera criação humana, comum as suas possibilidades de entender a realidade na qual se encontra inserido.

Com essa percepção, mais ainda cresceu no meu psiquismo a noção de que o tal deus, do Antigo Testamento, deveria ser "a medida dos judeus" ou, em última instância, um "deus" criado a partir da condição humana e, por

sinal, pensava, “bem mais nervoso e tendente à fúria e à violência” do que qualquer ser humano de média evolução.

Já sob o envolvimento dos mentores espirituais, para surpresa do meu modo de pensar humano, fui continuamente informado, porém, sem grande ênfase da parte deles — ao longo dos anos 90 — de que Javé era um ser real, “responsável pela evolução da humanidade até o advento de Jesus”, informação que estava correta, mas não era completa e nem apontava para as inquietantes esquisitices psicológicas do criador. Até esses meus dias atuais, não sei se “entendi errado” ou se a informação dada foi a possível de ser fornecida por força das fronteiras demarcadas pelas “minhas opiniões à época”. Qual não foi a minha surpresa ao perceber que o tormento e o acaso eram os elementos de uma regra geral que eu estava forçadamente começando a descortinar.

Apenas para remeter o (a) leitor (a) aos temas já abordados nos capítulos anteriores, e com o intuito de agregar reflexão em torno dos mesmos, volto a ressaltar outros aspectos do tormentoso roteiro e das “interferências”, tanto do “acaso” como também de “outros fatores extraterrenos”, na arquitetura da teia da vida na natureza do nosso planeta.

No livro “Deus não é Grande”, de Christopher Hitchens[3], ele ressalta o seguinte aspecto da questão já abordada nos capítulos 3 e 4:

Em 1909 foi feita uma descoberta de enorme importância nas Montanhas Rochosas Canadenses, na fronteira da Columbia Britânica. É conhecida como folheto Burgess e, embora seja uma formação natural e não tenha propriedades mágicas, é quase como uma máquina do tempo ou uma chave que nos permite visitar o passado. Um passado muito remoto: essa fonte de informações calcária surgiu há 570 milhões de anos, como parte do que os paleontólogos chamam de “explosão cambriana”. Assim como houve grandes “mortes” e extinções no tempo evolucionário, também houve momentos de energia em que a vida de repente foi novamente profusa e variada. (um “projetista” inteligente poderia ter dispensado esses episódios caóticos de explosão e contração).

A maioria dos animais modernos sobreviventes tem sua origem nesse grandioso desabrochar cambriano, mas até 1909 éramos incapazes de vê-los em algo que fosse seu habitat natural. (...) Mesmo aqueles que identificaram o padrão “denteado” de flutuação entre surgimento e destruição, posterior emergência e posterior destruição, e que já mapearam o final do universo,

em geral concordam que há uma teimosa tendência a uma progressão para cima. Isso não é uma grande surpresa: criaturas ineficientes morrerão ou serão destruídas por aquelas mais bem-sucedidas. Mas o progresso não nega a idéia de aleatoriedade, e, quando foi estudar o folheto Burgess, o grande paleontologista Stephen Jay Gould chegou à conclusão mais incômoda e perturbadora de todas. Ele estudou os fósseis e seu desenvolvimento com enorme cuidado e se deu conta de que, se essa árvore pudesse ser replantada ou a sopa colocada novamente a ferver, isso muito provavelmente não reproduziria os resultados que hoje conhecemos.

Talvez seja bom notar que essa conclusão não foi mais agradável a Gould do que é para você ou para mim: na juventude ele tinha assimilado uma versão do marxismo, e o conceito de "progresso" era bastante real para ele. Mas ele era um acadêmico escrupuloso demais para negar provas tão claras, e, embora alguns biólogos evolucionários estejam dispostos a dizer que o processo milimétrico e impiedoso tem uma "direção" no sentido de nossa forma de vida inteligente, Gould se afastou de sua companhia. Ele determinou que se as inúmeras evoluções do período cambriano pudessem ser gravadas e rebobinadas, e depois a fita fosse exibida novamente, não havia certeza de que tudo aconteceria da mesma forma. Vários ramos da árvore (uma analogia melhor seria com pequenos brotos em um arbusto muito denso) acabam não dando em nada, mas em um outro "começo" eles poderiam ter brotado e florescido, assim como alguns que brotaram e floresceram poderiam muito bem ter secado e morrido. Todos gostamos de que nossa natureza e nossa existência sejam baseadas no fato de sermos vertebrados. O mais antigo vertebrado conhecido (ou "cordado") achado no folheto Burgess é uma criatura de cinco centímetros bastante elegante chamada, em função de uma montanha próxima e de sua beleza sinuosa, de Pikaia gracilens. Ela foi original e equivocadamente classificada como um verme (nunca se deve esquecer quão recente realmente é nosso conhecimento), mas, dados seus segmentos, os músculos e a flexibilidade do corpo dorsal, é necessariamente um ancestral que ainda assim não exige idolatria. Milhões de outras formas de vida pereceram antes que o período cambriano acabasse, mas esse pequeno protótipo sobreviveu. Citando Gould:

"REBOBINE a fita do tempo até a época de Burgess e a exiba novamente. Se Pikaia não sobreviver na repetição, estaremos eliminados da história futura

— todos nós, do tubarão ao orangotango, passando pelo tordo. E eu não credito que um apostador, dado o conhecimento que temos hoje de Burgess, arriscaria muito na Pikaia.”

Assim, caso você queira fazer a mais antiga das perguntas — por que os humanos existem? —, a maior parte da resposta, no que diz respeito aos aspectos da questão que a ciência pode abordar, deve ser: porque Pikaia sobreviveu ao massacre de Burgess. Esta resposta não cita uma só lei da natureza; ela não incorpora nenhuma afirmação sobre caminhos evolucionários previsíveis, nenhum cálculo de probabilidade baseado em regras gerais de anatomia ou ecologia. A sobrevivência de Pikaia foi uma contingência de “pura história”. Eu não acho que possa ser dada qualquer resposta mais “elevada” e não consigo imaginar qualquer resolução mais fascinante. Somos filhos da história, e precisamos definir nossos próprios caminhos neste que é o mais diversificado e interessante dos universos concebíveis — um que é indiferente ao nosso sofrimento, portanto nos oferece o máximo de liberdade para prosperar, ou fracassar, da forma como escolhermos.

Uma forma “escolhida”, é preciso acrescentar, dentro de limites extremamente definidos.

Eis o **“acaso” definindo os “limites” em que as nossas “escolhas”** podem ser feitas. E estas são influenciadas por diversos fatores, inclusive pela interferência de seres extraterrestre, aspecto que, obviamente, não é contemplado na abordagem de Hitchens. O fato é que nela podemos perceber **quão frágil é a defesa da tese de que tudo foi programado pela divindade por trás de todo o processo evolutivo**, deixando, no máximo, ser percebida uma provável intenção de um alguém, no sentido de que os fatos se desenvolvessem desta ou daquela forma, mas **jamais, uma “última definição” sobre o estado das “coisas criadas”**.

Constatação.

O aspecto singular, do drama do criador, retratado na sua “intenção” sempre “atrapalhada” por algum problema, acaso ou interferência de

uma criatura rebelde existente no âmbito da sua criação, encontra-se presente em absolutamente tudo o que passou a existir desde a sua queda.

SOB ESSA PERSPECTIVA, o drama terreno de Javé, no que se refere ao modo problemático como ele se relaciona com os humanos da Terra, é um simples espelho do que acontece na sua interação com as demais espécies universais. "**Escondido**", seja por força das circunstâncias ou, em outras palavras, **por detrás da sua doença que o exclui da convivência fraternal com quer que seja minimamente independente**, o criador foi, ao longo dos evos, cada vez mais se tornando incapacitado de conviver com as suas próprias criaturas, a não ser aquelas que lhe são completamente obedientes e que aceitam a "**coreografia do falsamente sagrado**", estruturada em torno de sua pessoa pelos seus anjos-clones, sem qualquer desconfiança de que existe algo de muito errado com o grau de imposição doentio, incompatível com qualquer preceito mínimo de evolução espiritual.

Não pense o (a) leitor (a) que os mentores espirituais ou os assessores do Senhor Javé me informaram sobre a sua condição. Absolutamente não! Sofrendo as violentas imposições desse ser, na minha condição humana, que fui percebendo o óbvio: se aquele ser que agia daquela forma era realmente o tal Javé bíblico, ele — ou seja lá quem pudesse ser fazendo se passar por ele — era um "alguém" bem menos evoluído, sob a perspectiva espiritual, do que muitos humanos que eu tinha o privilégio de conhecer, o que era um paradoxo.

Demorei muito a aceitar que aquele ser, fosse ele quem fosse, realmente tinha o comando sobre algumas naves e seres atuantes na faixa deste universo e sobre outros aspectos que, aos poucos, fui percebendo. Quando conclui que a "loucura era total ao meu redor", e que existia "algo ou alguém" que se dedicava a diariamente me convencer de que, "algo ou alguém, do outro lado vida", esforçava-se para que eu, um miserável humano terráqueo, aceitasse que ele existia e que acreditasse que era o mesmo ser bíblico que se apresentava como o "Deus-criador dos Céus e da Terra", foi somente quando desisti de lutar contra os fatos, é que os mentores e assessores se esforçaram para também me confirmar o que por mim mesmo havia constatado.

Em resumo e, concluindo o presente capítulo, reitero que, quanto à espécie humana terráquea, se as informações que disponho estiverem corretas, esta derivou, sem dúvida nenhuma, de uma célula-mãe que foi

semeada na Terra há cerca de 3,8 bilhões anos atrás. Contudo, a partir daí, a **espécie animal** que hoje nossos espíritos animam, surgiu como "**filha" de uma série tortuosa de contingências,** o que desqualificaria a discussão pouco edificante entre evolucionistas e criacionistas.

O fato é que os indícios quanto ao contexto do surgimento e da evolução da espécie homo sapiens, apontam para o que parece ter sido uma manipulação genética em um dos ramos do gênero *homo*, em tempos mais recentes. Mas isso teria sido feito por uma equipe de seres extraterrenos que à época se sentiam como os "proprietários do planeta", conforme descrito nas próprias crônicas sumérias.

CONSTATAÇÃO.

O SENHOR JAVÉ assume para si a autoria da criação da espécie *homo sapiens,* o que parece ser uma das marcas da sua estranha natureza psíquica de se sentir "senhor" dos desdobramentos de processos que foram, de um modo ou de outro, iniciados e/ou intencionados por ele.

NESSE SENTIDO, qualquer coisa que se faça no âmbito do universo por ele criado quando no status de divindade, necessariamente se fará tendo como base o seu DNA, ou seja, o seu código básico que define a sua existência, mas isso não implica necessariamente que **ele tenha sempre estado no "controle de todos os processos" ocorridos.**

No caso especifico do que houve na Terra, o Senhor Javé parece não ter arquitetado o processo que culminou com a natureza humana terráquea, da forma como hoje a conhecemos, tanto que ele a renegou e a amaldiçoou no "início dos tempos bíblicos".

Como apontado por Hitchens, o cientista a quem devemos a percepção do aspecto aleatório que existe na construção dos parâmetros evolutivos que respondem pelo aparecimento da nossa espécie é Stephen Jay Gould[4] que, ao analisar os dados disponíveis ao tempo da explosão da vida no período cambriano e registrados numa camada geológica com uma idade de 570 milhões de anos atrás, percebeu que se os elementos evolutivos então existentes fossem recombinados, a espécie *homo sapiens* não necessariamente teria que ter surgido. Contudo, ela surgiu e aqui estamos nós tentando compreender o "porquê" da nossa existência e da realidade que nos

rodeia.

Isso implica em que, os corpos que utilizamos são filhos das contingências acontecidas desde que a célula primordial, com o DNA que está presente nos corpos de todos os seres vivos da Terra, surgiu neste palco planetário.

Diz-nos Arthur Miller[5] que "... a maçã não pode ser devolvida à Árvore do Conhecimento, depois de começar a ver, nosso destino e nosso desafio é buscar a força para ver mais, não menos". Chamo isso do **"paradoxo do Senhor Javé", que nos queria ingênuos e/ou estúpidos e agora não sabe lidar com a nossa liberdade e progresso**.

Por isso, a necessidade que outro seja o juiz do "julgamento geral dos vivos e dos mortos", também chamado de "**juízo final**", de fato, decretado pelo Senhor Javé ao tempo da vida de Enoch. Já naquela época, conforme ele mesmo demonstrou a Enoch e o mesmo registrou nos seus manuscritos, ele apontava que teria que **contar com a participação de um dos seus anjos-clones, quando do "juízo final"**, e esse anjo-clone é simplesmente o seu enviado que ficou conhecido como Jesus, daí a necessidade da sua volta. Afinal, basta de acaso e de tormento.

Precisamos, enfim, de um "planejamento inteligente" que **transforme os seres pensantes independentes deste universo em agentes importantes no processo de mudança nos rumos do que acontece na nossa casa universal,** e não em "rebeldes" e necessitados de "castigo e de reajuste". Daí ser imperioso o retorno do Mestre Jesus, para coordenar os esforços, no sentido dos desígnios do Senhor Javé serem cumpridos, só que nos termos do que entendemos como beleza, justiça e fraternidade.

11

QUANDO O HOMO SAPIENS PERCEBER O CRIADOR

VEM do romantismo alemão[1] a ideia de que o poeta seria a manifestação personificada do Eu-Absoluto, que empresta de si, para cada individuo, uma fagulha da sua infinidade. Isso, porque, o senso comum concebe o poeta como um indivíduo mais autêntico do que a média das pessoas.

O filósofo Friedrich Schelling[2] advogava que a poesia é a captação do absoluto num gesto particular, e penso ser este o grande desafio de quem, como eu, ainda sem ser poeta — e longe de ser qualquer outra coisa — movido por uma série de circunstâncias, vê-se obrigado a "capturar num gesto particular", toda a grandeza exuberante de um ser e de sua criação, para tentar, a pedidos e/ou por ordens mal compreendidas, explicá-la a seus pares. Obviamente, isso não tem mesmo como dar certo! Não me iludo! Mas é o que está sendo feito e, tudo o que posso fazer na minha pequenez, é tentar respirar um pouco de poesia no conjunto dos painéis da existência que me é dado perceber.

Nós, seres humanos, feitos com capacidade intelectiva apesar de ignorantes — atente bem o (a) leitor (a) — temos uma imorredoura fome e sede de darmos sentido a absolutamente tudo o que nos rodeia, desde que percebamos. Aqui, o curioso é que o ato de "perceber" se dá por meio dos sentidos animais ou mesmo através da fé ou da crença sobre o que não nos é dado perceber.

E o "absolutamente interessante" de toda esta história é que, por meio dos nossos sentidos, podemos perceber a realidade que nos envolve, seja a cósmica ou mesmo a da natureza planetária que nos dá e sustenta a vida. É só observar esse dois painéis que veremos que, algo ou alguém, gerou uma

máquina computacional que funciona desde que teve o seu princípio, e que há um “plano de desenvolvimento de vida” em curso, que envolve as naturezas planetárias.

Se mais observarmos a história da evolução humana, veremos que, nas páginas do passado remoto, existem registros claros e objetivos da tentativa de um ser que, primeiro, foi chamado de “Brahma” (o Grande), pelos arianos e hindus, depois, de Javé, pelos hebreus/judeus e, mais tarde, de Alá, pelos árabes muçulmanos — dentre diversos nomes em outras culturas. O fato que pode ser facilmente percebido é que esse ser fez e faz de tudo para ser acreditado que foi ele quem criou este universo, e é ele quem o comanda. Se não aceitarmos a obviedade do que está descrito há muitos milhares de anos no Brahmanismo/Vedas, na Bíblia e no Alcorão, seremos, então, pelo menos obrigados a admitir que exista uma entidade enlouquecida a qual, há cerca de 5.000 anos, produz a mesma loucura egocêntrica de se auto aclamar “deus criador” para os povos da Terra.

A última hipótese é de que os arianos, hindus, judeus e árabes todos enlouqueceram e combinaram produzir, em épocas diferentes, um monte de mentiras com que objetivo? Será isso crível?

Parece que a única coisa que não combina em todo esse enredo, no âmbito da obra do Senhor Javé, é a presença de seres com a capacidade de pensar, mas que não lhe são obedientes, seja porque o desconhecem, ou pelo fato de discordarem do seu jeito ditatorial de administrar a vida no seu universo, de não admitir ser contrariado em nenhuma hipótese. Afinal, todos os problemas ocorridos ao longo da história universal, sempre residiram nessa questão: a incapacidade e/ou impossibilidade de alguns seres de se subordinarem aos moldes exigidos pelo criador ou em decorrência disso.

Se este é um dos aspectos do drama cósmico do Senhor Javé, o que hoje se passa com a espécie humana terráquea, **desde que esta foi despertada para o conhecimento do bem e do mal**, ou seja, **teve a sua razão filosófica e o seu senso critico despertos,** é o principal aspecto do seu drama terreno. Mas, a que aspecto me refiro? O que diz respeito **ao que acontecerá quando esta humanidade tomar consciência do problema do criador e da cúpula universal**.

Esse drama, nós, terráqueos, não temos como imaginar a magnitude do problema implícito à questão, até porque tudo dependerá de como esse processo de revelação do problema da saúde do criador se processe perante à sensibilidade humana. E a leitura do que a seguir se encontra exposto é um

dos aspectos mais emblemáticos da questão.

Aqui serei obrigado a me afastar de qualquer coisa poética, no sentido clássico, para falar das “verdadeiras criaturas”, donas de algumas das faixas de realidade que compõem a criação do Senhor Javé, em especial, o nosso próprio universo: as bactérias e demais seres “unicelulares” similares.

O avanço da ciência já nos permitiu saber, há algum tempo, que dos 100 trilhões de células de nosso organismo apenas 10% são realmente humanas. As pesquisas, realizadas nesta área, mostram que o resto pertence a bactérias, fungos e outros micróbios. Em resumo: o **corpo do ser humano terráqueo é um ecossistema ambulante**. Mas isso só acontece com o corpo animal dos terráqueos? Não, com **qualquer ser vivo deste universo e de algumas outras faixas de realidade,** dentre as quais, a que reside o próprio criador e parte dos seus anjos-clones. O que muda, parece ser somente o “percentual” da presença dos parasitas em relação aos “órgãos corporais” de cada dimensão e, obviamente, o “tipo de materialidade” que marca cada faixa de realidade do conjunto da criação indevida.

Parto da premissa de que, o que acontece aqui na Terra também ocorre nos outros quadrantes da criação do Senhor Javé. Além disso, importa não esquecer que tudo o que existe de ser vivo aqui e alhures se originou, direta ou indiretamente, a partir do DNA do próprio criador. O que isso implica? Que talvez o primeiro DNA, originalmente constituído a “partir da sua vontade psíquica”, organizou-se sob a forma do que chamamos de “seres unicelulares” ou, no caso, de um certo “tipo de bactéria”.

O que aqui está sendo afirmado nas entrelinhas e, agora, de forma explícita, é que a “primeira porção” existencial da estruturação do “corpo holográfico”, que hoje responde pelo conhecido Senhor Javé, foi constituiu sob a forma do que entendemos como sendo “bactéria”, ainda que isso tenha ocorrido primeiramente na faixa de realidade onde ele hoje reside. Mas com o trânsito que inicialmente existia da parte do Senhor Javé, em especial por entre as **duas principais faixas de realidade da sua criação**, o que entendemos por ser unicelular, terminou sendo a primeira forma de “ser vivo” também deste universo.

No futuro, este tema será explicado de modo mais apropriado. No momento, tudo o que me cabe fazer é apenas semear a reflexão em torno da questão, ainda que de forma incompleta.

Existem, somente na Terra, incontáveis espécies de bactérias, cada uma delas apresentando características próprias. Não percebemos — e é ótimo que

não o façamos — mas, enquanto o (a) leitor (a) está passando a vista por estas páginas, minúsculos ácaros de oito patas que vivem nos folículos dos cílios, estão agora passeando por ali ao mesmo tempo em que se alimentam de células da pele. Enquanto isso, diversas espécies de fungos se deleitam na língua, nos dentes, na pele e no intestino.

O fato é que os mesmos vírus que infectaram os homens das cavernas e se incorporaram a nosso patrimônio genético, hoje compõem cerca de 8% do nosso genoma. Encontram-se desativados, mas são parte do nosso organismo.

Enfim, dividimos o veículo animal que os nossos espíritos utilizam, com 90 trilhões de micróbios e, a "saúde pessoal", depende de um delicado equilíbrio entre as células do nosso corpo e os microrganismos que vivem nelas.

Apenas para ilustrar o que anteriormente foi afirmado, ressalto, ainda, que a diversidade que existe de bactérias na pele humana é muito maior do que naturalmente podemos imaginar. Os experimentos científicos contaram centenas de espécies por todo o corpo animal que os nossos espíritos são obrigados a administrar.

O mais interessante é que espécies específicas gostam de locais diferentes, isso, porque, para elas, existem vários "climas" e "habitats distintos" pelo corpo. Assim, conforme a "perspectiva das bactérias" — sim, elas têm uma premissa própria — todas as áreas dos corpos animais são povoadas. A região com menos espécies (15) é atrás das orelhas. Outras áreas do corpo onde as diferentes espécies de bactérias habitam: nuca (25); entre as sobrancelhas (23); dobra do nariz (18); narinas (18); costas (17); região do cóccix (31); nádegas (33); atrás do joelho (35); sola do pé (36); espaço entre os dedos dos pés (18); dobra da virilha (23); espaço entre os dedos da mão (39); palma da mão (27); antebraço (23); dobra do braço (39); axilas (27); peito (28); canal auditivo externo (19).

Mais recentemente, foi descoberta uma bactéria "tamanho família", no fundo do mar, visível a olho nu. Com quase um milímetro de diâmetro, a *Thiomargarita namibiensis* tem volume cem vezes maior que o das maiores bactérias conhecidas. A esquisitice da nova bactéria não se resume às dimensões avantajadas. Por se alimentar de substâncias consideradas poluentes (sulfetos e nitratos), já se considera a hipótese dela ter uma função em futuro breve que é a de "limpar" as regiões costeiras.

Fiz questão de reunir essas breves informações apenas para situar o (a) amigo (a) leitor (a) em torno do assunto. Mas, vamos agora ao que interessa.

Se é fato que existe uma “lógica”, uma “premissa instintiva”, presente na natureza de qualquer espécie que luta pela manutenção da vida dos seus pares — prevalecendo, obviamente, os “melhores adaptados e os mais fortes” — poderá, um dia, vir a existir (ou ser detectada cientificamente) uma até agora despercebida “lógica coletiva”, por exemplo, das bactérias. Quem sabe se estas, a exemplo de tripulantes de uma espaçonave, trabalham coletivamente, “pilotando” os nossos corpos, com vistas a um determinado fim? Afinal, **a quem pertence a “autonomia”**, caso essa especulação um dia saia do âmbito da retórica e se torne algo verificável, **às bactérias ou ao psiquismo de cada ser vivo?**

Peço desculpas por sugerir para a nossa reflexão um tema tão pouco agradável à sensibilidade humana. Mas não tenho outra escolha.

Alguns cientistas[3] estudam a estranhíssima possibilidade de uma bactéria ou um vírus poder mandar nos seres humanos, influenciando o nosso comportamento, o que seria uma componente extremamente complexa para o **entendimento humano sobre o significado da sua própria existência**.

O fato é que, sob a perspectiva da evolução darwiniana, os vírus, bactérias, enfim, os **micróbios mais eficazes**, seriam exatamente aqueles que **conseguissem usar uma determinada espécie de animal complexo para os seus fins evolutivos**. E isso se observa **quando uma espécie animal mais complexa** passa a se “**sentir bem e melhor**”, quando infectada por eles, sem que disso tenham consciência. Assim, um vírus que, durante a sua incubação, faça a espécie humana se “sentir mais sociável”, somente poderá se dar muito bem em termos de seleção natural, pois, facilmente, ele se espalhará pelos seus membros.

Aqui reproduzo trechos de um artigo de Contardo Calligaris denominado “Micróbios dominadores”[4] sobre a história de Jaroslav Flegr, um cientista que, há 20 anos, pretende que um parasita, o *Toxoplasma gondii*, manipule e transforme os que ele infecta.

O HOSPEDEIRO definitivo do Toxoplasma gondii é o gato, em cujo corpo o parasita se reproduz sexualmente. Seu hospedeiro intermediário é o rato, que se infecta ao ingerir o Toxoplasma (direta ou indiretamente) nas fezes do gato e, logo, ao ser comido por um felino, leva o parasita de volta para seu hospedeiro definitivo.

Agora, o Toxoplasma pode infectar qualquer mamífero, enquistando-se

no tecido muscular e no cérebro. Nos humanos, ele é presente em 55% dos franceses (comedores de carne crua — claro, de boi infectado) e em 10 a 20% dos norte-americanos. Em tese, pouco importa, pois o Toxoplasma só seria perigoso na gravidez, quando produz malformações fetais. Mas será que este é seu único efeito?

Há mais de uma década, descobriu-se que o Toxoplasma altera o comportamento dos ratos infectados, tornando-os atrevidos e fãs do cheiro da urina do gato (de que normalmente eles fugiriam). Ou seja, o Toxoplasma transforma o rato numa presa fácil para o gato, no estômago do qual o parasita quer acabar sua viagem.

Outra surpresa. Nos ratos (e só neles), o parasita pode ser transmitido por via sexual; ora, verifica-se que os ratos machos infectados são inexplicavelmente mais desejáveis aos olhos das fêmeas.

Um parasita capaz de influenciar o cérebro do rato, seu hospedeiro intermediário preferido, não teria efeito algum quando se instala no nosso cérebro?

Para começar, o Toxoplasma parece produzir em nós alguns efeitos parecidos com os que ele produz nos ratos: por exemplo, muitos humanos infectados passam a achar agradável o cheiro da urina de gato. Nada dramático: a gente é raramente comido por gatos (mas resta a pergunta: se você adora gatos, é porque gosta mesmo ou porque carrega o Toxoplasma gondii no seu cérebro?). (...)

Enfim, o fato é que estamos começando a descobrir que os micróbios aparentemente inócuos que vivem no nosso corpo podem influenciar nosso comportamento.

Não acredito que sejamos os títeres de germes, parasitas, fungos e vírus, mas, certamente, o ambiente que nos constitui e determina não é só o das interações com nossos semelhantes. É também o de interações misteriosas com seres que sequer enxergamos. Inquietante, hein?

A REFLEXÃO QUE AGORA PROPONHO, refere-se ao aspecto de que, conforme pude e posso constatar, **o que aqui chamamos “micróbios”, nada mais representa do que a primeira expressão mental do Senhor Javé, reproduzida no seu universo biológico** no qual vivemos. Em outras palavras:

CONSTATAÇÃO.

As bactérias, vírus, germes, fungos, enfim, todos esses micro-seres, nada mais são do que a primeira componente advinda da mente do Senhor Javé a tomar vida em todos os quadrantes da sua criação, em especial, no nosso universo.

Esses seres, apesar de "não-pensantes", possuem premissas que lhe são próprias, o que os permite lutar pela sobrevivência conforme ordenado no código da vida que determina a característica da sua espécie.

A GRANDE QUESTÃO, que a princípio nos parecerá confusa, é a de que qualquer anjo-clone — independente da categoria a que pertença e da dimensão em que atue — ou ser evolutivo, seja ele pertencente á natureza de qualquer um dos mundos deste universo, têm seus corpos edificados direta ou indiretamente a partir do DNA do criador, como já sabido. Mas como esse DNA começa a formar a sua vida para repassar o "código genético" do qual são portadores? Resposta: por meio desses micro-seres, os quais, por sua vez, **representam parte dos "tijolos básicos"** na estruturação dos corpos-ferramentas de anjos-clones e de seres evolutivos.

Se assim é, não seriam apenas os nossos corpos animais evolutivos formados a partir do aglomerado de micróbios, mas os dos anjos-clones também.

É aqui que começa o drama do criador e de todos os que por ele foram gerados. E o lado mais enigmático de toda essa história, é que esse drama tem, na atualidade cósmica, uma convergência e identidade profundas com o surgimento e a evolução dos humanos terráqueos.

CONSTATAÇÃO.

Como os espíritos dos anjos-clones não podem "comandar" os seus micróbios, por força do alto fator de ativação do DNA que marca seus corpos transformando-os em "robôs", a "responsabilidade" pela evolução, em outras palavras, pela redenção de todos os que vivem esse problema, foi "repassada" aos seres evolutivos cujos corpos possuem "baixo fator de ativação de DNA", como é o caso dos corpos animais terráqueos com apenas cerca de 3%.

A compreensão, em torno desse aspecto, é essencial para que se possa

entender o drama terreno do criador já que ele é refém do progresso dos terráqueos.

Somos as "teclas do seu computador quântico", e quem as acionam somos nós, humanos terráqueos, com as nossas limitações e vontades pessoais, e nisso reside o principal aspecto do seu drama.

O ASPECTO MAIS INQUIETANTE, aos olhos deste escrevente, é o tipo de "relação vibratória" que existe entre a pessoa holográfica do criador e esses micro-seres, **pois que foram eles os "primeiros corpos individualizados" gerados pelo desespero do Senhor Javé.** E ainda hoje, **esses micro-seres funcionam como espécies de canais**, as **pontes que ligam as emoções e realizações de cada micro-ser cósmico à pessoa do criador**. E a situação é, simplesmente, **caótica**!

A "conspiração amorosa", em torno da pessoa do criador, já tentou de tudo para "isolar" algumas dessas espécies de micro-seres, para que os mesmos não mais influenciassem o seu estado pessoal. Seus assessores tentaram também selecionar essas influências através da criação de algumas espécies específicas de micro-seres, o que somente fez piorar o que já era complicado desde o princípio. Enfim, um pouco ou muito de tudo foi tentado, mas nada funcionou e, no "hoje universal", o problema se encontra do "tamanho" e com a "amplitude" que ainda iremos perceber enquanto comunidade planetária.

Não poderei aqui me referir aos antigos conflitos ocorridos entre os chamados anjos-clones fiéis ao criador e aqueles considerados rebeldes, nas diferentes etapas da história deste universo. Mas o fato é que, em algumas dessas situações onde o "caos" muitas vezes prevaleceu, as mesmas eram resolvidas pela inoculação de certos tipos de vírus e/ou de material genético especifico em algumas classes de seres.

Assim, no que se referem aos demais aspectos da função e da utilização desses micro-seres na história universal, peço desculpas por não aprofundar o tema no presente livro, pois o mesmo será tratado, de modo mais especifico, numa obra ainda por vir à público, chamada "Mergulho na Escuridão", se o fluxo da vida terrena o permitir.

Dia virá em que a cultura terrena estará dividida entre dois segmentos distintos, quanto à visão de mundo das pessoas, porque existirão aquelas (1) que não mais se confundirão com o corpo animal e o ego que a partir dele emerge como subproduto de uma existência espiritual subordinada a um

corpo transitório e as (2) que não mais se confundirão com os “pensamentos e sentimentos” ditos típicos dos humanos terráqueos. Infelizmente, na atualidade, são pouquíssimos os que, dentre os humanos da Terra, têm a consciência espiritual desperta e sabem que não são “essas personalidades animalizadas” que as caracterizam enquanto terráqueos.

Ressalto esse aspecto apenas para afirmar que, a situação entre os anjos-clones, ainda robotizados, é muito pior do que o que se pode observar na Terra. Essas classes de anjos-clones “sentem” exatamente o que os micro-organismos dos seus corpos expressam. Para além disso, quando recebem as ordens mentais do Senhor Javé, eles as cumprem e nada mais. Essa é a existência que levam! E recorde-se o (a) leitor (a), as suas vidas perduram por bilhões de anos do tempo terrestre. Na sua grande maioria, eles são bem “mais velhos” que a idade do nosso próprio planeta, que é de aproximadamente 4,6 bilhões de anos.

CONSTATAÇÃO.

Um dos motivos para que nós, terráqueos, tenhamos o tempo de vida tão curto, é exatamente para não permitir o amadurecimento do império dos micro-seres sobre a “sagrada autonomia” do gênero *homo*, pois nela reside a saída para o impasse em torno da saúde do criador, por mais que isso o desagrade.

RESSALTO AINDA QUE, alguns desses micro-seres, por exemplo, algumas classes de bactérias, estão se desenvolvendo a tal ponto que obriga a razão científica a se questionar sobre a “premissa evolutiva” desses seres diminutos, que se encontram espalhados por todos os quadrantes do universo, afinal, eles foram os primeiros habitantes do nosso planeta e ainda imperam por aqui e alhures.

Enfim, quando no futuro breve, os terráqueos forem obrigados a ter consciência da existência do Senhor Javé, nos moldes em que desde há muito foram revelados e que aqui estão sendo somente resgatados do esquecimento coletivo, seguramente, a questão desses micro-seres e a interação dos mesmos conosco, com os demais seres evolutivos deste universo, com as diversas classes de anjos-clones e principalmente com o criador, deverá ser profundamente estudada. Afinal, **tomar consciência de que existe alguém como Javé, no pretenso comando do que se passa neste universo**, não é

nem será tarefa simples para quem quer que seja, já que os “**primeiros sentimentos**” que costumam emergir no psiquismo de quem o faz são **tremendamente perturbadores**, e ele sabe disso, apesar de que não se acostuma, nem aceita de bom grado, essas experiências. Mas elas são inevitáveis para ambas as partes do problema. Assim tem sido e assim será ainda por algum tempo.

12

ONDE HÁ DECÊNCIA E DIGNIDADE EXISTENCIAL?

NÃO É fácil assumir a posição de escrevente sobre os painéis em torno de Javé e da sua criação, como os fatos me obrigaram a fazê-lo. Isso afirmo por muitos motivos. Um deles se refere ao aspecto de como devo abordar os temas pertinentes ao estranho criador deste universo, sem ficar constantemente repetindo alguns dos parâmetros de entendimento básico que já foram abordados em outros livros.

Aos eventuais leitores destas páginas, rogo, pois, a compreensão, já que devo sempre partir da premissa de que é bastante plausível que este — ou qualquer outro dos que estou tentando produzir — possa ser o primeiro livro sobre Javé que veio parar em suas mãos.

Este aspecto me força a ser repetitivo, pelo menos em torno das noções básicas, algo emblemáticas, para facilitar o entendimento dos que se esforçam por compreenderem um tema tão complexo, mas, infelizmente, pobremente exposto devido às deficiências que me são próprias, dentre outros aspectos.

O que mais me tem produzido uma sensação de "**espanto**" na minha convivência com os eventos que, diante da minha sensibilidade se apresentam como sendo o cumprimento das ordens do Senhor Javé, em torno dos seus "desígnios", e com os seres que se portam como instrumentos dos mesmos, é perceber que, **da parte deles, nada existe que possa ser comparado ao que na Terra compreendemos como "decência" e "dignidade"**.

Quando das primeiras vezes em que analisei o que restou do legado de Enoch, pude ali perceber uma referência que, na época da leitura, estranhei bastante e que agora reproduzo.

… E A GRANDE GLÓRIA ali estava sentada, e seus trajes brilhavam com ainda mais ardor que o sol e eram mais brancos do que qualquer neve. Nenhum dos anjos podia entrar e admirar sua face por causa de sua magnificência e glória e nenhuma carne podia contemplá-lo. (...) Dez mil vezes dez mil se erguiam diante Dele, contudo Ele não precisava de nenhum conselheiro. E os mais sagrados que estavam próximos a Ele não partiam durante a noite e minuto algum o deixavam. E até aquele momento permaneci prostrado em minha face, tremendo; e o Senhor me chamou com sua própria boca, e me disse: "Aproxima-te, Enoch, e ouve minha palavra." E um dos sagrados veio até mim e me fez despertar, e Ele me fez levantar e me aproximar da porta, e eu curvei minha face para baixo. E Ele respondeu e me disse, e eu pude ouvir sua voz: "Não temas, Enoch, tu que és um justo homem e repleto de honradez, aproxima-te e ouve minha voz."

(O LIVRO DE ENOCH, 14, 20 – 25; 15, 1)[1].

O QUE AQUI PRETENDO RESSALTAR SÃO AS expressões *"justo homem e repleto de honradez"*, as quais, absolutamente, não combinam com os elementos usuais presentes no psiquismo desses seres, pelo menos dos que até o momento tenho tido a oportunidade de perceber. Nem o Senhor Javé, nem muito menos a maioria das classes dos seus anjos clones, parecem ter alguma noção do que, sob a premissa da lógica terráquea, costumamos entender como sendo "honra e justiça".

Por mais que me esforce, não consigo perceber, nesses seres e nas suas atitudes, qualquer traço de honradez ou de justiça. Somente os percebo, agindo em torno das suas próprias necessidades de fazerem cumprir os desígnios do criador. Nada mais! E esses tais desígnios nada têm de "honrados" e nem muito menos de "justos" perante meus olhos. São meros produtos da doença psíquica do criador em querer sobreviver a qualquer custo sem abrir mão do poder. Obviamente, posso estar enganado, e sei que o Senhor Javé não gosta nem um pouco dessas afirmações, mas não tenho como delas fugir.

Pelo que "julgo conhecer" do psiquismo desses seres, o "máximo" que Enoch pode ter escutado e reproduzido foram expressões próximas ao que entendemos como "**homem justo, temente e obediente à Deus**", pois que esse ainda é o "**elogio máximo**" que esta hierarquia endereça aos terráqueos.

Detalhe: ser somente “justo” não adiantava de muita coisa, penso eu. Sou obrigado a pensar, portanto que essas expressões pertencem a boa fé dos interpretes e dos tradutores os quais, ao longo do tempo, foram reproduzindo o que restou do legado de Enoch. A outra opção seria imaginar que os anjos-clones, já despertos para a “razão filosófica”, estariam por trás dessa história, o que acho pouco provável.

Qual a importância disso? Nenhuma, o reconheço. Apenas deixo o registro para as gerações futuras, pois para estas, a questão ressaltada deverá ter importância estratégica quando, finalmente, os humanos da Terra venham a conhecer o seu criador e o seu drama pessoal. Afinal, a principal componente deste drama se assenta no modo como ele se relaciona com a sua criação, mais especificamente com os seres que foram criados para nela viverem. Nisso reside todo o problema.

Em 1993 foi lançado um livro extremamente interessante cujo titulo, em inglês, é “The God Particle: if the Universe is the Answer, what is the Question?”, do físico Leon Lederman[2]. (Em tradução livre: “A Partícula de Deus: se o Universo é a Resposta, qual é o Problema?”) Na verdade, o autor se refere no livro, de modo sarcástico, ao fato da partícula de deus ser, na verdade, “infernal”, pelo fato de não se conseguir descortiná-la como já o foram outras tantas micropartículas formadoras da realidade. Óbvio que o livro nada tem a ver com “Deus”, e nele se encontra abordado o tópico referente ao chamado bóson de Higgs[3], que seria a partícula ou campo responsável pela existência de massa nos tijolos básicos que formam a nossa faixa de realidade.

Fiz a citação apenas para tomar emprestado parte do título do livro, para a reflexão em torno do tema: “se o universo é a resposta, qual é o problema?”.

Se bem verificarmos as inúmeras imperfeições do universo, pode-se inferir que quem ou o quê o gerou era problemático. Ou não?

Observe o leitor os seguintes elementos:

— IMPLOSÃO sobre si mesmo (elementos químicos estelares que implodem no final dos ciclos de vida das estrelas);

— CHOQUES, confrontos e processos violentos (choques de galáxias, de planetas e de satélites naturais, queda de meteoros, de asteroides e de cometas);

Ñ EXPLOSÕES (EXPLOSÕES ESTELARES);

— A ENTROPIA EM CURSO (o fim inexorável de tudo depois de lento e longo processo expresso sob a forma de várias doenças no caso dos seres vivos);

— O IMPÉRIO do mais forte sobre o mais fraco e a absorção de energias alheias para a manutenção da própria vida (canibalismo galáctico, estelar), dentre muitos outros aspectos, e aqui não me referirei a todos os processos violentos e impiedosos, tais quais, o que se percebe em torno dos buracos-negros.

TODOS OS ELEMENTOS acima referidos e facilmente percebidos no nosso universo, apontam para uma criação problemática e inacabada, pelo fato da divindade ter decaído antes de "completar" a sua obra e dela ter se tornado refém. Se acrescentarmos a isso a impiedosa natureza terrestre e a sua luta evolutiva, poderemos perceber que "tudo é a cara de um criador complicado", apesar de genial e esforçado. Quanto mais ainda precisará o entendimento humano para perceber o óbvio?

O universo, suas características e a de tudo o nele existe, representam a **resposta ao problema** inerente à queda de uma divindade — hoje mais problemática do que antes — conhecida atualmente como "**Javé**". O espantoso é o fato de nós não sabermos disso, apesar das evidências. E mais ainda: este próprio ser tentou, dos modos que lhe eram possíveis, avisar aos humanos daqui que ele existia e que era o criador dos céus e da Terra. Contudo, seus métodos jamais foram "honrados", nem muito menos "decentes", e ele jamais os disfarçou, seja nos tempos em que era conhecido como Brahma, em que tentou praticar os princípios de uma "eugenia" complicada, ou mesmo como Javé, quando deu continuidade à loucura escolhendo um povo em detrimento dos demais, e, mais recentemente, como Alá, agora enaltecendo os muçulmanos e excluindo todos os demais da condição de "eleitos do Senhor".

De quanto mais a razão terráquea precisaria para perceber que existe "alguma incoerência" em todo esse processo? Por que o "mesmo deus" criar três religiões que se excluem mutuamente? Porém, se substituirmos a expressão "incoerência" por "desespero", estaremos mais próximo da verdade da natureza do criador.

CONSTATAÇÃO.

O Senhor Javé fez de tudo para “educar” os terráqueos e se “mostrar” como sendo o “pai de todos os humanos da Terra”.

O que ele fez, através das religiões, foi e é produto do seu desespero por não se fazer compreendido, exatamente pela espécie planetária da qual ele mais necessita para a própria redenção.

A NATUREZA do ser que conseguiu se reconstruir no âmbito interno do seu universo, não sabe o que é “honra” e “decência”. Simplesmente ele não tinha como saber por força do modo como conseguiu se reconstituir. Esses conceitos, produtos de algum padrão do que chamamos na Terra de “razão filosófica”, somente surgiram tempos depois, por meio da evolução dos seres evolutivos e de alguns anjos-clones que conseguiram despertar as suas verdadeiras personalidades espirituais. Afinal, a **única fonte de onde emanam as individualidades espirituais** que dão vida a tudo o que de vivo existe na criação problemática é o que costumo chamar de Espiritualidade Superior. Tudo o mais é secundário e transitório. E “lá”, decência e dignidade compõem o “básico comportamental” de qualquer cidadão. É uma pena que permaneçamos cegos a tantos fatos e indicativos. Talvez não seja por menos que o essencial permanece invisível aos nossos olhos.

Pergunto-me quantas pessoas na Terra têm olhos para enxergar e fazer a leitura dos fatos do cotidiano planetário e da vida, situando o seu foco de consciência racional por sobre o condicionamento que nos é imposto por meio de tantas lavagens cerebrais.

“Deus escreve certo por linhas tortas!” — eis uma premissa que muitos dos que vivem na Terra costumam acreditar. Desafortunadamente, sendo honesto com o que até hoje pude perceber dos fatos históricos, acho tão estranho os resultados colhidos pelo Senhor Javé que somente costumo perceber as “linhas tortas”, e o que é tomado por “certo”, muitas vezes me causa espanto ao que resta da minha sensibilidade. Confesso, porém, que por forças das circunstâncias que me envolvem e me envolveram ao longo desta vida, os meus olhos passaram a observar bem mais os efeitos controversos da criação universal do que o seu lado trivial, aparentemente comum posto que repetitivo, apesar de que ainda posso dispor de alguma sensibilidade para perceber também os padrões de beleza e de genialidade presentes na criação universal.

Sou forçado a reconhecer ainda que, perante as boas intenções do Senhor

Javé para conosco, muitas das “linhas tortas” são, às vezes, produto da nossa própria inabilidade em construir os melhores caminhos, os mais suaves, os mais eficazes e, perante a sua lógica, o forçamos a certas atitudes, aos nossos olhos, desagradáveis. Segundo ele, o escrevente destas páginas é um exemplo curioso e singular desse aspecto. Que seja!

Fazendo justiça aos fatos que me rodeiam, sou forçado também a reconhecer, que tenho começado a recolher diversos frutos que me são endereçados pela vontade do Senhor Javé, o que também me causa espanto, pois havia me acostumado, tal qual um Jó desqualificado, às dificuldades e aos obstáculos intransponíveis como forma de me forçar a “pedir a sua ajuda”, dobrando-me, assim, às suas imposições e aos seus desígnios. Contudo, sou grato diante dos seus gestos e intenções para com a minha miserável situação e condição humanas, apesar de continuar a ser o “difícil e teimoso terráqueo”, insensível e cego aos seus esforços de ajudar a esta humanidade.

Não posso, porém, deixar de tornar a ressaltar um dos aspectos mais constrangedores, a meu juízo, que percebo presente em quase absolutamente tudo o que existe como fluxo existencial na obra do Senhor Javé, que é a já citada a ausência de dignidade e de decência nos seus processos estruturantes.

Como explicado no início do capítulo, iria me permitir ser repetitivo, cultuando a esperança de que a minha imprecisão de escrita e a falta de estilo e clareza, pudessem ser superadas, nem que fosse por meio da exaustiva repetição, pelo que torno a me desculpar.

Explicando melhor: ao observarmos um leão atacando uma zebra, um crocodilo devorando um boi que atravessa um rio, um gato pegando um rato, um homem matando um porco e dele se alimentando, ou mesmo um ser humano trucidando seu semelhante em guerras, em assaltos ou numa contenda fria por explosão de cólera ou por pura maldade do império do mais forte sob os mais fracos, podemos perceber que **algo de muito indigno e doentio está em curso**. Assim, afirmo, para aqueles que ainda não se deixaram sufocar de todo pelos já citados condicionamentos e lavagens cerebrais ao longo da vida, ou seja, aos que teimam por “estranhar” e “não aceitar sem questionamento” os padrões da realidade que nos rodeia.

Não há nada de decente em um DNA de um animal o forçar a destruir outro, seja este animal dito pensante ou não. “Mas as coisas são assim mesmo!”, dirão alguns. O pior é que são mesmo e disso não posso discordar. Mas um leão, um crocodilo, não podem decidir agir com dignidade

e decência, já que o DNA que os marca, os impele naturalmente a fazer isso. O **humano terráqueo, porém, pode decidir emprestar decência e dignidade à vida**, e portar-se de modo a homenagear, vamos dizer, o lado suave e terno da vida.

Quantos de nossos irmãos e irmãs humanos não se encontram com seus corpos definhando, por força desta ou daquela doença, e qualquer um de nós poderá um dia vir a ter, no seu currículo clínico, uma dessas síndromes degenerativas que “envergonham à vida”, “destroem a dignidade do doente” e a “saúde e a sensibilidade dos que o rodeiam”. “**Isso é carma**”, dirão os apressados classificadores dos fatos da vida. “**Nada a ver com carma**”, digo eu, pelo menos em muitos dos casos que os amigos espirituais me deixaram perceber. **É puro defeito de criação!**

O **apodrecimento do corpo animal**, com vistas à morte, é **falta de acabamento inteligente à arte da vida transitória,** e simplesmente as coisas não precisavam ser do jeito que são. O problema, em muitos dos seus painéis universais, resume-se ao fato da **divindade criadora não ter podido “finalizar” os programas (softwares) em torno do ato de existir**, seja do universo como um todo, seja das estrelas e/ou de qualquer ser que exista no âmbito interno de uma das faixas de realidade da sua criação.

O problema é tão sério que ataca e aflige, principalmente, o corpo holográfico do próprio criador cuja personalidade é conhecida como Senhor Javé.

O fluxo observável no universo, seja da natureza terrestre ou mesmo em âmbito maior, é o de uma criação genial só que prenhe de interações predatórias através da “vampirização” de formas de vida sobre outras mais fracas ou indefesas, sejam elas anjos-clones, deuses, pessoas, animais não pensantes, estrelas, galáxias, enfim, vida se alimentando da energia de outras vidas até todos apodrecerem e morrerem enquanto formas transitórias. Afinal, o que isso significa se não um grande equívoco?

Quem empresta dignidade e decência à vida, no âmbito desta criação, são os seres pensantes minimamente evoluídos, por meio da altivez, da solidariedade, da compaixão, da tolerância, do carinho, enfim, da atitude amorosa e adulta — mas sempre com “coração de criança”.

CONSTATAÇÃO.

O QUE ESTÁ em jogo é a arquitetura da possível compreensão em torno da obra que é bela, porém, problemática, e a do seu autor que era uma das mais belas divindades então existentes a qual, após a sua queda, hoje se nos parece como uma aberração existencial que precisa desesperadamente da ajuda de terceiros para se reconstruir, enquanto divindade.

A ternura e o respeito que precisamos sentir em relação a este ser, estruturados na compreensão racional, somente despertará em nós quando minimamente conhecermos o seu drama pessoal. A partir daí é que se tornará possível olhar a criação, com "olhos de enxergar", e compreender a desdita do seu criador nos fazendo "crianças", que amam seus pais independente de tudo o mais.

E FOI COM "CORAÇÃO DE CRIANÇA" que tive, no dia nove de dezembro de 2011, uma estranha experiência.

Assim digo porque, ao longo da vida e, em especial, depois de ter tido a ousadia que muito me custou à sensibilidade pessoal de afirmar nos livros "O Drama Cósmico de Javé" e no "O Drama Espiritual de Javé", que o mesmo se encontrava com câncer, além de proferir incontáveis palestras ressaltando a morte como uma das páginas mais belas da vida, escutei muitas vezes comentários do tipo: "cuidado, de tanto falar na morte como coisa boa você vai terminar morrendo"; "cuidado, pois falar da morte dá azar"; "você não tem medo de Javé lhe imputar um câncer como castigo", "você não tem medo de ser castigado com uma dessas doenças degenerativas por criticar a existência das mesmas" e coisas do gênero.

Como todos nós, penso que o Senhor Javé também evolui, só que numa graduação que lhe é distinta. Não penso que ele impute — ou mande seus anjos-clones isso fazerem — doenças a que quer que seja. Desconfio, mesmo, que ele jamais fez isso, apesar do seu discurso bíblico apontar o contrário. De fato, penso que ele fez de tudo para ser reconhecido, temido e obedecido, até mesmo "exagerando no discurso" para ver se "enquadrava" os rebelados seres terráqueos. Afinal, regimes totalitários, sejam de que espécies forem e de onde puderem ser, governam pelo medo quando a submissão não é ofertada passivamente. O governo do Senhor Javé é o foco maior dessa doença. Mas reconheço que o seu caso não é tão simples assim. Tempo virá em que o compreendermos melhor.

Se ao final desta vida terrena, o corpo que utilizo vier a morrer com

doenças desse naipe, saiba o (a) eventual (a) leitor (a) destas páginas, que não deve ser imputado a quem quer que seja o que por ventura vier a acontecer com a natureza animal que tento administrar: terá sido sempre algum efeito causado por descuido espiritual de minha parte ou “simples destino”, conforme as circunstâncias da vida, jamais castigo do Senhor Javé.

O fato é que o meu corpo teve duas paradas cardíacas na data anteriormente especificada, e já estava “tomando um bom chá no setor leste do purgatório, nível superior” (perdoem-me a brincadeira) quando os choques salvadores da zelosa equipe médica trouxeram o meu espírito de volta. O interessante é que, antes de “deixar o corpo”, lá estava eu recitando meu mantra pessoal: “Pai, a ti me entrego com toda alegria, amor, confiança e gratidão”, mantra que repito inúmeras vezes ao longo do meu dia, desde que estudei a técnica tibetana do *Pho Wa*[4], que significa “a arte de morrem bem e em paz”, numa tradução livre, quando me vi repentinamente do outro lado.

Após retornar à vida terrena, nos dias em que passei na UTI, quedava-me sempre a pensar sobre o porquê de não ter podido permanecer no outro lado, opção que sempre me foi, era e é a mais agradável. “Engraçado!”, pensava comigo mesmo, se após ter escrito tantos possíveis equívocos sobre o Senhor Javé e a sua situação pessoal, por que exatamente ele e a sua equipe haviam intercedido para que eu retomasse o curso da existência terráquea, para continuar a escrever ainda outras tantas informações aparentemente chocantes sobre a pessoa e a obra do Senhor Javé?

Se tudo o que escrevo estava errado, por que ainda aqui estou escrevendo e sendo sempre instado a continuar a produzir esses inusitados livros que eu mesmo acho que são póstumos já que tão poucos os leem? Explico isso por força dos fatos, e para ser honesto com o meu propósito de me por em risco diante da minha própria consciência, perante o que penso ser o “menos incorreto a ser feito” ou coisa do gênero.

Ser honesto, ainda que desagradável para consigo mesmo e para com os fatos, requer predicados que sei não possuí-los. Ainda assim, não vejo outro modo de agir e, mesmo sabendo da tentativa do Senhor Javé em se alinhar mais e mais com o que a “razão filosófica” desperta dos humanos da Terra pode produzir, não posso esconder ou encobrir que a sua natureza ainda não lhe permite agir a partir da premissa do que julgamos ser digno e decente, ainda que reconheça a sua interferência na continuidade da minha presença por aqui.

Repito: com toda a nossa pequenez, com todas as características que nos

marcam a miserável condição humana, somos nós quem emprestamos decência e dignidade a sua obra. Nesse ponto, **é ele quem recebe a influência dos humanos terráqueos que se espiritualizam,** ou seja, despertam a natureza espiritual das suas almas para que esta prevaleça sobre a natureza animal dos seus corpos transitórios, herança do DNA do Senhor Javé.

O “diálogo” entre essas duas naturezas presentes no psiquismo humano é a “ponte” ainda por ser construída pela habilidade espiritual de cada pessoa. As religiões são quem deveriam nos ajudar nessa arquitetura. Contudo, infelizmente, no atual momento planetário, muitas delas estão é atrapalhando e mesmo impedindo o “despertar espiritual” dos seus fiéis. Mas, tudo a seu tempo!

13

OPÇÃO TERRA: ESTRATÉGIA NECESSÁRIA

TUDO O QUE terminou por acontecer na Terra, desde que a explosão de vida no período cambriano teve lugar — mero incremento do intercâmbio de protótipos que começou a acontecer advindos de testes genéticos, em curso em alguns mundos desta galáxia, que foram trazidos para a Terra— produziu a "melhor experiência biológica" em torno do fator de ativação do DNA do criador desperto e manipulado numa faixa de entre 2 % a 3%.

Esta questão é essencial para a compreensão de tudo o que houve no nosso estranho passado e no que ocorrerá no surpreendente futuro que nos espera. Não é por menos que o momento presente da história terráquea, eminentemente de transição, pareça incompreensível até mesmo para a ciência.

As **lacunas da "incompreensão" são preenchidas pela fé religiosa** de muitos, enquanto os que não se contentam com isso, perquirem até o limite das suas forças e possibilidades quanto ao porquê deste universo ter defeitos, da natureza ser tão impiedosa e qual a função do humano terráqueo nesse contexto.

Existe uma história ainda por ser contada — aqui a abordarei apenas de modo superficial — que se refere à "**primeira morte natural**" ocorrida entre os membros das gerações mais antigas de anjos-clones, cujos corpos, no momento da sua geração pelo criador, **foram projetados para viver tanto quanto o do criador**, apenas sendo detentores de somente parte dos seus poderes.

Este é um dos principais painéis que compõem a intenção programada do criador, quando da geração dos seus primeiros filhos anjos-clones, que

herdaram muito das suas condições mentais com toda sorte de características "boas e más", agradáveis e desagradáveis. Na verdade, **cada um daqueles seres, herdou parte do poder do Senhor Javé e todo o conteúdo da sua doença**. Somente os poucos que conseguiram "despertar os seus potenciais espirituais" naqueles corpos programados para servirem como extensão do "corpo do criador", ou seja, meros robôs, foram os que superaram o "problema da doença corporal", prevalecendo a condição espiritual de divindade que caracterizava alguns dos que "mergulharam" na criação problemática.

O que nos importa perceber é que, no psiquismo do Senhor Javé, nenhum dos seus anjos-clones, filhos da "primeira hora universal", poderia passar pela "morte". Quando **isso se deu com um dos anjos-clones que vivia no âmbito deste universo** — recorde-se o (a) leitor (a) que a grande maioria deles reside em uma faixa de realidade astral paralela a do nosso universo — o criador enfrentou uma profunda "crise psicológica" próxima ao que classificamos na cultura terrena como sendo uma "**depressão**".

Como tudo nesses seres é tendente ao superlativo e ao exagero, o tempo que durou esse choque emocional na personalidade do criador, correspondeu em termos terrestres, a cerca de quatro milhões e seiscentos mil anos. Aqui, porém, devo ressaltar que tive acesso a informações conflitantes em termos da duração do "problema do criador", que apontam desde a um problema que teria durado próximo a um milhão de anos como a marca temporal anteriormente referida.

Qual a questão?

O anjo-clone que "morreu", na época se encontrava em um dos mundos da nossa galáxia ou, em outras palavras, o "último evento" que "desequilibrou ainda mais a personalidade do criador" se deu nesta galáxia há cerca de cinco milhões de anos atrás. E seja lá o tempo da duração do "problema do criador", devido à morte de um dos seus "filhos", a sua "doença afrouxou a ligação-controle" que a sua mente imperiosa impunha a algumas classes de anjos-clones da hierarquia. Em relação às demais, a "doença" não chegou a afetar o "impiedoso controle" exercido pelo Senhor Javé.

Reza a lenda cósmica que, desde o surgimento da "geração especial" de anjos-clones que surgiu para a vida neste universo — referida no livro "O Drama Cósmico de Javé" — cujos poucos membros tinham o poder de transitar naturalmente entre as faixas de realidade que compunham a criação,

um desses seres passou a ser uma espécie de “**preferido do criador**”, pelo modo como conseguia resolver os “problemas decorrentes de rebeliões” ocorridas ao longo da desconhecida história universal, sem desobedecer às ordens dele advindas.

Teria sido nessa condição que, ao sofrer em si mesmo as consequências da morte de um dos seus filhos, o criador teria ordenado ao seu “ministro preferido”, até então, que se dirigisse ao local onde o evento havia ocorrido com o objetivo de arquitetar a necessária compreensão sobre o inusitado acontecimento, e tomar todas as providências para que outros anjos-clones não viessem também a sucumbir.

Foi assim que surgiu, para a nossa atual cultura, a figura do “Cristo Cósmico”. O “ministro preferido”, ao se dirigir para a galáxia onde o desagradável evento teve lugar, ali se fixou em um determinado mundo do sistema o qual, no conhecimento terrestre é chamado de “constelação do Cocheiro” ou sistema de Capela. Em ali se fixando, o preposto do criador começou a “exercer” a sua gestão por todos os quadrantes do universo, enquanto verificava, junto com sua assessoria direta, formada de certas categorias de anjos-clones e de famílias de seres evolutivos, os aspectos do decesso ocorrido com um dos seus irmãos clones. O que morrera, inclusive, era “bem mais velho” do que o próprio Cristo Cósmico — em termos de surgimento para a vida universal — cujo epíteto seria mais tarde conhecido na Terra como Sofia, ou seja, a “Personificação da Sabedoria”.

Não deverá nos parecer estranha a notícia de que, na **cultura existente entre milhões de membros da “hierarquia celestial” do criador,** era comum o estabelecimento de “**epítetos**” para “qualificar” ou “especificar” a cada um dos anjos-clones robotizados ou minimamente despertos para as suas personalidades profundas. Esses títulos foram criados contra a vontade do criador, mas este terminou por se acostumar com “aquela forma estranha de convivência entre seus filhos”, e tudo o que lhe coube aceitar foi o maior e mais precioso dos epítetos, por ser o criador universal, “pai” e “comandante” de todos os anjos-clones e das espécies evolutivas que passaram a surgir nos mundos por todo o cosmos. Esse hábito cultural, na verdade, acentuou-se quando da “doença psicológica” do criador. Por sinal, **esse curioso aspecto, marca a cultura desses anjos até os tempos atuais.** Eles adoram “um titulo”!

O que se pode observar no modo como vivemos na Terra é mera herança das esquisitices da genética desses seres. Não é por menos que a nossa

história é cheia de deuses, semideuses, reis divinos e todo tipo de "títulos honoríficos" que deveriam servir para dignificar as atitudes dos assim nominados. Infelizmente, parece estar servindo, tanto aqui como alhures, apenas para encobrir a podridão espiritual (os tais sepulcros caiados referidos por Jesus) travestida pela pompa e por formalismos ridículos, além de anacrônicos.

Foi exatamente **nessa condição que o Cristo Cósmico teve que administrar a chamada rebelião de Lúcifer**, que terminou por envolver alguns poucos anjos-clones de primeira hora, muitos outros de gerações periféricas e incontáveis famílias de seres evolutivos.

Após o desenrolar das primeiras etapas do que mais tarde viria a se tornar a rebelião, com a separação da "massa de seres adoentados e rebelados" já narrada nos livros "Reintegração Cósmica" e "Carma e Compromisso" — e que ainda será descrita com mais detalhes em obras futuras, se o fluxo da vida o permitir — é que se deu, posteriormente, o estabelecimento do que restava do principal foco da rebelião no planeta Terra.

Os desdobramentos de todo o confuso contexto, levaram a que na Terra terminassem por ser congregados todos os seres que não conseguiram se "redimir" tanto do "problema de saúde", decorrente do processo, como também da questão "consciencial-espiritual".

Por essa época foi que o criador "despertou" do seu longo e mais recente processo de "**incapacidade vibratória temporal**" **para o exercício do seu poder pessoal**, quando o Cristo Cósmico o convenceu da necessidade de se fazer um simples "ser humano terráqueo", com o que ele veio a concordar, sob certas condições, após ter percebido que a espécie *homo sapiens* da Terra havia tomado um rumo que estava fora do seu controle. Na verdade, o criador se sentiu profundamente traído por diversos fatos que ocorreram ao longo da sua "depressão".

Esse contexto foi anunciado aos terráqueos por Enoch, como também foi por meio dele que as **notícias sobre os anjos rebelados e a decretação do juízo final para anjos, "deuses" e terráqueos** foram semeadas na Terra.

A partir desse fato, e do posterior dilúvio, coube aos profetas do povo hebreu vaticinarem sobre a vinda do enviado do Senhor Javé, com a ênfase de que este faria cumprir os seus desígnios sobre todos os insubmissos terráqueos. E quais eram os tais desígnios?

CONSTATAÇÃO.

Todos os povos da Terra seriam submetidos aos superpoderes do messias, porque a **ordem do Senhor Javé ao seu "Cristo Cósmico" era a receia óbvia do seu psiquismo afetado: o seu enviado teria que submeter os teimosos humanos da Terra**, **aos seus olhos rebeldes desde os tempos de Adão e Eva, pelo único padrão conhecido pelo criador que é o império da força do mais forte sobre o mais fraco, com vistas ao seu progresso via obediência e submissão absolutas.**

FOI EXATAMENTE o não cumprimento da parte de Jesus em usar os seus poderes pessoais para impor-se sobre os terráqueos que causou o "problema de confiança" entre ele e o Senhor Javé.

MAIS AINDA, QUANDO "A CONDIÇÃO HUMANA" de Jesus dominou seu psiquismo e, em momento de fraqueza, pediu ao seu pai (Javé) que afastasse aquele cálice. Impiedosamente, o Senhor Javé levou adiante o seu senso equivocado de Justiça e Jesus, tomando consciência, na condição humana, da inflexibilidade do "seu pai", foi quando rendeu-se definitivamente às evidências, dizendo que realmente ele ali tinha vindo não para fazer o que lhe era mais conveniente, mas sim, cumprir os desígnios da vontade do pai sobre a sua pessoa. Daí a crucificação. Contudo, Jesus avisara que iria **ressuscitar** — e o fez tanto no que se referiu ao seu corpo terreno como também em relação ao corpo de anjo-clone, que havia "desabilitado" para nascer como um simples terráqueo — o que significava uma "**saída definitiva dos domínios do Senhor Javé**" e um retorno à Espiritualidade Superior, aspecto que permanece até os tempos atuais e é de "lá" que ele retornará.

Estabeleceu-se, assim, o **impasse entre o criador o e o seu ex-preposto preferido**, tendo o Senhor Javé, desde então, **considerado Jesus uma espécie de traidor e de rebelde**. O pior: quase todas as rebeliões do passado terminaram sendo "creditadas" à Sofia, o Cristo Cósmico, como se discretamente financiadas por ele, conforme os "elementos factuais" recolhidos pela hierarquia robotizada do criador e por ele próprio.

A inflexibilidade aqui do Senhor Javé é total e nada nem ninguém conseguiu demovê-lo desse juízo equivocado até porque muitos dos seus assessores defendiam esse ponto de vista até os tempos atuais.

O fato de ter se sentido traído por Jesus foi e ainda é o maior motivo para o não cumprimento da promessa do Mestre de retornar à Terra,

preferencialmente sob os auspícios do Senhor Javé. Mas ambos já sabem que o Mestre retornará de qualquer modo, pois é imperioso que o faça, para o próprio bem de Javé, de seus anjos-clones robotizados e de toda a criação, ainda que o criador não tenha consciência profunda disso, mas já aceita a questão como inexorável. Apenas, ele e sua assessoria mais próxima, tentam ainda negociar alguns termos da tal "divisão de poder" quanto à gestão cósmica.

A **opção pelo planeta Terra,** para que este fosse o **palco dos acontecimentos** que importariam a todo o cosmos, foi, portanto, um **fator decorrente** da morte do primeiro anjo-clone acidentalmente ocorrida nesta galáxia, em especial dos fatos que decorreram do acontecimento. Este foi o fato determinante para o estabelecimento do Cristo Cósmico no planeta Orbum, no sistema de Capela, e para todos os demais eventos concernentes ao problema luciferiano.

CONSTATAÇÃO.

A "opção Terra" parece ser mais um "acaso", filho de uma outra série de "acasos" já que, na lógica humana, não se observa nenhum padrão de inexorabilidade nos principais fatos que redundaram na transformação desta galáxia, e depois, de um de seus mundos, em epicentro de um capítulo final da desdita e da redenção de muitos.

Este "capítulo final", é bom que se ressalte, representa apenas uma espécie de "primeira parte" da história deste universo, até a aceitação do criador em dividir e transferir a sua gestão para as divindades as quais, desde os tempos da criação se esforçam por dar bom curso ao que foi gestado.

ESPANTA-ME TER que ser eu mesmo, com minha razão e lógica terrena, a constatar esses aspectos da realidade que nos envolve. Literalmente me encontro envolvido pelos fatos e ninguém, nem da Terra nem de fora, consegue me explicar coisa alguma antes que eu seja "obrigado a conviver com os fatos" para, somente depois, criar o meu entendimento e, a partir disso, é que surge a ajuda esclarecedora. Ainda que viva aparentemente rodeado por tantas "forças", mas estranho isso fica como se coubesse inevitavelmente ao "esforço dos miseráveis humanos da Terra", promover algum tipo de entendimento e, assim, **influenciar o campo morfogenético**

da nossa espécie, único modo, pelo que deduzo, de sensibilizar e de influenciar o DNA do Senhor Javé.

É como se as informações transmitidas por mentores espirituais e amigos extraterrenos "estragassem" as regras do jogo evolutivo, no que se refere ao entendimento em torno de Javé. Paradoxalmente, parece não existir nenhum problema nesse sentido, quando os mentores nos informam e orientam dentro do contexto da revelação espiritual. Contudo, quando a questão é a revelação cósmica em torno do drama e da pessoa do criador, cujo principal teor um dia advirá por meio do próprio Mestre e do natural intercâmbio com outras civilizações do cosmos, as suas páginas iniciais parecem caber ao esforço humano produzi-las. Desconfio que a exceção à esta regra é composta por um conjunto de discretíssimas atitudes de um ou outro membro da "conspiração amorosa" em torno do criador, que sempre estão provocando "alguma coisa ao redor dos humanos" para instigar a nossa curiosidade sobre o inusitado.

Penso saber que a falência de certos aspectos da "força de dominação" que cerca o criador está em curso final. Cada um desses seres, a quem chamo de anjos-clones, é um potencial "super-ser" se comparados à condição humana, devido ao poder que cada um deles detém. Contudo, eles também têm "super-problemas" e não há medicina nem progresso tecnológico que os possa ajudar, a não ser as próprias regras surgidas do *modus operacional* deste universo e adjacências, porque assim essas regras foram estabelecidas pela mente da divindade decaída.

O principal fato a ser ressaltado é o de que essas regras implicam em que outras **mentes espirituais têm que "administrar" o DNA "despedaçado" do criador**, que agora existe sob a forma de **"corpos transitórios" espalhados pelos diversos mundos e naturezas planetárias deste universo**.

Constatação.

O aspecto curioso e enigmático de toda essa história é que, a "opção Terra" fez convergir para o nosso planeta, o ponto culminante da doença desses seres. Este corresponde à resultante do processo histórico das rebeliões do passado e ao final da "disputa" — tema que, para a razão filosófica dos terráqueos, parece ser "infantil" — entre Brahma, Vishnu e Shiva.

Resolvidas essas questões da geopolítica cósmica, a gestão universal será finalmente "departamentalizada", o que não implica em "burocracia cósmica", mas sim, um simples redirecionamento no que

sempre fez funcionar o universo, só que não mais nos moldes da pretensa dominação do Senhor Javé.

O CRIADOR ACOMPANHARÁ e receberá o refluxo de absolutamente tudo o que vier a ser feito a partir das ferramentas do seu DNA pessoal, ou seja, dos corpos transitórios que existem nas múltiplas naturezas planetárias, daí o seu receio, como também o dos anjos-clones, em se tornarem reféns de vontades pessoais, vamos dizer, alienígenas.

A doença desses seres é tão singular que, na sua grande maioria, jamais perceberam que a coisa sempre funcionou desse modo doentio. O aspecto curioso e triste do problema é que somente estão percebendo agora, e isso lhes é assustador e, principalmente o é para o próprio criador.

Reza uma "lenda cósmica" que, há muito, desde a morte do seu primeiro filho, o criador teria antevisto tanto o problema como a única solução possível, e que por isso "adoecera" nos moldes da já referida "depressão". Sob essa perspectiva, o Senhor Javé parece sempre ter sabido sobre tudo o que o esperava até esses tempos atuais, aí incluídos a "rebelião de algumas classes dos seus anjos-clones e de seres evolutivos", a "queda de Adão e Eva", a "traição de Jesus", enfim, todo esse estranho roteiro que somente nos tempos atuais nos está sendo permitido entendê-lo de forma "adulta", e ele simplesmente o teria deixado fluir, posto que inevitável, enquanto administrava a reação das classes "mais problemáticas" dos seus assessores aos fatos.

Se as premissas das quais partem esta obra estiverem corretas, caberá a esta humanidade, a partir de um futuro breve, o fornecimento de um "alimento vibratório" alicerçado no amor e na solidariedade para com a situação desses seres, e esse processo deverá durar por centenas de milhões de anos ou mais.

Qual o problema?

Estamos acabando com os recursos ambientais que permitem a vida na Terra, além de que esta vida naturalmente já se encontra em perigo por força das destruições cíclicas que ocorrem pelo desarranjo e defeitos presentes na criação do Senhor Javé.

Há cerca de 252 milhões de anos, quase tudo que existia de vivo na Terra foi destruído e, daqui a cerca de 250 milhões, quando todos os continentes que atualmente existem na crosta terrestre novamente se reunirem, por meio do incessante processo da deriva continental[1], os cataclismos naturais do

planeta, ao longo desse processo, deverão extinguir novamente quase todas as espécies planetárias, inclusive a nossa — isso, supondo que lá consigamos chegar.

Não é demais recordar da extinção do permiano, citada no capítulo 4, ocorrida há cerca de 252 milhões de anos, quando 70% da vida na crosta se extinguiu junto com cerca de 90% das espécies aquáticas, causada por explosões em cadeia dos vulcões terrestres, como também a outra "super-extinção" advinda da queda de um bólido celeste que deu fim aos dinossauros. Como os continentes continuam a se mover, por meio do mecanismo da tectônica de placas, e como a Terra terá sempre a desagradável visita de cometas, asteroides e meteoros, isso tudo implica em que outras tantas destruições como estas ocorrerão no futuro. Uma delas, por sinal, já está programada para daqui a uns 250 milhões de anos quando, como já dito, todos os atuais continentes voltarem a formar um só supercontinente, ou seja, uma nova Pangeia.

Isso tudo acontecerá independente do nosso estágio tecnológico e, caso tenhamos sobrevivido a nos próprios e ao caos que nos rodeia, a **vida humana terá de ser transplantada daqui**. Afinal, as "nossas vibrações" deverão acompanhar o criador por um tempo muito superior à marca de "duzentos e cinquenta milhões de anos", aspecto este que sequer cabe no "fuso-horário mental" da atual cultura humana e do seu "nível de preocupação" ainda imaturo e inconsequente.

A "opção Terra", feita pelo Senhor Javé — seguramente influenciado pelo Cristo Cósmico e também por Shiva — invariavelmente aponta para que, o "tipo de vida" surgido na Terra, terá que ser preservada a todo e qualquer custo, para que a ponte entre a sua doença e a possiblidade de cura possa finalmente ser estabelecida no futuro. É isso que eles afirmam ou, pelo menos, é o que julgo compreender da insistente postura de alguns assessores do Senhor Javé.

O que sempre esteve em "disputa" entre a força de dominação e os rebeldes (aqui o conceito de "rebeldes" não é necessariamente sinônimo de "forças trevosas"), foi o "tipo de humanidade" — desperta ou não, pensante ou não, livre e independente ou não — que viria a servir como "ponte" entre o DNA do criador e o dos corpos edificados a partir dele.

Aceito, finalmente, da parte do Senhor Javé, que a "humanidade desperta" iria ser a que seria utilizada para os tais propósitos, ele decidiu partir então para a última opção que restava, conforme a lógica presente no

seu psiquismo: teria que submeter os membros da humanidade terráquea a qualquer custo. Isso, na verdade, ele tentou de diversos modos, mas, principalmente, como já dito, por meio da submissão do sentimento religioso dos terráqueos. Daí a sua tentativa através do brahmanismo, do judaísmo, do islamismo, dos mórmons, e através de mais outras tantas facetas da sua insistência, o que não poderia mesmo ser diferente, por força da sua personalidade. E esses são somente alguns dos painéis que demonstram o quanto esse ser interferiu na nossa história, desde a escolha de "algum povo" para a realização deste ou daquele desígnio, ou pela escolha de agentes para a edificação desta ou daquela revelação. Claro que essas escolhas foram e são extremamente problemáticas e mais criam problemas do que resolvem, conforme penso. Ele, obviamente discorda, mas estranhamente vem aceitando que eu expresse a minha quase sempre equivocada opinião. Que seja!

Finalmente, parece ter chegado ao fim, a sempre renovada determinação da parte do criador em dominar o gênero humano por meio de religiões e de povos eleitos (arianos, judeus, árabes), aspectos que somente infernizaram a nossa triste e penosa rota evolutiva. Basta de "terras prometidas", de "religiões e de povos escolhidos"!

Ainda assim, por surpreendente ou paradoxal que isso possa parecer, a "opção Terra", feita no passado, presume, portanto, que os terráqueos tenham "um futuro", ainda que este não se expresse somente na Terra, devido aos "constantes perigos" que a rodeiam e àqueles advindos da nossa própria incapacidade evolutiva, a qual denomino indevidamente nas minhas reflexões como "cretinice". Mas este último aspecto terá que ser superado com o advento da reintegração cósmica. Pelo menos é o que se espera!

"Duzentos e cinquenta milhões de anos?", haverá de se perguntar qualquer pessoa aquinhoada com certa dose de bom-senso; "quem poderá ou deverá se preocupar com uma chatice desse naipe que mais parece uma ficção exagerada?". Mas é isso mesmo: **a eternidade tem dessas "chatices"!** Só estamos começando a descortiná-las, no meio a tantas belezas nela inerentes, advindas da Deidade, o Pai-Mãe Amantíssimo, o Sagrado que reside em cada um de nós.

14

A LÓGICA DE JAVÉ E A ORIGEM DA HUMANIDADE

DESDE QUE A MINHA condição humana se viu envolvida com a “questão Javé” que passei a me perguntar quais poderiam ter sido **os bons momentos da sua existência**, chegando até a pensar que não lhe seria mesmo possível “ter um bom momento”, por força do fluxo nervoso incessante do seu poder mental — e penso que ele jamais os teve, apesar da insistência dos seus assessores em me afirmar o contrário.

Com o tempo, “fui sendo esclarecido” que — e aqui reproduzo o que me foi informado e não o que pude constatar por mim mesmo correta ou equivocadamente — **quando da criação dos anjos-clones, ele costumava exaltar-se em regozijo, encantado com os seres que conseguira gerar a partir de si mesmo**.

Segundo esta perspectiva, todo o encantamento dos pais terrenos, ao verem seu rebento, seria “pouco” perante o que criador sentiu ao ver nascer de si mesmo os seus filhos possuidores da sua herança pessoal. Contudo — e peço desculpas pelo comentário algo mordaz que agora registro — caso tenham realmente existido, parecem terem sido aqueles os seus primeiros e únicos momentos felizes, no meio de sua tragédia pessoal, porque **a sua lógica foi logo ferida quando percebeu a magnitude do seu drama, agora não só no papel de criador, mas também na “função de pai”**.

Se por um lado, seus filhos herdavam **cotas de seus poderes**, por outro, como já anteriormente informado, todos eles herdavam a **totalidade da sua doença**, só que diminuída em padrões mínimos, e isso graças ao ato do “repasse mental” que provoca essa “diminuição”. O fator resultante do “repasse mental” agora plasmado sobre a molécula de si mesmo, apenas

modificada geneticamente, de acordo com a sua vontade de repassar as suas cotas de poder para este ou aquele filho, para esta ou aquela geração de filhos, é o que termina por edificar o novo ser ou os novos seres criados a partir da vontade do Senhor Javé. “Novos seres?”, poderá alguém questionar. Sim, novos seres, porquanto, às vezes, por chocante que isso nos possa parecer, a geração de seres que surgiam do seu poder mental acontecia no aspecto coletivo. Em outras palavras, em certas situações o criador gerava seres “individualizados parecidos ou não com ele”, um de cada vez. Noutras, ele criava uma “classe inteira de seres” num só ato criativo.

Desde o princípio da sua vida como “pai”, já inserido no âmbito interno da sua criação**, a lógica deste ser foi “ferida de morte” pelos próprios fatos por ele criados**. Infelizmente, contudo, não lhe restava nenhuma outra, nem muito menos a habilidade espiritual para “modificar-se” — nos humanos, o nome para esse processo seria “reforma íntima”. Assim, o que lhe restava como “único modo de pensar as coisas que iam se sucedendo ao seu redor” era a sua própria lógica, nascida em pleno desespero de reconstituição de si mesmo em plena adversidade. **E foi e é esta lógica doentia que até hoje alimenta o seu psiquismo afetado por tanto sofrimento**. Ele jamais foi capaz de “recriar-se”, de **moldar um novo psiquismo**, uma nova possibilidade de lógica mais adequada ao tamanho do seu drama. Esse é um dos atributos que ele está tentando edificar em si mesmo para o qual mais necessita de “ajuda externa”.

Apesar de inapropriado, diria que o criador jamais “conversou” abertamente com alguém, desde que existe com a personalidade de “Javé”. Mas, caso o tivesse feito, qualquer conversa tida com ele há 10 bilhões de anos, hipoteticamente obedeceria ao mesmo padrão da sua lógica atual.

No capítulo anterior, referi-me às “forças” distintas que, conforme julgo, “operam” ao meu redor, observando e, algumas delas, tentando mesmo me envolver neste ou naquele sentido.

Tenho tido muitos problemas, desde que me vi envolvido no meio de uma profusa e não menos confusa situação, ao produzir estes livros sobre o Senhor Javé e o contexto da sua criação. Isso, porque, fui obrigado a perceber que me encontro no meio de um “confronto de forças”, não necessariamente conflituosas entre si, cada uma delas multifacetada por si só, com “lógica e premissas próprias”. O “meu espanto” se deu e se dá, porque percebi que cada uma delas está esperando ou desejando que eu produza a obra em curso com estas ou aquelas cores, enquanto outras ainda tentam interferir no que

está sendo produzido. Quando e aonde isso vai parar? No que isso vai dar? Sinceramente, não tenho a menor ideia! Tudo o que penso saber é que não tenho outro modo de realizar o que os fatos me obrigam a fazê-lo exatamente do modo como me conduzo. Quanto às cores e ao estilo do conteúdo estarão sempre confinadas e reféns das minhas imperfeições — isso é inevitável!

Enquanto produzo estas páginas decorre o mês de abril do ano de 2012. O livro, "O Drama de Javé", na segunda versão que veio a público, foi escrito ao longo do ano 2010, e ali comecei a afirmar que o "progresso" do criador dependia do nosso, ou melhor, dos seres evolutivos, dentre os quais os edificados com o seu DNA em torno de 3%, **aspecto que ele somente passou a "concordar" nesses tempos atuais**, ou seja, cerca de dois anos depois. Passei dois anos "apanhando vibratoriamente" de um "auto-aclamado" pai que procurava corrigir um filho malcriado, ingrato, desobediente e rebelde. Em sendo isso verdade, convenhamos, o problema é realmente muito complexo.

Isso afirmo como forma de deixar para a posteridade alguma reflexão em torno do estranho modo como algumas questões, pertinentes ao Senhor Javé, estão se processando, apesar de "ilógico" para muitas "lógicas".

Ao tentar produzir estes livros, a princípio o fiz, atendendo ao pedido e/ou ordem dele advinda por meio da sua hierarquia. Mas a situação é muito confusa porque daqui saem vivências com esses seres, com o "próprio" que se apresenta como sendo o criador, e surgem certos "atritos" que me deixam perplexo quanto ao que devo tomar como sendo ou não o conteúdo do que eles estão tentando me informar. A aparente ou patente incoerência que essa afirmação possa parecer para o (a) amigo (a) leitor (a), rogo que seja creditada à minha incapacidade de melhor abordar as ocorrências ao meu redor. No meio de toda essa "confusa situação", foi quando percebi existir a tal "conspiração amorosa" em torno de Javé, a qual, a princípio, pensei que ele a desconhecia. Somente mais tarde, pude perceber que ele tinha conhecimento dessa "conspiração" e deixava que ela atuasse junto a mim seja porque assim o desejasse ou, talvez, não lhe fosse possível mesmo evitar.

O surpreendente foi perceber que, **"algumas das informações e confirmações vindas desta fonte", não eram do conhecimento e/ou não eram aceitas por ele.** Tudo ficou ainda mais complexo, para o meu tirocínio, quando percebi que, por força dos "atritos informativos" entre alguns seres daquela hierarquia, seria mais "plausível" — se é que tal era e é possível — **que eu fosse por mim mesmo constatando o que seria considerado**

correto ou não, o que é, obviamente, problemático, mas tenho que ser honesto com os fatos e com quem por ventura passar a vista por estas páginas e não se "irritar além da conta" com a repetição que me obrigo a fazer sobre certos painéis da narrativa.

Além da hierarquia que envolve o Senhor Javé, a quem denomino o seu conjunto como sendo "**Forças de Dominação**" — o que engloba e torna simplório um contexto que necessitaria de muito mais esclarecimento por força da sua diversidade, apesar do problema da "robotização" — existem outros segmentos que também tentam interferir na veiculação dessas informações. Um deles é o que chamo de "**Forças Trevosas Espirituais/Astrais**", que também envolvem um numero inquietante de falanges e de situações espirituais que vão do sofrimento ao desespero, da decepção profunda ao ódio, em relação à pessoa do criador, da parte dos seus membros.

Existe ainda a que chamo de "**Forças Extraterrenas**" que são compostas por uma plêiade de equipes distintas de algumas civilizações cósmicas, cada uma delas apresentando uma face bem específica em relação ao "problema Javé". Estas, pouco interferem na veiculação do "diagnóstico" ou na narrativa dos fatos passados, deixando apenas a semeadura de informações diversas quanto ao modo como eles interagem com o contexto, sem expressar qualquer juízo sobre o modo comportamental da "hierarquia da dominação" e do criador. Penso até que eles acompanham, com curiosidade inusitada, o modo como as coisas estão acontecendo no palco terrestre, e de como estamos formando, pouco a pouco, o entendimento em torno do criador e da sua criação.

Por fim, estamos todos envolvidos pelas "**Forças Espirituais Superiores**" e as falanges trabalhadoras menos esclarecidas em relação ao tema, mas totalmente voltadas para o "bem". Alguns desses mentores auxiliam, sem interferir de modo inapropriado, na estruturação do entendimento terráqueo em torno do assunto.

Não foram poucas às vezes, após o ano de 2006, que eles avisaram da aproximação de certas falanges trevosas que vinham me apresentar as suas discordâncias em relação ao "tom contemporizador" que eu procurava registrar nos meus escritos em relação ao peso da herança doentia que recebemos do Senhor Javé, a cada vez que assumimos um "corpo" e mergulhamos na sua criação. Já por outras, pareço ser tido como "um inimigo" que está agredindo a grandeza e a beleza do ser-criador e da própria

criação.

O estranho é que não tenho conseguido agradar aos que de mim esperam alguma coisa nesse ou naquele sentido, pois certa ou erradamente, vou registrando o que por mim mesmo posso constatar, além de veicular uma ou outra informação recebida de fontes não terrenas. E não vejo outro modo de compreender a "problemática" do criador a não ser apontando que ele é refém do progresso das suas criaturas, aspecto que ele não gosta, mas parecer ter, finalmente, aceitado.

Para a lógica humana, compreender as razões que o Senhor Javé teve para criar uma humanidade pura e ingênua — conforme a sua própria lógica — e o porquê dele ter aparentemente se decepcionado com a espécie *homo sapiens* que terminou por surgir neste palco planetário, requer que o foco de qualquer análise comece a sua abordagem pelo livro Gênesis da Bíblia, já referenciado no primeiro capítulo.

Convido, portanto, o (a) leitor (a) a passear por um dos mitos mais famosos e importantes, referente à raiz da história desta humanidade, apesar de pouco compreendido. Mas, por absurdo que nos possa parecer, a nossa desagradável epopéia existencial passa exatamente por uma culpa que nos foi imposta, desde o episódio da queda de Adão e Eva, sem que até os dias atuais o pensamento humano tenha apreendido a razão de todo esse processo.

Os defensores do viés da discussão "politicamente correta", sob a perspectiva filosófica, não costumam gostar e nem aceitam que exista uma "**natureza humana**". Mas ela existe e nela reside a "convergência de um jogo" entre: (a) um "DNA ponte" doentio, que se expressa na nossa química universal manipulado sob a forma de múltiplas famílias evolutivas; (b) um outro "DNA recebedor" do criador e dos seus anjos-clones os quais, na sua grande maioria, somente podem "ser ajudados" (só podem receber o resultado dos **saltos quânticos evolucionais** promovidos por outros) e não ajudam lá em muita coisa; e, (c) um DNA expresso numa "química-espiritual" que é foco ativador, acionado pela vontade individualizada de cada um que mergulha na criação problemática.

Queriam ou não os "politicamente corretos" — e também os "incorretos" — desses tempos pós-modernos, **o palco onde toda essa peleja (na verdade, uma construção de um novo padrão de DNA) está sendo jogada chama-se "psiquismo da natureza humana terráquea"**. Mas, penso que isso somente será compreendido no futuro, por uma humanidade mais esclarecida e menos manipulada no sentido religioso. Deixo, pois, com o carinho que

posso arquitetar, essas sementes de reflexão para as gerações futuras, sem esperar qualquer compreensão no momento em que as produzo.

Conforme tenho depreendido, o **plano inicial do Senhor Javé era o de criar uma humanidade, cuja característica psíquica, residia numa espécie de "estado original", intentado pelo criador, de "unicidade com a natureza", com o "cosmos" e, acima de tudo, com "ele próprio".**

Existem duas versões diferentes no livro Gênesis sobre a origem da humanidade, o que, por si só, já denota estranheza.

Primeira versão.

(...) E assim aconteceu. Deus fez as duas grandes luzes: a maior para governar o dia e a menor para governar a noite. E fez também as estrelas. Deus pôs essas luzes no céu para iluminarem a terra, para governarem o dia e a noite e para separarem a luz da escuridão. E Deus viu que o que havia feito era bom. A noite passou, e veio a manhã. Esse foi o quarto dia.

Depois Deus disse:

— Que as águas fiquem cheias de todo tipo de seres vivos, e que na terra haja aves que voem no ar.

Assim Deus criou os grandes monstros do mar, e todas as espécies de seres vivos que em grande quantidade se movem nas águas, e criou também todas as espécies de aves. E Deus viu que o que havia feito era bom. Ele abençoou os seres vivos do mar e disse:

— Aumentem muito em número e encham as águas dos mares! E que as aves se multipliquem na terra!

A noite passou, e veio a manhã. Esse foi o quinto dia.

Então Deus disse:

Que a terra produza todo tipo de animais domésticos, selvagens e os que se arrastam pelo chão, cada um de acordo com a sua espécie!

E assim aconteceu. Deus fez os animais, cada um de acordo com a sua espécie: os animais domésticos, os selvagens e os que arrastam pelo chão. E Deus viu que o que havia feito era bom. Aí ele disse:

— Agora vamos fazer os seres humanos, que serão como nós, que se parecerão conosco. Eles terão poder sobre os peixes, sobre as aves, sobre os animais domésticos e selvagens e sobre os animais que se arrastam pelo chão.

Assim Deus criou os seres humanos; ele os criou parecidos com Deus. Ele os criou homem e mulher e os abençoou dizendo:

— Tenham muitos e muitos filhos; espalhem-se por toda e terra e a dominem. E tenham poder sobre os peixes do mar, sobre as aves que voam no ar e sobre os animais que se arrastam pelo chão.

(...)

E assim aconteceu. E Deus viu que tudo o que havia feito era muito bom. A noite passou, e veio a manhã. Esse foi o sexto dia.

Assim terminou a criação do céu, e da terra, e de tudo o que há neles. No sétimo dia Deus acabou de fazer todas as coisas e descansou de todo o trabalho que havia feito. Então abençoou o sétimo dia e o separou como um dia, pois nesse dia ele acabou de fazer todas as coisas e descansou. E foi assim que o céu e a terra foram criados.

(Gênesis 1, 16-31; 2, 1-4)[1].

Se, de fato, foi o Senhor Javé, ou um de seus anjos, quem entregou esse texto pronto a Moisés, como acreditam principalmente os rabinos judeus vinculados à Cabala — e a "minha fonte" atesta que assim foi — o autor celeste, em sendo honesto, não poderia ter escolhido outra versão, a não ser a da "sua verdade", a da "sua visão" sobre os fatos. Contudo, perante a lógica humana, essa tal "visão dos fatos" parece extremamente confusa.

O primeiro aspecto que chama a atenção é o **fato de "Deus" somente constatar, posteriormente, se o que ele havia feito era "bom ou não".** Obviamente, alguém que age assim não é Deus, pois está "jogando dados" para ver o resultado que vai dar — Einstein que o diga. Mas esse é o problema: Javé é um ser criador e ainda mais com problemas, mas não é Deus.

Aqui o ser terráqueo se defronta com um dos painéis da "honestidade" do Senhor Javé que, se por um lado, é incompreensível para os humanos da Terra, por outro, era e é perfeitamente factível, pelo simples fato dele não ter certeza de que o seu "DNA mãe" deixado na Terra há 3,8 bilhões de anos, daria "bons resultados" e se renderia os "frutos por ele esperados"

É curioso que os cientistas já saibam que, realmente, a molécula-mãe, com o código de vida de absolutamente tudo o que existe na natureza da Terra, "apareceu" há 3,8 bilhões de anos. Sabem, também, que esse DNA-

mãe altamente complexo e delicado nos seus padrões, não surgiu por meio de nenhuma geração espontânea. Se não surgiu daqui, somente pode ter vindo de fora e **já veio pronto, plenamente codificado**! Ou seja: alguém, inteligente, mandou ou veio aqui e, pessoalmente, semeou a vida no planeta.

Se realmente este DNA existe e o mistério da sua origem ainda não foi explicado pela ciência, apesar de todo o seu avanço, por que a dificuldade da aceitação do óbvio? Orgulho intelectual? Falta de evidencias ou, exatamente o lado paradoxal do processo: o assustador excesso de evidências?

O interessante é que se essa premissa fosse respeitada, posto que os fatos apontam para a sua veracidade, a **descrição bíblica se tornaria "perfeita" para bem delinear o processo de surgimento da complexidade da vida terrestre**. Interessante, não?

O segundo aspecto refere-se ao fato do "Deus" falar no plural, dizendo *"agora vamos fazer os seres humanos, que serão como nós, que se parecerão conosco..."* "Conosco", quem? Quem eram esses que estavam com deus e com ele se pareciam ou eram semelhantes para que o levasse a ressaltar a tal semelhança?

Penso que o Senhor e os seus anjos-clones (e, principalmente a descendência destes últimos) formam o tal grupo que pode ser percebido nas entrelinhas da narração bíblica e, mais ainda, quando já sabemos que o Senhor Javé, assume como sendo seu, tudo o que dele é emanado, gerado e criado. E nem mesmo os anunnakis (Nephelim) bíblicos, que interferiram com a manipulação genética da nossa espécie, escaparam de serem descritos como pertencentes à hierarquia do Senhor Javé, ainda que sejam apenas subproduto da mesma e julgados por ele como "rebeldes", dependendo do contexto histórico a que o criador se refira.

Um detalhe que deve ser percebido, é o de que nesta versão, o homem e a mulher foram criados e ainda não haviam cometido a tal desobediência a Deus. Na verdade, ele nem se refere a essa questão até esse ponto da narrativa. E observe o (a) leitor (a), que o autor do texto conclui a narrativa da criação do céu e da terra e de tudo o que havia neles. Se assim é, por que o autor do Gênesis "reconta" a criação do homem e da mulher?

Parece somente existir uma explicação: nesta primeira narrativa o "deus bíblico" cria os humanos da Terra como "eles", para se parecerem com "eles" e parecidos com "ele", "o deus bíblico". Porém, na segunda narrativa surge o elemento do "pó da terra", quando o autor parece, aqui, ter pretendido dar um sentido mais "cientifico", já que o pó da terra significa os elementos químicos

que a tudo formam, ou quem sabe **se essa metáfora não foi a mais próxima do que foi, então, possível ser arquitetada, no sentido do seu DNA como sendo o criador de tudo o que passou a existir na Terra, em termos de seres vivos?**

Se essa era a intenção, temos, portanto, duas narrativas da criação do humano da Terra, sendo, uma, no sentido de expressar que foi dos elementos químicos (código química da vida expresso no DNA semeado na Terra há 3,8 bilhões) que o corpo humano foi criado e com um "sopro" adquiriu vida e, a outra, com a intenção de expressar uma relação de semelhança entre os humanos da Terra com o criador e os seus assessores.

SEGUNDA VERSÃO.

QUANDO O SENHOR Deus fez o céu e a terra, não haviam brotado nem capim nem plantas, pois o Senhor ainda não tinha mandado chuvas, e não havia ninguém para cultivar a terra. Mas da terra saía uma corrente de água que regava o chão. Então, do pó da terra, o Senhor formou o ser humano. O Senhor soprou no nariz dele uma respiração de vida, e assim ele se tornou um ser vivo.

Depois o Senhor Deus plantou um jardim na região do Éden, no Leste, e ali pôs o ser humano que ele havia formado. O Senhor fez com que ali crescessem árvores lindas de todos os tipos, que davam frutas boas de se comer. No meio do jardim ficava a árvore que dá vida e também a árvore que dá o conhecimento do bem e do mal.

(...) Então o Senhor Deus pôs o homem no jardim do Éden, para cuidar dele e nele fazer plantações. E o Senhor deu ao homem a seguinte ordem:

— Você pode comer as frutas de qualquer árvore do jardim, menos da árvore que dá o conhecimento do bem e do mal. Não como a fruta dessa árvore; pois no dia em que você a comer, certamente morrerá.

Depois o Senhor disse:

— Não é bom que o homem viva sozinho. Vou fazer para ele alguém que o ajude como se fosse a sua outra metade.

Depois que o Senhor Deus formou da terra todos os animais selvagens e todas as aves, ele os levou ao homem para que pusesse nome neles. E eles ficaram com o nome que o homem lhes deu. Ele pôs nomes nas aves e em todos os animais domésticos e selvagens. Mas para Adão não se achava uma

ajudadora que fosse como a sua outra metade.

Então o Senhor Deus fez com que o homem caísse num sono profundo. Enquanto ele dormia, Deus tirou uma das suas costelas e fechou a carne naquele lugar. Dessa costela o Senhor formou uma mulher e a levou ao homem. Então o homem disse:

"Agora sim!
Esta é carne da minha carne e osso dos meus ossos.
Ela será chamada de 'mulher' porque Deus a tirou do homem".

É por isso que o homem deixa o seu pai e a sua mãe para se unir com a sua mulher, e os dois se tornam uma só pessoa.

Tanto o homem como a sua mulher estavam nus, mas não sentiam vergonha.

(Gênesis 2, 4 – 25)[2].

Aqui a as "informações" constantes na narrativa já não parecem pertencer ao "mesmo psiquismo" que formulou a primeira versão ou, se pertencem, a intenção do autor somente passa a fazer sentido pelo seu desejo de ressaltar o seu zelo pela terra e pelos humanos que ele criou e os colocou no seu jardim. E é daqui que ele parte para narrar a "traição aos seus desígnios".

A cobra era o animal mais esperto que o Senhor Deus havia feito. Ela perguntou à mulher:

Ñ *É verdade que Deus mandou que vocês não comessem as frutas de nenhuma árvore do jardim?*

A mulher respondeu:

Ñ *Podemos comer as frutas de qualquer árvore, menos a fruta da árvore que fica no meio do jardim. Deus nos disse que não devemos comer dessa fruta, nem tocar nela. Se fizermos isso, morreremos.*

Mas a cobra afirmou:

— Vocês não morrerão coisa nenhuma! Deus disse isso porque sabe que, quando vocês comerem a fruta dessa árvore, os seus olhos se abrirão, e vocês serão como Deus, conhecendo o bem e o mal.

A mulher viu que a árvore era bonita e que as suas frutas eram boas de se comer. E ela pensou como seria bom ter entendimento. Aí apanhou uma fruta e comeu; e deu ao seu marido, e ele também comeu. Nesse momento os olhos dos dois se abriram, e eles perceberam que estavam nus. Então costuraram umas folhas de figueira para usar como tangas.

Naquele dia, quando soprava o vento suave da tarde, o homem e sua mulher ouviram a voz do Senhor Deus (nota do autor: outras versões bíblicas referem-se ao "barulho do Senhor" e aos "barulhos dos passos do Senhor") *que estava passeando pelo jardim. Então se esconderam dele, no meio das árvores. Mas o Senhor Deus chamou o homem e perguntou:*

Ñ *Onde é que você está?*

O homem respondeu:

— Eu ouvi a tua voz, quando estava passeando pelo jardim, e fiquei com medo porque estava nu. Por isso me escondi.

Aí Deus perguntou:

Ñ *E quem foi que lhe disse que você estava nu? Por acaso você comeu a fruta da árvore que o proibi de comer?*

O homem disse:

Ñ *A mulher que me deste para ser a minha companheira me deu a fruta, e eu comi.*

Então o Senhor Deus perguntou à mulher:

Ñ *Por que você fez isso?*

A mulher respondeu:

Ñ *A cobra me enganou, e eu comi?*

Então o Senhor Deus disse à cobra:

— Por causa do que você fez você será castigada. Entre todos os animais só você receberá esta maldição: de hoje em diante você vai andar se arrastando pelo chão e vai comer o pó da terra. Eu farei com que você e a mulher sejam inimigas uma da outra, e assim também serão inimigas a sua descendência e a descendência dela. Esta esmagará a sua cabeça, e você picará o calcanhar da descendência dela.

Para a mulher Deus disse:

— Vou aumentar o seu sofrimento na gravidez, e com muita dor você dará à luz ais filhos. Apesar disso, você terá desejo de estar com o seu marido, e ele a dominará.

E para Adão disse o seguinte:

— Você fez o que a sua mulher disse e comeu a fruta da arvore que o

proibi de comer. Por causa do que você fez, a terra será maldita. Você terá que trabalhar durante a vida inteira a fim de que a terra produza alimento suficiente para você. Ela lhe dará mato e espinhos, e você terá que comer ervas do campo. Terá de trabalhar no pesado e suar para fazer com que a terra produza algum alimento; isso até que você volte para a terra, pois dela você foi formado. Você foi feito de terra e vai virar terra outra vez.

O homem pôs na sua mulher o nome de Eva por ser ela a mãe de todos os seres humanos. E o Senhor Deus fez roupas de peles de animais para Adão e sua mulher se vestirem.

Então o Senhor Deus disse o seguinte:

— Agora o homem se tornou como um de nós, pois conhece o bem e o mal. Ele não deve comer a fruta da arvore da vida e viver para sempre.

Por isso o Senhor Deus expulsou o homem do jardim do Éden e fez com que ele cultivasse a terra da qual havia sido formado. Deus expulsou o homem e no lado leste do jardim pôs os querubins e uma espada de fogo que dava voltas em todas as direções. Deus fez isso para que ninguém chegasse perto da árvore da vida.

(Gênesis 3, 1-24)[3].

Pelas informações que estou sendo obrigado a colecionar sobre o episódio acima, parece que a narrativa não é tão metafórica como normalmente a ela nos referimos. Há um “que” de enigmático, que os “olhos do presente” não mais podem enxergar em relação a este estranho passado. Contudo, diversas fontes algo apócrifas do passado, apontam para a existência das pessoas do Adão e Eva bíblicos. E a minha inquietação em torno do assunto é que as “fontes” que me envolvem reafirmam o lado estranho dessa história. Mas não será neste livro que o assunto poderá ser abordado.

O fato é que o chamado “pecado original’ possui muitas faces, sob a perspectiva que o próprio narrador bíblico nos fornece:

— a simples desobediência aos desígnios do deus bíblico;

— o deixar-se seduzir pela promessa ou perspectiva de ter mais do que se tem;

— a desobediência ao interdito referente ao conhecimento do bem e do mal; isso implicaria em que o **mal já existia antes da espécie humana ter**

surgido na Terra;

— o prazer sexual pode ser praticado como os animais não pensantes o fazem, como essa humanidade pura faria (como seria?) e/ou como a humanidade desperta para a malícia faz. Obviamente, o que aqui importa é a atitude intima que envolve o ato sexual.

A QUESTÃO que sempre me pergunto diz respeito ao fato de não ter sido o humano da Terra a ter criado a si mesmo, nem muito ter gerado as tais árvores do conhecimento e da vida eterna, e nem o de ter criado o Jardim do Éden. Outros o fizeram e simplesmente o puseram lá, junto com as tais árvores, e sua vida teria que ser alicerçada na premissa de sempre “resistir à tentação” de que havia sido criado para a existência, convivendo com as possibilidades ao seu redor, mas não poderia jamais interagir com as mesmas. **Que destinação estranha**! Só quem consegue interagir desse modo com o que está a sua volta são os nossos “irmãos não pensantes”, “não responsáveis pelos seus próprios atos”, da natureza terrestre. **Mas era assim (ou quase assim) que o Senhor Javé nos queria!**

Somente poderemos compreender os aspectos dessa questão se partirmos da premissa de que, realmente, os “humanos da Terra” de então, não tinham o psiquismo como hoje o temos, e não estava na “programação de alguém” que um dia chegariam a ter.

Mergulhando, agora, na “metáfora bíblica”: será que, quem criou a natureza humana, não deveria ele mesmo, seguramente saber que, fatalmente, um dia, Adão e Eva comeriam a tal fruta? Será que a premissa da qual parte o questionamento está correta? Será que os termos da questão se encontram bem dispostos sob a forma de uma pergunta? Não! Penso que não! Obriguei-me a formulá-la por pura provocação intelectual. O que está errado? Resposta: o que já me referi anteriormente, ou seja, há algo muito simples, mas pouco percebido: a natureza humana da então humanidade, realmente, não era essa que hoje conhecemos! Se, ao contrário, a natureza dos nossos ancestrais fosse a que nos marca atualmente o psiquismo, aí sim, a resposta ao questionamento seria afirmativa.

Nós, os ditos seres pensantes, e aqui incluo os nossos antepassados e os modernos representantes da espécie, sequer conseguem imaginar (e muito menos aceitar) como seriam um Adão e uma Eva não pensantes, e é aqui que nasce a dificuldade intelectual e filosófica em torno do nosso entendimento sobre a questão.

Realmente, por absurdo que pareça, o Senhor Javé nunca soube e ainda não sabe lidar com seres livres, independentes e senhores de uma razão filosófica e de um senso critico que nem ele mesmo tem. Por conseguinte, ele mal consegue imaginar o que isso pode ou possa significar. Daí, tudo o que vem "disso", aos seus olhos, é pura rebeldia, semelhante ao modo como um "potro selvagem" se recusa a ser submetido a um "controlador". Qual o tipo de conversa que se pode ter com um potro selvagem? Muito bem. O exemplo metafórico é inapropriado, mas seria algo próximo disso, a dificuldade que o Senhor Javé tem com os "humanos rebeldes". Não há conversa, somente o império do mais forte sobre o mais fraco, seja a que custo for. Haja adestramento!

Penso que, nesse aspecto, reside o aparente mistério da indignação do criador quanto à desobediência das suas criaturas, e as aparentes incoerências da narrativa bíblica.

Para tornar ainda mais complexa a questão, penso que a "razão filosófica" surgida nos nossos ancestrais (pais e mães genéticos) da espécie, não funcionava como a que conhecemos. Penso que os "Adão e Eva" formadores do gênero *homo* eram mais despertos que os animais da Terra, do que os próprios anjos-clones da hierarquia, do que os próprios anunnakis que manipularam seus genes, mas ainda não "funcionavam psiquicamente" como hoje o fazemos. Isso veio com o "fator tempo" do nosso lento progresso. E aqui entram o "sangue" e os esforços de muitos que tiveram que fugir ao padrão das massas humanas, para algo acrescentar de novo à mentalidade do rebanho mantido sob a rígida disciplina, comum ao adestramento do criador. Desafortunadamente, quase sempre os que tinham "luz espiritual própria", foram tidos como "hereges", "rebeldes", "endemoninhados", enfim, "loucos", e outros tantos mais adjetivos a lhes marcar as frontes cansadas.

Como explicar isso aos meus irmãos e irmãs planetários?

Através dos meus estudos amadores sobre muita coisa, fui reunindo opiniões de estudiosos sobre temas como "percepção", "conhecimento" e "sabedoria", dentre outros. Com o tempo, classifiquei os que mais me chamavam a atenção, como sendo os cinco elementos básicos do que, nos meus estudos, chamo de "processo intelectivo" que nos define como seres humanos — mera curiosidade de minha parte.

Este "processo intelectivo", conforme defino para mim mesmo, vai do que chamo de percepção à construção da sabedoria. Porém, quais seriam as etapas da percepção até que esta possibilite a construção da sabedoria?

Afinal, perceber por perceber, todos os animais da Terra percebiam a realidade a partir do seu “modo de percepção”. O que existia no modo de percepção humana que nos permitia vislumbrar e construir a sabedoria no nosso psiquismo, diferente de outras espécies?

A resposta que consegui arquitetar foi a partir da percepção de quantas e quais seriam as etapas e os elementos do processo intelectivo. Assim, seriam elas: os dados, a informação, o conhecimento, a compreensão e a sabedoria.

Não há nada de novo nisso, ou pelo menos no encadeamento dessas etapas que são objetos de estudo para muitos cientistas, o que não é o meu caso. O meu único objetivo aqui é o de **explicar o porquê dos humanos da Terra poderem se tornar sábios e os anjos-clones robotizados do criador, e ele próprio, não serem capazes de conseguir tal intento**.

Para os desavisados, alguns desses cinco itens podem ser confundidos entre si. Na verdade, porém, penso que representam **etapas duramente conquistadas** em um penoso processo de evolução cósmica, que visa o “despertar da sabedoria espiritual”, para que esta possa exercer a sua soberania sobre os circuitos cerebrais dos corpos transitórios e edificados a partir do DNA do criador, ou seja, os dos seres evolutivos deste universo.

Dessa forma, costumo classificar “**dados**” como sendo números ou símbolos que cumprem a função de organizar e disponibilizar os elementos básicos do processo da “percepção inteligente”, a qual, por sua vez, poderá um dia formular o que entendemos como método científico. Muitas “famílias planetárias” evoluíram a partir de “corpos animais”, apenas para conseguirem formular os elementos básicos do processo evolutivo inteligente, ou seja, as questões referentes à percepção dos números e à formulação das letras de um alfabeto.

A “i**nformação**” surge como o produto do processamento (manipulação) dos dados e dos símbolos disponíveis. Nesta fase da evolução da “razão inteligente” é que surgem as bases do tirocínio logicamente organizado, tais quais, “que”, “quem”, “quando”, “quanto”, “como” e “onde”. Essas são as questões básicas do pensamento dito racional.

O que chamo de “**conhecimento**” é a informação sob a forma de “respostas” ao senso crítico do pensamento ou, em outras palavras, o conhecimento já seria o conjunto das soluções mentais para as questões da vida e da realidade percebida.

A “**compreensão**” já a tomo como o aprofundamento intelectual e emocional do conhecimento, ou seja, além de um simples colecionar de

respostas, aqui existiria a compreensão em torno das causas não só das “respostas”, mas principalmente, das “perguntas”.

A “**sabedoria**” refere-se à aplicação apropriada do conhecimento e da alta capacidade de compreensão do que já foi assimilado ou mesmo apropriado como “aquisição intelectual definitiva”.

O que tudo isso **tem a ver com o mito da criação de Adão e Eva e com a indignação do criador**? **Tudo a ver!**

A espécie que o criador um dia intentou gerar na Terra não era capacitada para reconhecer “dados” e “informações” e, portanto, também inabilitada na arte do “conhecimento” e da “compreensão”. Era uma espécie programada para “perceber a realidade” e “interagir com a natureza planetária” de um modo mais rico e, talvez, idílico do que a dos demais animais que viviam na Terra. Daí surgiriam os machos e fêmeas humanos, mais inteligentes e com capacidade amorosa superior (no modo de sentir e de expressar) a das demais espécies terrestres.

Atente bem o (a) leitor (a): a manipulação genética promovida pelos anunnakis em alguns membros da nossa espécie, terminou, após muitas tentativas frustradas, produzindo animais humanos capazes de “perceber” dados e informações, desde que ensinados, e de desenvolver, posteriormente, as faculdades da aquisição do conhecimento e da compreensão. Mas nada disso, somente, teria o condão de tornar o humano da Terra o que ele é hoje, se não fosse a contribuição definitiva do tipo de “espíritos” que começaram a “encarnar” nos corpos manipulados geneticamente, e sobre essa componente os anunnakis não sabiam coisa alguma. Assim, o **“salto quântico” que nos transformou no que somos hoje, tornou-se possível a partir da conjunção de todos esses fatores**. E é a **qualidade da bagagem dos nossos espíritos** que nos permitirá ou não **o exercício da sabedoria**.

Constatação.

Em termos **da criação do Senhor Javé, os diversos fatores que convergem para possibilitar o surgimento da “sabedoria espiritual profunda”, somente se combinaram em raríssimas oportunidades ao longo da história universal.**

A história da Terra, por penosa que seja, teria sido um desses “momentos singulares” que teve lugar ao longo dos evos.

ALGUÉM PODERÁ SE PERGUNTAR: “mas como o criador e seus anjos robotizados podem não gostar disso?”. A resposta não é agradável e nem muito menos simples, mas a que podemos arquitetar diz respeito ao fato de que, para eles, **a conquista da sabedoria é impossível**. Obviamente, os anjos que despertaram o logram fazer. Porém, o enigmático e tortuoso vem agora: os anjos que se rebelaram, também podem conquistar esse nível de consciência, e é esse aspecto que é doloroso para o criador e os anjos-clones que ainda lhe são fiéis. Veja só caro (a) leitor (a) quão paradoxal e tortuosa é a questão aqui abordada.

O que mais poderia ferir a lógica do Senhor Javé, do que o fato de que, até os rebeldes podem, vamos dizer, evoluir, e ele e os seus fiéis anjos-clones robotizados não o logram poder?

Em sendo o que hoje somos, a “absurda condição” dos humanos — assim considerada pelo “deus” que nos queria “puros e ingênuos” — que são obrigados a administrar as tendências animais que já nascem com os seus corpos, os destina a uma infelicidade kafkiana, já que a “maldição advinda da culpa pelo pecado original” — o de não termos nos enquadrado nos moldes da intenção do criador — nos persegue.

Apenas para relembrar a quem porventura passar a vista por estas páginas, o que aqui estou chamando de “infelicidade kafkiana” tem a ver com a “filosofia absurda”, referida no início deste livro, que se percebe na vida do protagonista Joseph K., do “O Processo”, na já citada obra de Franz Kafka, que é preso e processado sem ter a menor idéia do motivo.

“Vivemos e somos condenados”, nos aponta Albert Camus[4], que nos chama a atenção para a “**filosofia do absurdo**” que se assenta na tentativa de um homem fútil procurar um sentido em viver num mundo desprovido de Deus e de eternidade, sofrendo, quase sempre, por entre as muitas faces como a vida se apresenta. Pergunta-se ele, se a realização do absurdo pressupõe o suicídio? Não, diz ele. “Exige revolta!”. Óbvio que, aos ouvidos do Senhor Javé, isso não soa bem. Mas, **quase que inevitavelmente, parece sempre ser a primeira postura psíquica a povoar a vida mental de quem “descobre os efeitos perversos e dramáticos da criação” ou “o drama do próprio criador e de todas as suas criaturas”.**

Precisamos, contudo, superar essa etapa psíquica, pois ela é estéril e problemática, e o DNA do nosso corpo “somatiza” e repassa essas vibrações no circuito que nos une ao criador, e nada de bom disso poderá vir para a “saúde” de nenhuma das partes envolvidas.

Precisamos transcender à condição humana e não rejeitá-la ou desprezá-la, penso eu.

Aparentemente, só pelo fato de termos nascido como seres humanos, já estamos indelevelmente condenados por uma questão que sequer conscientemente escolhemos, o que é muito grave e esquisito e, obviamente, injusto. Mas, isso, para a nossa lógica. O criador, contudo, não pensa assim!

Notícia estranha: o “bem e o mal” referidos pelo Senhor Javé, não é o mesmo “bem e mal” que a razão filosófica humana concebe. É outra história, e isso é bem complicado de ser entendido. A **“razão filosófica” de Javé está evoluindo para um dia ser semelhante à que marca o psiquismo humano terráqueo**, por absurdo que isso, a princípio, possa parecer.

Camus nos fala do mito de Sísifo, personagem da mitologia grega que é continuamente obrigado a repetir sempre a mesma tarefa de empurrar a pedra de uma montanha até o seu topo para vê-la novamente rolar para baixo, aspecto emblemático da chamada filosofia do absurdo.

O inquietante é viver, sabendo que a vida é assim, e desconhecer que a existência eterna nada tem a ver com as cores dessa esquisitice existencial!

Se não for a noção de uma filosofia espiritualizada presente no psiquismo humano, o desalento profundo termina por se estabelecer, porque, realmente, algo de muito absurdo envolve a vida na Terra. Daí a **importância do esclarecimento espiritual**.

Aparentemente, para o Senhor Javé, o ser humano terráqueo, por ter perdido a “pureza e a ingenuidade”, tem mais é que ser perpetuamente condenado a uma infelicidade que ele mesmo decretou por força da sua doença. E **é nesse aspecto tenebroso que reside o atual impasse, pois que tudo tem a ver com a já citada “armadilha” em cujo bojo reside a espécie humana terráquea como “isca”**. Óbvio que o tema nos é desagradável e “politicamente incorreto” sob todos os prismas.

O fato é que os “genes do Senhor Javé”, que formam os nossos corpos, são absolutamente cegos para o contexto espiritual que nos envolve. Assim, o propósito da vida, é aparentemente acionado pelas tendências e inclinações produzidas pelo DNA humano. Sobra, portanto, para a própria iniciativa de cada pessoa, promover o despertar da sua consciência mais profunda para outros aspectos da existência.

Como a “iniciativa humana” foi e ainda é quase sempre “manipulada pelos mais espertos”, sobrou para as religiões pontificarem sobre o **sentido da vida.** E foi “nessa onda” que o criador procurou exercer o seu domínio

sobre os “humanos rebeldes” com vistas aos seus desígnios. Mas nem tudo saiu como ele pretendeu! As religiões fracassaram no mister redentor da humanidade ou, em outras palavras, o humano terráqueo não soube vivenciar a sua religião de preferência de modo a que esta pudesse promover o progresso planetário.

A Revelação Espiritual apresentou um propósito para a existência terrena que transcende por completo o apontado pelas religiões impositivas advindas do Senhor Javé. As religiões falharam um pouco nesse processo, transferindo para o céu uma felicidade impossível de ser sentida na Terra. Contudo, não foi possível aos seus “fundadores” explicar que isso se devia ao problema do criador.

É, finalmente, chegado o tempo em que esta humanidade, por desagradável que seja, tem que tomar conhecimento dos aspectos da “estranha lógica do criador”, para poder discernir quão preciosa é a nossa lógica, para dela poder fazer o uso adequado no desempenho da função que espera a todos nós: a de progredir, enquanto somos úteis ao progresso de muitos outros.

Somente a atitude amorosa espiritualizada e esclarecida poderá construir o Ideal de Fraternidade que deverá unir a todas as espécies existentes na criação do Senhor Javé.

15

HERANÇA INEVITÁVEL: OS REFLEXOS DA DOENÇA

Ó enfadonha condição da humanidade.
nascida sob uma lei, a outra presa,
vaidosamente gerada, apesar da vaidade proibida,
criada doente, ordenada a ser sadia.

Fulke Greville[1].

A MAIORIA das pessoas vive sem se dar conta delas mesmas. De minha parte, resolvi implicar comigo mesmo, e até hoje me divirto com esta “mal criada arte autodidata” de me observar e de me redimensionar sempre que me é possível. Como já referido, criei diversas disciplinas e terminei por enveredar por caminhos muito pessoais cujas vivências são difíceis de serem descritas — penso que, se a vida o permitir, registrarei essas disciplinas em livro, pois podem ser úteis para mais alguém.

Assim afirmo porque, fazer do seu corpo físico, via criação de um “ritmo especial” de respiração, uma ferramenta para o exercício da soberania espiritual sobre o nervoso ego terreno, não é tarefa tão simples por força do atordoante cotidiano que somos obrigados a enfrentar. Porém, ainda que dotado de certa habilidade para fixar o foco da minha consciência espiritual em outros padrões que não o terreno, desde que “topei com o fator Javé”, fui obrigado a “abrir mão” de muitas dessas vivencias para poder manter-me no “mesmo canal” que ele e a sua assessoria.

Registro este fato porque, foi através “desse canal” que percebi que a “força de dominação” que atua em nome do Senhor Javé — os robotizados e

ele próprio — não têm conhecimento e nem são dotados da **condição de "interação" com os níveis espirituais evoluídos** que a tudo envolvem, inclusive a sua criação. Os seres evolutivos, ao contrário, são dotados dessa possibilidade, e o que chamamos de **mediunidade** é um dos aspectos da questão.

Referi-me, no capítulo 11, à luta dos micro-seres para sobreviverem, que estes "dominam o universo onde vivemos" e se expressam de muitos modos.

Sempre me chamou a atenção como os vírus e as bactérias se esforçam para se readaptarem na tentativa de sobreviver aos ataques vindos da farmacopéia sob a forma de antibióticos e drogas diversas.

Enquanto escrevo estas páginas, observo a notícia veiculada na imprensa sobre a existência das "superbactérias", já que foi detectado pela ciência que, por meio da mutação genética[2] duas espécies de bactérias haviam se tornado invulneráveis, o que já estava predito pelos cientistas. Acompanhe, o (a) leitor (a), a notícia da revista Superinteressante.

HÁ anos os cientistas previam que isso iria acontecer. Mas finalmente a ameaça parece estar batendo à porta: estão surgindo bactérias capazes de resistir a praticamente todos os antibióticos. Praticamente todos, ou todos mesmo. Depois da KPC, que foi apelidada de superbactéria e causou pânico nos hospitais brasileiros (mas pode ser tratada com uma combinação de 3 antibióticos), está surgindo uma linhagem de micro-organismos ainda mais resistentes. E o pior: isso já aconteceu. As bactérias E. coli e Salmonella, que causam infecções intestinais e são comuns em todo o mundo, já adquiriram um gene que as torna capazes de destruir as moléculas de qualquer tipo de antibiótico — inclusive os carbapenemos, que hoje são a última arma eficaz para matar os micro-organismos mais resistentes, como a superbactéria brasileira.

AQUI É possível ver nas bactérias o mesmo impulso à sobrevivência do criador decaído mostrando a sua face na luta que as mais ínfimas formas de vida deste palco planetário, que são as bactérias e outros micro-organismos, travam na arquitetura da própria sobrevivência.

A KPC e outras superbactérias, levadas apenas pelo instinto de sobrevivência, hoje se encontram espalhada por todo o mundo, e seu avanço é extremamente preocupante.

Assume-se, dessa forma, como sendo de importância estratégica, a questão referente aos micro-organismos que “ajudam a compor” os corpos dos seres vivos, no caso da nossa espécie, o que ilustra muito bem como temos que “lutar” para manter os nossos corpos sadios. Mas, para além do óbvio da afirmação, no que isso implica?

Já é tempo de perceber que a espécie *homo sapiens* tem dois problemas presentes nos seus corpos: (1) o DNA já adoentado do criador presente nas células do corpo animal e (2) a presença dos micro-organismos, “também adoentados” que o infestam.

É muito problema para um corpo só, mas é exatamente sobre este “templo de DNA afetado e infestado de micro-organismos”, que os nossos espíritos têm que levar a bom termo cada uma das romagens terrenas, apesar de toda a adversidade que significa “imantar o nosso espirito a um corpo animal” com essas características. Ainda assim, o potencial espiritual que reside em cada um de nós é tamanho (divino), que podemos nos sair bem em cada uma dessas empreitadas. Tudo depende da nossa atitude mental, desde que percebamos que podemos arquitetá-las e controlá-las.

Como magistralmente percebido por Fulke Greville, fomos criados doentes, mas ordenados a sermos sadios, e quando tal não conseguimos, ainda sofremos e somos punidos por esta ou aquela lei. Será que é mesmo assim? Que cada um leia os fatos da vida, reflita, e construa as suas próprias conclusões, se for o caso. Mas é o que penso!

Por sobre toda essa história prenhe de imperfeições, existe a “mão” da justiça e da misericórdia divinas (da Deidade e de Seus Prepostos) que compensam e reajustam algumas dessas questões inapropriadas. Contudo, a assertiva acima, é uma espécie de “triste resumo” do **drama de uma divindade que foi repassada as suas criaturas**. E um dos aspectos do drama terreno do Senhor Javé é que as suas criaturas da Terra, apesar do seu esforço em se fazer notar e ser compreendido e respeitado, ainda são totalmente ignorantes à questão. E isso é desesperador! — penso que tanto para ele quanto para nós.

Como já abordado no segundo capítulo, ali citei alguns aspectos problemáticos da herança do criador. Apenas para relembrar, de forma resumida, foram elencadas algumas questões que nos caracterizam o modo como vivemos.

Como vimos, nascemos programados para morrer, convidados pelas religiões a nos resignar sempre e a não fazer o uso da razão. Caso o façamos,

a síndrome de Lúcifer cai sobre os nossos ombros e somos taxados de orgulhosos, de hereges e de rebeldes.

De modo estranho, apesar de comum, acostumamo-nos a destruir vidas para manter a nossa, e somos especialistas na arte de tentar sobreviver a qualquer custo, sem qualquer preocupação com os padrões de uma elegância espiritual.

Fomos programados para sermos fortes o suficiente para dominar pessoas e situações ao nosso redor já que, somente o império do mais forte sobre o mais fraco, produzirá o sucesso nas nossas vidas.

Estranhamente, **apesar de todos os ditames advindos do nosso DNA, "algo" em cada um de nós "ama", sente-se tendente à cooperação e a solidariedade**, e nem todos embarcam na **tresloucada aventura espiritual** de ganhar sempre, a qualquer custo, do jeito que der.

Enquanto tudo ao nosso redor nos convida ao exercício da esperteza, da perversão, do consumo desvairado, da cretinice, enfim, muitos, dentre os humanos, procuram a serenidade, o equilíbrio pessoal e ousam semear amor e o desprendimento, assumindo uma postura espiritual elegante e fraterna.

Dizem os mentores espirituais que, ainda quando não existiam "mestres" entre os humanos, havia os embrutecidos e os que procuravam tornar a vida mais amena, evitando disputas, apesar dos ditames do DNA da espécie.

A **herança da doença do criador reside somente nos corpos animais** que os nossos espíritos utilizam. Porém, ao deixá-los, a cada vez que "morrermos para este mundo", infelizmente muitos de nós levam para a sua condição espiritual as sujeiras e inclinações doentias que foram mal administradas quando passeamos pela vida animal. De tanto "sujar o nosso psiquismo espiritual" com as marcas das vidas terrenas, a herança da tal doença passa a povoar também o psiquismo espiritual dos atores e atrizes do processo existencial deste universo.

Quando isso ocorre acima do padrão do suportável, os espíritos adoecem juntos com os corpos transitórios, e os doentes, incapacitados que estão de por si só se soerguerem, são agrupados em "**mundos-escola**", "**mundos-hospital**", "**mundos-hospício**" e "**mundos-prisão**", de onde somente poderão sair depois das chamadas **reciclagens espirituais** — haja exílio espiritual para ajustar todo esse caos!

O planeta Terra pode ser enquadrado em qualquer uma das situações acima descritas. O **que precisa ser percebido é que, não são os "corpos animais",** ainda que adoentados pelo DNA que os marca, **os sujeitos dessa**

história. Os corpos, por si só, são meras **ferramentas para os nossos espíritos**, sendo estes, portanto, os **reais atores e atrizes desse drama universal**. A questão toda é fazê-los desertar enquanto submetidos aos corpos animalizados pela herança do criador.

O triste de tudo isso é que os **“germes” da doença do DNA do criador**, que no princípio somente se encontravam residindo nos corpos transitórios criados a partir do seu DNA, a partir de um certo ponto da história cósmica, passaram a criar os seus “**correspondentes espirituais**”. Estes, por sua vez, terminaram se estabelecendo nos “corpos espirituais” de muitos adoentados pela inabilidade em existir conforme as regras planetárias advindas dos ditames do DNA nos corpos transitórios.

Muito trabalho ainda espera por todos nós quando adentramos nos ambientes espirituais adjacentes à realidade da criação do Senhor Javé. Este trabalho ainda terá que durar alguns bons bilhões de anos. Repetindo o que já afirmei anteriormente, a eternidade tem dessas chatices.

Como já abordado no livro “O Drama Espiritual de Javé”, a apresentação que o Senhor Javé fez de si mesmo para os terráqueos, nos tempos de Moisés — “eu sou o que sou” ou, “eu sou aquele que é” — a princípio, pode parecer uma afirmação conceitual divina, superlativa, genial, quando, na verdade, parece ser somente uma **mera deficiência psicológica sobre a percepção que este ser tem sobre si mesmo**.

Sendo agora rígido na linguagem, falta ao Senhor Javé a capacidade para se reconhecer problemático e altamente desagradável para com as suas criaturas. E ele se acha justo e santo! O fosso que separa esses dois contextos é do tamanho do seu problema espiritual. Na cultura terrena costumamos pensar que um mau-caráter não tem mesmo a dignidade de se reconhecer como alguém “mau”. Na cultura que marca a convivência entre os membros da hierarquia que envolve o criador o problema é muito mais sério e desagradável.

O fato é que, conforme penso, nenhum miserável terráqueo se definiria desse modo, até porque pareceria doença psicológica no campo da arrogância e da presunção. Mas é exatamente isso mesmo: tal afirmação é produto de um ser obtusamente atrasado na capacidade de se auto-perceber como individualidade existente nas condições em que se encontra.

Não me é nem um pouco agradável me expressar desse modo, pois, seguramente, devo estar incorrendo em erro de avaliação. Mas me é solicitado que assim mesmo eu me expresse, ainda que equivocadamente,

para semear a reflexão em torno da questão.

Muitas espécies de animais da natureza terrestre não têm percepção ou noção de si mesmos. Somente algumas poucas apresentam indícios de que possuem esse raro predicado cósmico. Daqui a algum tempo, mais espécies animais da nossa natureza estarão despertando os seus "psiquismos adormecidos" para os primeiros sinais da percepção sobre si mesmos.

Por incrível que isso possa parecer à lógica terrena, **o Senhor Javé e muitos dos seus anjos-clones robotizados, precisam que tal ocorra para que o fluxo vibratório advindo de incontáveis seres não pensantes**, que começam a despertar os seus psiquismos, ainda que em níveis primários, **possam contribuir com o processo semelhante que neles ocorre**, apesar de serem "inteligentes e operativos".

Ter noção de si mesmo não é tarefa tão fácil e por isso comecei o presente capítulo fazendo esta afirmação. Não basta somente identificar-se num espelho ou ter uma personalidade ativa operante. O processo é muito mais profundo e sutil do que parece.

Acostumar-se a ser o que costumeiramente temos sido é, talvez, o maior despropósito que cometemos com a nossa condição espiritual. E o doloroso é que, a maioria das pessoas se encontra estacionada naquilo que costumeiramente julgam ser e haja "**zona de conforto**" a lhes ajudarem a serem o que são.

Desgraçadamente, o cansaço existencial nos leva a assumir essa postura **falsamente confortável**. Muitos somente percebem o equívoco quando desencarnam, e estes já podem ser considerados felizardos e merecedores de bênçãos porque, a maioria, nem mesmo quando deixam este mundo consegue isso perceber.

Um dos aspectos do drama pessoal do Senhor Javé é o fato de que **ele somente sabe fazer o que sempre fez: dar ordens para fazer valer o seu ímpeto de sobreviver a qualquer custo**. Tudo mais que está marcado no seu DNA é mero desdobramento desse fato.

Ele precisa superar a sua doença para poder aprender a "confiar em alguém" ou "em alguns", e com eles dividir a gestão da obra por ele gerada. A outra opção é que o cansaço, associado à doença que o vitima, o obrigue a isso fazer em relação ao seu ex-preferido assessor, ainda que com certa dose de "desconfiança", sendo este um dos aspectos que mais lhe marca a personalidade. Não há mesmo outra alternativa: Jesus precisa retornar e por isso ele tal o anunciou nos moldes em que o fez.

16

O PROBLEMÁTICO IMPÉRIO DOS MAIS FORTES

> *A preguiça e a covardia são as causas pelas quais uma parte tão grande dos homens (...) compraz-se em permanecer por toda sua vida menores; e é por isso que é tão fácil a outros instituírem-se seus tutores.*
>
> Immanuel Kant[1].

NÃO TENHO qualquer simpatia ou afinidade com os painéis ditatoriais da vida, o que muito me dificultou a aceitação de que poderia existir alguém com as características de Javé. Mas o seu caso transcende o que em mim é verdadeira repulsa à qualquer forma de ditadura.

Foi no trato desse assunto com a hierarquia do criador, e com ele próprio, que pude perceber outro aspecto que os marca o qual, para o meu psiquismo, a princípio, pareceu incompreensível.

CONSTATAÇÃO.

O criador e as suas mais antigas gerações de clones, não demonstram possuir um atributo o qual, aos nossos olhos, chega a ser banal de tão comum que é: a imaginação.

Isso traz consigo implicações complexas que apontam para que, somente com a evolução desta humanidade, poderá ser compreendido o porquê desse estranho painel psíquico, que tão fartamente se faz disponível no psiquismo terráqueo, faz-se totalmente ausente na condição em o Senhor Javé e os seus anjos-clones robotizados se

encontram.

OS PROCESSOS mentais que marcam o **psiquismo desses seres** é tão diferente do que nos é comum que seria mais apropriado a ele não me referir. Contudo, tenho que fazê-lo, apesar das inevitáveis imprecisões e equívocos que deverei cometer. Mas espero, sinceramente, que os aspetos porventura incorretos desta abordagem, possam ser corrigidos no futuro.

Na minha eterna busca de exercer a soberania espiritual sobre a minha própria condição terrena, autodidata que procuro ser em tudo o que me interessa, através de uma das minhas disciplinas de vida, percebi que algo de muito estranho ocorria no meu fluxo mental — e no de todo mundo — e aqui tenho que enveredar por algumas aparentes obviedades.

Em certa altura da vida, decidi que **iria tentar “não pensar” e “nem sentir” durante um intervalo mínimo de tempo que fosse.** Depois de muitas tentativas, percebei que alguma coisa “rodava de modo nervoso no meu psiquismo” e, obviamente, não era movido por minha vontade.

Resolvi, então, criar os meus chavões “sou eu” e “não sou eu”, como fatores de identificação do que povoava o fluxo mental da minha personalidade terrena.

Assim, quando, por meio da minha “vontade de encarnado” decidia pensar sobre alguma coisa, aplicava, então, antes de começar a pensar, o “sou eu”.

Continuei a utilizar os meus chavões sempre que “parava” para praticar esse tipo de “meditação”, como forma de reconhecer, conscientemente, o que representava a “minha vontade” funcionando em mim mesmo, e o que “**funcionava no meu psiquismo” sem que eu me desse conta.** Se não era a vontade do meu ego que promovia o fluxo incessante de pensamentos e sentimentos no meu psiquismo, qual o fator responsável pelo processo?

Descortinei, então, o “mundo do pensar” e o “mundo do sentir” inseridos na minha mente como sendo os “programas mentais” responsáveis pelo funcionamento do fluxo constante da tela mental, e sobre os quais a minha vontade de ser humano parecia não ter nenhum poder.

Em outras palavras, além dos pensamentos e dos sentimentos que eu mesmo me determinava a ter, existia um número impressionante de pensamentos e sensações que diariamente me povoavam o psiquismo que surgiam sem avisar e sequer passavam pelo crivo da minha vontade para ali se estabelecerem. Quando, no final do dia, refletia sobre o que tinha sido eu

mesmo a pensar, chegava a inquietante conclusão de que, “quase nada” do que se passara na minha mente, havia sido “eu mesmo” agindo por meio da minha vontade.

De tanto “praticar o meu tipo de meditação”, pude perceber, claramente, que o tal impulso tinha duas possíveis origens: o meu espírito ou o meu corpo animal. Comecei, então, a ser um “observador de mim mesmo”, e penso que descobri coisas muito interessantes. Uma delas foi que, o “impulso” que começava a rodar “pensamentos” e “sensações” presentes no meu psiquismo, surgia a partir do meu cérebro e não do “meu querer”.

Não poderei aqui me aprofundar nas explicações de como percebi que o tal impulso não vinha do meu espírito, mas sim, do meu corpo, e é desta premissa da qual parto. Esta me leva a perceber que existe uma **“inclinação determinística do DNA do meu corpo” que coloca a “máquina para funcionar”**, sem que isso seja produzido pela minha vontade pessoal.

Depois de alguns meses, arquitetei a compreensão profunda de que, “nem sempre era eu quem estava exercendo a minha vontade” para coordenar o meu pensar e sentir, mas, simplesmente, era obrigado a “administrar”, pelo simples fato de estar vivo, o que a cada segundo se passava na minha mente, sem que a “minha vontade” estivesse no comando. Fui me tornando um “especialista amador” em perceber um número impressionante de sensações psíquicas que a todo momento surgiam na minha mente sem que eu as desejasse.

Há muito que procuro entender de onde vem todo o conjunto de pensamentos e rememorações que, desde que o meu corpo acorda, passa a se fazer presente na minha mente sem que eu possa exercer a minha vontade para, primeiro, decidir se quero ou não pensar e sentir todo aquele fluxo. Tentei de tudo e percebi que o tal fluxo perturbador sempre tinha início, por mais que eu procurasse interrompê-lo. Simplesmente, no “ritmo normal da vida” não se consegue pará-lo ou dominá-lo.

De tanto procurar entender e controlar o processo, finalmente me deparei com a presença, no meu psiquismo, da ditadura do fluxo do DNA herdado do criador, e que está presente em todas as células do meu corpo. Era aquela “ditadura” advinda do DNA herdado dele que em mim — e em qualquer humano da Terra — “funcionava daquele modo”, sempre criando e recriando aquele “fluxo de sensações racionalizadas sob a forma de impressões pessoais”. Percebi, portanto, nitidamente, que existia um “impulso nervoso” em curso no meu psiquismo, que nada tinha a ver com a minha vontade

espiritual e nem muito menos com a de ordem terrena. Como consigo "alinhar as duas vontades" em torno dos meus princípios e propósitos, além de também alinha-las em torno do Eu sagrado que habita na intimidade espiritual de cada ser, passei a perceber, com relativa facilidade, o tal fluxo nervoso no meu psiquismo.

O que isso tem a ver com o Senhor Javé e a tentativa do seu "império mental", sobre os humanos rebeldes da Terra, com o objetivo de nos "controlar no sentido do bem"? Tudo a ver!

Ao perceber em mim mesmo e em cada membro da raça humana um "cobaia" para experiências desse naipe, foi quando compreendi como e quanto eles precisam do nosso concurso. No meu caso, o "aprendizado" em torno do assunto fluiu mais fácil por força da minha resistência em fazer o que eles tanto se esforçavam por me "inspirar" como também da insistência deles, único modo que conhecem para levar em frente, como lhes for possível, com o cumprimento do desígnio do Senhor Javé sobre determinada pessoa. O fator resultante da minha resistência frente a insistência deles passou a ser o meu "alimento diário" independente do resultado.

Há tempos que ocorre, então, uma "batalha" entre o meu ego terreno e a força mental dos seres que tentavam e tentam fazer cumprir as ordens do Senhor Javé em torno da minha pessoa. E pude e posso facilmente perceber que, no fluxo nervoso dos meus pensamentos, eles sempre se esforçavam e se esforçam por "dar um jeito de colocar" os pensamentos que lhe são advindos de suas vontades pessoais — no caso dos anjos-clones despertos — ou da do criador.

Notei, então, que era **exatamente "sobre" a "sobra" dos pensamentos e dos sentimentos** que me povoavam o psiquismo, advindos do funcionamento nervoso do meu DNA corporal, além dos que eram próprios e comuns à vontade humana, **que eles atuavam e atuam, quando querem me "influenciar de modo ditatorial"** para que prevaleça a instrução e/ou ordem da qual são portadores, referentes à vontade do criador.

Vou, agora, tornar uma pouco mais complexa a abordagem, introduzindo um novo elemento que é fundamental para a compreensão em torno do assunto.

Passei, mais ainda, a perceber que, essa "sobra" de fluxo mental, correspondia exatamente à base do fluxo da "imaginação" que surgia no meu psiquismo. Testei muitas vezes e penso que descobri que, quando qualquer ser humano decide "escrever um texto", "compor uma melodia", "pensar",

“imaginar uma solução para um problema”, “sonhar acordado”, enfim, é sobre “essa base imaginativa” que a vontade espiritual de cada um de nós age.

Vindo daqueles seres, percebi que era “sobre” esse processo imaginativo que, mais especificamente, eles tentavam e tentam agir, introduzindo as suas “ordens ou influências mentais”. Isso assim se dá porque o programa que define a nossa mente tem a habilidade de usar a imaginação de muitas maneiras. Conforme penso, o que entendemos por esperança, se bem formos perceber, é simplesmente a nossa imaginação à serviço de algum “sonho ou de alguma expectativa pessoal”. Do mesmo modo, ao contrário, a imaginação descontrolada nos pode fazer mais mal do que qualquer inimigo intentaria. Este é um dos aspectos singulares da “condição humana terráquea”.

Quando eles, definitivamente, tiveram certeza de que eu havia percebido como “eles agiam”, surpreendi-me, ainda, com um certo “choque”, da parte daqueles seres, quando tomaram consciência de que eu estava “discretamente observando” a “sobra” do meu fluxo mental, ao mesmo tempo que percebia as suas tentativas de interferir, de modo desrespeitoso, na minha intimidade. Surpreendi-me ainda mais quando eles, mesmo percebendo que o “jogo não estava mais funcionando”, continuavam a utilizar o mesmo processo de invasão mental **como se fossem incapazes de criar outro método**.

No meio dessa “contenda”, fui praticamente obrigado a perceber que **eles eram desprovidos da arte da imaginação**, o que implicava, pelo meu parâmetro, que neles não havia a tal “sobra” de fluxo mental ou, pelos menos, naqueles que se apresentavam completamente robotizados.

Foi quando o próprio Senhor Javé veio verificar o problema que estava existindo entre o “seu animal terráqueo escolhido” e a sua equipe de “mensageiros”. Nessa oportunidade, passei a desconfiar que, também aquele que se apresentava como sendo o criador, era desprovido da característica, o que muito me surpreendeu ainda mais, levando-me mesmo a pensar que eu deveria estar enganado em tudo o que estava percebendo.

Com o passar do tempo, fui me acostumando a aceitar que, aqueles seres, somente sabiam lidar com os animais terráqueos daquela forma, e que a “coisa comigo” não mais funcionava e nem iria ter mais como seguir adiante. Ledo engano! Ali estavam eles sempre tentando — e continuam sempre do mesmo modo — o que passei a tachar de ridículo, até que, para minha própria surpresa, a partir de um certo momento, comecei a “sentir pena” daqueles seres que me agrediam a sensibilidade com a justificativa de que

“estavam cumprindo ordens”.

Estabeleci, para mim mesmo, que aquela “sobra” iria ser chamada por mim como ISN — imaginação à serviço da neurose — já que, as “neuroses pessoais” causadas pela imaginação descontrolada das pessoas, eram uma das principais causas dos males do psiquismo humano.

Comecei a observar, com certa dose de consciência, um dos aspectos da doença do DNA do criador refletido em nós, o que me levou a chamar a tal “sobra” de “**impulso nervoso cerebral**” que era exatamente o que funcionava no humano terráqueo, independente da sua vontade, e que servia de base para o que entendemos como sendo a nossa imaginação ou “porta de entrada” para “influências outras”.

Quando detemos esse fluxo e conseguimos aquietar a mente por meio de algum processo de yoga profunda, a **imaginação deixa de existir** para permitir que o não-manifestado possa se fazer presente na nossa “visão interior”, o que é muitas vezes, equivocadamente, classificado como sendo “imaginação”. Paciência!

Pude perceber então que, para aqueles seres, ainda que desprovidos da imaginação, também lhes era impossível ter a chamada “visão interior” e lidar com o que, para eles, seriam os “aspectos do não-manifestado”, ou seja, as faixas de realidade da Espiritualidade Superior. Relembre o (a) leitor (a) que eles têm acesso pelo menos “visual” — por força da formatação do DNA que lhes é próprio — em relação a outras faixas da realidade criada por Javé, mas nada percebem do mundo espiritual minimamente evoluído.

O problema é tão serio para a hierarquia celestial que envolve o criador que, no passado, o mesmo tentou criar seres com uma teórica capacidade visual-mental para enxergar além do que lhes era comum, mas os filhos assim criados nada conseguiram nesse sentido, nem mesmo com o suporte da tecnologia que possuíam e possuem. Alguns “monstros” — aos nossos olhos — surgiram para a vida por força daquelas experiências, e ainda existem, apesar de decadentes.

O fato é que, ainda que por outros motivos, “**aquietar o fluxo mental**” é um desafio complexo para os diversos tipos de famílias e espécies de seres evolutivos que existem no cosmos, como também, num outro sentido, o é para parte dos anjos-clones e para o próprio criador, por outros motivos que nos escapam ao entendimento lógico. Na verdade, este parece ser um dos aspectos do drama pessoal do Senhor Javé: o de controlar o fluxo das suas sensações e pensamentos. Aos que não conseguem perceber isso, basta ver os

seus acessos de fúria registrados na Bíblia.

Em um dos meus piores momentos na convivência com os desígnios do Senhor Javé em toda essa história, quedei-me a pensar sobre como Javé um dia deveria ser jugado, nas circunstâncias em que ele passou a existir, e se a criação, que se expressou a partir do seu impulso mental, poderia ter sido evitada em etapas anteriores a sua ocorrência.

Para o segundo questionamento, penso ter arquitetado a resposta que me era e é possível, ou seja, penso que sim, já que tudo poderia ser de modo bem diferente do que é por força do livre-arbítrio, seja de divindades ou mesmo de seres evolutivos. Nas minhas reflexões, e partindo da perspectiva espiritual, penso que nada precisa ser do jeito que é, isso no que se refere às realidades transitórias.

Quanto ao que se refere ao primeiro, depois de muita reflexão, decidi por desistir de imaginar o "julgamento" de quem quer que seja, em especial o de Javé. Simplesmente, não tenho como. Esforço-me para o caso de, se ele precisar de uma "testemunha de defesa", eu puder ofertar o meu concurso, pois a cada dia que passa do resto desta minha vida terrena, por mais que me desagrade, percebo mais e mais alguns dos aspectos do drama inenarrável deste personagem.

Do mesmo modo que os buracos-negros sugam e destroem tudo ao seu redor (matéria, energia, tempo), o que significou a queda da divindade, quando atraída pela singularidade que foi expelida por sua força mental, se não uma "queda" de proporções catastróficas que nos são completamente desconhecidas?

Imaginemos, somente por alguns momentos, a desmiolada ideia de um ser humano cair num buraco-negro, e conseguir se reconstituir do outro lado, utilizando-se dos seus conhecimentos e da sua força de vontade. Com legendas humanas, penso ser esta a aproximação menos absurda que se pode fazer com o que houve com a divindade, quando da sua queda. Como julgar alguém que se reconstruiu com os elementos que lhe sobraram após a sua derrocada?

No caso de Javé, parece que a componente mental do "império da força psíquica para sobreviver" às consequências da sua queda na própria criação, **foi o "único elemento do seu antigo psiquismo divino que lhe sobrou". E foi sobre ele que a sua nova personalidade se edificou**, sendo determinante, desde então, a fixação mental do ter que ser forte, imperioso, e dominar tudo e todos ao seu redor para poder sobreviver. Como julgá-lo? Contudo, sob a

perspectiva das leis morais ensinadas pelos mestres e mentores, a força do mais forte, quando exercida sobre os mais fracos, é covardia incomensurável e das mais degradantes sob qualquer ótica ou lógica que se possa observar, menos na que marca o psiquismo de Javé. Como ficamos?

Aqui, sou obrigado a retornar o que somente depois de muita hesitação afirmei no livro "O Drama Espiritual de Javé": que ele era uma aberração que não deveria e nem poderia sequer existir. No entanto existe!

"Ah!" – poderá alguém dizer: "mas Deus deveria ter evitado isso!". No mesmo livro e em outros, sempre afirmo, a pedido dos amigos espirituais, que **Deus, o Único e Verdadeiro Deus, o Pai-Mãe Amantíssimo, Este jamais interfere no livre-arbítrio dos seus "filhos" e "filhas", aos quais Ele dá sustentação existencial,** pois isso derrogaria por completo as leis morais de causa e efeito, de ação e reação, enfim, do que entendemos por justiça divina, E, acreditemos ou não, compreendamos ou não, esta existe, **sempre tarda um pouco perante a nossa logica**, porquanto somente "atua" no "aspecto posterior dos fatos", mas nunca falha. O detalhe é que se esta atuasse antes ou durante, não seria "perfeita" pois estaria interferindo no livre-arbítrio do sujeito e na qualidade da ação. Assim, **ela somente pode agir depois dos fatos consumados**. Contudo, tem as suas atenuantes misericordiosas para cada um de nós.

Quais serão as de Javé e dos seus ministros? Não quero ter a menor ideia e nem me cabe especular a respeito por conta da minha pequenez e insignificância.

Tudo o que penso saber é que somos nós, seres com razão filosófica desperta, quem dignificamos com a nossa solidariedade o seu lento e penoso percurso "na busca de si mesmo". Se sob uma certa perspectiva ele é o "poder em pessoa", quando observado sob uma outra ótica, ele é o mais frágil dos seres. É o mais necessitado de todos os seres que existem, aqui e alhures.

17

HUMANOS, DEMASIADAMENTE HUMANOS

Finda a luz que nos ilumina, caímos numa noite sombria, o homem é o "sonho de uma sombra".

Píndaro[1].

OS HUMANOS da Terra são esmagados pela imensidão do firmamento, como também o são todos os seres evolutivos viventes deste universo. Já as divindades decaídas e os clones de Javé são **esmagados pela impossibilidade de evoluir** e, pasme o (a) leitor (a), principalmente, **pela longevidade das suas vidas.** Este último peso é, simplesmente, insuportável.

Píndaro concebe o homem como um ente efêmero (*epi* + *hêmera* = por um dia/*ephemeros*). Que seja! De fato o somos, mas isso é maravilhoso, nas circunstâncias em que vivemos, pelo menos é o que penso. Horrível é para quem não o é, e se vê obrigado a existir "por uma eternidade", sob uma forma robotizada, em pleno desespero de não poder despertar a sua verdadeira personalidade espiritual por força dos ditames do DNA de um corpo totalmente programado somente para a obediência servil, e nada mais.

Ter o corpo "condicionado e programado" para alguma função e nada poder fazer para fugir ou se libertar dessa prisão, é sensação que nós, seres humanos, somente somos capazes de conceber ao longo do aspecto efêmero das nossas vidas. Contudo, imaginar o peso do que isso representa para esses seres, é melhor mesmo que não o possamos fazer. Mas, infelizmente, é desse modo que algumas dezenas de milhões de seres anjos-clones se sentem, e **somente quem pode libertá-los de tamanho infortúnio é uma "postura**

mental” do Senhor Javé que, desafortunadamente, não tem mais como produzi-la.

Este é o tipo de notícia que somente a veiculo porque sou obrigado a fazê-lo. Peço todas as desculpas possíveis por me permitir não explicar o porquê de me sentir forçado a tanto, mas somente as gerações futuras poderão entender as motivações deste escrevente de um tempo em que a ignorância era a tônica da vida na Terra. No entanto, obrigo-me a repetir: o criador não pode mais “arquitetar a atitude mental” que os liberaria de tamanha esquisitice existencial. E não sendo da mente dele, de onde poderia surgir essa “ajuda vibratória” que pudesse ser útil à sonhada libertação de tantas individualidades espirituais vitimadas pela criação indevida do Senhor Javé? Advinda da mente de outras divindades, como as que conhecemos como Jesus ou Sai Baba? Infelizmente, o repito, tal “postura” não é mais possível. Foi-se o tempo em que esse “remédio”, a ser possivelmente aplicado a partir da mente dessas divindades, poderia ter causado algum efeito.

O modo como as diversas classes de seres anjos-clones e o criador interagiam e ainda interagem, simplesmente impediu e impede que suas mentes tal o logrem realizar. Foi necessária a criação de novas espécies, com seus campos morfogenéticos específicos, situados fora da zona de influência mental de todos os membros da hierarquia celestial formada pelos anjos-clones, para que estes pudessem “causar efeitos” vibratórios, via a ponte do DNA semeado nas múltiplas naturezas planetárias do universo. Em outras palavras, os DNAs extremamente afetados presentes nos corpos dos anjos-clones — mesmo dos despertos — impedem qualquer repasse para o criador e entre eles mesmos. Somente pode ser repassado a esses seres algo muito diferente do “teor vibratório” do que sempre esteve inexoravelmente programado pela vontade do criador para existir entre eles, desde o tempo em que criou às diversas gerações dos seus filhos diletos.

CONSTATAÇÃO.

Somente as espécies evolutivas do universo, notadamente as que surgiram para a vida cósmica em tempos mais recentes, como é o caso dos humanos da Terra, detêm a possibilidade de “repassar vibrações” que “humanizem” e/ou “dulcifiquem” a personalidade do criador, o que implica em que o mesmo efeito é imediatamente replicado nos DNAs dos anjos-clones, permitindo, assim, a libertação das suas consciências.

Isso realmente é possível?

Partindo do princípio de que as informações aqui veiculadas estejam corretas, como transformar um ser robotizado em um alguém melhorado ou em torno de um conceito que disso se aproxime? Como isso poderia se dar? Como o Senhor Javé e os seus anjos-clones poderiam receber o fluxo dessas "vibrações melhoradas"?

Será que o (a) heroico (a) leitor (a) destas páginas sabe que existe um **gene responsável pela "gentileza"**? Pois saiba que existe! Contudo, este gene, ou "genótipo GG", parece não ter existido desde todo sempre. **Ele surgiu, ou aconteceu, como produto da evolução da espécie humana terráquea, afirmam os cientistas**. Em outras palavras, **o "genótipo GG" foi e é produto do crescimento espiritual de uma determinada espécie cósmica planetária**.

A ciência terrena chama de "felizardos portadores do genótipo GG" exatamente àqueles indivíduos que são gentis, queridos por muitas pessoas, simpáticos, enfim, os agradáveis e encantadores seres humanos — haja adjetivos — que possuem esse gene, até porque os outros tipos de genes relativos a esse aspecto do comportamento humano, os genótipos AA e AG, costumam não se preocupar com a generosidade no trato, enfim, com a gentileza para com o próximo, conforme apontam os cânones do método científico.

Ter um corpo animal portador do genótipo GG significa, a priori — e aqui saio do âmbito da ciência — de acordo com o que informam os amigos esclarecidos do outro lado da vida, ter uma "condição espiritual" cujo "marco vibratório", espécie de "genoma espiritual" dos méritos e deméritos do espírito — exige um espermatozoide cujo código genético permita a expressão da conquista da individualidade que irá assumir um novo corpo animal terráqueo, e é por isso que tal se dá.

Quando um espírito que vai encarnar ou reencarnar, não contém no seu currículo de conquistas a marca da gentileza, o mesmo não poderá ser imantado a um corpo animal por meio da fecundação de um espermatozoide que contenha o "gene da gentileza". De outro naipe será o código genético do espermatozoide a ser escolhido para ser o agente da vida carnal do espírito. Óbvio que alguém que nasça num corpo terráqueo cujo código genético não o predisponha à gentileza, por força da inexistência do gene específico, isso não implica afirmar que esta pessoa jamais poderá agir de modo gentil ou construir a habilidade de se "colocar no lugar dos outros".

Se ele praticar o exercício da reforma íntima, do melhoramento pessoal, o seu alinhamento com a nova postura moral promoverá uma espécie de “salto quântico” na sua condição espiritual que repercutirá inevitavelmente na condição do seu DNA físico, fazendo surgir, em algum momento, o novo gene. Se assim ele perseverar, esta conquista passará a fazer parte da sua nova condição espiritual e, numa próxima reencarnação, o código genético a ser selecionado para o seu corpo carnal já conterá o genótipo condizente com o seu novo marco vibratório espiritual. Afinal, o destino genético de nenhum ser terráqueo é definitivo e, dependendo dele mesmo, o que aparentemente lhe foi negado pelo seu “destino biológico”, poderá ser acrescentado pelo seu crescimento pessoal ao longo da vida.

Assim é porque, a capacidade de lidar com outras pessoas e a de entender os sentimentos alheios, diz respeito à condição evolutiva de cada ser. E o melhoramento da família planetária dependerá sempre do esforço individual de quem é minimamente evoluído, no sentido de contribuir para que todos um dia possam ser, também, “homens e mulheres melhorados”, independentes de “cores religiosas” ou mesmo de alguma cor desse naipe. Afinal, cada ser humano (cada ser cósmico também) tem seu momento propício para que edifique em si mesmo as “cores de um novo momento existencial”.

O fato é que o gene, em questão, surgiu com o progresso moral e espiritual desta comunidade planetária. O que tem isso de importante? Resposta: o Senhor Javé, ao ter se reconstituído para a faixa de realidade que o tornou prisioneiro, o fez de tal modo que o “código de DNA” que naquela oportunidade foi por ele elaborado não continha, como ainda não contém, por exemplo, o genótipo GG da gentileza, **até porque esse parece jamais ter existido neste universo, pelo menos no nível do padrão que nos é comum na Terra**.

A partir de agora, quanto mais humanos terráqueos criarem em si mesmo e exportarem as vibrações do “genótipo GG”, quem sabe se, **quando uma certa massa critica de terráqueos o fizer**, isso não poderá se tornar num fator determinante para um “salto quântico” no circuito íntimo que une esses seres infelicitados e o criador? É o que se espera e é para isso que muitos trabalham. Se achar que pode e deve, caro (a) leitor (a), seja você mais um! Mal não fará!

O Senhor Javé ainda não sabe lidar com quem não lhe é totalmente submisso, como também não sabe se colocar no lugar das suas criaturas. Ele

não era assim, enquanto divindade e esse aspecto já foi devidamente explorado nos livros referentes aos dramas cósmico e espiritual do criador. Mas, desde a sua queda, infelizmente, ele se tornou o que é atualmente, e necessita do concurso dos que “podem emprestar algum”, para que a redenção individual de cada criatura por ele gerada, possa, um dia, ter lugar no palco de cada consciência.

“A gentileza é um atributo, talvez, demasiadamente humano”, poderão pensar alguns. **“Os fortes não precisam ser gentis com os fracos”, dirão os espertos de sempre.** O pior, ou melhor, é que precisam sim! Afinal, estamos todos num mesmo barco, onde o “mais do mesmo” foi sempre o óbvio produzido pelos do “lado de lá” — os fortes e imperiosos, a força que criou e domina o universo — só que jamais percebido pelos do “lado de cá” — os fracos, os evolutivos, os dominados pelas circunstâncias. E nem tudo que, percebido ou não, que interfere na vida terráquea é humano, ou mesmo, demasiadamente humano. **Há muito mais para ser percebido**!

Nietzsche[2], de quem tomei emprestado o sentido do titulo do presente capítulo, tentou sacudir a humanidade advertindo-a de que a Filosofia, a então recém-nascida Ciência e as Religiões, haviam falhado feio na tentativa de gerar homens e mulheres verdadeiramente livres.

O curioso é que ninguém pode ser livre se não tiver um espírito crítico, disposto a pagar o preço pela ousadia da liberdade e do exercício pleno e responsável da vontade, conforme penso. Nietzsche desejava que cada pessoa pudesse se descobrir como humano, e exaltar o seu potencial, enquanto ser responsável pelo próprio destino. Apesar dos riscos implícitos à aventura da vida, sou dos que pensam que seu apelo nunca foi tão atual!

18

A SURPRESA DE JAVÉ: A RAZÃO FILOSÓFICA DOS TERRÁQUEOS

NORMALMENTE, não costumamos pensar sobre o aspecto curioso da espécie *homo sapiens* ter surgido para a vida há apenas algumas poucas centenas de milhares de anos, mais especificamente, na sua formatação atual, há cerca de duzentos mil anos. Mas, "o que haverá de curioso nisso?", se perguntará o (a) leitor (a) atento (a).

O universo existe há cerca de 13,7 bilhões de anos e, a humanidade terráquea, somente apareceu nos últimos duzentos mil anos dessa história.

O curioso, mais uma vez o ressalto, é que não atentamos para a possiblidade de sermos a espécie bebê deste universo.

"Ah! E daí?", novamente se questionará o (a) leitor (a). Daí que se a nossa espécie não surgiu como produto do acaso, como equivocadamente alardeiam alguns seres humanos notadamente sérios e honestos nos seus propósitos em torno da busca da verdade, ela veio a surgir por iniciativa de alguém e com algum tipo de propósito. Será?

Como já abordado, os fatos apontam, até mesmo para cientistas, que este universo foi gerado para atender a uma "questão pontual" de algum planejamento ou de um "alguém". Se admitirmos esta última hipótese, quem criou este universo e parece ter desenvolvido os seus esforços na tentativa de "melhorar" progressivamente a sua criação, apesar de todos os problemas, o fez com algum objetivo.

Por absurdo que isso possa ainda parecer para o senso comum planetário, e aqui me refiro não à crença religiosa, mas sim, aos que buscam a compreensão em torno da realidade e do significado da vida, talvez devêssemos refletir mais sobre um aspecto em torno do qual já sobram

evidencias inquietantes.

CONSTATAÇÃO.

Os terráqueos podem ser simplesmente "um protótipo melhorado" ou diferenciado de muitas outras espécies evolutivas criadas anteriormente.

Sob essa perspectiva, o "zoológico terrestre" teria sido formado a partir do DNA aqui semeado, para que este funcionasse como experimento nas condições ambientais do "laboratório" chamado "Terra".

SE ESTA HIPÓTESE ESTIVER CORRETA, quais as implicações disso?

Aqui não proponho nenhuma ideia ou tese em torno do tema, pois não tenho autoridade moral e nem muito menos intelectual sobre o assunto — até porque na Terra ninguém a tem. Contudo, dentro do circuito de informações em relação ao qual, sabe-se lá porque me encontro vinculado, é exatamente isso o que é afirmado por alguns seres que assessoram o Senhor Javé.

O espantoso é tornar a perceber que, para o "modo de pensar de Javé", o lógico para ele foi se apoderar de um mito sumério, sobre a criação do humano terráqueo — nos moldes em que o conhecemos — pelos Anunnakis, mais especificamente pelos deuses Enki, Ninrsagh e Ningishzida[1], até porque ele, realmente, sempre esteve "por trás" dos acontecimentos.

Assim devemos entender que, da faixa de realidade onde se encontra, ele tentou influenciar os acontecimentos, mas teve seus planos frustrados pela atuação de uma outra falange de seres também prisioneira — o quartel-general de Lúcifer — só que de uma outra faixa astral, vamos dizer, artificialmente gerada por uma tecnologia hoje não mais existente, conforme descrito no livro "Carma e Compromisso".

Foi como produto dessa disputa em torno de, dentre as espécies que se desenvolviam na natureza terrestre, qual a que iria ser "geneticamente manipulada", que surgiu a "maior surpresa" para todas as partes envolvidas: a "**razão filosófica**" que os humanos terráqueos passaram a apresentar para os estupefatos atores extraterrenos que estavam usando a recém surgida espécie pensante para seus próprios fins.

Para o Senhor Javé, as espécies terrenas pensantes que, segundo seus planos, deveriam ser puras e ingênuas, representaram até pouco tempo atrás

no seu psiquismo um “fracasso” e um “problema” provocados pelos “rebeldes”. Nesse contexto, ele sempre uniu Lúcifer e seus seguidores (que atuavam a partir de uma faixa astral) aos descendentes do clã do deus sumeriano Enki, estabelecido na Terra.

Para os Anunnakis, eles simplesmente desejavam, conforme descrito nas obras do já citado Zecharia Sitchin, criar um trabalhador um pouco mais inteligente e que fosse capaz de compreender as ordens e, assim, atender as necessidades daquela problemática família planetária naquele tempo fixada na Terra.

Para Lúcifer e o seu quartel-general, a criação de uma humanidade desperta, seria um dos meios para que os ideais da rebelião pudessem permanecer despertos, pois que a Terra era agora a ultima fronteira, na verdade, a única trincheira que eles ainda pensavam possuir na luta contra o *establishment* da hierarquia dominadora do Senhor Javé, a qual, na época, tinha como preposto exatamente a figura do Cristo Cósmico que mais tarde nasceria como um simples homem.

Para Jesus, os humanos terráqueos despertos, representavam o ponto culminante do seu sonho e do projeto tocado junto com Shiva de “um dia”, através do DNA de uma humanidade evoluída, poderem, então, **“humanizar” a natureza doentia do Senhor Javé**. Para tanto, **a “razão filosófica” que surgia para este universo, através dos cidadãos terráqueos, era a “chave” a ser utilizada para abrir os compartimentos do psiquismo do criador para o fim pretendido**.

O espantoso foi e é ainda perceber que o Senhor Javé e seus assessores não dispõem, nos seus psiquismos, do que aqui estou denominando como sendo “razão filosófica”. Na verdade, “senso filosófico” semelhante ao do terráqueo, parece ser raro mesmo entre muitas das civilizações deste universo. Algumas poucas possuem uma espécie de razão filosófica, só que assentada em padrões bem distintos do que na Terra avaliamos como sendo digno e decente.

Aqui entra em consideração algo que Rene Descartes[2] costumava apontar, com certa dose de ironia, que cada ser humano — e aqui extrapolo — se julgava o “rei do bom-senso”. Do mesmo modo, poderíamos também afirmar que, cada espécie cósmica racional se acha portadora de um padrão de razão filosófica evoluído, o que não é verdade. Muitas delas estão descobrindo o que lhes falta desde que perceberam como o humano terráqueo, apesar de todos os problemas, recebeu a maior convergência da encarnação de mestres

no campo da sabedoria com vistas a sua evolução. E isso somente aconteceu porque a formatação do DNA terreno permite as mais altas expressões e possibilidades nesse campo da evolução.

Claro que ainda estamos longe de "chegar lá", de sermos, enfim, uma família planetária esclarecida e evoluída. Pelo que os membros da nossa espécie fazem neste mundo, por enquanto estamos mais para cretinos do que para outras definições. Mas o psiquismo humano — alguns poucos membros da nossa espécie já o conseguiram — desde há muito mostrou do que é capaz no campo da edificação filosófica. Quando na Terra somente nascerem espíritos tendentes ao bem, aí sim, a destinação cósmica da nossa espécie começará a ser claramente delineada e percebida.

O enigma, para muitas civilizações deste universo, que passou a representar a "razão filosófica" dos terráqueos, é tema de pesquisa em muitas "universidades planetárias", e nem com toda ficção do mundo poderíamos dar conta de explorar esse assunto sem parecer algo simplório e destituído de seriedade analítica.

A questão é tão séria que, no nosso universo, **quem não possui a razão filosófica desperta com um mínimo de nível critico**, vamos dizer, acionado, **sequer percebe que o criador e sua hierarquia têm problemas a resolver no campo da "conduta filosófica".** Veja só caro (a) leitor (a)!

Esse aspecto pode parecer surpreendente, mas se analisado com certa objetividade, facilmente se percebe que, indivíduos ditos racionais, terminam se acostumando com certos padrões comportamentais os quais, apesar de comuns, são verdadeiros atentados à dignidade existencial. Nós mesmos, com razão filosófica desperta em altíssimo grau de crítica, achamos normal nos alimentar de toda e qualquer vida produzida no âmbito da natureza terrestre.

O aspecto dos nossos corpos serem "carnívoros" habilitou a espécie *homo sapiens* a sobreviver durantes as épocas mais inglórias, em termos de clima gélido, da história mais recente da Terra. O próprio "deus bíblico" sancionou tal aspecto ao colocar o homem e a mulher como "animais superiores" aos demais, com a autorização para deles se servirem como lhes aprouvesse.

Certos tipos de doentes não podem atinar com a face da doença que lhes marca. Alguns padrões do que chamamos de loucura não percebem as suas características. Assim, certas espécies cósmicas não conseguem mesmo perceber o tamanho do problema que lhes marca a conduta e nem muito menos o que de esquisito possa existir na conduta alheia.

Na medida em que a situação da cúpula universal for madura e

amorosamente conhecida pelo senso critico terráqueo, dependendo de “para onde” possa apontar a reação das futuras gerações que nos sucederão, se as marcas da “maioridade espiritual” e da “maturidade emocional” forem as cores das posturas do psiquismo humano, **o processo de esclarecimento sonhado por Vishnu e Shiva terá finalmente se firmado na cultura planetária.**

A partir desse fato, o que se encontrava discretamente escondido nas entrelinhas dos acontecimentos da nossa história — **o lento e dificílimo processo da tentativa de “humanizar” a natureza doentia do criador — passará a ser explicitamente ressaltado como motivo de estudo para muitas civilizações cósmicas**.

O atual nível de “razão filosófica” que marca o aspecto racional de muitas destas civilizações, simplesmente impede a percepção do problema e qualquer sentido de colaboração quanto à resolução do mesmo. É e será por muito tempo ainda, um trabalho a ser realizado a longo prazo. Não nos enganemos!

CONSTATAÇÃO.

O PROBLEMA do Senhor Javé não pode ser reconhecido e amplamente compreendido no contexto do seu próprio domínio psíquico adoentado, nem no dos seus clones. Muitos deles ainda não atinaram para o fato de que nasceram doentes.

Daí o surgimento dos seres evolutivos, como é o caso dos terráqueos, para que, através da ótica psíquica que nos caracteriza e, em especial, da razão filosófica que nos marca, a questão possa vir a ser percebida e apropriadamente tratada.

A CONDIÇÃO na qual o Senhor Javé ainda se encontra, o impede de conhecer a verdade maior que o envolve, como também a da sua criação. E o principal componente deste problema se encontra marcado no seu “DNA energético”, que responde pela estruturação do seu ser, enquanto divindade caída.

Como somos todos descendentes do seu DNA, adaptados à condição da natureza terrestre, herdamos, também, essa incapacidade de saber da verdade maior que nos rodeia, ainda que esta se expresse com cores menos fortes no nosso psiquismo do que no dos anjos-clones, por paradoxal e incoerente que

isso possa parecer.

As implicações disso serão devidamente compreendidas por esta humanidade no momento conveniente ao seu progresso em termos de maturidade espiritual. Porém, a única que me cabe agora ressaltar, em relação ao Senhor Javé, é a de que, por força das circunstâncias, ele tem que se esforçar para ativar a presença do Sagrado em si mesmo, despertando a sua consciência profunda, para libertar-se do condicionamento advindo da sua derrocada.

De modo semelhante, os humanos da Terra, e demais seres deste universo — herdeiros do problema — têm que fazer o mesmo de acordo com o padrão da natureza do DNA do criador ativado em cada espécie cósmica. Para a nossa cultura, isso se chama "evolução espiritual", e esta chegará, no tempo devido, para cada habitante inserido na sua criação.

A notícia estranha — e nada boa — é a de que o **Senhor Javé se encontra impedido de, nesses tempos atuais, proceder em si mesmo esse "despertar espiritual". Teremos que fazer por nós, por ele e pelos seus assessores.**

Seria cômico se não fosse trágico: o criador deste universo e seus prepostos dependem dos "moralmente atrasados" animais terráqueos para poderem construir a redenção de que tanto precisam.

A surpresa do Senhor Javé, com o tipo de razão filosófica que surgiu junto com o humano terráqueo, parece ter sido num nível tal, que somente nos tempos atuais ele estaria se "refazendo do impacto quanto ao real significado" do que teve lugar neste palco planetário, sem que ele pudesse impedir.

Além de ter um "projeto" seu modificado pelos "rebeldes", a intenção destes parece ter prevalecido — de modo imperioso — sobre a daquele que jamais admitiu qualquer outra vontade que não a sua. Mais que isso! Nos tempos de Enoch, quando ele decidiu sobre o "juízo final" — quando anjos e terráqueos seriam todos eles julgados — e resolveu tomar o concurso pessoal de Enoch para que fosse ele o "anunciador" desse julgamento geral, o **Senhor Javé mal imaginava que, quando esse tempo chegasse, o encontraria "enfraquecido e consciente da sua doença"**, e que el**e e seus anjos também estariam sendo "julgados"**, só que, por uma instância, para ele totalmente desconhecida.

O aspecto mais impactante do drama terreno do criador foi o de perceber, através da sua desesperada tentativa de controlar a espécie terráquea por meio

de religiões, **a falência da sua estratégia e a prevalência do “plano dos rebeldes”** financiado, segundo o que ele pensa, pelo Cristo Cósmico, o mesmo personagem conhecido como Sofia, Vishnu ou Jesus. Contudo, desconfiado, a princípio, que mesmo “fora do seu controle e da sua destinação inicial”, ele iria necessitar da espécie humana terráquea para algum propósito que ainda não lhe era claro àquela altura, Javé permaneceu, mesmo a contragosto, no comando do processo, tentando fazer valer a sua vontade de todos os modos que lhe foram possíveis.

Como informado anteriormente, em estando certas as informações que julgo dispor, somente a partir de algum momento do ano 2010, é que o Senhor Javé teria começado a tomar consciência da sua “dependência vibratória” em relação aos terráqueos no nível em que hoje é informado por meio desses livros. Mais ainda: também a partir desse marco temporal é que ele começou a aceitar a “situação complicada” do corpo mental que dá sustentação à personalidade que conhecemos como Javé.

A “chave” que parece ter finalmente aberto as primeiras fronteiras do entendimento do criador foi a tardia percepção, da sua parte, sobre um fato pitoresco e aparentemente simplório: finalmente, **Javé percebeu que não era bondoso, nos moldes em que se acostumara a pensar que era.**

No capítulo anterior me referi ao gene da gentileza descoberto pelos cientistas. Tempo virá em que um “**gene da bondade**” haverá de ser ressaltado pela ciência.

Qual a importância disso?

Por surpreendente que possa parecer, poucos mundos, no âmbito do nosso universo, parecem ter a “bondade” entronizada como sendo a característica mais importante nas atitudes dos seus cidadãos. Nem muito menos o ser que se reconstituiu como o nosso conhecido Senhor Javé, o fez já com os genes que denotam evolução espiritual prontos. No que toca aos genes da “gentileza” e da “bondade”, ele **somente começou a perceber que os mesmos existiam, a partir da influência que começou a receber dos poucos humanos terráqueos que foram gerando essas conformações de genes nos seus códigos genéticos pessoais.** Mais especificamente ele isso percebeu **quando Jesus tentou semear na difícil sensibilidade do criador, com seu exemplo, as marcas da bondade do amor incondicional.**

No que se refere à gentileza, penso que o processo seguramente não funcionou a contento ou não surtiu ainda efeitos efetivos. Contudo, **quanto à bondade, o Senhor Javé há muito já a havia sentido, mas somente dela se**

utiliza para com outrem quando a sua personalidade está em equilíbrio, e o faz a seu modo, com seus critérios difíceis de serem entendidos pela nossa lógica. Contudo, quando se encontra irado ou contrariado com qualquer situação, o que dele é emanado nada tem a ver com a bondade. O curioso é que sempre achou que agia com a “bondade necessária ao disciplinamento” de uma raça de desobedientes, e a sua lógica sempre partiu da premissa de que ele era justo, bondoso, amoroso e santo!

Para a razão filosófica terrestre, é simplesmente inaceitável que alguém que age nos moldes descritos nas páginas do Antigo Testamento da Bíblia, se auto-intitule com os predicados acima citados. Mas essa é a sua lógica e ela somente foi ferida em tempos muito recentes.

Sei quão estranhas e aparentemente simplórias as argumentações aqui apresentadas podem parecer. Contudo, não tenho outras, porque, até para mim mesmo assim parecem. Mas esta é a verdade de Javé!

O conceito ou a percepção de quão bondoso ele pensava que era, somente ruiu nesses últimos tempos. Foi também nos últimos dois anos que um outro aspecto — e o mais estranho aos meus olhos, se é que tal ainda é possível — do drama terreno do criador se fez presente, diante da minha condição humana.

A revelação que agora faço me custou muitos momentos desta vida, nos constantes “vai-e-vem” que o que restou da minha sensibilidade pessoal se obrigou a proceder antes de me permitir “abrir o jogo” sobre algumas noticias que alguém além da vida me pôs nas mãos, ou mesmo sobre aquelas que “descortinei por mim mesmo”, se é que tal processo realmente acontece com a condição humana. Comigo aconteceu!

Permaneci em estado de torpor durante muito tempo, depois que a própria hierarquia que assessora o criador deste universo, e ele próprio, fizeram “um pouco de muita coisa” para que eu pudesse perceber o mais estranho dos fatos dos tantos quantos fui obrigado a depositar a minha atenção.

CONSTATAÇÃO.

Alguns tipos de preces que saem da Terra, endereçadas ao Senhor Javé, estavam e estão lhe fazendo literalmente “mal”.

Ele, mais do que ninguém, estava e está profundamente “chocado” ao perceber o fato. Logo ele que tanto deu de si para incentivar e, mesmo forçar, os humanos da Terra a lhe endereçar os seus pedidos, as suas súplicas, enfim, as suas orações.

COMO OS NOSSOS irmãos judeus e árabes muçulmanos poderão um dia compreender e/ou aceitar que o ser que se apresentou a eles como sendo "deus", encontra-se em um estado tal de problema vibratório, que certos tipos de preces lhe doem na sensibilidade. E o trágico de toda essa história é que foi ele que levou os humanos da Terra a "orarem dessa forma", muitas vezes equivocada, cheia de ódio e de desamor em relação ao seu semelhante. Isso é uma **desastrosa agressão à conformação do seu DNA** e só "agora" ele está percebendo quanto lhe é danoso. O curioso e impressionante é que "antes" ele não percebia.

O que antes, para ele, significava **um bom vício vibratório alimentar, transformou-se em comida indigesta!**

Quando judeus e palestinos se agridem ele sofre; quando extremistas de qualquer religião advinda dos seus desígnios cometem atos violentos ele sofre; quando qualquer "maldade ou perversão" é presumidamente travestida pela "benção divina", ele sofre.

O estranho é que foi e é de sua responsabilidade que todas essas esquisitices hoje continuem a ocorrer como decorrência dos seus desígnios do passado. Óbvio que existem as "interpretações teológicas" totalmente malucas que se agregam ao que, por si só, já é complicado.

Sei que não agradarei a nenhum segmento veiculando informações desse naipe. Mas, ainda há uma última reflexão a ser aqui ressaltada.

Há muito me pergunto se não perdi, sem ter notado, o senso de ridículo que sempre presumi ter — haja presunção!

Ao final da produção dos três livros sobre as perspectivas cósmica, espiritual e terrena, referentes ao drama do Senhor Javé, questionando-me novamente sobre o presumível senso de ridículo que ainda me possa restar, rememoro algo que, quando das minhas primeiras indagações a respeito do tema, pude constatar: **o Senhor e os seus anjos-clones que ainda não despertaram, também não demonstram ter a menor noção sobre o significado do "ridículo", assim classificado pela razão filosófica dos terráqueos.**

Como o (a) leitor (a) pode observar, todos precisam evoluir e existe "muito código genético ainda a ser redimensionado" pela evolução das posturas e do comportamento dos seres evolutivos, mas, principalmente, pelos membros da hierarquia que dá estrutura e "proteção" ao Senhor Javé. O dilema aqui é que estes últimos dependem dos primeiros.

Quanto ao criador, se ainda sobra-lhe poderes que, no universo, ninguém

mais os detêm, por outro lado, como já afirmado anteriormente, ele é o mais frágil e necessitado de todas as criaturas que existem no âmbito da sua criação.

Que estejamos sempre atuantes junto a ele, endereçando as nossas melhores vibrações de amor e de solidariedade, até a consumação dos seus esforços com vistas à arquitetura da redenção da sua própria consciência.

POSFÁCIO

Se o eventual leitor da “trilogia” sobre Javé tiver conseguido chegar a estas páginas é sinal de que sobreviveu a um mergulho nas águas profundas da minha incompetência para retratar o irretratável.

Os “dramas” cósmico, espiritual e terreno de Javé se transformaram em um complexo painel de muitas cores para este escrevente, que tem a sensata certeza de que deles não se desincumbiu a contento. Isso sei, com a “tranquilidade que marca a insensatez” daqueles que, mal conseguindo dar conta das coisas mundanas, vê-se obrigado, por força de circunstâncias jamais controladas, a pretender pontificar sobre contextos que se situam em outros planos de uma realidade maior que a conhecida a partir da ótica terrestre.

Não posso, portanto, jamais pretender ter tido compromisso com a “verdade” já que, simplesmente, é impossível para alguém do meu tamanho a isso pretender. Tudo o que me obrigo a ter é o mais sério comprometimento que posso arquitetar com a “honestidade de propósito”, sendo esta a única certeza que me pacifica a consciência. Ainda assim, tentei perseverar na intenção de retratar alguns dos aspectos do que julgo ser o que por mim foi observado e analisado. Ressalto essas afirmações para que, nem de longe, o virtual leitor dessas páginas possa se dar ao luxo de pensar que o seu escrevente a isso pretendeu de algum modo.

Que venham as gerações futuras e que essas acrescentem ao modelo de entendimento aqui ofertado, tudo o que houver para ser modificado e acrescentado, na eterna arquitetura dos pilares sobre os quais, um dia, para uma geração de terráqueos bem mais esclarecida e menos sofrida, possa ser,

então, assentada a Verdade que haverá de libertar a todos os que dela se acercarem.

É tudo o que posso pretender e ofertar.

Jan Val Ellam.

FONTES, NOTAS EXPLICATIVAS E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Capítulo 1.

1. Divindades Criadoras.
Esta expressão refere-se, com as palavras terrenas possíveis à questão, às Divindades Co-criadoras que compõem os conselhos de criação das realidades. Nesse nível de existência não existe o padrão de polaridade composto pelos gêneros “masculino” e “feminino” como conhecido na Terra. Não há vocabulário adequado para expressar essas divindades, pois cada uma delas é um ser á parte, com gênero próprio, o que as torna totalmente incompreensíveis para o padrão terráqueo. E do mesmo modo que não existem “dois seres iguais”, é dito que cada divindade tem a habilidade mental de gerar uma criação considerada como sendo “única”.

2. Jaime Miquel. Chefe de neuropatologia experimental da NASA e consultor do Instituto Linus Pauling, na Universidade do Estado do Oregon.

3. Bíblia Sagrada, Edição Paulinas, Paulinas Editora, São Paulo, 2005.

4. Gênesis. Primeiro livro do Antigo Testamento que, junto com os outros quatro (Êxodo, Deuteronômio, Números e Levítico) que compõem à Torah (a Bíblia Judaica), teria sido entregue à Moisés pelo próprio Senhor Javé.

5. Bíblia Sagrada, Edição Claretiana, Editora Ave-Maria, São Paulo, 2010.

6. Metazoários Doentes.

Matéria da Revista “Super-Abril”, “Painel Supernovas”, do mês de abril de 2011, Editora Abril.

Novos estudos sugeririam que o câncer pode ter origens remotas – em criaturas muito antigas, os metazoários, que existiram há aproximadamente 1 bilhão de anos. Naquela época, as formas de vida mais sofisticadas eram meros agrupamentos de células, praticamente iguais e com o único objetivo de se reproduzir a qualquer custo. Esse comportamento é extremamente parecido com o dos tumores — cujas células apresentam pouca diferenciação de funções e se multiplicam de forma descontrolada. Os cientistas acreditam que, como o ser humano evoluiu a partir dos metazoários, o câncer é provocado por resíduos do DNA deles: fragmentos genéticos de 1 bilhão de anos atrás, que estão dentro das nossas células — e voltam à vida na forma de tumor.

“O aparecimento de tumores no corpo é uma manifestação do metazoário que existe dentro de nós”, diz o estudo assinado por Paul Davis e Charles Lineweaver, da Universidade do Arizona e da Universidade Nacional da Austrália.

7. Ellam, J.V. - O Drama Cósmico de Javé, capítulos 13 e 14, Conectar Editora, Natal, 2011.

8. Ellam, J.V. – O Drama Espiritual de Javé, capítulo 18, Conectar Editora, Natal, 2011.

9. Francis Crick e a “Panspermia Dirigida”.

À medida que todos os seres vivos terrestres conhecidos derivam de um mesmo ancestral comum — assim reza o paradigma científico vigente sobre o assunto — o homem seria, também, produto dessa lenta cadeia evolutiva que um dia teria se iniciado a partir do primeiro foco de vida simples que surgiu no planeta. Sob esta perspectiva, a teoria da **“Panspermia Balística”,** desde que correta, explicaria como esse processo se iniciara.

Conforme pensam os seus defensores, rochas de um planeta — ou de um outro bólido celeste — podem ser deslocadas até outros mundos como produto de colisões de asteroides, cometas etc., levando matéria orgânica e, possivelmente, bactérias extremófilas que poderiam sobreviver, dentro da rocha, durante todo o percurso da sua trajetória espacial até ser atraída pela gravidade de um planeta vizinho ou em ambiente próximo, e ali semear a vida, se condições propícias existirem para tanto.

Existe, ainda, em torno desse mesmo assunto, outro ponto de vista que deve ser ressaltado, já que formulado pela maior autoridade mundial em DNA, o cientista Francis Crick, biólogo que foi laureado com o Prêmio Nobel por descobrir a hélice dupla, a estrutura espiralada do DNA.

Apenas para que possamos compreender a importância das corajosas afirmações desse cientista, obrigamo-nos a ressaltar que, conforme o atual paradigma científico sobre o assunto, todas as formas de vida da Terra provieram de um mesmo código impresso em uma única molécula de DNA. Mas, absolutamente, ninguém sabe como esse código surgiu ou de onde ele veio.

Em 1973, o "Prêmio Nobel" Francis Crick publicou uma teoria que foi denominada **"Panspermia Dirigida"**, na qual ele defende a tese de que o nosso DNA veio de outro planeta. O curioso é que ele postula que o DNA não chegou ao nosso planeta trazido por um meteoro ou por um cometa, mas sim, em algum tipo de veículo, única maneira, segundo ele, de permitir que o código do DNA chegasse intacto até a Terra.

Segundo Crick, a molécula de DNA é demasiado complexa para ter evoluído espontaneamente na Terra durante o curto período de tempo que decorreu entre a formação do nosso planeta, há quatro bilhões e seiscentos milhões de anos, e o primeiro aparecimento de vida, ocorrido há cerca de três bilhões e oitocentos milhões de anos. Em outras palavras, o primeiro organismo que apareceu na Terra o fez subitamente, sem qualquer sinal de precursores mais simples. Além do que, Crick considera improvável que organismos vivos tenham chegado a Terra como *esporos* de outra estrela ou incrustados em algum meteorito. Assim, o seu corajoso postulado é o de que uma forma primitiva de vida foi plantada na Terra por alguma civilização avançada de outro planeta de forma deliberada. Daí o fato decorrente de que todas as formas de vida da Terra representam um clone derivado de um único organismo extraterrestre.

Francis Crick (1916—2004) foi um biólogo molecular inglês, físico e

neurocientista ganhador do Prêmio Nobel de Fisiologia em 1962. Ele é mais conhecido por ser um dos descobridores em 1953 da estrutura molecular dos ácidos nucléicos e seu significado para a transferência de informações em matéria viva.

10. Homero. Maior poeta épico da Grécia Antiga autor dos poemas épicos Ilíada e Odisseia que se supõe viveu por volta do século 9 a.C.

Capítulo 2.

1. Franz Kafka (1883-1924). Escritor checo que nos legou obras como "O Processo", "O Castelo", "O Médico Rural" e "Diante da Lei". É considerado o filósofo do absurdo.

2. Gleiser, Marcelo, "Criação Imperfeita", Editora Record, Rio de Janeiro, 2010.

3. Friedrich Wilhelm Nietzsche (1844-1900). Filósofo e poeta alemão.

Capítulo 3.

1. Charles Darwin, a Teoria do Equilíbrio Pontuado e os Campos Morfogenéticos.

Charles Darwin (1809 — 1892). Biologista britânico autor do livro "A Origem das Espécies".

A teoria da evolução de Darwin explica como uma espécie se adapta ao ambiente, mas não como uma espécie se transforma em outra. Darwin pode apenas dizer que as variações ocorriam, mas não o porquê e como elas ocorriam.

A evolução investe na variabilidade (mutações). Assim, evolução é a habilidade que o indivíduo tem de se modificar ao longo do tempo. A seleção Natural nada mais é do que a aplicação dessa habilidade.

Para além dos postulados de Darwin, existe ainda na biologia, no campo da evolução, a teoria do **Equilíbrio Pontuado** que aponta que a evolução não

ocorreu e nem ocorre lentamente, somente, como Darwin percebeu, mas ocorreram também momentos rápidos de evolução que são chamados de **“marcas de pontuação”**. Mas a biologia tradicional não tem explicações para isto. Somente o salto quântico (a ideia dos **campos morfogenéticos de Rupert Sheldrake**), ou seja, o movimento descontínuo explica essa teoria.

Como entender a questão dos **campos morfogenéticos**?

Por volta da metade do século XX o mistério da nossa existência tornou-se assunto de ampla discussão entre os humanistas. Foi nesse ponto que a formulação da evolução de Darwin foi reavaliada e questionada por pensadores como Pierre Teilhard de Chardin e Sri Aurobindo — que afirmavam que a evolução não era arbitrária, mas movia-se propositadamente numa direção; sustentavam que o curso da vida, desde os primeiros organismos até os animais e plantas mais complexos, tinha um propósito, que os seres humanos não eram acidentes da natureza, e que a nossa evolução social, inclusive a nossa jornada para os reinos mais elevados da experiência espiritual, era o desfecho visado por toda a evolução.

Na atualidade, quem defende essa tese é **Rupert Sheldrake.** Segundo sua teoria, as formas biológicas são criadas e sustentadas através de campos morfogênicos. Esses campos criam uma estrutura invisível que moléculas, células e órgãos irão obedecer enquanto se diferenciam e se especializam para criar determinada forma de vida. Esse campo subjacente evolui ao longo do tempo, pois cada geração de uma espécie não é apenas estruturada por ele como também acompanha as suas mudanças à medida que ele supera os desafios do meio ambiente.

Por exemplo: para sobreviver em seu nicho biológico um peixe poderá precisar desenvolver novas nadadeiras para nadar mais depressa; assim o “instinto” (a vontade do peixe) iniciaria uma mudança no campo morfogênico da espécie, que se refletiria no crescimento das nadadeiras em sua prole. Essa teoria apresenta a possibilidade de que os saltos evidentes nos fósseis encontrados possam ter ocorrido assim também. Por exemplo: um determinado peixe poderia ter chegado ao limite da sua evolução na água e produzido uma prole que era na realidade uma nova espécie: anfíbios, que poderiam rastejar na terra.

Segundo Sheldrake, esse progresso poderia explicar também a evolução social dos seres humanos. De qualquer momento da História pode-se dizer que o nível da capacidade e da consciência humana era definido por um campo morfogênico comum. À medida que os indivíduos realizam suas

capacidades particulares — correr mais depressa, ler pensamentos, receber intuições — o campo morfogênico evolui, não apenas para essas pessoas, mas para todos os outros seres humanos. É por isso que as invenções e descobertas muitas vezes são anunciadas, ao mesmo tempo, por vários indivíduos sem qualquer contato entre si.

Capítulo 4.

1. Folheto Burgess.

Os fósseis de Burgess Shale — camada de fósseis encontrada em 1909 pelo paleoantropólogo estadunidense Charles Walcott nas Montanhas Rochosas canadenses — compõem a única e principal fonte amplamente documentada sobre o acontecimento crucial de toda história da vida animal no planeta, que foi a “explosão de vida cambriana”.

O animal pluricelular com cinco olhos referido no texto é o *Opabínia regalis.*

2. Anã-vermelha, Sirius C. Para quem desejar se aprofundar no assunto referente a um mundo aquático que orbitaria a estrela anã-vermelha Sirius C, deve ler o magistral livro “O Mistério de Sirius”, de Robert Temple, da Editora Madras.

3. Primeiros Mamíferos.

A necessidade de apurar o tato e o olfato para poderem sobreviver num ambiente agressivo, na fase mais precoce da evolução dos mamíferos, dominado por grandes predadores (dinossauros), poderá ter dado um empurrão decisivo, há 190 milhões de anos, ao desenvolvimento do cérebro dos mamíferos.

Cientistas dos EUA utilizaram a tomografia computadorizada de alta resolução (TAC), para sondar o interior do crânio de dois dos mais antigos mamíferos que se conhecem, o *Hadrocodium wui* e um seu parente chamado *Morganidodon*. (fósseis bem preservados dessas espécies, que viveram há 190 milhões de anos).

O estudo mostrou claramente que as regiões cerebrais ligadas ao olfato e também ao sentido tátil, para a capacidade de discriminação da pelagem

(própria dos mamíferos), já eram maiores nestes primeiros mamíferos, afirmou de Zhe-Xi-Luo, do Carnegie Museum of Natural History, Pittsburg, EUA, um dos co-autores do estudo publicado em 2011.

A questão científica clássica em torno do tema diz respeito à origem da maior dimensão dos cérebros dos mamíferos, incluindo o do ser humano, em relação ao menor tamanho de cérebros de outros animais.

O *Hadrocodium wui*, que foi um dos primeiros mamíferos a andar pelo planeta, há 190 milhões de anos, pesava apenas duas gramas e tinha um crânio que media 15 milímetros. Mas, proporcionalmente, o seu cérebro era 50% maior dos que os dos seus contemporâneos de outras classes. A ideia de que esse terá sido um dos trunfos do sucesso dos mamíferos é reforçado pela descoberta.

4. Auguste Comte (1798-1857). Filósofo francês considerado o fundador da Sociologia e do Positivismo.

5. Gardner, James – O Universo Inteligente, Cultrix, São Paulo, 2009.

6. "Quartel-general da rebelião de Lúcifer": este tema encontra-se explicado e narrado no livro "Carma e Compromisso" do mesmo autor.

7. **"Anunnakis":** seres extraterrenos que influenciaram o desenvolvimento da espécie humana terráquea conforme descrito nas obras de Zecharia Sitchin cujo conjunto é conhecido como as "Crônicas da Terra".

Capítulo 5.

1. Tempo de Planck.

O que na nossa lógica temporal consideramos como sendo "um segundo" contém pedaços infinitesimais de tempo desde que a expansão da singularidade passou a fluir no sentido da "seta do tempo" que até hoje marca a vida universal. Seria a menor quantidade de tempo possível que se expressa em 10^{-43}s. Para aquém desse intervalo de tempo, somente a "rematerialização universal" que ocorre a cada 10^{-44} s, se é que se pode expressar a ideia da

eterna dança quântica entre matéria e energia que automaticamente se repete nesses bilionésimos de cada segundo.

Já em cosmologia, a chamada era de Planck, também chamada de época de Planck, ou ainda, período de Planck, é o mais antigo período de tempo (o mais longínquo em relação ao nosso atual momento) na história do universo, entre zero e 10^{-43} segundos (um tempo de Planck), durante o qual as quatro forças fundamentais estavam unificadas e não existiam partículas elementares.

A mecânica quântica padrão diz que não tem sentido falar-se de intervalos menores que um tempo de Planck ou de distâncias menores que um comprimento de Planck, é quando parece cessar a faixa de realidade que conhecemos. Em consequência, a história do universo deve ser contada a partir do momento em que culmina o primeiro tempo de Planck. Igualmente, o volume do universo deve-se contar a partir do primeiro comprimento de Planck de diâmetro em lugar de zero, de maneira que nunca houve uma singularidade de densidade infinita.

Max Planck (1858 – 1947), físico alemão considerado o pai da Física Quântica.

2. Edward Fredkin.

Físico estadunidense pioneiro da física digital. Suas contribuições principais se encontram nas áreas dos autômatos celulares e da computação reversível. Professor de diversas universidades estadunidenses (Boston, MIT, Carnegie Mellon).

3. Wolfran, Stephen, *A New Kind of Science* (Um Novo Tipo de Ciência), Champaign, 2002.

4. Edward Fredkin. Fonte da citação: página 34 do já citado livro “O Universo Inteligente”, de James Gardner.

Capítulo 6.

1. Revelação Espiritual.

Codificação das mensagens do “Mundo Espiritual” feita por Allan Kardec

(1804-1869). Corresponde ao que na atualidade é denominada como sendo a doutrina espírita ou espiritismo.

2. Poder de Maya.

Maya é um termo sânscrito que, dentre outros aspectos, refere-se à ilusão provocada nos nossos sentidos, o que cria o senso de realidade que comumente nos marca o psiquismo. Essa ilusão funcionaria como uma espécie de camuflagem, de véu que encobriria a verdadeira realidade.

3. Charon e a memória quântica dos elétrons.

Este é uma dos principais assuntos sobre o qual um dia a humanidade se debruçará, pois é a base da compreensão do que foi gerado pela divindade como também das "regras do jogo da existência cósmica" por ela definido. É o elétron, com seus infindáveis fótons nele existentes, que se transforma no o agente memorial evolutivo de todo esse preocupante processo evolutivo.

Do que pude perceber, aconselho o leitor a pesquisar sobre os estudos e reflexões sobre o tema da parte do físico nuclear francês **Jean E. Charon**, como também os estudos dos físicos norte-americanos de Pasadena e de Princeton sobre a questão.

4. Anunnakis.

Seres extraterrenos que se encontravam na Terra, referidos no livro Gênesis, da Bíblia — como Nephelim — e cuja melhor descrição se encontra nos livros que compõem as "Crónicas da Terra", de Zecharia Sitchin.

Capítulo 7.

1. Rajas. Expressão em sânscrito que significa a força geradora responsável pela aparição do universo advinda da mente da divindade sendo uma das *gunas* que alicerçam a faixa de realidade na qual vivemos.

Capítulo 8.

1. Dharma. Lei Sagrada, dever sagrado; dever; retidão; justiça; a lei; justeza;

lei cósmica que visa à felicidade de todas as criaturas; missão.

Capítulo 10.

1. Nietzsche, Friedrich Wilhelm – O Nascimento da Tragédia, 1872.

2. Protágoras (480-410 a.C.). Sofista da Grécia antiga natural de Abdera.

3. Hitchens, Christopher - "Deus não é Grande – como a religião envenena tudo", Ediouro, Rio de Janeiro, 2007.

4. Stephen Jay Gould (1941-2012). Paleontólogo e biólogo evolucionista estadunidense.

5. Arthur Miller (1915-2005). Dramaturgo estadunidense.

Capítulo 11.

1. Romantismo alemão. Movimento que surgiu como reação ao modo excessivamente materialista e racionalista de conceber o ser humano, o mundo e a realidade a nossa volta, presente no iluminismo francês.

2. Friedrich Schelling (1775-1854). Filósofo alemão.

3. "Change in Human Social Behavior in Response to a Common Vaccine"; www.annalsofepidemiology.org; Chris Reiber, Janice Moore, Vanessa Davis, Pauline Alperin, Sean Fiore, Eric Shattuck.

4. "Micróbios dominadores", artigo de Contardo Calligaris publicado na Folha de São Paulo, caderno Ilustrada, de 15/03/12, no qual ele faz referência à Kathleen McAuliffe, na "The Atlantic" no site http://migre.me/8fwvb.

Capítulo 12.

1. O Livro de Enoch, tradução de Getúlio Elias Schanoski Junior, Madras, São Paulo, 2004.

2. “The God Particle: if the Universe is the Answer, what is the Question?”; Leon Lederman, físico estadunidense e Prêmio Nobel de Física.

3. Bóson de Higgs. Partícula que “daria massa” a tudo o que percebemos cuja existência foi proposta pelo físico britânico Peter Higgs em 1964.

4. Pho Wa.
A arte tibetana de sair do corpo, ou de transferir a consciência do plano terrestre para o plano pós-morte, ou para qualquer outro plano. Também referenciada como sendo a “arte de morrer bem ou em paz”.

Capítulo 13.

1. Deriva Continental.
Teoria proposta por Alfred Wegener, em 1912, e já comprovada, que afirma que os continentes se movimentam por meio das placas tectônicas (a crosta terrestre é formada por placas). Contudo, a ideia da deriva continental surgiu pela primeira vez no século XVI, através do cartógrafo Abraham Ortelius.

Capítulo 14.

1, 2 e 3. Genesis. Primeiro livro do Antigo Testamento que, junto com os outros quatro (Êxodo, Deuteronômio, Números e Levítico) que compõem à Torah (a Bíblia Judaica), teria sido entregue à Moisés pelo próprio Senhor Javé. As citações foram extraídas da Edição Claretiana da Bíblia, Editora Ave-Maria, São Paulo, 2010.

4. Albert Camus. Além de Kafka, listaria ao seu lado como sendo alguém que comporia o que chamo de “gente adulta” o escritor argelino Albert Camus (1913-1960), autor de “O Mito de Sísifo – Ensaio sobre o Absurdo”, “O Estrangeiro” e “A Peste”.

Capítulo 15.

1. Excerto da obra antológica Mustapha (1609), do poeta e homem de Estado inglês Fulke Greville (1554-1628).

2. Superbactéria. Revista Superinteressante, Edição 285, dezembro de 2010, página 18.

Capítulo 16.

1. Immanuel Kant (1724-1804). Filósofo prussiano criador da Filosofia Crítica.

Capítulo 17.

1. Píndaro. (518 - 438 a.C.) Poeta lírico grego, natural de Cinoscéfalos, e autor de Epinícios ou Odes Triunfais.

2. Friedrich Wilhelm Nietzsche (1844-1900). Filósofo e poeta alemão.

Capítulo 18.

1. Personagens anunnakis tidos como deuses sumérios**.**

2. René Descartes (1596—1650). Filósofo francês e inventor da geometria analítica.

PROJETO ORBUM

Filie-se espiritualmente a esta idéia

MANIFESTO

“Declaração dos Princípios da Cidadania Planetária.”

Exerça plenamente a sua nacionalidade, mas não esqueça: somos todos cidadãos planetários.

Por conseguinte, formamos uma só família ante o cosmos. É bom recordar que, para quem nos vê de fora, nada mais somos do que uma família vivendo em um berço planetário.

Se somos uma família, torna-se inconcebível a falta de indignação diante do estado de miséria – tanto material quanto espiritual – em que vive grande parcela dos irmãos e irmãs planetários.

Existe uma força política na sociedade que, quando estrategicamente direcionada, exerce em toda sua plenitude o direito e o dever de cobrar das forças estabelecidas o honroso cumprimento dos direitos humanos. Essa "força íntima" é pacífica porém ativa; suave na tolerância, jamais violenta, mas perene na exigência contínua de se construir a paz, a concórdia e a inadiável consciência quanto à necessidade de se melhorar as condições do nível de vida na Terra. Exercer essa força no cotidiano das nossas vidas, agindo localmente com a atenção voltada para o aspecto maior planetário, é dever de cada um e de todos.

Respeitar as forças políticas estabelecidas, os governos regionais e nacionais; valorizar as organizações representativas de caráter mundial – imprescindíveis para a evolução terrestre – mas, acima de tudo, pregar a necessária consciência da unidade planetária perante o cosmo.

Na verdade, somos todos cidadãos cósmicos no exercício eventual de uma cidadania planetária, como de resto o são todos os irmãos e irmãs espalhados pelas muitas moradas do Universo.

Porém, devido ao atual estágio de percepção que caracteriza a quem vive na Terra, buscar a consciência do exercício pleno da cidadania, seja em que nível for, é a grande meta a ser atingida.

Se você concorda com os princípios e objetivos da cidadania planetária, junte-se a nós em pensamento, intenção e atitudes. Assuma consigo mesmo o compromisso maior de construir na Terra esta utopia, que foi e é o objetivo

de muitos que aqui vieram ensinar as noções do exercício pleno da cidadania cósmica, testemunhando o amor como postura básica e essencial na convivência entre os seres.

Propague esta idéia, em especial para as novas gerações.

Sonhe e trabalhe por um mundo melhor. E saiba que muitos estão fazendo exatamente o mesmo.

Esta é uma mensagem de fé e de esperança na vida e na nossa capacidade de dignificá-la cada vez mais.

Jan Val Ellam

SOBRE O AUTOR

“Jan Val Ellam — pseudônimo usado pelo escritor natalense Rogério de Almeida Freitas para escrever sobre pontos de convergência entre o pensamento cristão, a doutrina de Allan Kardec e pesquisas relacionadas à ufologia, no bojo do discurso do espiritualismo universalista e da cidadania planetária.”

Para mais informações:

www.ieea.com.br
contato@conectareditora.com.br

CRÉDITOS

Editor: Juliana de Paula Pessôa

Coord. Editorial: Carlos A. Cruz

Revisão: Lucia Roberta

Projeto Ebook: Krysamon Cavalcante

Capa: Luciana Lebel

Conectar Editora, Distribuidora e Livraria Ltda.

Rua Açu, 569/Sala 6 – Tirol – CEP 59020-110 – Natal – RN

Telefone: (84) 3081-0199 – contato@conectareditora.com.br

Website Conectar Editora

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Val Ellam, Jan O Drama Terreno de Javé / Jan Val Ellam. - 1. ed. -- Natal, RN : Conectar Editora, 2012.

Bibliografia. 1. Cosmologia 2. Criação 3. Espiritualidade 4. Javé (Personagem bíblico) 5. Jesus Cristo 6. Revelação 7. Universo I. Título.

11-6771

CDD-133.9

Índices para catálogo sistemático:

1. Javé e a sua história : Revelações :

Espiritualismo 133.9

ISBN: 978-85-62411-17-5